



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Thatiana Muylaert Siqueira Menezes

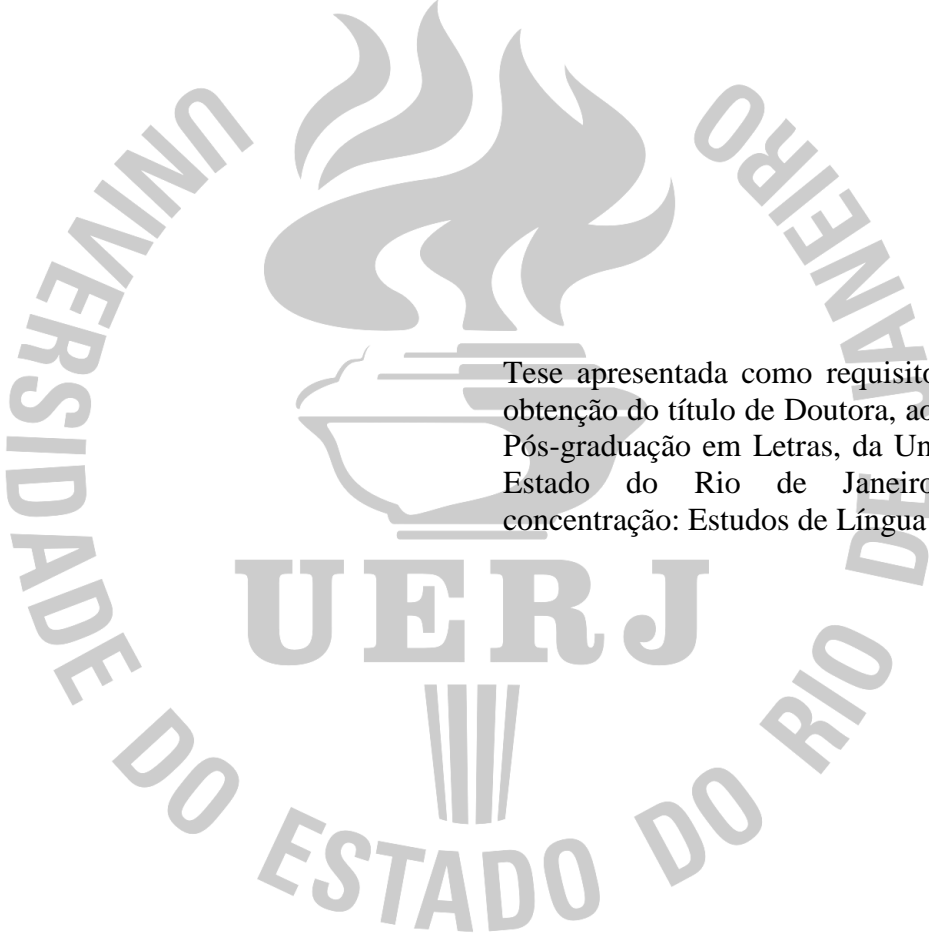
**Parece piada, mas não é: Análise Cartográfica do discurso em memes  
políticos na cena política brasileira**

Rio de Janeiro

2021

Thatiana Muylaert Siqueira Menezes

**Parece piada, mas não é: Análise Cartográfica do discurso em memes políticos na cena política brasileira**



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua

Orientador: Prof.º Dr.º Bruno Deusdará

Coorientadora: Profª. Drª. Silvana Mota Ribeiro

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M543 Menezes, Thatiana Muylaert Siqueira.  
Parece piada, mas não é: análise cartográfica dos discursos em memes políticos na cena política brasileira / Thatiana Muylaert Siqueira Menezes. – 2021.  
254 f.: il.

Orientador: Bruno Deusdará  
Coorientadora: Silvana Mota Ribeiro.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Teses. 2. Memes - Teses. 3. Políticas - Brasil – Teses. 4. Leitores - Teses. 5. Comunicação não-verbal – Teses. I. Deusdará, Bruno. II. Ribeiro, Silvana Mota. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. IV. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Thatiana Muylaert Siqueira Menezes

**Parece piada, mas não é: Análise Cartográfica do discurso em memes políticos na cena política brasileira**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 17 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Silvana Mota Ribeiro (Coorientadora)

Universidade do Minho – Portugal

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Poliana Coeli Costa Arantes

Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabel Cristina Rodrigues

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Jardim Gonçalves

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

Rio de Janeiro

2021

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, Érika Muylaert e Paulo Tadeu Menezes, sem os quais nada disso seria possível. Obrigada por tudo e por serem sempre presentes. Eu amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e aos espíritos de luz que comigo caminham nesta vida tão árdua e, ao mesmo tempo, tão incrível.

Ao meu querido orientador, Bruno Deusdará, por todo ensinamento, confiança, apoio e parceria ao longo desses anos de doutoramento. Muito obrigada, Bruno, não só por ter se tornado um parceiro tão incrível, mas também por ter me ensinado a caminhar e a acreditar em mim mesma.

À professora Silvana Mota, pelas palavras e pelos ensinamentos durante o exame de qualificação e pelo auxílio na construção desta tese como coorientadora. Muito obrigada pelas trocas, pelas sugestões e pelas risadas. Foi um enorme prazer ser orientada, também, por você.

Ao professor Décio Rocha, pelas trocas e pelos ensinamentos durante as aulas e, também, durante o exame de qualificação. Muito obrigada por tudo e por tanto, não se esqueça de que será eternamente meu “crush”. Décio é uma inspiração!

À professora Poliana Coeli, pelas dicas inesquecíveis que me fizeram chegar a noções importantes do meu texto, bem como pela parceria na vida acadêmica. Poliana, você é a materialização do quanto uma mulher pode ser incrível em tudo que faz, espero poder ser um pouco como você.

À professora Tatiana Jardim, que me inspira todo dia com suas postagens nas redes sociais, mas também com tamanha leveza no ser e no estar da vida face a face. Tati, você é muito querida e se tornou muito especial para mim no percurso e no processo da construção desta tese. Obrigada por estar aqui!

À professora Isabel Rodrigues, por se disponibilizar a participar de minha defesa de doutorado, contribuindo com suas sugestões e sua leitura atenta.

Aos meus pais, Paulo e Érika, por sempre me apoiarem e acreditarem que a educação é o único caminho para o crescimento pessoal e profissional. Gostaria muito de agradecer à minha mãe, em especial, por me escutar e contribuir com minha pesquisa, durante minhas leituras e apresentações a ela antes de qualquer entrega de artigo ou antes de um evento importante. Você é fundamental na minha vida, é o meu ar!

Ao meu esposo, Diego Menezes, por toda paciência, compreensão e parceria durante todos esses anos de pesquisa, desde a graduação. Amor, você é muito mais do que sonhei. Obrigada por ter ficado e por querer ficar todos os dias, o que a gente tem só a gente sabe! Que sorte a minha ter em meu amor também um dos meus melhores amigos.

Ao meu irmão, Thiago Muylaert, que, mesmo sem saber, me motiva a cada dia ao fazer graça com as adversidades da vida, tornando a labuta mais leve.

À minha sogra, Eliane, que é como uma mãe para mim, que vibra com cada conquista minha e está sempre pronta para me ajudar. Tia, você é mais que uma sogra, é uma amiga!

À minha irmã de alma, Viviane Roux, por todo carinho, companheirismo, cumplicidade e respeito no percurso acadêmico. Obrigada por tudo, amiga, nossa amizade se consolidou com a pandemia. Mesmo distantes, estávamos, a todo tempo, perto. Você foi e é essencial na minha vida!

À minha amiga linda, Juliana Ribeiro, pelas palavras em momentos difíceis e pela leitura atenta do meu texto no apogeu da minha angústia. Sem sua leitura e seus bilhetinhos motivadores ao longo do texto, talvez não acreditasse em mim. Obrigada pela parceria, pelas trocas e, principalmente, pela amizade. Você é fundamental na minha vida.

Ao top *luxus* Almerindo Jr., pela parceria em vários textos e apresentações, pelas gargalhadas e pelas palavras de carinho neste percurso tão difícil que é o doutorado. Certamente, o curso teria sido muito menos divertido sem você. Só te desejo luz, meu amigo.

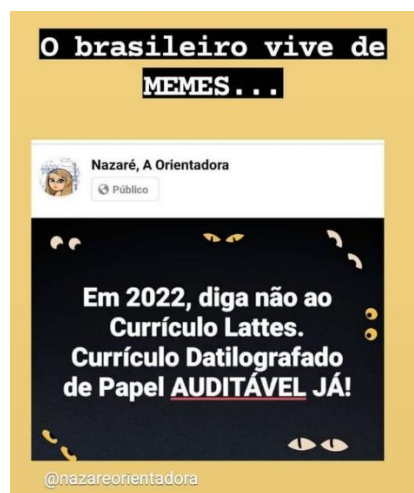
Aos colegas e amigos da UERJ e do nosso grupo de pesquisa, pelas trocas e aprendizagem durante o doutorado, em especial, Estêvão Freixo e Vívian Pereira.

Aos meus amigos da Universidade Federal Fluminense, Anabel Azerêdo, Eveline Cardoso e Rafael Guimarães, que muito me auxiliaram e contribuíram para que eu chegasse ao doutorado. Vocês fazem muita falta e moram no meu coração.

Aos meus amigos, Raíssa Carvalho, Flora Soares e Antônio Romeiro, que, embora distantes do universo acadêmico em que vivo, sempre estiveram presentes neste percurso, alegrando-me e comemorando comigo cada vitória.

Aos meus queridos amigos, Márcia, Mariana e Sérgio, por me acolherem em todos os pontos altos desta montanha-russa que é a vida. Amores, muito obrigada pelas trocas diárias e pelas palavras de carinho em todo percurso acadêmico e docente, trabalhar com vocês é um privilégio.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram com este percurso chamado doutorado.



Fonte: Instagram, 27 jul. 2021.



## RESUMO

MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. *Parece piada, mas não é: análise cartográfica dos discursos em memes políticos na cena política brasileira*. 2021. 254 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O objetivo principal desta pesquisa é o de compreender como se constroem, especialmente, os posicionamentos de aliança e de rivalidade no debate político, através das práticas discursivas meméticas, que se materializam por meio das linguagens verbal e visual. Tais “(des)encontros” discursivos configuraram uma polarização política no cenário brasileiro compreendido entre os anos de 2016 – saída de Dilma Rousseff do poder – a 2019 – em que já se percebia as concepções neoliberais reforçadas pelo governo federal atual. Para isso, foram analisados 30 memes, retirados das redes sociais, destacando a relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) entre esses memes políticos e outros gêneros discursivos (MAINGUENEAU, 2013), constituindo um circuito interativo entre práticas que aparecem tanto no on-line como no off-line. As noções acerca da interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) também contribuem com a análise do corpus, já que possibilitam a tradução do *discurso-paciente* pelo *discurso-agente*. Com o intuito de mostrar de que modo a figura de leitor das práticas discursivas meméticas pode transitar de “identificador” a “leitor-cartógrafo” no mapeamento do território-meme, é necessário salientar as ferramentas de análise propostas por Joly (1996) e Barthes (1990), principalmente, tendo em vista que as práticas discursivas que compõem nosso corpus são materializadas também pelo visual. O trabalho foi realizado por meio da associação entre as teorizações postuladas por Dominique Maingueneau (1984; 1996; 2008; 2010; 2013; 2014; 2015), acerca dos fundamentos discursivos, e das concepções de Deleuze e Guattari (1995) e de Rolnik (2016) sobre a perspectiva cartográfica e do cartógrafo, possibilitando o entendimento desta tese como uma Análise Cartográfica do discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), que, através das ferramentas discursivas, compreende o pesquisar como uma relação inextricável entre pesquisador e objeto, valorizando o percurso e o processo de produção das pesquisas que trabalham com linguagem. Ademais, as concepções acerca da paródia (SANT’ANNA, 1998), do conceito do vocábulo meme (DAWKINS, 1979), da inscrição discursiva sociopolítica dos memes (SHIFMAN, 2013; 2014, CHAGAS, 2018; 2019) nas plataformas digitais, da persuasão (SANTAELLA, 2012) e do humor (POSSENTI, 2018) foram revisitadas por serem também componentes contribuidores para a produção dos efeitos de sentido dessas práticas discursivas. Dessa forma, é possível concluir que os memes políticos se constituem na cena política brasileira como práticas discursivas agregadoras de reflexão e de crítica perante a sociedade atual, bem como um gênero discursivo capaz de promover uma guerra, nada silenciosa, entre as subjetividades que perpassam a contemporaneidade.

Palavras-chave: Meme político. Análise do discurso. Cartografia. Leitor-cartógrafo.  
Linguagem verbo-visual.

## ABSTRACT

MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. *It seems like a joke, but it's not: cartographic discourses analysis of political memes from the Brazilian political scene*. 2021. 254 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The main objective of this research is to understand the elaboration and positions of alliance and rivalry in the political scenario through memetic discursive practices that have been engendered through verbal and visual languages. Such discursive "(dis)encounters" configured a political polarization in the Brazilian scenario comprised between 2016 - from Dilma Rousseff's exit of the government - to 2019 - when the neoliberal conceptions reinforced by the federal government nowadays had been already perceived. For this, 30 memes, taken from social networks, were analyzed, highlighting the interdiscursive relationship (MAINGUENEAU, 2008) between these political memes and other discursive genres (MAINGUENEAU, 2013), constituting an interactive circuit between practices that appear both online and offline. The notions about inter-intercomprehension (MAINGUENEAU, 2008) also contribute to the corpus analysis since they enable the translation of the patient-discourse by the agent-discourse. To show how the image reader of the memetic discursive practices can transit from "identifier" to "reader-cartographer" in the mapping of the memetic territory, it is necessary to highlight the analysis tools proposed by Joly (1996) and Barthes (1990), especially considering that the discursive practices which compose our corpus are also materialized by the visual. The research was carried out through the association between the theorizations postulated by Dominique Maingueneau (19884; 1996; 2008; 2010; 2013; 2014; 2015) about the discursive foundations, and the conceptions of Deleuze and Guattari (1995) and Rolnik (2016) regarding the cartographic perspective and the cartographer. In addition, enabling the understanding of this thesis as a Cartographic Analysis of discourse (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) grace to discursive tools, we can understand research as an inextricable relationship between researcher and object, valuing the path and the processes of investigation that goes along with language. Furthermore, conceptions about parody (SANT'ANNA, 1995), word meme (DAWKINS, 1979), the sociopolitical discursive inscription of memes (SHIFMAN, 2013; 2014, CHAGAS, 2018; 2019) on digital platforms, persuasion (SANTAELLA, 2012), and humor (POSSENTI, 2018) have been reviewed as they were also significant components in the production of sense effects in these discursive practices. Finally, it is possible to conclude that political memes are relevant in the Brazilian political scenario as discursive practices aggregators as well as an instrument of reflection and criticism on the current society. It is also a discursive genre that can produce a kind of war, not silent, between the subjectivities that pervade the contemporaneity.

Keywords: Political meme. Discourse analysis. Cartography. Reader-cartographer. Verbo-visual language.

## RESUMEN

MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. *Parece broma, pero no lo es: análisis cartográfica de discursos en memes políticos en la escena política brasileña*. 2021. 254 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

El objetivo principal de esta pesquisa es lo de comprender como se construyen, especialmente, los posicionamientos de alianza y de rivalidad en el debate público, a través de las prácticas discursivas meméticas, que se materializan por medio de las lenguajes verbal y visual. Tales “(des)encuentros” discursivos configuran una polarización política en el escenario brasileño comprendido entre los años de 2016 – salida de Dilma Rousseff del poder – a 2019 – que ya se notaba las concepciones neoliberales reforzadas por el gobierno federal actual. Para eso, fueran analizadas 30 memes, sacados de las redes sociales, destacando la relación interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) entre esos memes políticos y otros géneros discursivos (MAINGUENEAU, 2013), constituyendo un circuito interactivo entre prácticas que aparecen tanto en línea cuanto desconectado. Las nociones acerca de la interincomprensión (MAINGUENEAU, 2008) también contribuyen con el análisis del *corpus*, ya que permiten la traducción del *discurso-paciente* por el *discurso-agente*. Con el fin de mostrar de que modo la figura de lector de las prácticas discursivas meméticas pueden transitar de “identificador” a “lector-cartógrafo” en la mapeamiento del territorio-meme, es necesario destacar las herramientas de análisis propuestas por Joly (1996) y Barthes (1990), principalmente, teniendo en vista que las prácticas discursivas que componen nuestro *corpus* son también materializadas por el visual. El trabajo fue realizado por medio de la asociación entre las teorías postuladas por Dominique Maingueneau (1984; 1996; 2008; 2010; 2013; 2014; 2015) sobre los fundamentos discursivos, e de las concepciones de Deleuze y Guattari (1995) y de Rolnik (2016) sobre la perspectiva cartográfica y del cartógrafo, permitiendo la comprensión de esta tese como una Análisis Cartográfica do discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), que, por medio de las herramientas discursivas, comprende el pesquisar como una relación inextricable entre investigador y objeto, valorando la ruta y el proceso de producción de las pesquisas que trabajan con el lenguaje. Es más, las concepciones sobre la parodia (SANT ’ANNA, 1998), del concepto del vocablo meme (DAWKINS, 1979), de la inscripción discursiva sociopolítica de los memes (SHIFMAN, 2013, 2014; CHAGAS, 2018; 2019) en las plataformas digitales, de la persuasión (SANTAELLA, 2012) y del humor (POSSENTI, 2018) fueran revisitadas, ya que también son componentes que contribuyen para la producción de los efectos de sentido de esas prácticas discursivas. De esa forma, es posible concluir que los memes políticos se constituyen en la escena política brasileña como prácticas políticas agregadores de reflexión y crítica frente la sociedad actual, ben como un género discursivo capaz de promover una guerra, nada silenciosa, entre las subjetividades que están en la contemporaneidad.

Palabras clave: Meme político. Análisis del discurso. Cartografía. Lector-cartógrafo. Lenguaje verbo-visual.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Reprodução foto oficial de Michel Temer.....	131
Figura 2 -	Meme mão Temer.....	132
Figura 3 -	Meme Temer 2.....	135
Figura 4 -	Notícia sobre prisão de Lula.....	139
Figura 5 -	Meme condenação Lula.....	139
Figura 6 -	O triplex de Lula.....	141
Figura 7 -	Meme presente Lula.....	143
Figura 8 -	Manchete Reforma da Previdência.....	148
Figura 9 -	Meme criticando a Reforma da Previdência.....	149
Figura 10 -	Meme Ensino Médio e Harry Potter.....	153
Figura 11 -	Meme Reforma do Ensino Médio e Império.....	155
Figura 12 -	Meme Reforma e o trabalho infantil.....	157
Figura 13 -	Impopularidade de Temer e grávida de Taubaté.....	159
Figura 14 -	Fotografia do desfile da Tuiuti.....	162
Figura 15 -	Meme vampirão da Tuiuti.....	163
Figura 16 -	Meme Pedro e Bino.....	168
Figura 17 -	Meme 300.....	170
Figura 18 -	Manchete facada Bolsonaro.....	171
Figura 19 -	Meme Jean Wyllys.....	173
Figura 20 -	Meme simulação.....	174
Figura 21 -	Meme contra os eleitores de Bolsonaro.....	178
Figura 22 -	Meme contra os eleitores de Lula.....	178
Figura 23 -	Meme caneta.....	183
Figura 24 -	Meme Chico Buarque.....	185
Figura 25 -	Meme seu Madruga.....	188
Figura 26 -	Meme Jesus.....	190
Figura 27 -	Capa Veja.....	192
Figura 28 -	Meme rachadinha.....	194
Figura 29 -	Meme Regina Duarte.....	197
Figura 30 -	Meme Avenida Niemeyer.....	200
Figura 31 -	Meme superlotação em ônibus.....	200

Figura 32 -	Meme mazelas reais do Rio.....	200
Figura 33 -	Capa de jornal.....	203
Figura 34 -	Meme cachorro incrédulo.....	204
Figura 35 -	Meme ditadura.....	206
Figura 36 -	Manchete soltura de Lula.....	208
Figura 37 -	Meme Lula Livre.....	208
Figura 38 -	Meme sextou.....	210

## LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
Abcam	Associação Brasileira dos Caminhoneiros
ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Cide	Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico
COAF	Conselho do Controle de Atividades Financeiras
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Queer e outros tipos de gêneros e sexualidade
MPF	Ministério Público Federal
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PEC	Proposta de Ementa à Constituição
PMDB	Partido do Movimento Democrático do Brasil
PT	Partido dos Trabalhadores
PSL	Partido Social Liberal
PSoL	Partido Socialismo e Liberdade

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	15
1	<b>PERSPECTIVA DISCURSIVA: ALGUNS POSTULADOS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	23
1.1	<b>A prática discursiva.....</b>	23
1.2	<b>O postulado da interdiscursividade.....</b>	29
1.3	<b>A paródia e a interincompreensão: um caminho discursivo para a polêmica....</b>	33
2	<b>CARTOGRAFIA: TEORIZANDO UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA</b>	40
2.1	<b>Entendendo o rizoma e a cartografia.....</b>	41
2.2	<b>Cartografia como estratégia de leitura.....</b>	52
2.2.1	<u>A leitura e os postulados de Maingueneau (1996) sobre os tipos de leitores.....</u>	53
2.2.2	<u>O leitor-cartógrafo.....</u>	56
2.3	<b>A sentimentalidade do cartógrafo.....</b>	63
2.4	<b>O leitor-cartógrafo polifônico.....</b>	66
3	<b>O DISCURSO DO VISUAL.....</b>	72
3.1	<b>Definindo as noções de imagem.....</b>	73
3.2	<b>A fotografia e sua função discursiva nos memes políticos.....</b>	78
3.2.1	<u>Entre o óbvio e o obtuso nos memes políticos.....</u>	85
3.3	<b>Poderia ser publicidade ou propaganda, mas é meme!.....</b>	87
4	<b>O TERMO MEME E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O QUE SE VÊ NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	93
4.1	<b>Do termo gene de Darwin ao termo meme de Dawkins.....</b>	93
4.2	<b>O que é um meme da internet? E um meme político?.....</b>	97
4.3	<b>Os memes políticos e suas contribuições para o ciberativismo.....</b>	104
4.4	<b>Os memes e o humor.....</b>	111
4.4.1	<u>As práticas discursivas meméticas, o contexto de circulação e a materialidade linguístico-visual-discursiva.....</u>	111
4.4.2	<u>Humor como efeito de sentido e como elemento de exposição para outros efeitos encontrados nas práticas discursivas meméticas.....</u>	113
5	<b>RECUPERANDO PROCESSOS: ANÁLISE CARTOGRÁFICA DISCURSIVA DOS MEMES POLÍTICOS QUE MOVIMENTARAM AS PLATAFORMAS DIGITAIS DE 2016 A 2019 NA CENA POLÍTICA BRASILEIRA.....</b>	124

5.1	<b>Lance 1 - Da saída de Dilma Rousseff à criação de memes com o Michel Temer</b> .....	125
5.2	<b>Lance 2 - Mudança de foco: os memes políticos que circunscreveram o universo da condenação de Lula.....</b>	137
5.3	<b>Lance 3 - A Reforma da Previdência sob o “comando” de Michel Temer.....</b>	146
5.4	<b>Lance 4 - A Reforma do Ensino Médio e os memes políticos.....</b>	152
5.5	<b>Lance 5 - Michel Temer e sua impopularidade.....</b>	159
5.6	<b>Lance 6 – A greve dos caminhoneiros e os memes que marcaram esse acontecimento político.....</b>	165
5.7	<b>Lance 7 - Da fachada ao segundo turno: memes sobre o ocorrido com Jair Bolsonaro no período eleitoral.....</b>	171
5.8	<b>Lance 8 - 2º turno: Bolsonaro <i>versus</i> Haddad na campanha eleitoral de 2018.....</b>	176
5.9	<b>Lance 9 - Do desespero ao retrocesso: a posse de Jair Messias Bolsonaro na presidência do Brasil.....</b>	181
5.10	<b>Lance 10 - Meninos vestem azul e meninas vestem rosa: os signos plásticos se tornando símbolos na fala de Damares.....</b>	187
5.11	<b>Lance 11 - Laranja? Eu? O caso de Fabrício Queiroz.....</b>	192
5.12	<b>Lance 12 - Um problema não-problema: o beijo gay na Bienal.....</b>	199
5.13	<b>Lance 13 - Não acredito: Ato em favor do AI-5.....</b>	203
5.14	<b>Lance 14 - De condenado à inocente: Lula sai da prisão.....</b>	207
	<b>(IN)CONCLUSÕES: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA.....</b>	213
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	221
	<b>ANEXO .....</b>	226



## INTRODUÇÃO

As drásticas mudanças na cena política brasileira, no período compreendido entre 2013 – momento das grandes manifestações de rua – e 2018 – ano das eleições presidenciais que levaram ao poder executivo um representante da extrema direita –, convocam-nos a refletir sobre diversos fenômenos que concorreram para a emergência e para a consolidação do cenário atual. Acerca de tais fenômenos, pode-se dizer que a circulação constante de memes passou a ser mais marcante, no Brasil, em meio às divergências de posicionamentos políticos que sucederam, principalmente, desse período, haja vista o “boom” memético<sup>1</sup> na própria comunidade brasileira, a sua associação perceptível a outras práticas discursivas e a possibilidade de certa camuflagem discursiva no que diz respeito à exposição do usuário na rede, já que, com a cena política brasileira, aparentemente, dividida entre direita e esquerda, o meme proporcionou acaloradas discussões com uma pitada de humor e de discrição. Em outras palavras, quando um usuário das plataformas digitais compartilha um meme em sua página, por exemplo, ele consegue, ao mesmo tempo, apoiar o posicionamento que ali se apresenta, mas também sair de cena, já que foi o meme que afirmou algo, não ele; de sua parte, houve apenas um compartilhamento. Logo, o usuário pode ficar isento de exposições e/ou desgastes psicológicos.

Levando em consideração que os memes da internet são materializados, quase sempre, pelo visual e pelo verbal, partimos da hipótese de que a linguagem possibilita a relação social de uma dada comunidade, através das práticas discursivas. Isto é, a prática discursiva não é uma simples informação dada aleatoriamente, é a relação entre o que há de social na enunciação com a materialização da linguagem por meios de gêneros e de hipergêneros (MAINGUENEAU, 2013). É por isso que, nesta pesquisa, optamos por chamar de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997; DEUSDARÁ; ROCHA, s/a) o que outros autores chamam de discurso. Ou seja, podemos dizer que prática discursiva corresponde a discurso em outras perspectivas teóricas.

Desde a virada do século, a globalização e o avanço tecnológico se desenvolvem e ocupam cada vez mais espaço em nosso dia a dia. Dessa forma, não só se alteraram os dispositivos comunicativos, como também a forma com que a população do globo passou a comunicar-se, dada a emergência de novos elementos para a interação. Da relação face a face

---

<sup>1</sup> Neste estudo, utilizaremos os sintagmas memético(s) ou memética(s) para o que se refere aos memes, gêneros discursivos que circulam nas mídias digitais.

às telas e à mediação tecnológica vive a atual sociedade. Crescemos em habilidades tecnológicas e conhecimento digital, tendo em vista que se vê o outro lado do mundo estando dentro de casa.

Considerando os impactos dessa emergência e dessa intensificação das tecnologias digitais sobre os processos políticos no século XXI, tal ligação global possibilitou o encontro de distintos processos de subjetivação, isso se considerarmos a convergência de pensamentos políticos que se consolidou ao redor do globo em distintos países. Da eleição de Trump (2016), ex-presidente dos Estados Unidos, à eleição de Bolsonaro (2018), no Brasil, pudemos perceber de que modo as forças neoliberais (BROWN, 2020) perpassam a atmosfera mundial, tanto por meio das *Fakenews* – que produzem inverdades, como por meio dos memes – que tendem a criticar os acontecimentos sociais e culturais que circulam na internet, por exemplo.

Tendo em vista isso, esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreender de que modo a linguagem interventiva, presente nos memes políticos, contribuiu e contribui para a produção de efeitos de sentido no Brasil, por meio do ciberativismo. Nessa perspectiva, constitui-se um circuito de práticas que atravessam o *off-line* – *on-line* – *off-line*, já que grande parte dos acontecimentos políticos do país sai de situações *off-line*, integram o *on-line*, principalmente através dos memes, e retornam ao *off-line*, por meio de manifestações e de movimentos sociopolíticos. Além disso, há a necessidade de compreender de que modo a materialidade visual de tais práticas funciona como elemento persuasivo, através de paródias e da relação de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) que mantêm com práticas outras, sejam elas meméticas ou não.

Avançando numa categorização da materialidade a ser investigada, tomamos como premissa a ideia de que o termo meme advém das postulações de Richard Dawkins (1979). Essa premissa considera a noção de imitação que surge a partir de seu vocábulo inspirativo *mimeme* (DAWKINS, 1979), tendo em vista que a ideia de meme provém da imitação de algo, considerando os memes como os novos replicadores – em analogia às postulações de Darwin acerca dos genes. Logo, assim como os genes, que transferem carga genética entre os indivíduos, acontece com os memes da internet, que “transferem” cultura por meio das paródias e das imitações de situações e/ou personalidades públicas com o intuito de fazer rir, refletir e criticar.

Desse modo, entender que, assim como outros hipergêneros e gêneros discursivos, para a leitura dos memes, é necessário também levar em consideração as condições de produção e de circulação dessas práticas, bem como aquele que com elas interage. Logo, ler e compreender a discursividade dos memes possibilita o acompanhamento dos sentidos em

circulação e permite acesso aos contornos por meio dos quais as disputas políticas se configuram na cena brasileira. Ou seja, a leitura do meme se difere da leitura de um romance, por exemplo, porque pressupõe redes de sentidos construídas a partir da inscrição da figura do leitor em diferentes espaços-tempos de circulação de textos. Isso quer dizer que a compreensão e a interpretação de tal prática discursiva memética depende de sua inscrição em uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008) que instaura os processos de construção dos sentidos.

Compreendendo as especificidades do gesto de leitura em memes, principalmente dos memes políticos, pode-se perceber a entrada de distintas subjetividades nessas práticas discursivas. Ou seja, diferentes subjetividades são postas em jogo e construídas no ato da produção de sentido, na interação da figura do leitor com o meme, constituindo um evento comunicativo. Isso porque os memes políticos possibilitam mais de uma leitura, construindo diferentes perfis - seja construindo a inscrição do consumidor de informações, que assimila os textos como envelopes de informação, seja construindo a inscrição de suas implicações e de suas subjetividades. Tudo isso contribui para transformá-lo num leitor-cartógrafo, capaz de percorrer tais práticas discursivas com um olhar mais atento e apurado, percebendo as vozes outras com as quais dialoga (MAINGUENEAU, 2008). Uma prática discursiva nunca é uma, ela é parte de muitas vozes que a auxiliaram a se (co)construir. Em outras palavras, uma prática discursiva é a construção de subjetividades, inscrita num campo discursivo (MAINGUENEAU, 2008), que possibilita o reconhecimento de discursos outros por meio do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008) e da polifonia (DUCROT, 1987).

Dessa maneira, podemos pensar o conceito de desterritorialização (ROLNIK, 2016), para isso é importante conceber que as subjetividades, que perpassam a sociedade, são construídas por diferentes perspectivas socioculturais, o que faz com que elas possuam seus próprios territórios, já que sua “existência” deriva da indissociabilidade com a construção do próprio território. Ou seja, o território-meme, por exemplo, só se constrói devido ao encontro com distintas subjetividades. Dessa forma, cabe a cada construção da figura de leitor, para a proposta de leitor-cartógrafo, confluir seus territórios a outros, permitindo a (re)territorialização de novas subjetividades. Parece-nos, à primeira vista, um exercício fácil, entretanto, é preciso que o campo produtor de linhas de subjetivação esteja preparado para linhas duras, flexíveis e de fuga.

É essa flexibilidade do gesto de leitura que possibilita o encontro com um leitor-cartógrafo, já que, para que possamos cartografar uma prática discursiva, por exemplo, é necessário que se entenda que os conceitos *territorializar*, *reterritorializar* e

*desterritorializar* (ROLNIK, 2016) são processos que incidirão de diferentes modos sobre os territórios existenciais e que andarão sempre juntos para que se atinja o apogeu das práticas discursivas (MAINGUENEAU, 1993) que serão encontradas pelos caminhos enunciativos.

Assim, nos memes, é possível reconhecer a polifonia que rege a relação produção/leitura deles, já que há, nessas práticas, embates discursivos que são atualizados na medida em que se produzem outros discursos “meméticos”. É através desse reconhecimento que se pretende, neste estudo, criar categorias para que o leitor possa transitar entre a figura de “identificador” de uma prática discursiva memética e a figura de “leitor-cartógrafo” dela.

Imersos nesse cenário caótico e polarizado, esta pesquisa nasce, então, dos seguintes problemas: de que modo os memes políticos contribuíram e contribuem com a cena política brasileira? Qual a relação dos movimentos sociais ativistas do *off-line* com os acontecimentos que giram em torno do *on-line*? É possível perceber efeitos de mudança no agir da sociedade contemporânea desde a chegada dos memes? É factível encontrar mais de uma subjetividade num único território-meme? Quais gestos de leitura são possíveis a partir da perspectiva cartográfica para a pesquisa com gêneros discursivos meméticos?

Partimos da hipótese de que os memes políticos têm contribuído com a construção de uma arena de embates; de que eles surgem tanto de atividades interativas no *on-line* como das atividades interativas do *off-line*. Também que muitas manifestações *off-line* proporcionam o surgimento dessas práticas, e que que essas próprias práticas são utilizadas no *on-line* num movimento ciberativista por aqueles que, por algum motivo, não podem ir às ruas. Ademais, nota-se também que os memes dizem muito por meio de poucas palavras, já que, num mundo acelerado como o atual, parar para debater, através de práticas discursivas apenas linguísticas, poderia ser um tanto “cara” para os que não têm “tempo”. Ainda, percebe-se que a reprodução dos memes políticos oportuniza a construção de sentidos a partir de sua relação com gêneros outros, seja uma notícia, uma reportagem, uma fotografia, seja outro meme. Ademais, a partir do gesto de leitura permitido pela perspectiva cartográfica, compreende-se o desdobramento dele em diversos tipos de leitores capazes de “encontrar” diferentes subjetividades num único território-meme.

Assim, como objetivos específicos, pretendemos: (i) mostrar a importância da utilização do conceito de prática discursiva em detrimento da noção de discurso ; (ii) salientar a produtividade da perspectiva cartográfica para pesquisas em análise do discurso, já que tal perspectiva não prevê um início fictício para elas, mas possibilita que o pesquisador possa se conectar com outras “raízes”, a depender do que o implica, além enfatizar a imersão do pesquisador no próprio objeto estudado; (iii) sinalizar a relevância de considerar os memes

políticos como territórios passíveis de serem cartografados e, por isso, necessitam da figura de um leitor-cartógrafo capaz de se relacionar afetivamente com ele; e (iv) anunciar a possibilidade de novos caminhos metodológicos para pesquisas que trabalham com a análise de discursos.

À vista disso, para nosso estudo foi estabelecida uma abordagem calcada na perspectiva cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que considera primordiais o percurso e as implicações do pesquisador para a produção da ciência, levando em conta que é por meio da experiência e da relação com os textos que nascem propostas científicas. Ademais, a noção de rizoma, proposta por Deluze e Guattari (1995), reforça a ideia de que as pesquisas não surgem de um início fictício, mas, sim, que elas fazem parte de um incômodo no caminho que precisa ser resolvido. Além do mais, o conceito de rizoma aproxima os setores da sociedade, já que revela que as relações sociais nascem como uma espécie de rizoma, ou seja, há uma horizontalidade nas relações humanas e não uma verticalidade. Em muitas áreas da vida cotidiana, não é de “cima” que se permeiam as conexões, mas, sim, pelos lados, pelos “iguais”. As descobertas e os encontros se dão pelas veias imaginárias que se encontram, se conectam, na rotina diária.

Como *córpus*<sup>2</sup>, analisaremos 30 memes políticos retirados das plataformas digitais. Serão observadas as relações entre o verbal e o visual, a constituição do social e do textual enquanto prática discursiva (MAINGUENEAU, 1993), bem como a importância da noção de interdiscurso, interincompreensão e intertextualidade (MAINGUENEAU, 2008) para as práticas discursivas meméticas. Ainda, dissertaremos acerca da noção de cartógrafo (ROLNIK, 2016), que possibilitou a percepção acerca do leitor-cartógrafo, que interage com o texto, desterritorializando-se para “encontrar” distintas subjetivações.

Como fundamentação teórica principal, esta pesquisa está calcada nos conceitos da *Análise do Discurso*, proposta pelo professor e pesquisador Dominique Maingueneau (1993; 2008; 2013; 2014; 2015; 2016), também pelas noções de *rizoma* e de *cartografia* (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e pelas *pistas* presentes na obra intitulada *Pistas do método da cartografia* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014; 2015), como perspectiva de análise, configurando nosso estudo sob o viés da *Análise Cartográfica do discurso*<sup>3</sup> (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021). Os conceitos acerca da *leitura*, do *leitor* (MAINGUENEAU, 1996) e do

<sup>2</sup> Utilizaremos o sintagma *córpus*, com o intuito de aproximar tal vocábulo à língua em que esta tese está sendo escrita, o português brasileiro.

<sup>3</sup> Fundamentação teórico-metodológica proposta pelos professores doutores Décio Rocha (UERJ) e Bruno Deusdará (UERJ), com primeiro livro lançado em 2021. Agradeço aos professores por tantos ensinamentos acerca da cartografia. Desde 2018, encantei-me pelas relações feitas da AD com ela.

*cartógrafo* (ROLNIK, 2016) contribuem para a construção de um leitor-cartógrafo, que reconhece, nos memes, um território a ser explorado e mapeado. Já as noções acerca do visual serão desbravadas sob as perspectivas de Joly (1996), de Peirce ([1839-1914] 2005), de Barthes (1990) e de Santaella (2012). A teorização acerca da origem do termo meme se dará sob as premissas de Dawkins (1979), já os postulados acerca de sua função, enquanto prática discursiva, será respaldada nos estudos de Shifman (2013; 2014) e de Chagas (2018; 2019), principalmente. A produção dos efeitos de humor será apresentada por meio das concepções estudadas por Possenti (2018).

A organização do trabalho se dá em partes: a parte I corresponde ao capítulo 1 e 2, promovendo a construção da perspectiva para nosso estudo. A parte II foca suas teorizações acerca do campo produtor de pistas para a análise, contempla o que será encontrado nos capítulos 3 e 4. A parte III corresponde ao nosso processo de análise, onde será possível encontrar o desdobramento teórico aplicado ao corpus, mostrando de que forma os efeitos de sentido são produzidos nessas materialidades, bem como a construção de posicionamentos no debate político por meio de práticas discursivas meméticas.

Assim, o primeiro capítulo abordará os postulados da Análise do Discurso de Maingueneau (1997; 2008; 2013; 2014; 2015; 2016). Será apresentada a noção de *prática discursiva*, o postulado da *interdiscursividade*, já que todo discurso é consagrado no bojo de um interdiscurso; a noção de *interincompreensão*, tendo em vista a relação direta do Mesmo na tradução de seu Outro, contribuindo na produção da polarização, bem como a concepção de paródia (SANT'ANNA, 1998) e as noções acerca da intertextualidade que se fazem presentes constantemente no gênero discursivo estudado.

O segundo capítulo traz os conceitos acerca da definição de *cartografia* (DELEUZE; GUATTARI, 1995), atrelada à noção de *rizoma* (DELEUZE; GUATTARI, 1995), bem como a integração da perspectiva metodológica a partir de *pistas* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014; 2014), vinculadas aos postulados da Análise do Discurso revisitados no capítulo 2. Também discorrerá sobre a ideia de *cartógrafo* (ROLNIK, 2016), que contribui para a reflexão acerca de outra estratégia de leitura, levando em consideração que diferentes gestos de leitura proporcionam o encontro com distintas subjetividades, por meio da relação interdiscursiva presente nas práticas discursivas. Ademais, apresentaremos de que modo a figura do leitor pode ser desdobrada em alguns níveis, podendo atingir o nível de leitor-cartógrafo, figura que se desterritorializa de algumas subjetividades para cartografar o território-meme. Assim, acreditamos que tal mapeamento só é possível se considerarmos a

afetividade da figura do leitor, juntamente, com a concepção de um leitor polifônico (DUCROT, 1987).

O terceiro capítulo explora a discursividade presente na materialidade visual, por meio das postulações de Joly (1996) e de Peirce ([1830-1914] 2005), que compreendem o visual como signo capaz de revelar distintas subjetividades de modo afetivo. Além disso e tendo em vista que os memes que fazem parte do *cópus* se materializam também através da imitação de fotografias, trazemos os conceitos de Barthes (1990) acerca dos elementos que compõem a materialização fotográfica e que contribuem para sua “cristalização” no espaço-tempo. Ainda, propomos, através das postulações de Santaella (2012), que os memes políticos, tal qual as publicidades e propagandas, possuem o intuito de persuadir, através das marcas linguísticas e semióticas que os compõem.

O quarto capítulo traz um percurso histórico acerca da origem do termo meme, que nasce da relação com o postulado por Darwin sobre a noção de gene. Dawkins (1979) propõe que, assim como os genes – que transferem carga genética de indivíduo para indivíduo –, os memes transferem aceções culturais. Ainda afirma que a teoria de Darwin é extensa e importante demais para se limitar à genética. Ademais, trazemos as premissas de Shifman (2013; 2014) e de Chagas (2018; 2019) acerca da configuração e da função social dos memes na contemporaneidade, associado a seu papel implicativo no ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015). Ao final do capítulo, as noções de Possenti (2018) contribuem para que compreendamos que o humor, embora não seja o ponto principal na análise dos memes políticos, se apresenta como efeito em grande parte dessas práticas discursivas.

O quinto capítulo apresenta a Análise Cartográfica dos discursos meméticos, através do recorte de “lances<sup>4</sup>” temporais do cenário político brasileiro. Nosso recorte se dá, principalmente, a partir de 2016, com a saída de Dilma Rousseff do poder, até o ano de 2019, em que já se apresentava, no Brasil, um governo aliado a subjetividades neoliberais (BROWN, 2020). Tal recorte temporal é iniciado com o afastamento de Dilma e a prisão de Lula e se finda com memes produzidos acerca da soltura do ex-presidente. A *Análise Cartográfica do discurso* (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) possibilita o acompanhamento analítico desse processo político brasileiro, permitindo os ligamentos e as rupturas que o rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) propicia. Ainda viabiliza a demarcação do território-meme pelo viés discursivo, levando em conta, principalmente, a interdiscursividade

---

<sup>4</sup> Optamos por chamar os eventos das análises de lances por ser o resultado de uma ação que corresponde ao espaço-tempo sócio-histórico-político do Brasil. É o efeito-agir-reação às situações históricas pelas quais passou o país num momento tão conturbado politicamente.

(MAINGUENEAU, 2008) que essas práticas discursivas mantêm com distintos gêneros discursivos (MAINGUENEAU, 2013), seja ele outro meme ou não.

## **PARTE I- A CONSTRUÇÃO DA PERSPECTIVA**

Nesta seção, percorremos as postulações de Maingueneau (1997; 2008) acerca da noção de prática discursiva, de interdiscurso, de intertextualidade e de interincompreensão, elementos fundamentais para análise das materialidades verbais e visuais que se apresentam em nosso corpus. Paralelo à noção de interincompreensão, explicitamos a relação parodística (SANT'ANNA, 1998) que se apresenta em toda prática discursiva memética, tendo em vista que a metrialidade visual dessas práticas é construída através da imitação, quase sempre, subversiva que se faz de personalidades públicas.

No capítulo 3, que compõe esta parte do texto, encontraremos os postulados que regem a perspectiva metodológica que pretendemos seguir, sob os postulados de Deleuze e Guattari (1995), principalmente, a respeito das noções acerca do rizoma e da cartografia, os postulados de Rolnik (2016), no tocante ao território e ao cartógrafo, bem como as pistas 1, 3, 5, 6, 7 e 8, extraídas da obra intitulada *Pistas do Método da Cartografia* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014; 2015), que serviram como fontes norteadoras para análise no processo-pesquisa-percurso-intervenção que fizemos neste trabalho. Tais pistas serão melhor apresentadas e explicitadas no capítulo supracitado.



## 1 PERSPECTIVA DISCURSIVA: ALGUNS POSTULADOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Este capítulo trará noções da Análise do Discurso para a construção e para a análise do *cópus* estudado. Focando nossas investigações em um enunciado relativamente novo, os fundamentos sobre prática discursiva (MAINGUENEAU, 2008; ROCHA; DEUSDARÁ, s/a, s/p) se fazem necessários para o que se propõe o discurso enquanto prática social, presente nos memes políticos que circulam nas redes sociais. Diante da diversidade de conceituações de “discurso”, optamos pela perspectiva da “prática discursiva”, considerando que o léxico “prática” leva em conta sua função social, enquanto discursivo/a leva em conta a materialização dos elementos linguísticos e não linguísticos para a produção das enunciações.

Também será exposto o conceito de interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008; 2015), já que, para este trabalho, a prática discursiva só se valida a partir do momento em que se pode reconhecer sua relação direta com outras práticas discursivas. Ademais, apresentaremos os postulados de Maingueneau (2008) a respeito da interincompreensão, elemento interpelador para a polarização política brasileira. Em paralelo a esse conceito, apresentaremos as noções de paródia, bem como as de intertextualidade, que se fazem presentes constantemente em nosso *cópus*. Tais teorizações ajudam-nos a compreender de que modo o linguístico e o não linguístico se confluem para a produção de sentido nos memes políticos.

A respeito do gesto de análise, é importante lembrar que, parece óbvio, mas interpretar um texto não é fazer análise do discurso, isto é, o analista do discurso convoca à cena discursiva aspectos linguísticos e sociais, por meio de um olhar que procura estabelecer sua relação não só com outras práticas discursivas, mas também, através dos signos e dos símbolos, apurar ditos e não ditos que perpassam a subjetivação da enunciação. Além de agrupar enunciados que pertencem à mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2008), com o intuito de reconstruir outros enunciados até então desconhecidos. Em contrapartida, a interpretação gira em torno de compreender quais são os efeitos de sentido já preexistentes no texto. A seguir, veremos os postulados que perpassam a noção de prática discursiva, bem como a importância dos conceitos em AD<sup>5</sup> para que não se confunda analisar e interpretar.

### 1.1 A prática discursiva

---

<sup>5</sup> Utilizaremos, em alguns momentos, a sigla AD para falar acerca da Análise do Discurso.

Assim como acontece com os dispositivos tecnológicos, por meio das conexões digitais, a comunicação humana ocorre por uma rede de interação. Ao pensarmos nas conexões feitas por um computador, por exemplo, pode-se perceber que a utilização de determinado arquivo só é possível se entrelaçado a outras atividades permitidas pelo próprio dispositivo. Do mesmo modo ocorre com as relações sociais, só são estabelecidas porque há, na realidade, uma prática comunitária na qual se materializam as enunciações. Ou seja, as condições cultural, política e educacional, por exemplo, de uma dada comunidade, são elementos que intercedem diretamente na materialização da prática discursiva. Por isso, a depender das condições de produção, muitos enunciados podem “dizer” de modo distinto. Isto é, a comunidade social com a qual determinada prática discursiva se “alia” é que, de certo modo, definirá seu direcionamento subjetivo. Não é o linguístico que define o que é dito, mas, sim, as condições sociais no momento de sua projeção.

Sendo assim, por um longo período, convencionou-se chamar de discurso a materialidade, no âmbito da interação comunicativa, das atividades que engendram as práticas sociais. No entanto, o vocábulo passou a se referir não só as situações enunciativas, como também ao conjunto de frases, ao conceito de texto e, até mesmo, a qualquer manifestação oral. Quer dizer, o termo passou a ser popularizado e, por isso, perdeu, de certo modo, sistematização teórica. Para Deusdará e Rocha (s/a, s/p),

Um primeiro movimento em direção ao trabalho em Análise do discurso implica reconhecer que “discurso” é também uma palavra comum da língua portuguesa e que, para empregá-la como conceito, é preciso promover deslocamentos e problematizar aspectos que permanecem neutralizados em seus usos comuns. Na verdade, trata-se de uma palavra cuja acepção se costuma opor à ideia de ação, quando pejorativamente se diz: “isso é só discurso, quero ver a prática!”.

Dito isso, compreendendo o discurso como uma prática que se atualiza a todo momento, convencionaremos, para este estudo, atualizar o sintagma ao chamá-lo de prática discursiva, entendendo que a prática discursiva se refere ao entrelaçamento paradoxal entre texto e comunidade. Nas palavras de Maingueneau (1997, p. 56), “(...) falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso”.

Parte-se, então, da premissa de que a língua – o textual - é um código capaz de materializar as enunciações, e é através das práticas sociais que elas circulam. Dessa forma, os elementos que constituem os enunciados e o contexto de produção deles parecem ser movidos por uma força maior que independe, inteiramente, dos sujeitos. Isto é, os ditos que circulam

na sociedade são materializados por meio das enunciações e produzem sentido dentro de determinada situação interativa. É nesse enlaçamento entre texto e contexto que surge a concepção de prática discursiva; só há discurso porque o texto emerge em meio a uma prática. Assim, “(...) a prática discursiva traduz a indissociabilidade constitutiva que se verifica entre uma dada produção de textos e a constituição de grupos que, por um lado, produzem esses textos e, por outro, são a seu turno também por eles produzidos” (ROCHA, 2014, p. 628). Por isso, é importante relacionar a noção de prática discursiva aos contextos em que os enunciados são proferidos, bem como a relação que as práticas discursivas estabelecem com práticas discursivas outras.

Sendo assim, pode-se dizer que a prática discursiva abarca não só um conceito filosófico, histórico e linguístico, mas vários elementos de diversas correntes que colaboram para a projeção do que hoje se poderia considerar como prática discursiva. Ademais, a prática discursiva está sustentada por um contexto e uma ação, tendo em vista que é no contexto que os sentidos são atribuídos aos enunciados.

Além disso, é preciso considerar que a prática discursiva é instaurada em uma gama enorme de outras práticas discursivas. Logo, não há como acreditar numa prática discursiva inicial, mas sim na articulação de várias práticas discursivas que, em diferentes contextos de produção, querem significar posicionamentos subjetivos distintos. Isto é, na gênese discursiva constrói-se discursos iniciais que entram em embates discursivos e, a partir disso, suscitam distintas práticas.

Não há como se posicionar ante o outro com uma argumentação sem embasamento axiomático. “(...) a interdiscursividade é anterior à discursividade, ou seja, tem a primazia como objeto de análise, pois é nela que a relação EU X Outro toma forma” (SOUZA e SILVA; ROCHA, 2009, p. 6). Ou seja, a interdiscursividade está presente em todas as manifestações discursivas que perpassam a sociedade, já que é por meio da relação com outras práticas discursivas, seja de forma diacrônica ou sincrônica, que se pode chegar a uma enunciação. Ou melhor, a prática discursiva não é definida pelo seu interior, mas pela relação que se propõe estabelecer com o seu outro, a todo momento.

Não menos importante, enfatizamos que as práticas discursivas são construídas na sociedade. Os gêneros discursivos<sup>6</sup>, que por ela circulam, é que determinam em quais posicionamentos políticos e éticos os grupos sociais acreditam. A prática discursiva não é estável e sim capaz de se construir e se reconstruir, significativamente, no interior das

---

<sup>6</sup> Falaremos acerca do conceito de gêneros discursivos no capítulo 4, o qual será destinado especificamente a isso e, principalmente, ao gênero meme político.

instâncias sociais nas quais se instaura, pois, além de estar relacionada a vários aspectos, a depender do contexto em que determinado texto se insere, parece aproximar noções que permeiam o universo discursivo. É como se as práticas discursivas agrupassem o conceito de formação discursiva à sua utilização efetiva, pois o sintagma discurso parece estar distante de sua formação. Ademais, a noção de prática discursiva evita a segregação do linguístico e do social, pois ela é a articulação entre eles.

Desse modo, quando delimitamos a prática discursiva, reunimos esses conceitos subjetivos ao que, de fato, está acontecendo, tendo em vista que é possível restringir esse espaço-tempo. Assim, podemos dizer que as formações discursivas estão no imaginário – nível mais abstrato da interação -, enquanto a prática se consagra e se renova no ato enunciativo – materialização do discurso socialmente através dos textos. Devido a isso, vamos nos ater às palavras de Maingueneau (2008):

Essa reorientação de conjunto nos leva a remodelar a noção de discurso. No início, nós o concebemos como permanecendo na órbita da estrita textualidade. Agora, somos deslocados em direção a seu “ambiente”, para fazer aparecer uma imbricação semântica irreduzível entre aspectos textuais e não textuais. Mas valeria definir nosso objeto não como o discurso, mas como a prática discursiva, seguindo nisso, em parte, a visão de Michel Foucault, que introduz precisamente esse termo para referir-se ao “sistema de relações” que, para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito de enunciação pode ocupar. Assim, evitaremos dissociar os componentes de uma inscrição social e semântica polimorfa, destinada a estruturar a complexidade de uma relação com o mundo para uma coletividade, real ou virtual (MAINGUENEAU, 2008, p. 136).

Na citação anterior, Maingueneau (2008) explica o porquê de renomear, para seus estudos, o sintagma “discurso”. Dessa forma, o autor aponta para a importância de incluir na noção de discurso os elementos não textuais, pois, embora ele se materialize por meio dos signos, o discurso está para além do que se vê na superfície textual, ele é o encontro da subjetividade, que se sustenta pelo linguístico e não linguístico, com uma funcionalidade social, ou seja, em sua prática. Nota-se que, em alguns momentos do nosso texto, deparamo-nos com o próprio autor chamando a prática discursiva de discurso. Isso ocorre porque, no momento da escrita de tais textos, não se falava em prática discursiva. Cabe ressaltar que a noção de prática discursiva expressa as relações enunciativas em ação, ou seja, em suas práticas interativas.

Partindo do princípio de que a prática discursiva é subjetiva, estruturada sob os postulados das formações discursivas e instaurada no bojo de um interdiscurso, pode-se afirmar que a prática discursiva corresponde às noções significativas presentes em um enunciado, capaz de afirmar determinado posicionamento sociopolítico. Para os analistas do

discurso, as formações discursivas dizem respeito ao posicionamento subjetivo que terá determinado enunciado, isto é, é o conjunto de coerções que fazem com que tal enunciação produza um sentido próprio.

O termo “*formação discursiva*” foi cunhado por Michel Foucault (2008) em *Arqueologia do saber* e reflete sobre as conceituações ideológicas, subjetivas e científicas que são julgadas enquanto referência às enunciações pelas quais perpassam essas práticas, ou seja, as forças superiores que engendram as enunciações. Para o autor, atribuir a certas áreas tal responsabilidade por carregar todo sentido subjetivo de determinadas práticas é inadequado, dado que a medicina, por exemplo, é permeada por contribuições de distintos teóricos que pensaram a área. Por isso, com o intuito de tentar agregar essas postulações, no que tange à clareza e à objetividade, optou por chamar todos esses conhecimentos de formação discursiva. Em suas palavras,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade" (FOUCAULT, 2008, p. 43).

A formação discursiva é o “conjunto de conhecimentos” de cada prática discursiva; às vezes, pode-se dizer coisas similares com a utilização de léxicos diferentes ou dizer coisas distintas utilizando o mesmo léxico, o que irá definir o que está sendo dito é a formação discursiva (FOUCAULT, 2008) com a qual a prática se alia. As regras de formação são as possibilidades enunciativas a depender da temática, do gênero, das modalidades às quais participariam essas enunciações. Logo, a formação discursiva perpassa as unidades tópicas, permeando-as para que haja relação de força discursiva.

Assim, a prática discursiva não só se materializa através das formações discursivas e subjetivas dos enunciados, como também dos papéis discursivos que eles assumem. Em outros termos, a prática discursiva é a “corporificação” do enunciado, recheado de sentidos e de significações a depender do posicionamento ético e social presente na enunciação. Não significa dizer que o conjunto de palavras e de elementos não linguísticos, que compõem as campanhas políticas e religiosas, por exemplo, são práticas discursivas só porque são um conjunto de manifestações linguísticas, mas, sim, porque são consagradas através de subjetividades que fazem referência a uma prática social específica, que são marcadas por uma comunidade que a produziu e a consagrou, pelo modo de enunciação e porque ela “(...)

comunica um conteúdo que entra em doutrina (...) sobre o modo de gerir as relações no interior dos grupos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 125).

Dessa forma, o que concebe a prática discursiva é a relação entre texto e as condições de produção desse texto, “(...) é uma noção que se refere a uma dupla produção que tem lugar simultaneamente: a produção de textos e a produção de uma comunidade discursiva” (ROCHA, 2014, p. 622). É só por intermédio da linguagem que o indivíduo é capaz de se construir socialmente.

Dessa forma, pode-se perceber que a prática discursiva está relacionada às ações que os enunciados mantêm uns com os outros, já que são estruturados por uma força maior que contribui para a propagação deles. Ou seja, a relação social que as atividades discursivas mantêm entre si contribuem ativamente para a produção dessas enunciações. Logo, a “autoridade” invisível que atravessa as práticas discursivas é, também, o que contribui para que possamos não mais chamá-las de discursos.

As atividades enunciativas participam desse campo social e permitem que haja essa interação discursiva. Assim, nota-se que a ênfase em “prática” aproxima as interações sociais para essa atividade que julgamos necessário estudar. Quando se fala em discurso, parece que estamos referindo-nos a algo externo e distante da nossa condição enquanto seres sociais, mas, ao nomear de prática discursiva, a aproximação do objeto de estudo à realidade a qual pertencemos faz com que possamos compreender que as relações de força estão propagadas diariamente em nosso cotidiano.

Mais que uma mera aproximação vocabular, a prática discursiva dá conta de perceber também o social institucional. As relações institucionais estão sempre num movimento centrípeto em relação à sociedade, já que estamos, de certa forma, atualizando as práticas discursivas que são lançadas em diferentes esferas comunicativas. Isto é, para cada “novo” acontecimento há novas subjetividades socioculturais que são ressignificadas a depender das relações sociais que se estabelecem. Dessa forma, se houver uma mudança do social institucional, haverá também uma mudança na forma com que se manifesta a prática discursiva.

É esse percurso de produção de significação do enunciado que corresponde à prática discursiva, fazendo com que as questões sociais possam ser remetidas por meio do enunciado. Assim, a prática discursiva não é concebida como uma aglomeração isolada de frases, nem como a proliferação isolada de seu contexto de produção, mas sim como uma prática comunitária que envolve tanto o nível social quanto o textual presente na enunciação. Além

disso, como dito, está em constante relação com outras práticas, o que veremos na próxima seção.

## 1.2 O postulado da interdiscursividade

Como visto, de forma sucinta, na seção anterior, o interdiscurso é um dos pilares dos estudos em Análise do Discurso, já que preconiza que não há prática discursiva sem uma relação direta com outras práticas discursivas. Dessa forma, nesta seção, iremos nos ater às características e às conceitualizações que circundam a interdiscursividade.

Maingueneau (2008), preocupado com a abrangência dada ao conceito de interdiscurso por outros teóricos, aposta na tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo para que a concepção sobre o interdiscurso tivesse mais credibilidade. Sendo assim, o universo discursivo é consagrado pelo conjunto de formações discursivas que, integradas, constituem um conjunto finito de concepções subjetivas que se restringem a alguns campos do saber. Assim,

[...] é preciso entender um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. “Concorrência” deve ser entendida de maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser presenciada. Pode-se tratar do campo político, filosófico, dramaturgico, gramatical etc... (MAINGUENEAU, 2008, p. 34).

As formações discursivas fazem parte da sociabilização das práticas discursivas, elas vivem em constante conexão, permitindo a relação de alteridade que há entre os enunciados. É ela – a formação discursiva – que mediará e influenciará as tomadas do posicionamento discursivo, isto é, essas formações delimitam as implicações sociais, fazendo com que essas implicações percorram caminhos conflituosos ou combinatórios, concretizando a relação dialógica que as práticas discursivas possuem.

As práticas discursivas são consagradas no interior de campos discursivos, que dependem das formações discursivas para se relacionarem. Não significa pensar que, por causa das formações discursivas, as práticas discursivas se concebem da mesma maneira. Elas possuem pontos de confluência. Os universos discursivos exercem uma força para que se concretizem os campos discursivos.

Os espaços discursivos são constituídos pelo analista. Eles são delimitados de acordo com a necessidade deles, ou seja, a “(...) função que permite organizar o universo dos discursos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 85). Logo, esses espaços discursivos serão determinados pela necessidade de se reafirmar, em contraste, com outro enunciado. Pensado na dicotomia brasileira “direita *versus* esquerda”, por exemplo, pode-se dizer que o espaço discursivo, dado pelas redes sociais, se potencializa por intermédio das escolhas movidas por apreciações éticas e subjetivas. Assim, esse espaço discursivo só foi possível por ser o espaço de interação regrada, delimitado pelo próprio analista.

Assim, acerca da relação entre a tríade (universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo) e o Mesmo/Outro, para que se consagre a interdiscursividade, há a necessidade de um horizonte geral dos discursos em uma conjuntura, que sustenta o campo discursivo e perpassa a relação Mesmo/Outro no espaço discursivo, para que se atinja a semanticidade desejada, instaurada na interdiscursividade. “Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 36). Isto é, a relação entre as práticas discursivas permite que haja o reconhecimento de outras forças enunciativas em embate na propagação de novos enunciados. Dessa forma, é mister perceber que a interdiscursividade proporciona a relação constitutiva dos enunciados: um texto é integralmente atravessado pela presença de outras vozes. Ou seja, a interdiscursividade é o que propicia o surgimento de outras práticas discursivas, já que elas são reelaboradas quando entram em conflito com outras.

No entanto, pensando na relação Mesmo/Outro, o que seria o Outro e o Mesmo? O Outro não pode ser considerado como um indivíduo, um discurso oposto ou mesmo uma citação; ele seria a meticulosidade capaz de ser reconhecida no interior do próprio discurso. “Ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para construir a própria identidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Quando possui um movimento em direção ao outro, é que o enunciado pode ser encarado como o Mesmo. Logo,

Disso decorre o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo. Essa imbricação do Mesmo e do Outro retira à coerência semântica das formações discursivas todo caráter de “essência”, cuja inscrição na história seria acessória; não é dela que a formação discursiva retira o princípio de sua unidade, mas de um conflito regulado (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).



Assim, a alteridade discursiva não precisa ser marcada apenas por uma orientação dialógica mostrada. Dessa forma, discursivamente, considerar-se-á o Outro como um *tu* virtual que, não necessariamente, seria considerado como um outro indivíduo. Às vezes, esse Outro é marcado pela presença de um *eu* que, enunciativamente, se torna de difícil separação. “Ele seria, então, de alguma forma, o interdito de um discurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Com isso, os sujeitos são os condutores enunciativos, logo, não se trata de considerá-los como o Mesmo ou o Outro, mas sim a enunciação produzida por eles que ocorre na relação constitutiva permitida por esse *Eu* e esse *Tu* virtuais.

Desse modo, pode-se dizer que as relações sociais entre os indivíduos advêm da comunicação e das relações afetivas que se estabelecem em sociedade, através da interação entre o *Eu* e o *Tu* virtuais. Assim, para que as pessoas retraiam ou ampliem essas relações, é necessário que se reconheçam e compactuem das mesmas concepções éticas. Logo, para que um sujeito possa se identificar com outro sujeito é necessário que, de certa forma, haja um reconhecimento naquilo que é proferido, levando em consideração o “encontro” de subjetividades. “(...) a fala nunca é concebida como o lugar em que a individualidade se põe soberanamente: cada locutor está tomado pela sedimentação (Bakhtin), o sujeito está submetido a um descentramento radical, ele não pode ser a origem do sentido (Pêcheux)” (MAINGUENEAU, 2015, p. 28). Ou seja, as forças que permeiam a sociedade são adiposas, tendo em vista que se (co)constroem constitutivamente, que se propagam através da linguagem, causando diversos embates discursivos, já que os sujeitos são efeito das práticas discursivas.

Dessa forma, aquilo que se pode reconhecer em diferentes práticas discursivas, certamente, já foi proferido em algum momento diacrônico ou sincrônico da sociedade, justamente porque as práticas discursivas se renovam a cada nova alteração do social institucional, como visto. Logo, ao pensarmos nos memes políticos, por exemplo, percebe-se que sua significação depende exclusivamente da propriedade interdiscursiva que remete a outros ditos. Isto é, além de precisar recuperar práticas discursivas anteriores, precisa que o indivíduo-condutor das informações possa reconhecer esse embate “invisível” para replicar essa prática discursiva *memética* em suas próprias redes sociais. Do contrário, a prática será ignorada e não será partilhada, já que parecerá não apresentar relação constitutiva.

Sobre a relação discursiva Mesmo/Outro, poder-se-ia pensar em práticas discursivas primeiras e segundas. Nas primeiras não há a presença explícita do Outro, tendo em vista que se deu de forma “inicial/primitiva”. Entretanto, essa “prática discursiva primeira” é concebida

nas premissas de formações discursivas que surgiram por meio do campo discursivo, ou seja, de certa forma, ela não é tão primeira assim.

Já as práticas discursivas segundas passam a existir depois que entram em embate com as práticas discursivas primeiras, ou seja, surgem da relação dialógica que toda prática discursiva mantém. Então, assim como as práticas discursivas “segundas”, as primeiras também podem ser caracterizadas por um Outro. Além do mais, podem ser identificadas não só por práticas discursivas anteriores, como também pelas posteriores, possivelmente, em uma prática discursiva segunda, em uma prática discursiva terceira e, assim, sucessivamente. Dessa forma,

A dissimetria ligada à ordem da gênese não recobre a totalidade das relações entre discurso primeiro e discurso segundo; este último não faz desaparecer instantaneamente aquele do qual deriva e pode inclusive acontecer que ele não o faça desaparecer do todo. Esse período de coexistência de uma duração variável é acompanhado de conflitos mais ou menos abertos. Quando o conflito confronta dois discursos do mesmo campo e não poderia, nesse nível, levar em cota uma dissimetria genética (MAINGUENEAU, 2008, p. 40).

Posto isso, Maingueneau (2008), na citação anterior, reforça que a relação entre as práticas, sendo “primeiras” ou “segundas”, se torna de difícil dissociação, pois a primeira já se dá numa relação de alteridade, remetendo a seus Outros, e as segundas deixam explícitas a presença de seu Outro. Pode-se relacionar a heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990) às práticas discursivas primeiras, e a heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990) à produção das práticas discursivas segundas.

Dessa maneira, é fácil notar que o campo discursivo é constituído por um embate entre dois posicionamentos capazes de se reconhecerem em si próprios ou em seu Outro, trazendo relação de conflito e simetria. Mesmo que uma prática discursiva primeira desapareça e aparente não deixar pistas na presença de uma prática discursiva segunda, ela estará lá, perpassada por diferentes relações semânticas interdiscursivas. Ou seja, mesmo que as marcas discursivas sejam outras, as marcas das práticas discursivas anteriores estarão presentes nesse Outro. Em outras palavras, uma prática discursiva não tem existência em si mesma, mas no movimento de constituir-se, de se impor frente ao outro que ela constrói.

É nesse ínterim de formações discursivas, que permeiam os campos discursivos, que se pode pensar que há a interdiscursividade, justamente por não se acreditar numa genuína prática. O primado do interdiscurso faz pensar a necessidade da notável relação sincrônica que há entre elas.

Paralelo a isso, é importante pontuar que falar em interdiscursividade é distinto de falar acerca da intertextualidade. A primeira está relacionada a existência dos discursos

enquanto práticas discursivas, já que, como visto, uma prática discursiva só existe por estar em constante relação com outras práticas. Já a noção de intertextualidade é um dos planos de atualização da relação entre as práticas discursivas, e pode ocorrer, de acordo com Maingueneau (2008), de forma interna ou externa.

A intertextualidade interna tem a ver como a memória discursiva, já que a relação entre os textos, nesse caso, demanda um esforço cognitivo para que se possa reconhecer um texto em outro. Diferente da intertextualidade interna, a externa é reconhecida, justamente, pela acessibilidade que dá na superfície textual. Ou seja, na intertextualidade externa, o reconhecimento de outro texto em um se dá de modo mais explícito. Os memes que compõem esta tese são produzidos, também, a partir da relação intertextual, que se manifesta como um elemento para sua discursividade, como será visto nas análises.

Juntamente com a noção interdiscursiva e intertextual, há uma interincompreensão das práticas discursivas materializadas ou, talvez, uma quebra de expectativa em relação ao que deveria ser compreendido sobre determinado dito. É a respeito dessa relação entre a “polêmica como interincompreensão” (MAINGUENEAU, 2008) que a próxima seção norteará seus questionamentos.

### **1.3 A paródia e a interincompreensão: um caminho discursivo para a polêmica**

Esta seção apresentará noções importantes sobre a intertextualidade parodística e a interincompreensão que, de certo modo, estão numa relação inextricável nos memes políticos, nosso objeto de estudo, tendo em vista que a interincompreensão pode-se atualizar na paródia.

Desse modo, pode-se pensar a intertextualidade parodística como um recurso que consiste em recriar textos por meio de enunciados já consagrados ou proferidos socialmente. Já a interincompreensão, para além da não compreensão de uma prática discursiva, diz respeito ao embate discursivo, permitido pelo reconhecimento de si mesmo em seu Outro, levando em consideração a relação de alteridade que os mantêm. Ou seja, a interincompreensão pode ser considerada como as diferentes tomadas de posição a depender do sistema de restrições semânticos de quem o decifra/interpreta. Logo, a paródia é um mecanismo de atualização do processo, que é a interincompreensão.

Ao considerarmos os enunciados proferidos em nosso dia a dia, podemos pensar nos pontos de confluência e de divergência que há entre eles, assim como as diversas opiniões

políticas que existem via interação social. Pensando nisso, seria fácil perceber que, nos enunciados que circulam socialmente, há uma espécie de camuflagem discursiva, através das paródias, que integra essas enunciações. De outro modo, se pensarmos os memes políticos, por exemplo, podemos entender a camuflagem discursiva como uma espécie de subentendido, já que, ao denunciar problemas sociais, através da paródia, a interincompreensão se vê camuflada na discursivização. Desse modo, é interessante que as práticas discursivas de teor crítico e político subvertam seu ponto de vista para que simulem a “verdade” discursiva que as cerca.

Assim, como uma das formas de uso da linguagem está a paródia: uma releitura de determinado texto com intuito de (re)construir um posicionamento a partir da subversão, através de algumas marcas textuais deixadas em sua superfície. Na paródia, encontram-se marcas linguísticas e semióticas que nos fazem inferir a presença de determinado texto em outro texto. Logo, verbal e visual, que façam remeter a esse outro texto, são transcritos para que a assimilação seja notada. Assim,

[...] Shipley<sup>7</sup> [...] registra que o termo grego paródia implicava a idéia (sic) de uma canção que era chamada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto. A origem, portanto, é musical. Em literatura acabaria por ter uma conotação mais específica. O próprio Shipley, no seu dicionário de literatura, discriminaria três tipos básicos de paródia: a) a verbal – com a alteração de uma ou outra palavra no texto; b) formal – em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria; c) temática – em que se faz a caricatura da forma e do espírito de um autor (SANT’ANNA, 1998, p. 12).

Por isso, é possível perceber que a paródia se configura como uma espécie de intertextualidade externa, ou seja, uma forma de a linguagem interagir com o texto a que se refere, subvertendo-o através das marcas deixadas na superfície textual. Importante frisar que, na paródia, não há um encontro de vozes<sup>8</sup> que designam uma mesma enunciação, mas, sim, enunciações convergentes que são atravessadas por essas vozes que se encontram em embate discursivo. Ao propagar a voz do Outro por meio de marcas linguísticas ou semióticas, subverte-se a idealização postulada por esse Outro, muitas vezes, ridicularizando essa enunciação intertextualizada.

Dessa forma, a paródia propicia uma recolocação discursiva do enunciado, permitindo a contraposição ao dito do Outro. Ela se faz, através do dito, como o não dito, fazendo com que se possa encontrar, na verdade, a negação do que se enuncia. Nega o Outro através da

<sup>7</sup> SHIPLEY, Josephe T. Dictionary of Word Literature. New Jersey, Littlefield, Adans & Co., 1972 *apud* SANT’ANNA, 1998, p. 12.

<sup>8</sup> Falar-se-á em polifonia – encontro de vozes – no capítulo 3.

subversão que pode produzir discursivamente. Ela afirma a veracidade das informações, negando a legitimidade do dizer enunciativo. Assim, “(...) o que o texto parodístico faz é exatamente uma (*sic*) re-apresentação daquilo que havia sido revelado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica” (SANT’ANNA, 1998, p. 31).

Sant’Anna (1998), usando a metáfora do espelho, afirma que a paródia é a projeção invertida do dito, é a recuperação das características que quer ser esquecida ao notar-se no espelho. Ou ainda, é o reflexo das qualidades genéticas herdadas por um filho, que quer esquecer aquilo que não quer que seja visto. Diz ainda que “(...) ela mata o texto-pai em busca de diferença. É o gesto inaugural da autoria e da individualidade” (SANT’ANNA, 1998, p. 32). Em contrapartida, Maingueneau e Charaudeau (2014) abrem caminhos para a relação de captação e de subversão permitida pela paródia. Para os autores, a paródia, enquanto captação, “(...) consiste em transferir para o discurso reinvestidor a autoridade relacionada ao texto ou ao gênero fonte (...)” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 94). Já a noção de subversão é contrária à de captação, pois “(...) a imitação permite desqualificar a autoridade do texto ou do gênero fonte” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 94). Dessa forma, a noção ou metáfora do espelho, apresentada por Sant’Anna (1998), diz respeito, de certo modo, à subversão, já que há a recuperação do dito por meio da imitação com o intuito de subverter o texto fonte, trazendo jocosidade ao novo texto.

Posto isso, vale confluir a noção de paródia ao conceito de interincompreensão postulado por Maingueneau (2008), tendo em vista que, ao se subentender para negar o dito do Outro, a paródia evidencia o surgimento da interincompreensão que, por necessidade, revela seu Outro através das marcas deixadas na própria prática discursiva, na tentativa de mostrar que deslegitima o que vem sendo enunciado por esse Outro. Enquanto a paródia tenta “reapresentar” o texto fonte querendo “esquecê-lo”, ou seja, dar uma nova roupagem a ele, a interincompreensão faz questão de que o Outro se reconheça em sua enunciação, já que se refere a ele, mostrando, através dos implícitos textuais, a relação direta que eles mantêm. Josef (1980, p. 69) afirma que, no discurso parodístico, há uma ambivalência de informações, “(...) uma coisa está sempre na fronteira com o seu contrário, contradizendo-a (...)”.

Desta maneira, no campo da interincompreensão, é possível notar que os sentidos permitidos por uma mesma palavra, por exemplo, são concebidos por sua formação discursiva. Assim, ao utilizar determinados sintagmas, poder-se-á reconhecer a enunciação de forma positiva ou negativa, a depender da formação discursiva com a qual a prática discursiva se filia. É naquilo que não se pode compreender que se dá o embate da interincompreensão, já

que não se sabe se, realmente, foi incompreendido. Para a pesquisa e para a pesquisadora, tal noção sugere que uma prática discursiva nunca tem acesso direto a outra, tal como se apresenta, mas constrói um simulacro desse Outro. Dessa forma, não veremos “a” polarização, mas o modo como cada posicionamento instaura o conflito.

Assim, a interincompreensão é uma forma de reconhecimento de si mesmo no jogo enunciativo, já que se reveste em seu Outro para dar sequência a distintas práticas discursivas. Isto é, a relação polêmica só existe por haver um embate de forças discursivas na relação gerada consigo mesmo, já que, ao remeter a esse Outro, o Mesmo está questionando suas próprias postulações enunciativas.

Seria então pensar o caso das práticas discursivas como simulacros. É esse aspecto que Maingueneau (2008) revela a respeito das oposições discursivas preexistentes. Apenas simulação daquilo que se pretende dizer para recusar o dito do Outro. Ou seja, o reconhecimento da prática discursiva, gerado a partir da relação de interincompreensão, é dado quando a outra prática passa a se reconhecer em uma nova enunciação que a cita, logo, a interincompreensão se dá por meio dessa subversão pretendida. É o Mesmo que gera a polêmica central por intermédio do Outro. Na verdade, é a apresentação de novas enunciações, encabeçadas pela interdiscursividade, que causa divergência e propicia o surgimento de novos Outros, já que a identidade enunciativa só é possível na relação que estabelece com seu Outro.

Além do mais, o simulacro circunda por meio de um *discurso-paciente*, que possibilita ser traduzido pelo enunciado, e o *discurso-agente*, o que profere e traduz o significado pretendido, ou seja, aquilo que se compreende. Ainda, vale ressaltar que a tradução é concebida como as possíveis formas de significação que um enunciado possui sem alterar “(...) a estabilidade do significante linguístico” (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

A interincompreensão permite que o Mesmo se reconheça através de outra subjetividade. Isto é, a força discursiva que cada prática produz é responsável pelo embate que há através da interincompreensão: o Outro remete ao Mesmo, utilizando algumas pistas produzidas pelo próprio Mesmo. E esse Mesmo é capaz de se reconhecer a partir do momento em que “traduz” o dito apresentado no Outro. “(...) a tradução que nos interessa aqui é um mecanismo necessário e regular, ligado à constituição de formações discursivas que remetem, para além delas mesmas, a descontinuidade sócio-históricas irreduzíveis” (MAINGUENEAU, 2008, p. 101).

Dessa forma, a própria condição para a enunciação proporciona uma interincompreensão, já que a interação constitutiva é imediata. Ou seja, as “práticas

discursivas Outras” não escolhem quais Mesmos irá subverter, o fenômeno ocorre por natureza própria e pode ser ligado a qualquer outra prática que entre em embate com elas. Em outras palavras, um meme político que esteja subvertendo algum comentário acerca do atual governo, por exemplo, pode não escolher a prática discursiva com a qual irá dialogar, pode ser outro meme, pode ser uma manchete, pode ser uma notícia ou, até mesmo, um evento off-line, tendo em vista que a relação interdiscursiva entre as práticas é constante. As forças constitutivas proporcionam a relação interincompreensível entre as práticas discursivas pelo contexto situacional em que determinado sintagma foi utilizado. A depender das formações discursivas que as permeiam, o contexto permite que haja um debate significativo com a utilização de um mesmo lexema.

Tendo em vista que a interincompreensão é dada pelo simulacro que se dá entre as práticas discursivas, já que o *discurso-agente* só alcança o *discurso-paciente* a partir de sua própria grade de restrição semântica, podemos compreender a interincompreensão como um mecanismo de camuflagem discursiva, como visto anteriormente, que se impregna nas coerções do Mesmo, desencadeando a polêmica. Desse modo, a polêmica, que é gerada através da interincompreensão, pode ser concebida em dois níveis: o dialógico, que se constitui perante a interação; e o polêmico, marcado pela heterogeneidade mostrada, aquilo que se revela no nível do dizível. A polêmica é a configuração evidente da realidade constitutiva, o texto é sempre habitado pela presença dissimulada do Outro. O nível dialógico é concebido pela relação constitutiva que há entre os enunciadores, e o nível polêmico fica a cargo das marcas textuais que materializam as práticas discursivas, que refletem enunciados que são marcados por determinada subjetividade. Logo,

A polêmica aparece exatamente como uma espécie de homeopatia pervertida: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor afastar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro. Ela mantém, pois, um duplo laço com o simulacro: pelo fato de que ela mesma é apenas um simulacro de guerra, como o indica seu nome, uma guerra de papel; e pelo fato de que ela não cessa de traduzir o Outro em seu próprio simulacro (MAINGUENEAU, 2008, p. 108).

Sendo assim, a polêmica permite a presença simulada do Outro em sua própria prática discursiva. Aliás, ela se mascara através desse Outro para pôr em prática seu “contra-ataque”, utiliza de suas marcas linguísticas e não linguísticas para desmascará-lo em sua encenação. A polêmica tem o simulacro como aliado, já que se vale dele para a subversão enunciativa por meio dos signos recuperados do Outro. O simulacro permite que a “nova” prática discursiva pareça incipiente quando, na verdade, está revelando o Outro através dos mesmos signos projetados por ela. *Ela desmascara o Outro utilizando suas próprias armas.*

Assim, a “nova” prática discursiva se dá na desqualificação do Outro, deixando que as “máscaras” possam cair a partir da interação com a prática discursiva com a qual dialoga. Isto é, o espaço discursivo aquiesce subjetividades de um mesmo signo linguístico, permitindo que tal signo se identifique com outras formações discursivas, por exemplo. “A polêmica sustenta-se com base na convicção de que existe um código que transcende os discursos antagônicos, reconhecido por eles, que permitiria decidir entre o justo e o injusto” (MAINGUENEAU, 2008, p. 111). Desse modo, a prática discursiva não é construída na enunciação, mas sim pela elucubração expressa na enunciação, destinada ao universo discursivo que se insere.

Consequentemente, o efeito de verdade é dado pelo reconhecimento do universo já conhecido, a condição para sua aceitabilidade é pertencer a esse universo, do contrário, não será validado. Dessa forma, a prática discursiva convence aquele que já está convencido, ela não construirá novos elos se não afirmar o que o Outro quer saber. Como visto, a credibilidade é dada apenas por meio daquilo que já está consagrado.

À vista disso, percebe-se que a prática discursiva não pode ser concebida sem considerar seu traço interdiscursivo, pois o interdiscurso constitui as práticas discursivas, da mesma forma que não se pode desconsiderar seu traço polêmico, é da polêmica que nascem os embates capazes de suscitar outras enunciações. Ademais, a interincompreensão “(...) permite que haja compreensão no espaço limitado de um mesmo discurso, que nele se fale da mesma coisa da mesma forma” (MAINGUENEAU, 2008, p. 117).

A relação que há entre os enunciados, principalmente políticos, é marcada pelo embate das forças institucionais que os implicam. “Polemizar no interior de certo campo é apresentar-se implicitamente como aceitando os pressupostos que lhes são associados; a existência de um corpus dogmático oficial é apenas a solidificação, o resultado de um fenômeno geral” (MAINGUENEAU, 2008, p. 111). Logo, Maingueneau (2008, p. 113-114) afirma que

Poderíamos dizer que a polêmica é necessária porque, sem essa relação com o Outro, sem essa falta que torna possível sua própria completude, a identidade do discurso correria o risco de se desfazer. É inegável, mas a essa se junta outra razão, a saber, a necessidade de mascarar a invulnerabilidade do discurso. Por definição, o discurso tem resposta para tudo e não pode ser apanhado em erro. Ele está, assim, apto a representar uma figura do Todo. Entretanto, ele não pode ser reconhecido e acreditado, a não ser que possa oferecer a prova do contrário, mostrar que não é invulnerável. O discurso não tem razão a não ser na medida em que se crê que ele pode ser ameaçado, isto é, que é de fato o Outro que ele destrói, e não seu simulacro.

Por isso, a polêmica se faz pertinente nesse embate discursivo, já que é na relação com seu Outro que a enunciação se completa, ou seja, a relação polêmica é permeada por um *continuum* entre as diferentes enunciações. As práticas discursivas são rememoradas em seus Outros para produzir significação. Dada a sua vulnerabilidade, é na credibilidade da



deslegitimação do Outro que as práticas discursivas passam a ser consagradas socialmente. Pois, caso seja “desmascarada”, seu simulacro seja descoberto, seu encadeamento discursivo estará totalmente advertido.

Com presteza, percebe-se que a interincompreensão pode se mascarar através da relação parodística, fazendo com que seu Outro precise de um esforço mental para perceber a polêmica engendrada através das práticas discursivas. Esse mapeamento e relação direta com as práticas discursivas pode-se dar através da relação que o pesquisador em Análise do Discurso mantém com o objeto estudado. No próximo capítulo, apresentaremos alguns postulados acerca da noção de cartografia, algumas pistas cartográficas que contribuíram para o *hódas-meta* que se encontra nesta pesquisa, bem como a categoria de leitor-cartógrafo que auxilia na compreensão dos tipos de efeito-leitor que se pode encontrar em memes políticos.

## 2 CARTOGRAFIA: TEORIZANDO UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA

A busca por uma “outra” perspectiva para o ato de pesquisar é discutida, haja vista a necessidade de explorar diferentes focos de análise. Sendo assim, tendo em vista que a perspectiva cartográfica se relaciona diretamente ao estudo da Análise do Discurso, este capítulo tem por objetivo apresentar as noções sobre rizoma e cartografia, postuladas por Deleuze e Guattari (1995), acerca de outro olhar sobre o pesquisar. Um dos pontos principais do estudo em Análise do Discurso é, como visto no capítulo anterior, a relação interdiscursiva que toda prática discursiva estabelece. Partimos do princípio de que não são os indivíduos a instância do sentido, mas sim as condições de produção que permitem uma prática discursiva ser considerada como uma prática discursiva, isto é, o sentido só é construído por meio da relação que estabelece dentro do universo discursivo (MAINGUENEAU, 2008). Dessa forma, ao “nascermos” as práticas discursivas já estão dadas, nós apenas passamos a “descobrir” as subjetividades que as “preenchem”. Logo, ao fazer um recorte para estudo e análise, o pesquisador, em Análise do Discurso, não busca o início das redes discursivas, mas sim o sentido produzido por determinada prática discursiva a depender da organização do “universo” dos discursos que o implica. Em outras palavras, um analista do discurso não “escolhe” uma prática a ser estudada, é a própria prática discursiva que o “encontra” para o estudo, já que ela é a materialização daquilo que o implica e o intriga, ou seja, é a concretude do processo vivenciado. Tal qual as raízes do tipo rizoma, o encontro entre pesquisador e objeto é dado processualmente. Assim também parece funcionar a perspectiva em cartografia, que põe ênfase no processo – encontros e rupturas – daquilo que é estudado.

Levando em conta que, para os autores (DELEUZE; GUATTARI, 1995), as relações sociais funcionam como uma espécie de rizoma, isto é, são ramificadas na horizontalidade comunicativa, como se os indivíduos fossem raízes de bulbos ou de tubérculos que podem se relacionar e, de certa forma, se conectar às subjetivações do outro, Deleuze e Guattari (1995), através de alguns princípios apresentados em sua obra, utilizam a noção de cartografia, como empréstimo da Geografia, para dizer que o pesquisar é um mapear-conhecer seu objeto de análise. Dessa forma, a cartografia, assim como o estudo em Análise do Discurso, permite distintas entradas de análise. Se pensarmos a cartografia do Brasil, por exemplo, seria difícil identificar onde começa e onde termina tal extensão territorial; essa definição dependerá de quem observa.

Assim, iniciaremos o capítulo tentando compreender o conceito de rizoma. Após, apresentaremos os princípios postulados por Deleuze e Guattari (1995), que são pontos característicos do rizoma, até encontrarmos o princípio da cartografia, interesse particular no pesquisar. Além disso, apontaremos alguns postulados apresentados por Suely Rolnik (2016) e, também, presente no livro intitulado *Pistas do Método da cartografia*, com o intuito de relacionar tais pesquisas ao pesquisar em Análise do Discurso. Ademais, correlacionaremos o conceito de cartografia ao ato de ler, pois, acreditamos que o leitor dos memes políticos, em muitos momentos, não é um leitor comum, é cartógrafo do território a estudar. A seguir, falaremos acerca do conceito de rizoma e de cartografia.

## 2.1 Entendendo o rizoma e a cartografia

A análise de textos, através da perspectiva da Análise do Discurso visa, de certo modo, a uma pesquisa qualitativa com intuito de mediar, também, através das pistas deixadas na superfície dos enunciados, a relação de embate que há entre diferentes posicionamentos discursivos. Dizer que toda prática discursiva é ideológica já não é mais hodierno, por estarem aprisionadas na representação, como se existissem antes dos embates. Partimos do princípio de que não há uma única e isolada ideologia, mas, sim, possíveis subjetividades que são permitidas pelas relações interdiscursivas que permeiam as situações de comunicação.

Percorrer distintos caminhos para traçar diferentes metodologias se faz necessário no atual cenário da pesquisa brasileira, que parece ter apenas o intuito de chegar a um lugar desconhecido por outrem. Ou seja, condicionarmo-nos a formular e a responder perguntas no início de um estudo, por exemplo, como se, ainda nesse início, fosse possível respondê-las; ou afirmar tratar-se de um “tipo” específico de pesquisa não nos parece funcional quando o processo construtor de tal pesquisa se torna seu ponto alto. Logo, os próprios “dados” vão-se renovando a cada novo acontecimento sociocultural. Outro fator relevante que não se associa a este estudo, por exemplo, é a ideia de representatividade do material selecionado, pois, como os memes são gêneros fluidos, teríamos dificuldade em aplicar tal conceito a esta pesquisa. Sendo assim, acreditamos que fazer pesquisa é não só analisar o objeto sob determinado ponto de vista, mas, acima de tudo, compartilhar experiências e ramificá-las às experiências dos outros, respeitando o processo de construção do próprio material, as rupturas e os ligamentos que se farão no percurso de produção e finalização do texto. Desse modo, as

trocas que vêm ocorrendo entre os pós-graduandos e docentes, do grupo de estudos da UERJ<sup>9</sup>, contribuíram muito não só no percurso de vida acadêmica da pesquisadora, como também às possíveis entradas de análise no corpus pesquisado. Logo, acreditamos que trabalhar sob a perspectiva cartográfica é, também, ouvir o outro e buscar contribuições em seu percurso de vida, que é coletivo.

Dessa forma, nos estudos presentes na obra intitulada *Mil Platôs*, há uma tentativa de compreensão desse mundo por meio do pensamento baseado naquilo que é múltiplo e não único. Para os autores, a sistematização social poderia ocorrer em forma de *rizoma*, já que o rizoma se distingue das raízes e das radículas, pois pertence à classe dos bulbos e dos tubérculos, mas também pode ser associado a famílias de lobos ou de ratos, por exemplo. Mas o que, de fato, querem dizer com isso? Acreditando nas relações múltiplas, Deleuze e Guattari (1995) não se importaram em agregar à sua teoria, como empréstimo da Botânica, a noção de rizoma, que, pode ser definido em sua literalidade como: <sup>10</sup>“Caule longo, horizontal e subterrâneo, geralmente em forma de raiz que, rico em nutrientes e reservas, emite novos ramos: a íris e o gengibre possuem rizomas”.

Assim, o conceito acerca do rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) é projetado nos meandros da área da Botânica, como visto, que considera um rizoma como um caule subterrâneo (BECHARA, 2009, p. 768) que cresce horizontalmente, capaz de se alastrar indo de encontro a outros caules, podendo originar outras estruturas de plantas, tendo em vista sua multiplicidade implicativa ao se alastrar. A partir desse conceito, é que os autores pensaram as relações sociais como rizomáticas, já que não nos relacionamos e aprendemos hierarquicamente, de cima para baixo, mas sim através das relações horizontais, sem, necessariamente, se prender a uma única “espécie”, podemos nos relacionar, aprender e recomeçar assim como as raízes do tipo rizoma.

Refletindo sobre a noção de rizoma e os possíveis elos que as relações humanas materiais e imateriais mantêm, Deleuze e Guattari (1995) se apropriam do conceito para afirmar que as relações na psicanálise, na linguística, na informática, na sociologia, por exemplo, são unidas por uma espécie de rizoma instruído a conduzir o todo, entendendo que os “produtos” do meio são gerados na própria multiplicidade do rizoma.

Sendo assim, um texto não se forma de maneira individual, mas sim através de diferentes experiências que são demarcadas pelas ligações invisíveis que todo indivíduo

---

<sup>9</sup> Gostaria de reiterar meus agradecimentos aos colegas que fiz e aos professores que tive neste percurso, sem vocês, sem as trocas, nada disso seria possível.

<sup>10</sup> Dicionário on-line. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rizoma/>. Acesso em 17 mai. 2021.

mantém. Por isso, afirmam que, ao escreverem *Mil Platôs* – os autores - já eram muitos, tamanhas experiências vividas que os levaram a diferentes lugares, a diferentes questionamentos e (in)conclusões; assim como qualquer indivíduo que percebe a sociedade e os fatos cotidianos como algo já predeterminado pela massa social que lhe circunda. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11-12). Dessa forma, os autores, refletindo sobre as possíveis ligações que mantiveram socialmente, isto é, na multiplicidade de sentidos que os cercam, na existência de enunciados que já atravessavam o mundo ao chegarem, não se consideram como um único indivíduo, mas como um canal de distintas subjetivações que fora atravessado por distintas práticas discursivas.

Logo, a perspectiva de análise deste estudo será permeada pela ideia proposta por Deleuze e Guattari (1995) acerca do rizoma. Todas as relações socioculturais, que perpassam o mundo, estão ligadas por redes rizomáticas e é por meio dessas ligações que “encontros” acontecem. O trabalho com textos que circulam em redes sociais e em aplicativos de mensagens se orienta pelo desejo de percorrer as linhas de composição dos sentidos, mais do que a representatividade de um *cópus*. Essa totalidade pressuposta na noção de representatividade é frágil, na medida em que não permite sustentar que os arranjos de circulação dos referidos textos são variados: alguns os recebem várias vezes, outros apenas algumas poucas e há ainda quem não os receba, a depender dos circuitos de interação nos quais estão inseridos. Dito isso, faz-se necessário mostrar que o rizoma pode ser considerado sob alguns princípios.

“Princípio 1 e 2 – *princípios de conexão e de heterogeneidade*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14): a língua não pode ser considerada em sua homogeneidade, tendo em vista que as variações que a perpassam fazem dela o que ela é, assim como não se pode modular um protótipo de língua-mãe, já que é da conexão com as redes de possibilidades que se estabelece aquilo que se chama de língua. Logo, “(...) um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Ainda há o princípio 3 – *princípio da multiplicidade* - que apresenta aspectos correlacionados e nutridos pela sociedade. Refletindo acerca da conceitualização das unidades linguísticas como postuladas por Saussure e Chomsky, talvez, os autores estivessem pensando na não necessidade de rotulação ou encaixamento produzido pelas regras gramaticais. Numa postulação gramatical sustentada pelo conceito de rizoma, por exemplo, os léxicos seriam

considerados linhas que contribuem para a formação do próprio rizoma, sendo permitida uma pluralidade de significações a depender da ocupação que possui numa oração. Um substantivo nem sempre funciona só como um sujeito oracional, pode funcionar muito bem como um objeto - a depender do enquadramento que se faz dele. Logo, *a multiplicidade de sentido* se faz, justamente, pelas diversidades que as “tramas” – rizomas – podem proporcionar com o uso do léxico, suscitando distintas subjetivações às práticas discursivas, por exemplo. Desse modo, “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). Ainda pontuam que “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

Ademais, Deleuze e Guattari (1995) propõem um 4º princípio – *de ruptura a-significante* – enfatizando a possibilidade de rompimento desse rizoma, que pode ser rompido e ligar-se a outro, o que é possível, já que se permite quebrar e recomeçar. Com o intuito de elucidar esse princípio, os autores falam acerca das formigas que constituem rizomas. Se uma formiga encontra um obstáculo em seu percurso, quebra aquele rizoma e recomeça por outro caminho. “Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). Falando através de metáforas, pensando nas vespas e nas orquídeas, pode-se perceber a capacidade de o ser vivo em territorializar-se e desterritorializar-se, transformando-se num outro, mas não um outro totalmente diferente que pode se reterritorializar ao se perder no caminho. “Escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20).

Assim, chegamos aos princípios 5º e 6º – *de cartografia e de decalcomania* – aquele ratificado na necessidade de o rizoma se construir como um mapa, já que ele é aberto e conectável, “susceptível de constantes modificações”. “Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). Logo,

Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida "competência". Ao contrário da psicanálise, da competência psicanalítica, que achata cada desejo e enunciado sobre um eixo genético ou uma estrutura sobrecodificante e que produz ao infinito monótonos decalques dos estágios sobre este eixo ou dos constituintes nesta estrutura, a esquizoanálise recusa

toda idéia (sic) de fatalidade decalcada, seja qual for o nome que se lhe dê, divina, anagógica, histórica, econômica, estrutural, hereditária ou sintagmática (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Já o princípio da decalcomania diz respeito à ligação, ao enraizamento, que todo indivíduo possui. As raízes que se tem com a família e as situações vividas, por exemplo, permanecerão ali, presas, suscitando atitudes que poderão refletir o ponto de partida de qualquer indivíduo. Dessa forma, nasce um novo decalque, o início de um rizoma que poderá ser “germinado”, mapeado por outros decalques que brotam como os galhos nascem das árvores. “A memória longa (família, raça, sociedade ou civilização) decalca e traduz, mas o que ela traduz continua a agir nela, à distância, a contratempo, “intempestivamente”, não instantaneamente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 25).

Dessa forma, ao analisar e mergulhar no que postulam os autores, percebemos que propõem o conceito de rizoma com o intuito de descentralizar a hierarquização do conhecimento, já que, assim como o processo de pesquisar, o conhecimento se dá pelo percurso dos indivíduos, isto é, na medida em que os indivíduos entram em contato com outras subjetividades, ele desenvolverá novas habilidades de análise, pois poder-se-á (re)construir e (re)começar, tais quais as formigas citadas anteriormente. Ademais, poderão compreender que o que se aprende pode ser repensado e criticado, não há necessidade de concordância com toda subjetividade que vá de encontro à sua, mas isso só é percebido ao respeitar o percurso de pesquisa. À medida que lê e troca experiências, aprende-se. Tudo que se sabe, nos dias atuais, parece ter sido encontrado, pesquisado, processado na verticalidade da vida e, preferencialmente, de cima para baixo, já que a estereotipia social prevê que o de cima é bom e o de baixo ruim, como a composição do globo terrestre, por exemplo, em que os países desenvolvidos ocupam a superfície dita Norte, enquanto os países menos desenvolvidos estão no extremo Sul. Acreditamos que um dos pontos importantes da teoria proposta por Deleuze e Guattari (1995) é, justamente, quebrar esse paradigma.

Dos princípios<sup>11</sup> apresentados anteriormente, o que se torna mais relevante para esta pesquisa é o princípio da cartografia, que, atrelado ao conceito de rizoma, explica a conexão do mapeamento aos ligamentos e às rupturas que se encontram nos “mapas”. Sendo a cartografia o mapeamento dos territórios e o rizoma uma espécie de elo visível ou invisível

---

<sup>11</sup> Como estamos relacionando distintas teorias e propondo uma visão teórica, relativamente, nova, faz-se necessário apresentar espécies de “resenhas” acerca do que os autores propõem sobre cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), leitura (MAINGUENEAU, 1996), território (ROLNIK, 2016) e cartógrafo (ROLNIK, 2016), com o intuito de contribuir na compreensão dos possíveis leitores que desconhecem tais teorizações.

aos *objetos do mundo*, há de se refletir que cartografar é, por meio do processo “rizomático”, atentar-se aos processos pelos quais passam a pesquisa e o pesquisador.

Posto isso, analisar discursivamente é (i) cartografar a territorialidade enunciativa na busca daquilo que ainda está por vir; (ii) desterritorializar-se para permitir-se ir ao encontro daquilo que as marcas interdiscursivas (MAINGUENEAU, 2008) permitem encontrar; (iii) persistir no processo discursivo com intuito de construir uma cena que ainda está por cartografar-se; e (iv) perceber os movimentos sinestésicos e metafóricos que o percurso analítico propicia, tendo em vista que as sensações vividas pelo pesquisador são sentidas de distintas formas e podem ser comparadas a diferentes situações. Assim como viver, o percurso cartográfico de pesquisa permite o choro, o companheirismo, a ansiedade, a alegria, o medo, o prazer, a coletividade, a compaixão, dentre tantos outros sentimentos que só são possíveis para quem vivencia tal processo. Logo, a perspectiva cartográfica possibilita ao pesquisador olhar para seu objeto de estudo a 360° - mapeando cada “canto” desse território-, sem necessariamente ficar preocupado em responder problemas que já foram postulados, pois se sabe que novos problemas surgirão, muitos não serão respondidos, e que isso não deve ser o foco da pesquisa, por exemplo. São esses movimentos sinestésicos e metafóricos que contribuem para novos olhares discursivos e apontam para outras preocupações no percurso e não para o que já está estagnado.

Sendo assim, nascem diferentes perspectivas de como é estar no mundo e, paralelamente a isso, a necessidade de pensar a pesquisa científica calcada em outros métodos de estudos que não apenas a observação e a análise de tal *cópus*, já que o pesquisador está imerso no próprio *cópus*. Ou seja, se a relação pesquisador/objeto é inextricável, não há como o pesquisador se distanciar dele a ponto de não se envolver afetivamente com o objeto estudado. Essa perspectiva permite que o pesquisador se desprenda da tradicionalidade da pesquisa, enfatizando o processo de construção tanto do próprio pesquisador como do objeto, levando em conta as concepções psicossociais, que são territórios também habitáveis, isto é, ficando imerso na pesquisa junto ao objeto estudado, não o observando de fora dela, como se estivesse analisando o objeto “de cima”. Logo, a cartografia, aprofundada em distintas dimensões, pode caracterizar-se como uma perspectiva capaz de afetar o pesquisador que, mergulhado na noção de rizoma, *compreende que uma pesquisa não precisa de um início teórico para ser produzida, mas sim do ponto de partida visto no processo de estudo que foi capaz de implicá-lo.*

Assim, utilizar a perspectiva cartográfica é buscar, nos processos estudados, o ponto mais “relevante” para o pesquisador. Em outras palavras, é se afetar a ponto de (re)produzir



antigos e novos questionamentos, é buscar no incontestável o contestável, é renunciar a restrições impostas pela hierarquia metodológica para trazer e aplicar novas experiências à área estudada. Além disso, é encontrar diferentes nuances para solucionar ou atacar um problema, é reproduzir formas já produzidas, é multiplicar o olhar como se fosse possível a utilização de máscaras para que se travem conexões comunicativas com o próprio objeto, conectando-o a várias perspectivas.

Partindo dos ideais postulados por Deleuze e Guattari (1995), Suely Rolnik (2016) também traça um pesquisar-cartografar em sua obra, valorizando, principalmente, a relação “íntima” entre pesquisador e objeto. Provisoriamente, a autora vai dizer que

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. *Paisagens psicossociais também são cartografáveis*. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (*Grifos da pesquisadora*) (ROLNIK, 2016, p. 23).

Ainda, Rolnik (2016) vai propor que a cartografia traz tantas marcas “diluídas” que são capazes de se confluírem com as próprias necessidades do pesquisador. Assim, ao demarcar um ponto de partida para uma pesquisa cartográfica e ao preparar-se teoricamente para a produção de um discurso, já se torna quase imperceptível aquilo que vem do outro. “(...) os estrangeiros se transformaram tanto no processo de elaboração da cartografia, misturaram-se e diluíram-se a tal ponto, que se quer são detectáveis” (ROLNIK, 2016, p. 24).

A pesquisa, como perspectiva cartográfica, permite que o pesquisador valorize o processo, já que é dele que se produzem as relações entre os corpos, capazes de mapear todo caminho percorrido. A perspectiva pode mudar à medida do envolvimento do pesquisador com o mundo, ou das relações que o implicam; ou seja, cartografar significa poder alterar o ponto de partida, caso esse ponto pareça não se adequar ao mapeamento desejado. Dessa forma, ao mergulharmos no mundo como pesquisadores, temos o direito de percorrer os caminhos desejados, mesmo que, inicialmente, o ponto de partida tenha sido outro, já que é pelo processo – percurso-pesquisar-analisar-relacionar-se não só com o objeto, mas também com o outro – que o pesquisador poder-se-á encontrar.

Assim, como aponta a própria autora, a dinâmica presente na relação entre o pesquisador e a pesquisa permite vibrações e deslocamentos por meio dos afetos. Poder afetar o mundo através do que se pesquisa e, ao mesmo tempo, ser afetado por ele preenche as lacunas permitidas por uma metodologia calcada apenas numa pesquisa tradicional e não na

relação que o percurso vem causando ao pesquisador. Para Rolnik (2016), esse afetar-se correspondido com seu *córpus* pode ser chamado de “latitude”.

Dessa forma, Rolnik (2016) apresenta algumas categorias de afetivação entre pesquisador e “corpo”, seja ele um outro indivíduo, um poema, um som etc. algo que aguce a capacidade de afetividade de todo indivíduo. Para isso, revisita diferentes cenas em invisíveis platôs.

Em princípio, apresenta o *platô de latitude um*, que dispõe diretamente sobre essa relação afetiva que toca diretamente o pesquisador e o faz ter coragem para exteriorizar seus afetos, devido a tamanha curiosidade. Já o *platô de latitude dois* permite o encontro do pesquisador com o “corpo” - não é mais só curiosidade, é um possível encontro de forças que se atraem, mas não sabe se realmente quer essa exteriorização de afetos, daí a autora dizer, de certa forma, que esse pesquisador fica intrigado. Por último, o *platô de latitude três* parece dizer respeito “à falta de norte” que capta o pesquisador no processo cartográfico, fazendo com que ele repense sua colocação no mundo, bem como aquilo que pesquisa.

Já na obra intitulada *Pistas do método da cartografia*, que nasce, também, por meio dos estudos acerca das postulações de Deleuze e Guattari (1995) e de Rolnik (2016), pode-se perceber o desejo e a necessidade de os pesquisadores em apresentar, detalhadamente, como ocorrem as pesquisas cartografadas no campo de estudo. Normalmente, os autores propõem um foco de especulação e apresentam como foram feitas as pesquisas para que pudessem perceber e encontrar esse foco desejado. Nessa obra, a cartografia que nos é apresentada parte da experiência do processo-pesquisar em interação com seu objeto de estudo, bem como a narração de cada passo dado pelos pesquisadores. Os autores frisam a importância da interrelação com o objeto e o foco no percurso-processo que nos é apresentado. Assim como na teoria de Deleuze e Guattari (1995), que encontra na cartografia dos mapas um caminho para o pesquisar, os autores também acreditam que, a depender do andamento da pesquisa e da observação dos objetos, o mapeamento que se faz em seu projeto pode mudar a qualquer momento. Eles compreendem que há, no pesquisar, forças que não dependem exclusivamente de suas vontades, mas, principalmente, da necessidade de conexão com o objeto estudado, para isso, sugerem algumas “pistas” para o pesquisar-cartografar. Sendo assim, para esta pesquisa<sup>12</sup>, debruçamo-nos nas pistas: 1(A cartografia como método de pesquisa-intervenção); 3(Cartografar é acompanhar processos); 5(O coletivo de forças como plano de experiência

---

<sup>12</sup> Assim como na própria obra mencionada, as pistas utilizadas para a construção desta “perspectiva cartográfica” não se deram de forma linear, ou seja, as pistas, no livro, não são complementares, podem ser lidas a depender da necessidade do pesquisador. Nesta tese, até o final deste capítulo, apresentaremos algumas pistas que foram utilizadas para refletir acerca do pesquisar-cartografar. Cada pista apresentada será sinalizada.

cartográfica); 6 (Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador); 7 (Cartografar é habitar um território existencial); e 8 (Por uma política da narrativa), que serão sinalizadas na medida em que forem compondo a tessitura deste material.

É a partir, também, dessa obra e das pistas que a compõem que tomamos conhecimento acerca da construção do conhecimento de modo coletivo, fundamentado na perspectiva da cartografia, visando a sistematizar esse processamento cartográfico. Esse mecanismo analítico parte da investigação de procedimentos subjetivos, alicerçados em premissas qualitativas e quantitativas para acompanhar como ocorrem os recursos metodológicos de pesquisa, sem formulação de meios específicos e protocolos, posto que os processos são naturais e não mensuráveis.

A cartografia, focada nos processos<sup>13</sup>, enfatiza o *etos* não só do pesquisador, mas também do objeto pesquisado, além das implicações que o rodeiam. Se essa perspectiva é mutável, acompanhar as mudanças político-sociais do território estudado é inexorável. Sendo assim, a cartografia acompanha os percursos, as implicações dos processos de produção e quais são as conexões de redes/rizomas (ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2015). Assim,

A realidade cartografada se apresenta como um mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro (ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2015, p. 10).

Dessa forma, indo de encontro às técnicas tradicionais de pesquisas que focalizam suas forças na subjetividade do problema, a perspectiva cartográfica visa ao acompanhamento dos processos que se desdobram no decorrer da própria pesquisa, através da conexão de redes que há entre pesquisador e objeto. Assim, para Deleuze e Guattari (1995, p. 21 *apud* PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10), “(...) a cartografia surge como um princípio de rizoma que atesta, no pensamento sua força performática, sua pragmática: princípio “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real””.

Os pesquisadores Passos e Eirado (2014) afirmam que a pesquisa emerge do campo de observação da experiência que vem do pesquisador, pautado nas implicações que foram vivenciadas por ele, ou seja, aquilo que conflui ou repele entre pesquisador e objeto. “(...)”<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Pista 3 – A pista três se encontra em todo processo de produção de subjetividade e de análise do corpus, haja vista que cartografar é acompanhar processos e que, para nós, acompanhar os processos de construção deste texto é também fazer cartografia.

<sup>14</sup> Pista 6 (Pistas do método da cartografia) – Todas as citações presentes nesta seção, que não estão sinalizadas, pertencem à pista 6 até o encontro da próxima pista que também estará sinalizada.

teoria e prática têm sempre suas condições de gênese para além do que se apresenta como forma permanente, substancial e proprietária” (PASSOS; EIRADO, 2014, p. 110). Logo, pode-se dizer que a necessidade da pesquisa nasce das implicações que “rondam” a vida do próprio pesquisador. É da curiosidade e da necessidade de desconstruir teorias ou de “solucionar” problemas que se “criam” grande parte das pesquisas.

Os autores pautam seu estudo sob os postulados da psicologia, enfatizando a importância do método cartográfico para as ciências humanas e sociais. Dessa forma, utilizam metodologias de pesquisas, calcadas no estudo mais antiquado da psicologia, para verificar a relação do objeto com o mundo. Entretanto, teorias como o behaviorismo só ratificam a posição vertical de pesquisa utilizada até os dias atuais. Ou seja, o pesquisador parece sempre estar totalmente fora do estudo.

Devido a isso, Passos e Eirado (2014) apresentam os estudos postulados por Guattari e Lourau, com o intuito de criticar essas formas mais antigas de pesquisas, que foram pontuais com os conceitos de transversalidade e implicação, dando um novo olhar à pesquisa, através dos estudos cartográficos. Dessa forma, o conceito de transversalidade foi capaz de desconfigurar os eixos horizontais e verticais, com o intuito de alterar os padrões de comunicação institucionalizados. Logo, esse conceito potencializa o cruzamento das forças<sup>15</sup> institucionais que emergem nas enunciações, capaz de ser compartilhado entre os sujeitos. “Guattari insistirá que essa dimensão ativada pela análise “nunca é dada de uma vez por todas” (GUATTARI, 2004) que inaugura um plano de flutuações da experiência” (PASSOS; EIRADO, 2014, p. 116).

Com isso, a transversalidade<sup>16</sup>, como proposta de pesquisa, abre um leque de possibilidades para os diferentes pontos de vista. Permite considerar a variabilidade existente na camada social, já que há múltiplas possibilidades que podem ser experienciadas, sem se apegar a apenas um ponto de vista. *Pensar a transversalidade na análise dos memes, por exemplo, permite a participação ativa da comunidade, isto é, da possibilidade de senso comum a determinadas enunciações ou da possibilidade enunciativa de uma mesma prática discursiva.*

Dessa forma, a transversalidade é mediada pelas implicações que perpassam o dia a dia dos atos comunicativos. “(...) implicados estamos todos em qualquer atividade de produção de conhecimento” (LOURAU, 2004 *apud* PASSOS; EIRADO, 2014, p. 117). Ainda, como afirma Lourau (2004 *apud* PASSOS; EIRADO, 2014), “o homem é solúvel”,

---

<sup>15</sup> Pista 5

<sup>16</sup> Pista 1

isso significa perceber a transversalidade humana que satisfaz os acontecimentos culturais, políticos e sociais que afetam simultaneamente os indivíduos, permitindo que se tornem seres implicados a todo tempo.

Partindo desses conceitos, Passos e Eirado (2014) afirmam que a perspectiva cartográfica implica a dissolução do ponto de vista do pesquisador, assim como os estudos em Análise do Discurso, que permitem uma revisitação transversal aos enunciados depois que o pesquisador se torna implicado por algum novo reencontro com a prática discursiva. Desse modo, os autores apontam a incapacidade de metodologias em que o pesquisador se distancia do objeto para tratar de pesquisas cujos objetos sejam relacionados à cognição. Por isso a necessidade de uma intervenção cartográfica nos estudos dos discursos, pois se trata de implicações subjetivas que se materializam por meio da linguagem. Assim, a relação entre o subjetivo e o que se externaliza dele se propagam através das relações com a cognição. Logo,

[...] a cognição é uma maquinação autopoietica, isto é, um ato de criação de uma máquina que constitui tanto o polo objetivo quanto o subjetivo do fenômeno cognitivo. A máquina viva por um ato ou decreto faz emergir bilateralmente os polos objetivos e subjetivo do conhecimento (PASSOS; EIRADO, 2014, p. 121).

Dessa forma, *fazer pesquisa cartográfica é trabalhar com as diversas possibilidades para reconhecer a relação pré-estabelecida entre o “eu e o mundo”, além de saber reconhecer a transversalidade que é proporcionada aos olhos do pesquisador, das prioridades e dos territórios a serem alcançados.* “(...) penetrar pela emergência de mudanças de ponto de vista que surgem no território como problemas ou crises existenciais e que podem permitir a abertura para o reconhecimento de uma maior liberdade autogestiva dos indivíduos e coletivos” (PASSOS; EIRADO, 2014, p. 123). O pesquisador pode fazer parte da experiência sem, necessariamente, estar preso a um determinado ponto de vista, é no processo de “cartografia” do território que ele será implicado pelo objeto, assumindo essa perspectiva transversal.

Ademais, os autores apostam na ideia de dissolução do ponto de vista do pesquisador na cartografia como sendo um ponto importante para essa perspectiva, já que o pesquisador precisa se “desterritorializar” dos estereótipos engendrados em sua subjetividade para poder se libertar frente a novas experiências, isto é, experimentar novas situações. Ou seja,

O cartógrafo acompanha essa emergência do si e do mundo na experiência. Para realizar sua tarefa, não pode estar localizado na posição do observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica a si mesma. O cartógrafo lança-se na experiência, não estando imune a ela. Acompanha os processos de emergência, cuidando do que advém. É pela dissolvência do ponto de vista que ele guia sua ação (PASSOS; EIRADO, 2014, p. 129).

Esta pesquisa nasce então da necessidade que a pesquisadora sentiu ao ser afetada, via redes sociais, pelas diferenças subjetivas e políticas que podem consagrar um mesmo gênero discursivo, ou seja, aquilo que para um é dito de uma forma, para outro parece não fazer o menor sentido. É lendo, relendo e tentando compreender a polarização política da qual participam os memes políticos, que se produzem questionamentos acerca desse gênero tão intrigante

É somente por meio de uma pesquisa cartográfica que se pode levar em conta o percurso pelo qual o pesquisador passa, como visto. É o contato, a vivência e a experiência que fazem nascer diferentes questionamentos acerca não só do mundo, como também das práticas discursivas que o descrevem. É preciso estar atento aos detalhes do mapeamento que a cartografia de textos permite, pois cada caminho trará uma prática discursiva distinta.

Cartografar é permitir não ter um ponto de partida que demande uma entrada única, específica, mas, sim, do lugar em que o pesquisador fora surpreendido enquanto pesquisava, uma entrada rizomática. Não necessariamente o pesquisador precisa delimitar o ponto de partida de onde a grande maioria acredita ser um início. Às vezes, o cerne da pesquisa se dá, justamente, quando o pesquisador demarca o território ao ser afetado em seu percurso científico.

Dessa forma, para este estudo, a cartografia vai além da perspectiva cartográfica; ela passou a integrar uma espécie de categoria que transforma uma figura de leitor “comum” em leitor- cartógrafo. E é sobre essa visão, acerca do leitor e da leitura, que a próxima seção irá debruçar seus estudos.

## 2.2 Cartografia como estratégia de leitura<sup>17</sup>

Esta seção pretende não só aproximar a perspectiva da cartografia de uma teorização sobre o gesto de leitura, como também relacionar o conceito, trazido por Rolnik (2016), de cartógrafo atrelado à prática de leitura. Entendendo o leitor como figura que emerge da prática de leitura, também como uma figura capaz de mapear os “lugares” por onde passa, Rolnik (2016) propõe que o indivíduo pode cartografar todos os territórios com os quais se implica, inclusive os psicossociais, que se materializam por meio de distintos gêneros discursivos.

---

<sup>17</sup> Noção de leitor-cartógrafo pensada com o auxílio da Professora Doutora Poliana Coeli Costa Arantes em reunião do grupo de pesquisa na UERJ no ano de 2018. Toda minha gratidão a ela por nossas trocas tão afetuosas.

Ademais, será apresentada de que forma a afetivação do cartógrafo pode interferir em sua relação com o objeto de estudo, neste caso, as práticas discursivas meméticas. Ainda, trataremos o conceito de polifonia (DUCROT, 1987), com o intuito de mostrar a “evolução” leitora dos indivíduos até tornarem-se leitores-cartógrafos.

### 2.2.1 A leitura e os postulados de Maingueneau (1996) sobre os tipos de leitores

Ler não é apenas reconhecer as palavras num aglomerado textual, é conseguir produzir sentidos múltiplos por meio das relações rizomáticas (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e interdiscursivas (MAINGUENEAU, 2008) que as práticas discursivas possibilitam. Também não diz respeito à leitura apenas daquilo que é linguístico, mas também dos signos não linguísticos que estão imersos em nossa sociedade, como os textos visuais que se encontram em portas de banheiros, indicando a que público-alvo se referem, ou ao sinal de fumaça que se percebe quando, em algum lugar, está pegando fogo, por exemplo. Ler é perceber a rede transversal de conhecimento que atravessa as práticas discursivas e que permite que possamos perceber o mundo através de distintas subjetivações, é a conexão do passado, presente e, quiçá, a antecipação do futuro. Dessa forma, é a rede de relações interdiscursivas, adquirida através da leitura de todas essas formas de comunicação, que permite que possamos conviver socialmente. “(...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13).

Por meio dessa citação, Paulo Freire (1989) apresenta um argumento de autoridade contribuindo, ativamente, para *ênfatisar a relação inextricável entre o mundo que vemos e o mundo que lemos*, ou seja, as palavras são reflexo do sentido que a enunciação e o uso determinam delas. Embora o texto seja escrito por um “desconhecido”, é a figura do leitor que preenche as lacunas presentes na enunciação, com o intuito de interpretar o que parece “indizível”.

Sendo assim, trazemos a proposta de Maingueneau (1996), retirada do texto *A leitura como enunciação*, que trata, especificamente, do papel do leitor enquanto co-enunciador do texto, ou seja, do lugar que a figura do leitor ocupa enquanto produtor de significação das práticas discursivas. De certo modo, Maingueneau (1996) nos alerta para a importância do leitor como figura que emerge na própria enunciação, bem como dos elementos extratextuais

que constroem o universo da leitura, como as situações cotextuais e as redes rizomáticas construídas por quem lê.

Versando acerca dos textos especificamente literários, o autor inicia suas teorizações apontando para a importância da figura do leitor enquanto enunciador do texto, já que o locutor não compartilha das mesmas situações enunciativas que a figura do leitor enunciador. Ademais, aponta para a importância de alguns elementos cotextuais para situar a leitura, como os dêiticos, capazes de suscitar devaneios e interpretações, possivelmente, previstas pelo locutor que “sustenta o ato de narrar se um leitor o coloca em movimento”. Maingueneau (1996) também focaliza a relevância da coesão para a coerência que, como apontado por ele próprio, transpassa o nível textual, levando em consideração aspectos possíveis de preencher as lacunas presentes no texto.

Assim, trazendo alusões específicas dos leitores, Maingueneau (1996) apresenta pontos de vista diferentes sobre a posição de leitura. Tem-se o que ele chamou de leitor invocado – aquele que espera o texto, relacionado a efeitos de sentidos interno dele, ou seja, com quem o narrador versa enquanto conta os fatos narrados. Também o leitor instituído, composto pela heterogeneidade que abrange o texto, ora se prende ao gênero do texto e por isso o “desvenda”, ora “desvenda” a textualidade por intermédio da relação histórica que determinado texto tem com outro texto. Há, aqui, um desdobramento dos leitores.

Ainda há o que o autor chama de público genérico, aquele esperado pela instância de produção, já que todo texto pressupõe um público-alvo; e o público atestado, aquele que, de algum modo, já conhece o enredo da obra por ser considerada como uma gênese, que vem sendo lida por um público moderno, caso de *Romeu e Julieta*.

Além do mais, Maingueneau (1996) fala acerca do leitor *cooperativo*, aquele capaz de construir o universo de ficção a partir das pistas que lhe são fornecidas na leitura, funciona como uma espécie de leitor modelo. Ou seja, aquele leitor que confere a veracidade das informações de acordo com o que deseja o locutor, através das pistas deixadas por ele na superfície discursiva, condicionando, de certa forma, a leitura.

O autor enfatiza que compreender um texto vai além do que nos permite tal superfície, já que as condições de produção da enunciação, que integram a intimidade do leitor, contribuem diretamente no resultado interpretativo. Maingueneau (1996) chama atenção para as lacunas que devem ser preenchidas na relação autor-texto-leitor e para a capacidade de armazenamento desse leitor à medida que lê, tendo em vista que essa produção faz com que se expanda sua rede rizomática.



Maingueneau (1996) também aponta a dicotomia “expansão e filtragem” como parte do processo de leitura, pois, à medida que o leitor precisa preencher lacunas, também precisa decidir o caminho que vai seguir, restringindo a significação de alguns sintagmas e permitindo a exploração do sentido pertinente à interpretação, *tal qual o leitor-cartógrafo ao mapear o território-texto*<sup>18</sup>. Ou seja, a expansão fica a cargo dos caminhos que serão percorridos pelo leitor, e a filtragem ao direcionamento que será dado mediante essa expansão.

O autor também fala acerca dos *roteiros*, apontando para os *scripts* seguidos na produção dos enunciados, já que definem os contextos e a relação de coerência por meio da relação de filtragem e expansão. Para Maingueneau (1996), identificar o roteiro é desdobrar um leque a partir de indicações lacunares, mas também é produzir uma indeterminação, tendo em vista a abundância de roteiros diferentes.

Maingueneau (1996) fala também sobre o enfoque no *intertexto literário* não somente através das relações prototípicas intertextuais, como também pela similaridade dos roteiros, como, por exemplo, as fábulas que são prototipicamente repetidas em relação ao seu formato. Por isso, é muito comum que uma criança reconheça a estrutura de uma fábula apenas pelos aspectos textuais: moral, personagens animais, entre outros. Essas estruturas repetidas condicionam o leitor no reconhecimento do gênero literário, causando, assim, seu intertexto, como acontece também com memes políticos que se configuram de modo verbo-visual, é fácil identificá-lo como meme.

O autor ainda aborda a questão dos tópicos que designariam uma espécie de tema ou temas abordados em um texto. Dessa forma, é muito comum que narrativas literárias possuam um tópico principal e outros tópicos menos relevantes, como se pode ver em telenovelas, por exemplo. A trama central gira em torno da vida do protagonista, mas se pode ver, em núcleos adjacentes, outras temáticas ocorrendo que, às vezes, podem até virar o centro da narrativa.

Maingueneau (1996) fala ainda sobre o plano de sentido ou da leitura que se faz de uma frase ou um texto que é rotulado como *isotopia*, a garantia da leitura homogênea. Assim, não há como atribuir a alguns sintagmas conotações que fujam ao conhecimento generalizado da população, pois, do contrário, a linearidade literária seria interrompida. Não que haja uma única isotopia, mas é necessário respeitar o encadeamento cognitivo que rege a esfera populacional. Se for apresentada uma isotopia muito complexa, é possível que nem todo leitor consiga atingir o nível desejado de abstração. A isotopia nunca pode ser isolada, ela precisa sempre estar em relação com algum tópico.

---

<sup>18</sup> A noção de leitor-cartógrafo será vista na seção a seguir.

Maingueneau (1996), nesse texto, trata dos devaneios de um leitor mais desatento, ou seja, da não produção de uma poliisotopia à enunciação. O autor adverte para as limitações dos leitores em relação à produção de isotopias que fogem aos estereótipos. Ao observar algumas marcas deixadas pelo narrador, o leitor constrói um episódio fantasma que não ocorrerá, foram apenas marcas deixadas na superfície textual que não incrementariam o surgimento daquilo que o leitor esperava.

Assim, Maingueneau (1996) tenta construir um percurso, levando em consideração a relação da figura que se constrói do leitor na prática da leitura de textos literários, pensando em diferentes obras para tentar compreender como se dá essa parceria entre autor e leitor na produção de significação do texto. Nem sempre eles chegam ao mesmo denominador - às vezes, o leitor se desencanta pelo que achou que iria encontrar; às vezes, o autor recebe críticas de leitura por não ser compreendido. Mas, ao produzir um texto que enfatiza algumas características importantes para análise do leitor, Maingueneau (1996) atribui uma carga de importância para aquele que constrói os significados dos textos – aqueles que vão, de fato, ler. Por mais que se pense em um leitor ideal ou cooperativo, como apresenta o autor, a relação leitor-texto é real e não pode ser determinada nem delimitada pelas entrelinhas do texto, pode ser apenas sugerida.

Os esclarecimentos apontados pela teoria de Maingueneau (1996) abrem caminhos para outras propostas de leitores. Nesse texto, o autor aponta a construção da figura de leitor na interação com o texto impresso. Entretanto, podemos trazer para nossa pesquisa o movimento sinestésico que Maingueneau traz ao apontar as categorias de leitores para os textos literários, pois os vínculos construídos por ele proporcionam outros caminhos para se pensar a figura construída do leitor por meio da cartografia e das relações rizomáticas. Como uma tentativa de concatenar a importância da figura que se constrói do leitor no momento da leitura de memes políticos, a próxima seção mostrará um caminho para diversas críticas e reflexões.

### 2.2.2 O leitor-cartógrafo

As diferentes estratégias de leitura são pesquisadas há muito tempo por vários estudiosos. Estuda-se como o objeto é apreendido, como a interação com ele acontece, como é a relação do autor com o texto e com o próprio leitor, além da importância frutiva da leitura. Por isso, é

fácil notar a necessidade de compreender as conexões com o mundo para a construção de sentido nos diferentes gêneros discursivos que circulam na sociedade.

Dessa forma, pensar uma teoria discursiva baseada na legitimação momentânea do pressuposto que se apresenta na prática discursiva faz parecer que a construção da figura do leitor não é, também, peça fundamental na correlação com subjetividades, já que a figura do leitor se renova a cada mapeamento feito das práticas discursivas, através das rupturas e ligamentos que encontra no caminho. Ou seja, a construção dessa figura desloca-se de diferentes lugares e reloca-se para dar centralidade àquilo que realmente é pertinente: a rede interdiscursiva que se apresenta na prática discursiva.

Sendo assim, trabalhar a leitura por uma perspectiva cartográfica possibilita distintas *entradas de significação*, já que se pode analisar o objeto por diferentes perspectivas. Aquilo que aparenta uma interpretação exclusiva pode ganhar outras interpretações por meio das implicações que o cenário metodológico (pesquisador-objeto-território) carrega.

A pesquisa cartográfica, atrelada ao estudo dos memes, possibilita essas inúmeras entradas de significação produzidas por quem o cartografa. Há como ressignificar o “mapa-texto” a depender do compromisso e interesse da intervenção<sup>19</sup> desse leitor, já que possui uma bagagem cultural e social que possibilita diferentes perspectivas subjetivas em uma enunciação. Isto é, a perspectiva cartográfica, associada à leitura, pode sugerir não apenas o gesto de leitura diante de um texto, mas os arranjos diversos de composição do próprio material. A leitura acontece também pelas suposições sobre seus circuitos de circulação. Logo, na interface texto/suporte, pode-se acreditar que a figura do leitor, enquanto feitor de acepções, pode-se desdobrar em cartógrafo para mapear as práticas discursivas.

Por isso, com o intuito de conhecer um novo mundo, para que a cartografia de um texto aconteça, é necessário que o *leitor se coloque na posição inicial de um cartógrafo*, como um estudioso da geografia, que vai de lugar em lugar para mapear, cartografar, seu campo de estudo, levando em consideração todos os aspectos que o rodeiam, como, por exemplo, as elevações, o solo deficitário, a flora, e as erosões presentes nesse solo. Assim,

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formulações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... Até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não (ROLNIK, 2016, p. 65).

<sup>19</sup> Pista 1 (Pistas do método da cartografia) – Todas as citações presentes nesta seção, que não estão sinalizadas, pertencem à pista 1 até o encontro da próxima pista que também estará sinalizada.

Na cartografia do texto, o leitor é uma espécie de cartógrafo que vai reconhecendo seu campo de trabalho ao passo em que “esquematiza” a superfície textual e reconhece a polifonia<sup>20</sup> presente. Ele também pode reconhecer as relações cotextuais, contextuais e interdiscursivas, sem deixar de levar em conta a necessidade de suas próprias subjetividades para que se atinja o sentido desejado. “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorando” (ROLNIK, 2016, p. 65).

Sendo assim, observa-se as redes sociais como um grande mapa que permitiu o encontro de/com muitas minorias: mulheres, homossexuais, negros, transexuais, entre outros, possibilitando a produção de outras políticas silenciadas antes da era globalizada e tecnológica. Ao analisar os gêneros discursivos como os memes, o cartógrafo acompanha os processos de (de)subjetivação e (re)subjetivação da grande massa. Apesar de não estar conectado de forma física aos usuários das redes sociais, o pesquisador-cartógrafo reconhece, nas práticas, uma estruturação capaz de ser diagramada sob diversos pontos de vista.

O sentido produzido em textos verbais, visuais e/ou verbo-visuais é concebido pelo grau de abertura no movimento de leitura (maior ou menor), já que o leitor tem de se recolocar ante a prática discursiva, ou seja, vestir diferentes máscaras de leitura. Por isso, o pesquisador precisa se colocar em diferentes posições para que consiga compreender os diversos tipos de leitores que pode encontrar em todo seu percurso produtivo. Nesse caso, ao tentar se colocar como diferentes leitores, há um acompanhamento processual do texto, isto é, o leitor tenta preencher cada lacuna presente.

Para compreendermos melhor esse percurso cartográfico, é necessário que se exponham algumas informações relevantes, a fim de que se chegue a esse ponto: *entender a prática discursiva como um território*. Diferente de muitos gêneros discursivos que circulam nas esferas midiáticas, nos memes não é possível detalhar exatamente quem os produziu, por isso, descobrir quais foram as motivações para sua criação com precisão torna-se impensável.

Entretanto, compreender, mesmo que de forma incipiente, seu conteúdo informativo por meio de quem o compartilha via rede social é mais fácil, já que, de forma manipulativa, através dos algoritmos, é possível entender que muitos dos “amigos” do *Facebook*, por exemplo, compartilham das mesmas opiniões éticas e políticas que o “produtor” da publicação. Isto é, o *mídiu*<sup>21</sup> contribui para a construção das subjetividades.

<sup>20</sup> Falaremos, mais especificamente, sobre polifonia adiante.

<sup>21</sup> A noção de *mídiu* será vista no capítulo 4.

Então, mesmo que os leitores dos memes não pertençam à mesma classe social, não possuam o mesmo conhecimento acadêmico ou não tenham a mesma rede “física” de amigos, possuem, de certo, algum ponto em comum na cartografia do enunciado, seja pela capacidade crítica em analisar tal prática discursiva, seja pelo teor irônico e satírico que a própria prática produz.

Pode-se pensar que, ao ler e reler determinado enunciado, o leitor torna-se uma espécie de cartógrafo, como mencionado anteriormente, pois pode produzir e reproduzir diferentes leituras ao passo em que (re)cartografa o dito, tendo em vista que o ato de ler pressupõe a mistura com outros textos. Ou seja, os leitores de uma prática, ao relerem tal prática, não são mais os mesmos, por isso, são capazes de produzir outros sentidos ao lê-la novamente, circuito esse que se renova a cada leitura.

*O trabalho do cartógrafo é, além de reconhecer as práticas discursivas presentes nas mídias, distinguir os possíveis territórios que o farão compreender e interpretar uma prática discursiva, buscando diferentes posicionamentos subjetivos para possibilitar mais articulações entre diferentes práticas, colocando-as em relação.* Assim como os geógrafos, os leitores-cartógrafos precisam estar atentos às erosões que poderão encontrar no meio do caminho, sendo preciso, várias vezes, reformular o percurso e buscar uma saída para mapear o terreno que ainda é desconhecido.

Nesse movimento de cartografar os memes, é pertinente estipular uma espécie de caminho percorrido pelo cartógrafo. Pode-se dizer que, para atingir o significado “geral” do enunciado, ele mapeia o texto e perpassa distintas situações. Primeiramente, (i) cartografa o texto, ou seja, como visto, reconhece e mapeia sua superfície como uma espécie de território, para que possa reconhecê-lo. (ii) Após feito o reconhecimento, sugere articulações com outros textos, para isso, recorre ao interdiscurso, resgatando significados extratextuais. (iii) Depois de inferir sobre os signos linguísticos e não linguísticos presentes, o leitor-cartógrafo recorre aos pressupostos e aos subentendidos (MAINGUENEAU, 1996) presentes nessa prática. (iv) A compreensão do que está posto e subentendido gera um reconhecimento, o cartógrafo se reconhece nas informações apresentadas pelo meme. (v) Quando reconhecido, o cartógrafo aceita as propostas enunciativas, produzindo, assim, sua (vi) subjetividade, isto é, o sentido da prática mapeada.

Assim, de acordo com o possível caminho apresentado anteriormente para leitura e “cartografia” do meme, pode-se notar que cartografar um mapa-meme é muito mais que simplesmente mediar uma relação autor-texto-leitor. A leitura cartográfica prevê o compartilhamento entre leitor-texto-suporte-“autor”, de suas subjetividades para trazer sentido

àquilo que parece não ter, por meio das implicações que perpassam a vida íntima do leitor e do autor desconhecido, através da recuperação de práticas discursivas outras.

Ainda, cartografar um texto é permitir que se construam sentidos, através de diferentes subjetividades, já que uma prática discursiva pode estar inscrita em diferentes campos discursivos (MAINGUENEAU, 2008) e se relacionar a mais de um tipo de discurso (MAINGUENEAU, 2013). Ao retornar ao mesmo enunciado após algum tempo, as subjetividades e as implicações que perpassam a figura do leitor podem auxiliar numa mudança cartográfica da produção de sentido, permitindo que sua entrada no texto se dê por outra ramificação do rizoma.

É viável perceber que a relação entre pesquisador e objeto ocorre como uma espécie de tessitura, já que o cartógrafo vai reconhecendo o território exposto e costurando as informações e os movimentos que se constroem por meio do que já traz consigo. A aparente imparcialidade que um texto apresenta em seu “território” é desconstruída pelo universo discursivo em que se encontra o cartógrafo. Não que uma prática discursiva seja criada sem um “desejo” pré-concebido, mas porque a ética é atribuída a ela por meio das implicações que constroem esse leitor enquanto cartógrafo.

Diferentemente de uma pesquisa com um objeto mutável, trabalhar com um uma prática discursiva “pronta” permite a reconstrução e “re-humanização” do pesquisador sob vários pontos de vista.

A investigação, por meio da perspectiva cartográfica, possibilita certa narratividade<sup>22</sup>, já que, ao cartografar um meme, por exemplo, é possível construir um percurso desconhecido, tendo em vista que o território não prevê as múltiplas interpretações possíveis, a depender de quem o cartografa. Há aqui um jogo discursivo não previsto pelos coenunciadores.

Importante perceber que os memes, apesar de não parecerem, *são superfícies habitáveis*, pois, à medida que um indivíduo compartilha em sua rede social esse meme, ele “habita”, temporariamente, essa esfera comunicativa para depois ser descartado por inúmeras outras publicações não previstas pelo usuário. Pode-se dizer que a era virtual é um território recheado de outros territórios, se levarmos em conta que cada indivíduo traz consigo um terreno mutável que se desdobra a cada mudança implicada pelas relações sociais e virtuais com quem tem contato. Dessa forma,

[...] é a expressividade, e não a funcionalidade, que explica a formação territorial. Há territórios a partir do momento em que componentes de meios param de ser

---

<sup>22</sup> Pista 8 (Pistas do método da cartografia) – Todas as citações presentes nesta seção, que não estão sinalizadas, pertencem à pista 8 até o encontro da próxima pista que também estará sinalizada.

direccionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 121 *apud* ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 133).

Haja vista que, para Deleuze e Guattari (1997), a territorialidade se dá por meio da expressividade, pensa-se não só nas redes sociais em si, mas nos hipergêneros e nos gêneros discursivos que circulam nelas, como diferentes tipos de territórios, já que, na virtualidade da fala, há uma expressividade e vontade tamanha de um (eu) se sobrepor a um (outro) por meio da interdiscursividade factível presente em várias práticas discursivas, principalmente, nas práticas discursivas meméticas.

Concomitantemente a isso, pode-se dizer que os memes surgiram por meio das condutas - imitações de textos, transformados por usuários das redes sociais -, “(...) efeitos dos signos expressivos característicos de dado território”<sup>23</sup> (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 134), motivados pelas ações dos usuários das redes sociais, com o intuito de se expressarem de forma “velada”, já que, como dito, não há notoriedade em relação à criação/produção desses enunciados, apenas de seu compartilhamento.

Assim, entendemos o cartógrafo como o receptor e o produtor de significados nessas práticas, já que “(...) o território existencial está em constante processo de produção” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 134). Por isso, afirmar que a elaboração de sentidos dos memes está subordinada ao universo discursivo do leitor-cartógrafo é inescusável, porque é ele quem estrutura e planeja a demarcação do território que será cartografado. Ademais,

A pesquisa cartográfica é menos a descrição de estados de coisas do que o acompanhamento de processos. A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo. Tal aprendizado não será aqui pensado como uma série de etapas de um desenvolvimento, mas como um trabalho de cultivo e refinamento (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 135).

Justamente por cartografar processos aparentemente estáticos, é que considerar a figura do leitor como uma espécie de cartógrafo é profícuo, pois, assim como os pesquisadores que estudam objetos mutáveis, enérgicos e cinestésicos, o enunciado também pode ser fluido, dado que é pelo olhar cartográfico que a concepção do objeto poderá também transmutar até mesmo numa releitura.

Dessa forma, pode-se refletir, também, acerca da leitura das práticas verbo-visuais, que são mediadas pelas relações estabelecidas entre as duas materialidades presentes no texto.

---

<sup>23</sup> Pista 7 (Pistas do método da cartografia) – Todas as citações presentes nesta seção, que não estão sinalizadas, pertencem à pista 7 até o encontro da próxima pista que também estará sinalizada.

Logo, o leitor-cartógrafo precisa estar ciente dos possíveis sentidos trazidos em ambas as partes. Normalmente, por ser mais dominante visualmente, em memes, lê-se primeiro o visual, que parece saltar aos olhos. O primeiro elemento que faz o leitor parar, efetivamente, para ler esses enunciados é o visual, é ele que tem a função de captação.

Após aceita a captação, o cartógrafo passa de uma leitura de captação para uma leitura mais detalhada, a do texto verbal. Assim, é pela demarcação do texto verbal que o cartógrafo volta ao texto visual para buscar preencher as lacunas que, aparentemente, ficaram vazias. Nesse exercício de buscar sentidos entre as materialidades do texto, o leitor-cartógrafo passa a inferir, por meio das pistas deixadas na superfície textual, as subjetividades que perpassam os campos discursivos. Para essa relação, a construção rizomática que se cria na produção e na leitura de práticas verbo-visuais auxilia na “cartografiação” delas.

São as possibilidades de entradas subjetivas do cartógrafo, como forma de intervenção na pesquisa, que fazem com que os processos da perspectiva cartográfica se concretizem, tendo em vista que uma pesquisa-intervenção<sup>24</sup> ocorre no campo real, com objetos vivos. Esse processo, na cartografia do texto, acontece na interação não só entre texto e leitor, mas também entre as implicações que fizeram e fazem parte do dia a dia desse leitor-cartógrafo. *Cartografar um texto é debruçar sobre ele suas implicações, demarcando cada “canto” desse território. É buscar de que modo os sentidos encontrados nas práticas discursivas interferem no campo coletivo e na circulação de novas práticas discursivas. É um querer-compreender-refletir sobre os territórios psicossociais que são possíveis de serem cartografados, tal qual os territórios físicos.*

Sendo assim, o meme, entendido como território, permite que o cartógrafo o compreenda como um lugar desconhecido, assim, precisará mapear cada lacuna, preenchida ou não, para produzir os diversos sentidos possíveis. O geógrafo demarca o espaço territorial desconhecido para “montar” um mapa desse lugar; *o leitor-cartógrafo desconstrói o que é aparentemente conhecido para produzir conhecimento sobre as pistas deixadas por cartografar.*

A narratividade, na perspectiva cartográfica encontrada na leitura de memes, ocorre através dos pressupostos e dos subentendidos, pois, o leitor-cartógrafo constrói sua narratividade baseado nas condições de produção permitidas por essa prática. Mapear as entrelinhas do dito é buscar por novas fontes de informação que possibilitam subjetivar aqueles que se propõem a compreender e interpretar tal prática discursiva.

---

<sup>24</sup> Pista 1 (Pistas do método da cartografia) – Todas as citações presentes nesta seção, que não estão sinalizadas, pertencem à pista 1 até o encontro da próxima pista que também estará sinalizada.



Dessa forma, é fundamental pensar a materialidade visual da prática discursiva como linguagem, já que, tanto quanto a materialidade verbal, é informativa e comunicativa. O visual tende a reproduzir a realidade de forma mais fiel e literal. Ou seja, o que o verbal demora em número de linhas para descrever, o visual mostra “rapidamente”. Nos memes, é notadamente perceptível que a presença do efeito de humor é dado, justamente, no encontro com a materialidade visual, assim como sua subversão. Na verdade, é na situação em que o visual aparece, relacionado ao verbal, que a sátira é produzida.

O leitor-cartógrafo precisa ser capaz de construir possibilidades de acolhimento da plasticidade presente na superfície da materialidade visual do “mapa”, isto é, as configurações tecnológicas capazes de distorcer a realidade imagética vista no meme; e isso conduz para a graciosidade discursiva. Por isso, pode-se dizer que há certa dificuldade em decifrar a produção desse humor. A plasticidade da materialidade visual traz uma sinceridade incapaz de ser latente, como ocorre na narratividade verbal.

Nota-se que o visual pode tratar de alguns conteúdos polêmicos com certa neutralidade, pois pode traçar linhas e percursos que significam de forma menos ofensiva ou dolorosa para esse leitor-cartógrafo, que se expõe ante o território pesquisado. Até chegar às “(in)conclusões” finais de leitura, ele passa por emoções que, talvez, as palavras jamais pudessem descrever. O visual pode provocar diversas sensações, assim como as atividades que perpassam a vida do leitor-cartógrafo. É sobre as sensações vividas por um cartógrafo que a próxima seção trará conceitos.

### 2.3 A sentimentalidade do cartógrafo

A professora e pesquisadora Suely Rolnik estabelece relações entre os estudos cartográficos e a sensibilidade dos pesquisadores em detrimento de sua sentimentalidade. Por isso, intitula seu livro como *Cartografia sentimental*, em que apresenta as pistas de pesquisa baseadas na metáfora das noivinhas. E é sobre essa sentimentalidade e essa sensibilidade do cartógrafo para com o objeto que trataremos nesta seção.

Para Rolnik (2016),

Na filmagem de várias cenas das noivinhas, você só tinha mobilizado, através da câmera, seu olho-do-visível. E o tempo todo, para além desse seu olhar e, conseqüentemente, dos planos propriamente ditos, você tinha mobilizado apenas a sua capacidade de captar a “longitude” das partículas de afeto que percorriam os

corpos: suas relações cinéticas de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, suas paradas e suas precipitações. Ficou faltando uma dimensão muito importante: a dinâmica das ondas e vibrações desses mesmos afetos, o estado intensivo da potência de afetar e ser afetado desses corpos, o conjunto de afetos que os preenche a cada momento – em sua, sua “latitude” (ROLNIK, 2016, p. 39).

A citação apresentada pode elucidar metaforicamente a posição do leitor enquanto cartógrafo de enunciados, já que tal latitude pode ser interpretada como o ângulo virtual que sucede, tanto ao sul como ao norte, o direcionamento escolhido por esse leitor-cartógrafo. Quando a autora aborda o olho-do-visível, remete apenas àquilo que se pode ver no plano da superficialidade, ou seja, aquilo que se apresenta na superfície textual. Mas, ao se relacionar com o texto e compreendê-lo como um território que precisa ser mapeado, as dimensões que se podem encontrar na cartografia dele transpassam do nível superficial para o nível profundo, aquilo que se apresenta nas entrelinhas discursivas, com o auxílio das sensações exigidas por seu corpo à medida que lê.

Sendo assim, na relação afetiva – entendendo “afetiva” não só como um substantivo, mas também como um verbo - com os memes, o cartógrafo pode passar a perceber essa afetividade entre o que ele compreende (subentendido) e o que ele lê (posto). O que parece restrito ao olhar do leitor, quando transformado em cartógrafo, pode ser mapeado de forma mais nítida, mais complexa e mais descritiva para o olhar de quem está habituado a tentar “desvendar” o mundo sob distintas subjetividades.

A relação do cartógrafo com o texto deve acontecer como um *encontro afetivo*, estabelecendo relações paradoxais entre os corpos – do cartógrafo e do próprio texto, já que a leitura supõe consistência subjetiva e abertura para a composição de um campo de afetação. É pertinente que esse encontro aconteça de forma natural, revelando, aos poucos, não só o que está posto no enunciado, como também as subjetividades permitidas pelo cartógrafo para conseguir mapear todo espaço percorrido. De certo, diferente do que acontece com o geógrafo, que demarca um território e altera os direcionamentos de outros indivíduos, o cartógrafo, ao demarcar o território-texto, *além de afetar o outro, é profundamente afetado por aquilo que foi lido*.

Tratando-se especificamente do cópuz estudado, nos memes, principalmente os que contemplam um teor político em seu discurso, há uma relativização do pensamento individualista que acaba por carregar uma grande massa com o intuito de captar uma maior quantidade de “seguidores” que compactuem com o mesmo pensamento. Essa *afetivação* que associa território e cartógrafo colabora com uma produção mais eficaz e concisa dos memes. “(...) o que captamos é que, através de movimentos do desejo visíveis e invisíveis, houve

produção real social; e que o desejo é, fundamentalmente, essa produção” (ROLNIK, 2016, p. 45). Dessa forma, “As cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro. Concluindo: **a produção do desejo de realidade, é ao mesmo tempo (e indissociavelmente) material, semiótica e social**” (Grifos da autora) (ROLNIK, 2016, p. 46).

É preciso que o cartógrafo possa desterritorializar-se primeiro para depois mapear esse novo território. Assim, deve ser seu olhar que se coloca sob várias ópticas para entender as possíveis enunciações trazidas nas manifestações discursivas, em forma de protesto, através dos memes, já que essas práticas têm a capacidade de revelar questionamentos que, talvez, numa prática de teor menos jocoso não fosse possível. Por isso, explicando a cartografia sob o viés das linhas da vida, Rolnik (2016, p. 50) vai dizer que existe uma linha do desejo atrelada à simulação. Para a autora,

A segunda linha, a da simulação, faz um vaivém, um duplo traçado inconsciente e ilimitado. Um primeiro, que vai da invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente composição de territórios. É o percurso do movimento de territorialização. E um outro traçado, inverso: ele vem do visível, consciente, dos territórios, para o invisível, inconsciente, dos afetos escapando. É o percurso do movimento de desterritorialização. Essa segunda linha, portanto, é *double-face*: uma face na intensidade (invisível, inconsciente e ilimitada) e outra na expressão (visível, consciente e finita).

Assim, o leitor, ao simular e reconhecer no inconsciente o território mapeado, passará a ser subjetivado por essa produção de afetos estabelecida pelos processos que se permeiam virtualmente, na medida em que o cartógrafo compõe o território conscientemente. Ou seja, essa *double-face*, da qual fala Rolnik (2016), projeta, nessa perspectiva, um cartógrafo que vai do irreal e invisível para o real e visível.

Para nosso *cópus*, essa sentimentalidade metafórica textual, isto é, a afetividade possibilitada por meio da comparação das práticas discursivas com outras práticas discursivas, é parodiada pelas relações dialogais propostas pelo mapeamento dos memes. A produção comunicativa, oriunda dos enunciados virtuais, suaviza a “ameaça” *memética* que carrega o discurso polifônico nesses enunciados. Aqui, as relações sociais ou o reconhecimento entre os indivíduos acontece atravessado por essas plataformas, que não são neutras.

Numa espécie de mercado virtual, o cartógrafo se vê aceitando ou não o compartilhamento desses textos pelos seus “amigos”, quando para para tentar cartografar os enunciados que foram aceitos. É possível o cartógrafo se reconhecer no Outro por meio dos compartilhamentos que são feitos pelos usuários. É essa afetivação e esse aceite que podem subjetivar esse mapeamento aparentemente invisível. Atribuído a isso,

[...] em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido – em suma, de crise. Mas ela está sempre prestes, também, a oscilar na direção do encadeamento, da imediatez do movimento de simulação. É quando um território “pega”, ganha credibilidade, “faz sentido”, o que em termos subjetivos se traduz com sensação de familiaridade; e dá alívio (ROLNIK, 2016, p. 51).

Os memes também permitem uma produção polifônica por meio de seus compartilhamentos, já que, à medida que um indivíduo propaga tal enunciado, nasce uma nova “voz”. Ademais, a leitura dos memes permite uma enunciação produzida nos meandros da polifonia, o que será visto na seção que segue.

#### 2.4 O leitor-cartógrafo polifônico

Nesta seção, relacionaremos as concepções trazidas por Ducrot (1987), em relação à polifonia, ao conceito de cartógrafo apresentado por Rolnik (2016). Acreditamos que a figura do leitor só pode se tornar um leitor-cartógrafo se reconhecer a polifonia presente nas práticas meméticas.

Desse modo, pode-se perceber que a subjetivação dos enunciados é construída por meio das relações polifônicas, que é constitutiva dos textos, e que se configura, também, como próprias do cartógrafo – que se constrói mediante esse “jogo” interdiscursivo. Assim, tem-se o conceito de polifonia como as diferentes vozes presentes em um enunciado. Posto isso, “(...) polifonia, originalmente, refere a uma classe de composição musical, caracterizada pela sobreposição de muitas vozes ou muitos instrumentos, exprimindo cada qual suas idéias (sic), quase sempre em ritmos diferentes” (BORBA, 1963, p. 392 *apud* BARBISAN; TEIXEIRA, s/a, p. 162).

Tomando esse conceito como base, a polifonia presente nos memes pode partir tanto do próprio enunciado, na medida em que agrega enunciados verbais e enunciados visuais distintos num mesmo conjunto; quando do leitor, ao passo que constrói seus sentidos por meio dos possíveis conhecimentos estabelecidos por ele próprio.

Dessa forma, a ideia central de polifonia apresentada neste capítulo baseia-se nas noções postuladas por Ducrot (1987), que considera polifônico não só o enunciado, mas o desdobramento enunciativo nas possibilidades apresentadas no próprio enunciado. Tal qual

ocorre na leitura e na interpretação dos memes – ao ser considerado como um território possível de ser cartografado.

Ainda pensando a posição desse novo tipo de cartógrafo ao encontro de uma subjetivação, na leitura de memes políticos, a expressão do pensamento de outrem é dado por meio, normalmente, da correlação dessas duas materialidades: verbal e visual. Logo, ao mapear esse meme, é possível não só postular várias unidades enunciativas, como também reconhecer que o cartógrafo é, além de leitor, o locutor que materializa sentidos ante essa enunciação polifônica. Assim,

As concepções de Descartes, Port-Royal e Bally e a teoria dos atos de fala apresentam raízes diferentes: as de tipo cartesiano se apóiam (sic) sobre uma análise do pensamento, enquanto Searle se ocupa da atividade de comunicação. Além disso, a força ilocutória caracteriza a enunciação de uma frase. Já quando se diz que o pensamento significado por uma frase é uma reação a uma representação, não se diz que a reação comanda a enunciação. Essa relação diferente entre a força ilocutória e a reação em relação à enunciação tem consequência (sic) quanto à identidade do sujeito. Assim, o sujeito do ato ilocutório é o sujeito falante; na concepção de Bally, não se percebe uma identidade entre o sujeito da reação comunicada e o sujeito falante. Ao contrário, a dissociação entre esses dois sujeitos é fundamental para Bally. Ducrot se posiciona em relação a esses fatos dizendo que o sentido concerne à enunciação, como afirma a teoria dos atos de fala, mas ele admite também que o sentido pode mostrar outros sujeitos, diferentes do sujeito falante (BARBISAN; TEIXEIRA, s/a, p. 163-164).

A maneira pela qual esse cartógrafo expõe seus pensamentos diante dessa prática discursiva verbo-visual diz muito sobre qual direção subjetiva decidiu seguir. No entanto, ao passo em que consegue cartografar mais de uma subjetividade, é capaz de sobrepor-se não só ao seu conhecimento, como o de muitos indivíduos, ou seja, como afirma Ducrot (1989), “a capacidade de ser múltiplo” na encenação cartográfica.

Ducrot (1989) reitera que os diversos pontos de vista existentes num enunciado são concebidos como uma “concepção teatral da enunciação”, em que a máxima do sentido produzido só é representada sendo confrontada por diferentes pontos de vista “(...) que se justapõem, se superpõem ou se respondem” (DUCROT, 1989, p. 178).

Corroboradas as noções dos tipos de desdobramentos de indivíduos que podem existir na comunicação, torna-se pertinente representar um circuito de categorias de produção de significação que esse indivíduo perpassa até atingir a posição de cartógrafo. Além disso, o circuito visa à maturidade da figura do leitor e tudo aquilo que pode “decodificar” ao produzir sentidos numa prática discursiva visual ou verbo-visual.

## Desdobramento Cartográfico



Fonte: A autora, 2018.

O circuito apresentado define o caminho no desdobramento de identificador até se tornar um leitor-cartógrafo, pois acreditamos que um leitor-cartógrafo, obrigatoriamente, passa pelos estágios anteriores, já que, se ele não sabe identificar, ler e reconhecer as vozes presentes na prática, será incapaz de produzir subjetividades distintas prevista em uma mesma prática discursiva. Dessa forma, primeiro, o meme é reconhecido por um identificador – capaz de perceber as duas materialidades - verbal e visual - presentes nele, entretanto, não de relacioná-las, isso pode acontecer quando um leitor brasileiro, que não sabe inglês, por exemplo, identifica o meme como meme, mas é incapaz de lê-lo por não conhecer o código linguístico em que fora materializado. Quando o meme é reconhecido pelo leitor, este já consegue atribuir relações possíveis entre suas materialidades, produzindo algum sentido. Já o estágio de locutor, baseado nas premissas ducrotianas, pode, além de reconhecer as vozes presentes nas duas materialidades do meme, atribuir subjetividade ao conjunto textual. O locutor é capaz de reconhecer a rede interdiscursiva por meio da leitura polifônica. Por isso, ao atingir o estágio de leitor-cartógrafo, o meme será identificado, relacionado e reconhecido sob diferentes pontos de vista, já que o intuito desse circuito é mostrar a importância de se atingir seu estágio final em memes cujas bases de “origem” não são identificáveis tão facilmente. Em outras palavras, o leitor-cartógrafo mapeia o território e pode encontrar distintos sentidos, já que desdobra o subentendido e se desloca de sua “zona de conforto”, procurando subjetividades que destoam daquelas com as quais se alia. Assim,

No capítulo 1 de *Les mots du discours* (1980, p. 43), Ducrot faz a primeira alusão ao conceito de polifonia, que ele formula junto à tese de que o enunciado veicula uma imagem de sua enunciação. A idéia (sic) central desenvolvida pelo autor é que, nessa descrição da enunciação que constitui o sentido do enunciado, se deve distinguir o autor das palavras (locutor) e os agentes dos atos ilocutórios (enunciadores). Ao par locutor/enunciador, Ducrot associa o par alocutário/destinatário. O alocutário é aquele a quem a enunciação do locutor se dirige e o destinatário é aquele a quem os atos ilocutórios produzidos pelo enunciador efetivamente se destinam (BARBISAN; TEIXEIRA, s/a, p. 166).

Importante ressaltar que, para Ducrot (1989), não é a mera atribuição discursiva a outro que podemos chamar de polifonia, mas sim as diferentes atribuições significativas que se pode conceder ao enunciado. O autor ainda dicotomiza essa polifonia advinda do locutor e

dos enunciados. Na perspectiva cartográfica desse estudo, o locutor, como visto, passa a ser o cartógrafo no estágio do desdobramento cartográfico, tendo em vista que pode atribuir sentidos através do campo discursivo no qual as práticas discursivas se instauram. Já os enunciadores seriam os próprios memes políticos que desenvolvem essa polifonia – que é “desmascarada” pelo cartógrafo.

Para Ducrot (1989), “(...) o pensamento expresso no enunciado não é obrigatoriamente o do sujeito falante e de que este assume determinadas atitudes relativamente ao conteúdo do enunciado, baseado em Genette, propõe uma concepção teatral da enunciação” (BARBISAN; TEIXEIRA, s/a, p. 178). Isto é, a polifonia, presente no enunciado analisando, é um dos processos nos quais o leitor-cartógrafo precisa estar atento ao mapear um território-meme.

Ademais, os discursos proferidos nos memes políticos são pautados no sentido produzido na argumentação, no sentido de convencer e com o intuito de interrogar tal leitor-cartógrafo. A persuasão ocorrida nesses textos acontece de forma descrita e mostrada, tentando convencer o leitor-cartógrafo de, talvez, não haver uma polifonia nem uma rotulação de pensamento. Já tendo dito que nos memes da internet, que são compostos de modo verbo-visual, a ideia de captação está na materialidade visual, é válido ressaltar que é por meio das escolhas lexicais e seus possíveis sentidos que o meme político apresentará diferentes posições polifônicas.

Com isso, pensar a posição do cartógrafo em “ação” é entender sua prática como “(...) formulações de desejo no campo social” (ROLNIK, 2016, p. 65). À vista disso, o leitor-cartógrafo reconhece esse campo social permeado por essas múltiplas vozes que aparecem na “paisagem”, veladas como fontes de informações variadas.

Para o cartógrafo, a sua relação individual com o enunciado ocorre tanto de fora para dentro como de dentro para fora, já que busca estabelecer elos físicos com ele, percorrendo suas pistas, com o intuito de compreender tais encenações discursivas. Ou seja, como afirma Rolnik (2016), o desejo do cartógrafo não é de explicar nem de entender, mas “mergulhar na geografia dos afetos” para tecer as pontes que se estabelecem da coesão virtual existente entre as materialidades.

Sendo assim, o leitor-cartógrafo não concebe a linguagem apenas como elemento de comunicação, mas também como um dispositivo capaz de interligar contextos aos quais parece não poder ser conjugado. O desejo encoberto está na descoberta, na possibilidade de relacionar aspectos de diferentes áreas, de produzir uma realidade naquilo que parece ser irreal. Afirmar isso é notar que o leitor-cartógrafo é capaz de “reinventar” as entrelinhas enunciativas em função daquilo que lhe parece factível.

A necessidade de cartografar territórios vem do desejo de não precisar ser limitado, de produzir a realidade por meio de suas experiências “dentro e fora” da prática - com o mundo. Assim como a própria linguagem, o leitor-cartógrafo é um ser híbrido, feito das sensações e dos convívios sociais que as implicações éticas lhe permitiram. Apesar de parecer poético, o cartógrafo pretende desestabilizar as repressões latentes nas enunciações que dispõe no dia a dia.

Assim, o leitor-cartógrafo sabe da disparidade que atesta a realidade, das estratégias persuasivas que direcionam a produção de sentidos e manipulam o “simples” leitor na escolha por um “lado”. Mesmo que não haja, necessariamente, “lados”, os indivíduos precisam cristalizá-los para se afirmarem e dicotomizarem a sociedade, fantasiando uma disputa por poder.

Em seu livro, Rolnik (2016) atesta que há um manual do cartógrafo e que este carrega consigo seus critérios, princípios, regras e roteiros de preocupações, talvez para mascarar alguns pensamentos e poder, ainda, conviver em sociedade. Para a autora, o critério de avaliação dele é baseado nas premissas permitidas nas relações humanas. Mas, focado na ideia de leitor-cartógrafo, é ele que vai dar limite aos seus pensamentos e invasão ética, à medida que a própria prática discursiva permitir. Isto é, em determinados contextos de produção de sentido, não é necessário apontar todas as possibilidades polissêmicas dos sintagmas para não carregar para si próprio aquilo que não fora desmistificado pela ambiguidade.

A autora ainda afirma que o princípio do cartógrafo é extramoral, já que vai além de um parâmetro básico, focando no afeto e, por isso, ele acaba sempre mudando de princípios. Ou seja, para o cartógrafo, o que pode parecer aceitável em um momento da vida, em outro, pode mudar, devido às relações sociais que atravessam seu caminho. Além disso, o cartógrafo tem como regra as certezas da vida que carrega consigo mesmo, “(...) um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um “limiar de desterritorialização”” (ROLNIK, 2016, p. 68).

Como um ser político que é, o cartógrafo se sustenta na micropolítica, bem como no poder de subjetivação que produz enquanto cartografa o território, ao produzir e ao reproduzir diferentes discursos nas possibilidades previstas na cartografia da prática discursiva. É o desejo de singularizar algumas informações por meio do “imaginário da libertação” (ROLNIK, 2016), produzindo novas sociedades devido a sua capacidade de criar “novos mundos”. Nas palavras da autora,



“Cartógrafo, quando queremos enfatizar que ele não “revela” sentidos (mapa da mina), mas os “cria”, já que não está dissociado de seu corpo vibrátil: pelo contrário, é através desse corpo, associado ao uso molar de seus olhos, que procura captar o estado das coisas, seu clima, e para eles criar sentidos (ROLNIK, 2016, p. 71).

Desse modo, o cartógrafo é capaz de se mascarar como diferentes seres de “fala”, não no sentido denotativo da palavra, mas na capacidade que tem de se sensibilizar ante vários discursos e conseguir se relocalar para realçar um pensamento que jamais teria sido o seu; a capacidade de micropolitizar os enunciados é uma característica marcante dele. Pode-se dizer que, quando o locutor vira um leitor-cartógrafo, é capaz de perceber a polissemia no próprio eu, justamente por conseguir atribuir sentido conotativo a si mesmo, enquanto desterritorializa aquilo que já fora territorializado.

À vista disso, pensar que o leitor-cartógrafo é qualquer indivíduo a qualquer instante é insano, já que, como visto, nem todo “identificador” atinge o nível de leitor-cartógrafo, nem todo indivíduo é leitor-cartógrafo de toda prática. Na verdade, nas mídias digitais, o indivíduo é leitor-cartógrafo das práticas meméticas que o captam, pois, na maioria das vezes, é apenas um identificador que deixa passar vários territórios que, talvez, jamais serão cartografados.

Nas redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, por exemplo, há uma quantidade significativa de identificadores, tendo em vista que o modo de ler em um suporte tão amplo supõe efemeridade, devido ao excesso de textos, entretanto esses identificadores compartilham informações cujas notícias, muitas vezes, são falsas. Por isso, não se pode chamar qualquer indivíduo de leitor-cartógrafo, uma vez que cartografar um texto está estritamente ligado à afetividade permitida na interação direta com a prática discursiva.

Diante de tudo isso, apresentar a proposta de um indivíduo que se torna cartógrafo é ampliar o campo de possibilidades na e para a leitura, que permite a produção de sentido das práticas discursivas com as quais se depara em seu dia a dia. Não que tenhamos de ser leitores-cartógrafos de todos os memes políticos com os quais nos deparamos, mas que, ao propormo-nos a ler um, possamos nos desdobrar e recolocarmo-nos em outros lugares, tentando compreender esse jogo discursivo que é dado a priori. Sendo assim, acreditamos que a concepção de leitor-cartógrafo pode permitir graus de abertura distintos aos leitores de “novas” práticas discursivas.

Tendo em vista o *córpus* da pesquisa citado até aqui, na próxima seção serão apresentadas as noções que se revelam através dos discursos por meio do visual, levando em conta a discursividade presente nesse signo que faz parte da sociedade há tanto tempo.

## **PARTE II - O CAMPO PRODUTOR DE PISTAS PARA A ANÁLISE**

Nesta seção, encontraremos alguns postulados acerca do visual (JOLY, 1996; PEIRCE, [1839-1914] 2005; BARTHES, 1990), que sustentam nossa escolha para análise da materialidade visual que aparece em nosso cópuz, bem como as noções acerca do termo meme (DAWKINS, 197), dos memes da internet (SHIFMAN, 2013;2014) e dos memes políticos (CHAGAS, 2018; 2019), que contribuem para os embates discursivos, para o ciberativismo e para a persuasão (SANTAELLA, 2012) que possibilitam tais gêneros. Ainda, revisitaremos as noções acerca dos hipergêneros e dos gêneros discursivos (MAINGUENEAU, 2013), que auxiliam o leitor a compreender nossa escolha ao chamarmos os memes políticos de gêneros discursivos. Ademais, apresentamos um encontro com as teorizações de Possenti (2018) acerca do humor que, nas práticas discursivas meméticas, pode ser reconhecido como um dos efeitos produzidos por essas práticas que suscitam tantos outros sentidos.

### **3 O DISCURSO DO VISUAL**

Tendo em vista a universalidade dialógica das práticas discursivas visuais, neste capítulo, apresentaremos alguns aspectos relevantes à leitura e à análise das práticas que se materializam como um conjunto de signos, verbal e visual. Logo, enfatizaremos, neste capítulo, os elementos necessários à análise da materialidade visual que se encontra nos memes políticos de nosso cópuz. Visto que o estudo da Semiótica não é novo, neste capítulo, não pretendemos mostrar a “gênese” da materialidade visual nem esgotar as postulações propostas acerca dessas materialidades, haja vista os trabalhos de Barthes (1990), Peirce ([1839-1914] 2005), Santaella (2012), Joly (1996), entre outros, que cumprem papel importantíssimo para esses estudos.

Posto isso, pretendemos apresentar alguns postulados para análise e para leitura do visual que contribui para a materialização das práticas discursivas meméticas, calcados nos estudos de Joly (1996) e Peirce ([1839-1914] 2005). Ademais, traremos alguns postulados da teoria de Barthes (1990), para análise de fotografias, e uma proposta de aproximação dos efeitos discursivos pretendidos pelas publicidades e pelas propagandas (SANTAELLA, 2012),

que se podem encontrar ao analisar os memes políticos que são materializados de modo verbo-visual.

Pretendemos, desse modo, através do já postulado, enfatizar a necessidade da leitura e da análise do visual que compõem os memes políticos através de fotografias que recuperam outros ditos. Outrossim, este capítulo pretende mostrar de que forma os recortes visuais, que são feitos nos memes, bem como os elementos que colaboram para a construção de suas paródias, contribuem para os efeitos de sentido presentes nas práticas discursivas meméticas deste corpus, que se constituem, quase que exclusivamente, verbo-visualmente.

### 3.1 Definindo as noções de imagem...

Desde os primórdios, a comunicação humana ocorre através da linguagem visual, tendo em vista que muitos paleontólogos e historiadores reconhecem a comunicação entre os indivíduos por meio dos desenhos encontrados nas cavernas em tempos passados, por exemplo. Não levar em conta a discursividade presente no visual que compõem as práticas discursivas meméticas é não perceber a relevância que ele possui na e para a sociedade desde “sempre”.

Não se pode mais pensar que a figura do leitor é apenas aquela que lê somente as letras e as palavras que compõem a língua, mas também a figura capaz de se comunicar através de elementos não linguísticos, caso da materialidade visual. Há muito tempo, as sociedades se comunicam por meio desses signos, seja através das cores, tal qual os semáforos, seja através dos ícones, tal qual uma saia ou uma bermuda em porta de banheiro para determinar o “gênero”<sup>25</sup> daqueles que devem entrar em tal cômodo.

Partindo do sentido da retórica da imagem<sup>26</sup>, Barthes (1990) rememora o sentido “primeiro” de uma antiga etimologia da palavra que estaria ligada ao radical *imitari*. Talvez, a etimologia da palavra é que pôde, por muito tempo, ter descredibilizado a relevância discursiva de tais signos, já que ela estava associada à imitação. Não que não se tenha

---

<sup>25</sup> Não abriremos uma discussão acerca do que se constituiu como gênero na sociedade contemporânea, estamos apenas elucidando uma estereotípia social, em que saias e/ou vestidos representam pessoas que nasceram sob o gênero feminino, bem como bermudas e/ou calças que representam pessoas que nasceram sob o gênero masculino.

<sup>26</sup> Embora, para nosso estudo, a nomenclatura imagem não seja a adequada, haja vista a opção pelo uso de visual, muitos estudiosos da área utilizam a palavra *imagem* exaustivamente para se referirem à linguagem visual, por isso, será visto tal léxico em alguns momentos do capítulo.

imitação através do visual, mas, para além disso, há representação do real, significação cultural e uma linguagem unificadora, já que eles podem ser compreendidos, se estereotipadas, mundialmente; caso de alguns signos visuais que representam marcas famosas de roupas, de comidas, de sapatos, entre outros, por exemplo.

Desse modo, é necessário que possamos compreender como se apresenta a interdiscursividade dos signos visuais e de que modo eles contribuem na e para a materialização de algumas práticas discursivas midiáticas, principalmente as meméticas. Sendo assim, a partir do advento das mídias, esses signos passaram a aspirar outras funções, já que, na contemporaneidade, não é possível considerar o visual apenas como elemento indicial, ou seja, que representa ou corresponde a outro, pois, ao considerarmos “só” isso, desconsideramos a qualidade dialógica (BAKHTIN, 2011) dele. Ou seja, ele representa, sim, outrem, mas também pode suscitar subjetividades que não estejam impregnadas apenas àquilo que se vê na materialidade discursiva.

Com o intuito de compreender de que modo a sociedade se constitui, também, através da materialização do visual nas práticas discursivas, debruçamo-nos às postulações de Joly (1996), que leva em consideração a capacidade de significação daquilo que se pode notar como signo. Apresentando as distinções acerca dos signos estudadas por Saussure (1974) e por Peirce (1978), a autora mostra a dicotomia proposta por Saussure (1974) *significante versus significado*, acerca da concepção de signo, em que a primeira diz respeito à imagem acústica e a segunda a representação de tal imagem, dita pelo autor como uma relação totalmente psíquica. E a proposta de Peirce (1978) afirma que o processo de significação dos signos ocorre por uma tripla produção de sentido: *representamen* (significante), interpretante (significado) e objeto (referente e/ou realidade externa). Isto é, diferente do que propõe Saussure ao estudo dos signos, que postula uma dicotomia para eles, Peirce propõe que, para além do fenômeno psíquico proposto por Saussure, a relação de referência com o objeto se faz presente. “(...) a face perceptível do signo, “representamen” ou significante; o que ele representa, “objeto” ou referente; e o que significa, “interpretante” ou significado” (JOLY, 1996, p. 33).

Além dessa relação triádica, Peirce ([1839-1914] 2005) também apresenta uma tipologia dos signos, ou seja, tipos de signo. Para o que se propõe nosso estudo, vamos dar ênfase a esses tipos de signo que se baseiam em *índice*, *ícone* e *símbolo*, que resulta da relação entre objeto e *representamen*. Dito isso, os signos tanto podem ser indiciais, icônicos ou simbólicos, como podem ser predominantemente de um tipo e apresentar também características dos outros tipos. O índice diz respeito à projeção que tal objeto faz à situação:

sentir cheiro de fumaça implica proximidade do fogo, logo, a fumaça é um elemento indicial, indica a proximidade de algo. O ícone é reconhecido pela semelhança com o objeto representado “(...) um desenho, uma foto, uma pintura figurativa retomam as qualidades formais de seu referente: formas, cores, proporções, que permitem reconhecê-los” (JOLY, 1996, p. 37). Finalmente, o símbolo, que possui inextricável relação de convenção - o alfabeto da Língua Portuguesa, por exemplo, é o conjunto de símbolos que permite a comunicação entre a população brasileira. Ou podemos citar a palavra “gato”, por exemplo, já que esse vocábulo funcionaria como um símbolo convencional para a materialização dos elementos psíquicos, cuja existência de um felino pode ser reconhecida na Língua Portuguesa.

Assim, a partir dessa tríade, podemos perceber que o estudo do visual está associado à noção de ícone propagada por Peirce ([1839-1914] 2005), tendo em vista que os signos visuais são representações que simulam a realidade, que a imitam ou que tentam congelar um momento, fazendo com que já não seja mais a realidade em si, mas uma representação ou recorte dela, caso das fotografias, que veremos mais adiante, e que compõem os memes.

Logo, para análise da materialidade visual das práticas discursivas presentes no corpus deste estudo, é importante que possamos nos colocar como cartógrafos delas, analisando o visual como um território que precisa ser cartografado, como visto no capítulo 2. Isto é, não estamos em busca do sentido autoral do visual, nem de quem o criou e o captou, o que importa, para nosso estudo, é o lugar de perceptor das convenções que subjazem o próprio visual. Por isso, para a análise dos memes políticos, o que importa mesmo é a restrição do lugar e do tempo (MAINGUENEAU, 2008), o que eles implicam, o que falam e por que falam.

Com o intuito de categorizar o estudo sobre as materialidades visuais, debruçar-nos-emos a algumas concepções de Joly (1996), que elenca elementos que contribuem para compreensão da materialidade visual, isto é, o visual possui distintas funções discursivas. Em princípio, podemos nos ater ao prazer frutivo proporcionado pelo estudo e pela análise do visual, já que ele proporciona um *afertar-se* distinto do *afertar-se* com a materialidade verbal. Ainda, podemos perceber de que modo a materialidade visual é descritiva e pedagógica, haja vista sua especificidade no dizer e as possíveis relações subjetivas que propicia em determinado campo discursivo. Ou seja, ela orienta para caminhos distintos que não são previstos pela materialidade verbal. Assim,

Demonstrar que a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio dos signos particulares dela, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência

ou presença significam; relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar (JOLY, 1996, p. 48).

Além da função pedagógica, o estudo dessa materialidade visa à *busca* ou à *verificação* (JOLY, 1996) do funcionamento da mensagem visual, seja ela boa ou ruim. É importante que o analista, nesse caso, possa perceber, através da busca e da verificação, por que tal vinculação imagética teve um bom atendimento do público ou não. Pode-se associar essas funções, principalmente, às práticas discursivas publicitárias que buscam, através do visual, um convencimento de seu interlocutor para a efetivação da compra de tal produto.

Até o momento, pudemos perceber que o universo discursivo em que circulam tais práticas visuais é primordial, pois, de acordo com sua função discursiva, dizem o que dizem porque necessitam projetar novas enunciações a partir do que foi permitido numa interação “primeira”, ou seja, a relação entre o Mesmo/Outro vista no capítulo 1. Através do estudo dos signos visuais, o que se diz também remete a um já dito, mas é preciso que o analista tenha mais sensibilidade às pistas deixadas visualmente na superfície da prática, que se materializa através do verbal e do visual em nosso córpus.

Em relação às pistas deixadas na superfície, é importante que o analista possa se atentar que a verbalização da materialidade visual permite certa manipulação discursiva, pois, ao restringir o universo visual, o analista acaba por “recortar” o objeto por meio de alguma(s) subjetivação(s), delimitando-o. A relevância do estudo do visual se dá justamente pelas possibilidades discursivas não previstas pela figura do leitor, que precisa se desdobrar para atingir sentidos múltiplos por meio das rupturas e dos ligamentos permitidos ao cartografar o visual nos memes, por exemplo. “Essa passagem do “percebido” ao “nomeado”, essa transposição da fronteira que separa o visual do verbal é determinante nos dois sentidos” (JOLY, 1996, p. 72). Isto é, a materialidade visual, que se constitui como semelhante às coisas do mundo, permite uma facilidade de decifração, já que corresponde aos aspectos culturais do próprio mundo. Para que se possa perceber tais postulações, é possível fazer o exercício inverso: projetar o visual a partir do verbal “(nomeado/percebido)”, já que recuperar a partir do visual, o que foi dito verbalmente, requer “escolhas”.

As práticas discursivas visuais podem ser dicotomizadas como signos icônicos/figurativos ou plásticos (JOLY, 1996). O primeiro reproduz, através da semelhança, aspectos da realidade, numa relação análoga; e o segundo são plásticos porque correspondem às cores, às formas, à composição e à textura do visual. É na relação que há entre esses signos que “nasce” a linguagem visual. Nos memes da internet, por exemplo, há a materialização do

que é figurativo, mas também se pode encontrar objetos plásticos que proporcionem críticas e reflexões acerca de determinada situação sociopolítica ou de determinada personalidade.

Importante assinalar a função da metáfora e da metonímia como relevantes no estudo do visual. A metáfora como elemento de similaridade; e a metonímia, de contiguidade. Assim como em diversas práticas discursivas visuais ou verbo-visuais, nos memes políticos, a metáfora e a metonímia se fazem presentes, já que estabelecem com as outras práticas discursivas, por meio do visual, uma relação de similaridade, no caso das paródias, e de contiguidade em relação à alocação de algum elemento que é acrescido à enunciação para marcar a subversão em relação à prática com a qual dialoga.

Rememorando o trabalho de Barthes (1990) acerca de uma “literatura” para a imagem, nota-se um querer-dizer nos signos visuais distinto do que aparentemente se diz. Ou seja, assim como a materialidade verbal, a materialidade visual é carregada de implícitos que permitem distintas subjetividades a partir de uma enunciação visual, por exemplo. A relação entre o sentido denotado e conotado também se faz presente nas enunciações visuais e em sua correlação com a materialidade verbal.

Verbal e visual salientam a interação entre os signos, já que, em muitos casos, a materialidade visual e a materialidade verbal se complementam na função social de enunciar, seja para revelar uma verdade, seja para revelar uma mentira, constituindo-se com uma prática multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001)<sup>27</sup>. “É a conformidade ou não conformidade entre o tipo de relação imagem/texto e a expectativa do espectador que confere à obra um caráter de verdade ou mentira” (JOLY, 1996, p. 117).

Assim, é na relação entre visual e verbal que o último regressa um esclarecimento para compreensão e análise do primeiro. Alguns procedimentos em relação a essa conjunção entre os signos podem ser estabelecidos por processos retóricos, como a suspensão – que confere relação com as projeções esperadas pelo enlaçamento entre as linguagens; a alusão – que faz com que a palavra contribua para a relação que se estabelece entre as linguagens, como no caso citado por Joly (1996) da pintura de Magritte “Isto não é um cachimbo”; e o contraponto – quando o verbal apresenta um “certo número de informações” acerca do visual. Mas, para além desses mecanismos, ainda há a noção de revezamento proposta por Barthes<sup>28</sup> como uma

---

<sup>27</sup> Embora não tenhamos apresentado nenhum postulado acerca da “multimodalidade”, é importante que possamos mostrar que a relação que se estabelece entre as materialidades verbal e visual constitui uma prática cuja produção de sentidos se dá por meio da multimodalidade. Em futuras pesquisas, pretendemos nos aprofundar acerca do estudo multimodal, haja vista que muito interessa à pesquisadora.

<sup>28</sup> Falaremos sobre a complementaridade (BARTHES, 1990) na seção a seguir, caracterizada por Barthes (1990) também como *relais*.

função substancial para leitura do verbal/visual, já que é na complementaridade entre as materialidades que muitos gêneros discursivos conseguem produzir significação, tal qual a maioria das peças que compõem o *córpus* estudado.

A complementaridade entre os signos não se trata apenas de uma espécie de revezamento, em que a figura do leitor passa a cada uma das linguagens para produzir sentido no que lê, é a restrição dos sentidos que pode o visual exceder. “(...) uma interpretação que excede a imagem, desencadeia palavras, um pensamento, um discurso interior, partindo da imagem que é seu suporte, mas que simultaneamente dela se desprende” (JOLY, 1996, p. 120). Ainda, Joly (1996, p. 121) enfatiza que

A complementaridade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam umas das outras. Não há qualquer necessidade de uma co-presença da imagem e do texto para que o fenômeno exista. As imagens engendram as palavras que engendram as imagens em um movimento sem fim.

Logo, podemos perceber que, para o *córpus* desta pesquisa, é necessário levar em conta essa relação de significação “infinita” entre verbal e visual, tendo em vista que a maioria dos memes políticos que estão presentes neste estudo são compostos por legendas e por fotografias de personalidades políticas. Ou, então, são formados por construções verbo-visuais que remetam a essas personalidades políticas, mas também por memes políticos formados a partir dos ideais que circundam os movimentos partidários direita *versus* esquerda. Levando em conta que o visual dessas práticas discursivas se dá por meio das fotografias, é importante que possamos apresentar, sob um olhar mais cuidadoso, as noções teóricas que perpassam tal signo. A seguir, apresentaremos os postulados acerca da fotografia traçados por Barthes (1990), com o intuito de relacionar esta teoria ao estudo dos memes políticos.

### 3.2 A fotografia e sua função discursiva nos memes políticos

De modo natural e evolutivo, a participação da linguagem visual na sociedade e nas pesquisas se torna, cada vez mais, relevante, como já dito. O visual nos memes políticos se dá por uma modificação em fotografias que são utilizadas para produzir significação juntamente à linguagem verbal, bem como para subvertê-las. Através da subversão de fotografias, produz-se um enlaçamento paradoxal, refutando muitos ditos que circulam socialmente.



Como o estudo específico de fotografias em memes políticos é embrionário, vale repensar as considerações de Barthes (1990) acerca das fotografias em anúncios publicitários e propagandas para este estudo. Tendo em vista que, assim como as práticas discursivas publicistas, os memes políticos parecem, de certa forma, persuadir e firmar uma espécie de contrato às entrelinhas discursivas, tais postulações serão relevantes para as análises do *cópus*.

Podemos iniciar este percurso, refletindo acerca do modo como as fotografias trazem distintas subjetividades a depender do *mídium* (Maingueneau, 2013<sup>29</sup>) em que circulam, pois os sentidos das práticas discursivas dependem significativamente das redes histórico-sociais com as quais dialogam. Desse modo, ao ser publicada em uma campanha publicitária ou em uma exposição, uma fotografia pode ressignificar sua própria enunciação. Quais não são os sentidos produzidos ao ser modificada e parodiada através da internet, bem como seus modos de compartilhamento? A fotografia não é apenas um “produto” ou um “caminho”, também é objeto de estudo e análise (BARTHES, 1990).

Importante frisar que, nos memes políticos, as fotografias são uma espécie de cilada (ROCHA, 2013), pois fazem com que os usuários acreditem na subjetividade proposta pelo recorte que se faz e se põe em jogo nessas práticas. Em relação à “cilada”, é importante dizer que as fotografias são capazes de “enganar” os usuários, pois eles se deixam iludir pela cenografia que lhes é apresentada. Tendo em vista isso, é imprescindível lembrar o que Maingueneau (2013) apresenta acerca do quadro cênico: *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia*. A primeira cena diz respeito ao tipo de discurso com o qual se “alia” determinado gênero, se é religioso, político, científico, ou seja, o interlocutor é capaz de perceber a “cena englobante” que precisa se situar. A cena genérica delimita a materialização dos gêneros discursivos, e a cenografia legitima a prática discursiva, ou seja, a cenografia permite uma camuflagem da cena genérica, tendo em vista que, ao ler um anúncio de emprego, por exemplo, em formato de narração, o interlocutor pode cair na cilada de estar lendo uma história quando, na verdade, está diante de um anúncio, como proposto por Rocha (2013).

Esse anteâmbulo, acerca do quadro cênico (MAINGUENEAU, 2013), contribui para que possamos perceber de que modo a cenografia se faz presente nos memes políticos através de fotografias, pois, em muitos momentos, ludibria o usuário da internet que acredita estar diante de uma fotografia legítima, quando não parodiada. Ou seja, as fotografias nos memes

---

<sup>29</sup> Importante frisar que, no capítulo sobre os memes da internet e os memes políticos, será apresentada a noção de *mídium*.

políticos levam o usuário a outra dimensão, que acredita estar no momento da prática discursiva “primeira”.

Logo, a cenografia proporciona a aproximação do sentido denotado do visual, mas também contribui para o surgimento da conotação. Barthes (1990) afirma que, no estudo de imagens fotográficas, o interlocutor se depara com uma mensagem denotada, que se pode pensar estar na superfície da prática discursiva, e uma mensagem conotada “(...) que é a maneira pela qual a sociedade oferece à leitura, dentro de uma certa medida, o que ele pensa” (BARTHES, 1990, p. 13).

Por meio dessa relação denotação *versus* conotação, Barthes (1990) apresenta as mensagens icônica codificada e icônica não codificada. Isto é, há representações de objetos comuns que contemplam o visual de diversos gêneros discursivos, tais como mesa, livros, abajur, roupas etc. O fato de essas representações serem de fácil percepção se relaciona ao que Barthes (1990) chamou de mensagem icônica codificada, está atrelada aquilo que é, significado denotativo. Entretanto, nesses gêneros também é comum que nos deparemos com os signos plásticos, como cores que remetam à bandeira de um país, por exemplo. Nesse caso, temos a mensagem icônica não codificada, relacionada à linguagem conotativa, que possibilita entradas cartografáveis a depender das implicações do leitor-cartógrafo. No caso dos memes políticos, que se materializam de modo verbo-visual, é na relação das mensagens codificadas ou não codificadas que há produção de sentido.

Com isso, percebe-se que o sentido produzido pelas fotografias, utilizadas nos memes políticos, que se configuram de forma estática<sup>30</sup> e são produzidos verbo-visualmente, fornecem uma mensagem não icônica – sentido conotativo -, e uma mensagem icônica – sentido denotativo.

De certo modo, as fotografias que compõem memes políticos, embora, em alguns casos, apresentem a mensagem denotada pelo visual, é, também, pela relação de *relais*, (BARTHES, 1990) que produz a conotação. O *relais* diz respeito à complementaridade que há entre materialidades verbais e materialidades visuais na produção de sentido. Entretanto, ao haver paródia no visual, o sentido denotado passa mais “longe”, enquanto a conotação “toma conta” dos subentendidos. “A conotação não se deixa apreender imediatamente ao nível da própria mensagem (é, ao mesmo tempo, invisível e ativa, clara e implícita” (BARTHES, 1990, p. 14), tal qual ocorre com as fotografias presente nos memes políticos.

---

<sup>30</sup> Falamos de memes estáticos porque a noção de memes extrapola o congelamento das linguagens, já que há memes que se compõem como vídeos ou Gifs - abreviatura de *Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos -, por exemplo, que estão, de certo modo, em movimento.

Para compreendermos um pouco da conotação, presente nas fotografias, é importante navegarmos pelos conceitos trazidos por Barthes (1990): *trucagem*, *pose*, *objeto*, *fotogenia*, *esteticismo* e *sintaxe*. Esses elementos contribuem para a atualização das práticas discursivas, organizando os elementos, a fim de produzirem uma materialidade discursiva. Assim, a *trucagem* diz respeito a truques e momentos “*falsos*” que se vê em fotografias e que são tratados como reais, o caso de fotografias de personalidades públicas em que tal personalidade parece ter sido “*pega*” de surpresa, mas, na verdade, a fotografia já não é mais real, tendo em vista ter sido simulada. Logo, há intervenção por todos os lados, simulando uma denotação que já é conotada no momento próprio da criação da foto.

A *pose*, de certo modo, está ligada também à truncagem, já que a posse diz respeito à imagem que se quer passar na enunciação. Isto é, se o enunciado quer apresentar um herói em uma foto, haverá poses e situações estereotipadas que farão com que a situação fotografada e o fotografado sejam reconhecidos como muito bons, acima do mal. Da mesma forma ocorre quando se quer passar uma imagem sombria ou ruim através das fotografias, o fotografado faz uma pose que rememore os indivíduos ou as situações que façam os leitores da foto perceberem a maldade através dela. Para Barthes (1990, p. 17),

[...] a pose não é um procedimento especificamente fotográfico, mas é difícil não mencioná-la, já que seu efeito resulta do princípio analógico que é a base da fotografia: a mensagem, aqui, não é a pose [...] o leitor recebe como uma simples denotação o que é, na verdade, uma estrutura dupla, denotada-conotada.

Os *objetos* dizem respeito literalmente aos utensílios que são alocados ao fundo, na mão de alguém ou ao lado de uma pessoa, por exemplo, para dar veracidade a alguma situação fotografada. Na realidade, os objetos é que contribuem para a composição das fotografias que precisam de determinados detalhes para convencer seu interlocutor de que são reais. Ademais, os objetos colaboram para a multiplicidade de sentidos conotativos, já que contribuem para suscitar distintas subjetividades, “são indutores de associações de ideias”, isto é, uma arma, por exemplo, relembra guerra, polícia, bandido, forças armadas, entre outras.

A *fotogenia* diz respeito ao que conhecemos hoje como *photoshop*, mas também ao jogo de luzes que se faz necessário ao fotografar, isso em fotografias profissionais, tendo em vista que está relacionada ao tratamento da foto, ou seja, ao embelezamento dela, através de algumas técnicas: iluminação, impressão e triagem. Se pensarmos no *cópus* deste trabalho, notaremos que a fotogenia se faz presente em grande escala, dado que as fotos utilizadas para a criação das práticas discursivas meméticas são parodiadas. Em outras palavras, as

fotografias são modificadas significativamente para subverter a(s) prática(s) com a(s) qual(is) dialoga(m).

Já o *estetismo* está ligado à estética da foto. Em muitos casos, as fotografias são feitas para que não pareçam uma fotografia. Isso significa que, em muitos momentos, a foto é feita para que pareça uma pintura, por exemplo. Nas palavras de Barthes (1990, p. 18),

[...] quando a fotografia se faz pintura, isto é, composição ou substância visual deliberadamente tratada “na palheta”, é para significar-se ela própria como “arte” (caso do “pictorialismo” do início do século), ou para impor um significado habitualmente mais sutil e mais complexo do que aqueles permitidos por outros procedimentos de conotação.

A *sintaxe* diz respeito à significação ou à produção de subjetividades a depender da disposição dos elementos em composição numa fotografia, tal qual ocorre com as práticas discursivas verbais. Ao materializarmos uma prática discursiva apenas por meio da linguagem verbal, tentamos organizá-la de modo que, ao formar períodos, possamos trazer maior entendimento ao que está sendo dito. “(...) o significante da conotação, neste caso, não se encontra mais ao nível de qualquer dos fragmentos da seqüência (sic), mas ao nível (supra-segmental, diriam os linguistas) do encadeamento” (BARTHES, 1990, p. 19).

Nesse contexto, em textos verbo-visuais, as palavras tendem a estruturar o que se põe em jogo no visual, tendo em vista que não é mais o visual que explica ou estrutura o verbal, mas, sim, a relação contrária: as palavras tendem a “tentar” explicar ou especificar o que se pode ler visualmente. “(...) a conotação não significa mais uma ressonância natural da denotação fundamental, constituída pela analogia fotográfica; estamos, pois, diante de um processo caracterizado de naturalização cultural” (BARTHES, 1990, p. 20). Assim, a naturalização cultural pode ser vista nos fenômenos discursivos que se vê na internet, principalmente, no que diz respeito ao estudo dos memes políticos, tendo em vista esse processo de naturalização cultural através dessas práticas discursivas.

Assim como ocorre com as fotografias utilizadas pelas instâncias publicitárias que recorrem à “linguagem mista”, acontece com os memes. O verbal, utilizado para compor o conjunto textual, serve como uma espécie de restrição semântica, pois impede que as subjetividades apresentadas fujam do campo discursivo que confrontam. A relação conotação/denotação apresentada por meio da linguagem passa a se restringir, visto que a relação inextricável entre verbal e visual, presente nessas práticas discursivas, passa a limitar-se. Nos memes, o verbal tende a ser menos conotado que o visual, já que acaba sendo restrito ao que o visual possibilita.

Com isso, não é difícil perceber a função específica de cada elemento que circunscreve a teoria da fotografia. Nas práticas discursivas meméticas, verbal e visual possuem funções distintas, não há redundância tautológica, há duas materialidades que se juntam para produzir sentidos múltiplos. Isto é, diferente de ilustrações que acompanham textos interpretativos presentes em livros didáticos de língua portuguesa, por exemplo, que cumprem a função de reforçar ou repetir o dito, nos memes da internet, verbal e visual projetam sentidos outros e passam a dialogar com outras práticas, devido à sua relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008).

Importante ressaltar a escolha das fotografias ou recortes delas para coabitar os memes políticos. Mesmo que seja de difícil identificação autoral e de irrelevância em nosso estudo essa identificação, pode-se notar que os recortes que são feitos das fotografias que compõem os memes da internet, principalmente, os políticos, são feitos a partir de fotos que possam trazer uma maior subjetividade à prática, assim como as paródias que são feitas delas. Isto é, não teria visibilidade a produção de um meme a partir de uma fotografia que não projetasse múltiplos sentidos. Sendo assim, a fotografia se “(...) desenvolve sob a forma de um paradoxo: aquele que faz de um objeto inerte uma linguagem e que transforma a incultura de uma arte “mecânica” na mais social das instituições” (BARTHES, 1990).

Ainda, tendo como referência a fotografia como traço da realidade, Santaella (2012) aponta quatro princípios importantes ao estudo da fotografia: (i) conexão física – a presença do objeto fotografado perante as lentes; (ii) singularidade – o momento único em que cada objeto é fotografado, pois, mesmo que se repita a foto, o momento já é outro; (iii) designação – diferentemente de signos representativos, a foto é um recorte da realidade, ela é um referente do espaço-tempo registrado; e (iv) testemunho – já que a fotografia explana a presença do objeto fotografado, ela funciona como um documento comprobatório, documental.

Mas é importante lembrar que, mesmo as fotos sendo uma representação fiel de determinados momentos, ou seja, um recorte espaço-temporal para pessoas e/ou objetos, ela não é a realidade, já que ela congela um tempo marcado que já passou, não é o agora. A partir do instante em que se congela o momento, passa a não mais ter o agora, mas, sim, “um registro – capturado, congelado e eternizado na foto” (SANTAELLA, 2012, p. 78). Dessa forma, pode-se notar que a realidade é “vasta e visível”, mas a foto não, pois foi um recorte fragmentado, eternizando em um determinado espaço-tempo. Logo, “o objeto ou situação fotografada pode ser testemunhado de uma multiplicidade de pontos de vista” (SANTAELLA, 2012, p. 79).

Um momento real, ao ser congelado, pode trazer subjetividades e conotações a partir de um elemento aparentemente denotado. As fotos, ao serem capturas pelas objetivas, possuem uma significação para quem fotografou, já que o contexto da foto foi criado pelo próprio fotógrafo. Entretanto, ao ser congelada e sair da esfera contextual, possibilita um leque de significações a depender do mapeamento que a figura do leitor faz quando observa a “cópia”.

Para além disso, a leitura de fotos compreende três níveis (SANTAELLA, 2012), um nível que está engendrado nas emoções dos leitores, já que toda foto causa nos interlocutores uma espécie de sentimento. Um segundo nível que está relacionado ao reconhecimento do que foi fotografado, que pode ser reconhecido, quando não explicitado, pelas marcas deixas pela alocação de objetos ou poses (BARTHES, 1990). E um terceiro nível que distingue ler de ver uma foto. Para Santaella (2012, p. 80),

Ler uma foto é lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, como as especificidades que lhes são próprias. Significa fazer do olhar uma espécie de máquina de sentir e conhecer. Assim, uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim, contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar, pois a significação imanente dos motivos e temas fotografados é inseparável do arranjo singular que o fotógrafo escolheu apresentar.

Sendo assim, tanto o temporal quanto o espacial são passíveis de leitura nas fotos, ou seja, o posto ou o subentendido podem ser compreendidos pela figura leitora que delineará, através de seus próprios devaneios, as pistas e as histórias que serão contadas a partir daquele momento congelado. Evidente que o que é externo, superficial à produção da fotografia, é delimitável pelo que se vê, mas, as entrelinhas visuais, não. O perceptível aos olhos é passível de criações subjetivas.

Desse modo, vale lembrar que o recorte ou congelamento momentâneo, embora interrompa o *continnum* “da existência dos seres e das coisas”, é agraciado com a possibilidade das cópias, tendo em vista que as fotos são passíveis de cópias, pois são produzidas a partir de negativos. Nesse ínterim, reflete-se sobre a similaridade da produção fotográfica com a produção dos memes políticos, tendo em vista que a maior parte deles é produzido a partir de fotos e podem ser imitados e copiados através da intertextualidade, normalmente a parodística.

Sendo assim, o sentido denotado da fotografia, nos memes políticos, já se torna conotado a partir da própria paródia. Ainda, pode-se dizer que, assim como as fotografias que eternizam o tempo-espaco físico, os memes políticos vêm cumprindo um papel de eternizar, por meio de suas paródias fotográficas, o tempo-espaco sócio-político-cultural. “Quanto mais

uma foto for portadora de valores simbólicos, mais carregada ela estará de significados coletivos que falam à cultura” (SANTAELLA, 2012, p. 81).

É a partir também desses traços, permitidos pela fotografia, que o obtuso nos memes da internet entra em ação. A seguir, veremos uma breve elucidação de como o encontro entre o óbvio e o obtuso (BARTHES, 1990; SANTAELLA, 2012) podem interferir na produção de sentido e no “jogo” discursivo das práticas discursivas meméticas.

### 3.2.1 Entre o óbvio e o obtuso nos memes políticos

Até o momento, nota-se que, para além de cópia, imitação ou reprodução da realidade, as fotografias podem carregar sentidos múltiplos, já que possuem procedimentos de criação que desmistificam a ideia de “reprodução ingênua”. Já foi visto também que as fotografias, bem como outras manifestações visuais, produzem sentidos múltiplos através da conotação, elemento característico no estudo das fotografias.

Tendo em vista isso, podemos dizer que o sentido óbvio está associado ao sentido “primeiro” do visual nas práticas discursivas meméticas, aquele que quase todo leitor é capaz de perceber, justamente, por que é óbvio, está “ali” aos olhos de quem lê/vê. “Proponho denominar este signo completo o sentido óbvio. Óbvio quer dizer: que vem à frente, e é exatamente o caso deste sentido (...)” (BARTHES, 1990, p. 47). Já o sentido obtuso é “(...) aquele que é “demais”, que se apresenta como um suplemento que minha inteligência não consegue absorver bem, simultaneamente teimoso e fugidio” (BARTHES, 1990, p. 47). Isto é, o sentido obtuso está para além do explícito, apresenta-se através das entrelinhas discursivas, sendo necessário a presença de uma figura de leitor mais atenta para trazer à materialidade discursiva as subjetivações pretendidas pelas práticas discursivas, tal qual faz o leitor-cartógrafo ao cartografar seu mapa-texto.

Com isso, os sentidos que se produzem através das fotografias presentes nos memes também perpassam as concepções acerca do óbvio e do obtuso. Se pensarmos no meme político feito a partir da foto oficial do ex-presidente Michel Temer, que se encontra no capítulo de análise<sup>31</sup> (figura 2), podemos constatar que o óbvio diz respeito à (des)legitimidade de Temer ao cargo que ocupara de 2016 até 2018. Já o sentido obtuso, que é

---

<sup>31</sup> O capítulo de Análise Cartográfica dos memes políticos na cena política brasileira é o capítulo 5.

possível, também, devido à conotação que se exacerba através da paródia, é sensível a destrinchar outros sentidos, justamente se a figura do leitor puder se afetar com a prática discursiva, levando em consideração as restrições semânticas impostas pelo campo discursivo em que se insere e com quais práticas outras tal meme dialoga.

Dessa forma, o sentido obtuso do meme emerge por meio de algumas marcas que se encontram na obviedade fotografada. Isto é, a fotografia oficial do ex-presidente Michel Temer (figura 1)<sup>32</sup> traz, por meio da faixa presidencial, uma das conexões para a criação de tantos memes políticos que foram feitos na época de sua posse<sup>33</sup>. Embora tenha sido descredibilizado pela população, devido à exacerbada produção de memes, a faixa presidencial foi o elemento que contribuiu para que Temer, naquele momento, fosse reconhecido e visto como presidente do Brasil. É pela colocação e pela utilização dessa faixa que, mesmo sendo alvo de inúmeras críticas, continuava ocupando um lugar importantíssimo no país. Outrossim, a utilização do terno na foto reforça o lugar de fala da personalidade: os deboches e as brincadeiras feitos por meio dos memes puderam até acontecer, mas, ainda assim, era ele quem representava o país mundialmente, a população gostando ou não. Nesse sentido, podemos perceber que a faixa apresenta o sentido óbvio: Temer era o presidente, mas possibilitou inúmeros sentidos obtusos: a deslegitimidade de Temer como presidente, a incapacidade de governar o país, a falta de credibilidade para com a população, entre tantas outras coisas passíveis de serem cartografadas ao navegarmos pela rede e cartografarmos cada canto dos memes que foram feitos de Temer com a famosa faixa.

Outro constituinte presente no meme da figura 2, que contribui para a dicotomia óbvio/obtusos, foi a bandeira que fora colocada no plano de fundo da fotografia oficial e recuperada pela cenografia memética. Ou seja, esse elemento também reforça o lugar de fala do ex-presidente. Mas, embora a população pudesse fazer diversos memes políticos irônicos e jocosos a partir de sua foto oficial, “a ordem e o progresso”, por um momento, ainda estavam em suas mãos. Ele era a ordem e o progresso do país naquele período. Outra produção de subjetividade, a partir da análise da bandeira, que podemos suscitar é que a ordem e o progresso do país não voltariam à população tão cedo, enquanto ele estivesse no poder. Isto é, os problemas enfrentados, em relação à corrupção, se perpetuariam em seu mandato.

---

<sup>32</sup> A fotografia citada também compõe o capítulo de análise.

<sup>33</sup> A foto oficial de Michel Temer ao cargo de presidente do Brasil, após a saída de Dilma do poder, culminou em muitos memes políticos com o intuito de zombar dele, pois, muitos internautas afirmaram que a fotografia estava com uma quantidade extenuante de *photoshop*.



Outro fator de legitimação e de deslegitimação de Temer para a ocupação do cargo está justamente nas cores da bandeira do Brasil, já que o verde, o amarelo, o azul e o branco e as formas geométricas presentes nela remetem a uma cultura específica, a brasileira. Ou seja, toda essa composição fotográfica, que aparece tanto na foto oficial de Temer como no meme que o ridiculariza, supracitado anteriormente, mostram a cultura e a identidade do nosso povo. Mesmo que um indivíduo não saiba qual é o presidente que está por trás da mão no meme político, os coenunciadores são capazes de reconhecer o povo que o questiona, que o indaga e que o recrimina. Logo, a conexão entre o óbvio e o obtuso da fotografia possibilitam a compreensão do jogo discursivo que se encontrava na rede. O Mesmo (a fotografia) é capaz de se reconhecer no Outro (o meme) por meio da paródia que se materializou de modo visual. A grade de restrição semântica que compõe a produção de subjetividade na foto é que é reorganizada e traduzida no meme, através do simulacro.

Assim, levando em conta que nos memes políticos se apresentam características que são atribuídas primariamente às publicidades e às propagandas, é interessante que possamos rever alguns postulados que as circunscrevem e confrontá-los com o estudo das práticas discursivas meméticas. Devido a isso, a próxima seção apresentará os conceitos que compreendem as noções de publicidade e de propaganda, que podem ser utilizados também no estudo e na análise dos memes presentes em nosso corpus, principalmente, a persuasão.

### **3.3 Poderia ser publicidade ou propaganda, mas é meme!**

Uma vez que vários autores e autoras<sup>34</sup> têm associado o universo memético à persuasão, podemos levar em conta que muitos mecanismos que regem as coerções propagandísticas ou publicísticas pertencem também ao universo memético. Sendo assim, com o intuito de esclarecer de que forma o visual nos memes políticos colaboram para a produção de efeitos persuasivos em suas enunciações, vamos apresentar alguns postulados “pertencentes” às publicidades para refletir sobre os memes políticos.

Assim, para ratificar nosso parágrafo introdutório, observemos a citação apresentada a seguir que define ou diferencia os termos publicidade e propaganda:

---

<sup>34</sup> No próximo capítulo, encontraremos Shifman (2013; 2014) e Chagas (2018; 2019), associando a persuasão, presente nas publicidades e nas propagandas, às práticas discursivas meméticas.

“Publicidade” deriva de “público”, do latim *publicus*, designando a qualidade do que é público. É o ato de divulgar, de tornar pública uma idéia (sic). Já “propaganda”, do latim *propagare* (que significa a técnica do jardineiro de cravar no solo os rebentos novos das plantas, a fim de produzir novas plantas, que depois passarão a ter vida própria), foi extraído do nome *Congregatio de propaganda fide*, congregação criada em 1622, em Roma, que tinha como tarefa cuidar da propagação da fé. Em tradução literal, teríamos “Congregação da fé que deve ser propagada”, pois a propaganda, como ablativo feminino singular do gerundivo latino *propagandus* (masculino), *propaganda* (feminino), *propagandum* (neutro), exerce na frase função adjetiva e expressa a ideia de necessidade: *propagandus* = que deve ser propagado (SANDMAN, 1993) (MONNERAT, 2003, p. 13 [grifos da autora]).

Em publicidade, tem-se a designação do que é público e, em propaganda, do que deve ser propagado, e, nos memes políticos, tem-se a propagação daquilo que é público, mesmo que não esteja marcado em sua nomenclatura. Tendo em vista isso, desprendendo-se do intuito de comercialização de produtos, pode-se perceber que a relação da propagação de ideias, a partir do que é público, também se encontra no que vemos hoje nos memes políticos. Dessa forma, assim como as fotografias são usadas nas publicidades e nas propagandas, com o intuito de persuadir e sensibilizar a grande massa, acontece com as práticas discursivas meméticas.

Desse modo, não se pode esquecer que as subjetividades presentes nos memes políticos referem-se, de certo modo, a explanação de um produto, mesmo que não seja um produto comercializável. Tem-se nos memes políticos um produto muito caro à sociedade: as figuras políticas e/ou subjetividades que emergem em nossa cultura, e essa propagação pública ocorre, em primeiro plano, através das fotografias que são modificadas para a criação dos memes políticos.

Logo, o interesse principal desta seção é, justamente, mostrar de que modo características que pertenceram, inicialmente, à esfera publicitária e propagandística também funcionam para jogo discursivo que se vê por meio dos memes políticos. Isto é, as fotografias que são utilizadas em publicidades e em propagandas para persuadir, para convencer ou para emocionar a figura do leitor cumprem função muito similar nos memes políticos, haja vista que, ao ser compartilhado por outrem, além de remeter a práticas discursivas outras, que foram reconhecidas pela figura do leitor polifônico, convenceu, emocionou ou persuadiu, de certa forma, tal usuário da internet.

Tendo em vista isso, vale ressaltar uma parte importante das características dessas práticas discursivas comercializáveis: a retórica<sup>35</sup>. De certo, para falar acerca da persuasão é

---

<sup>35</sup> Convencionou-se utilizar outra noção de retórica para além da apresentada e estudada por Dominique Maingueneau porque, para o que se pretende nosso estudo, não estamos estabelecendo uma relação direta ao conceito de *etos* estudado pelo autor, que sustenta as noções discursivas presentes neste texto.

necessário que se fale em retórica. Monnerat (2003, p. 33) levanta cinco partes, em relação a ela, compreendidas na Antiguidade Clássica: a técnica retórica (*a techne rhetorike*), *a inventio* – “achar o que dizer”, *a dispositio* “pôr em ordem o que se encontrou”, *a elocutio* “acrescentar o ornamento das palavras”, *a actio* – “tratar o discurso como um ator: gestos, dicção, e *a memoria* – “recorrer à memória”. Ainda ressalta que, dessas cinco partes, as três primeiras são as mais importantes porque estão relacionadas à “arte de usar a palavra”. Entretanto, a partir da Idade Média, resta apenas *a elocutio*, que diz respeito, grosso modo, ao ornamento das práticas discursivas. Na contemporaneidade,

[...] os discursos retóricos passaram a receber novas abordagens, em especial no que diz respeito às figuras de linguagem e suas funções, às técnicas de argumentação [...]. Os princípios da Retórica têm hoje seu principal campo de aplicação e revivescimento nos textos de propaganda. Entendendo-se a Retórica como a arte de persuadir, de convencer e de levar à ação por meio da palavra, é fácil ver que é esse também o papel da linguagem da propaganda (MONNERAT, 2003, p. 33).

Pode-se encontrar essas novas abordagens retóricas não só em textos propagandísticos, mas também nos memes políticos, que fazem uso da persuasão, também, através da materialidade visual, trabalhando com figuras de linguagens visuais, bem como com o dialogismo. Ainda, encontra-se a arte de “persuadir, de convencer e de levar à ação por meio da ‘linguagem’” nas práticas discursivas que se materializam em forma de memes políticos.

Se persuadir é convencer o outro, podemos afirmar que os memes políticos utilizam da persuasão para conquistar aliados em seus ativismos políticos cibernéticos. A partir do momento em que um meme político dialoga com outro meme ou com outra prática discursiva, subvertendo uma prática discursiva ou uma personalidade pública, está tentando convencer a figura de leitor polifônico a compartilhar esse meme em suas redes, ou seja, está sendo persuasivo.

Outro fator que marca a persuasão é o tom emotivo. Assim como nas publicidades e nas propagandas, nos memes políticos, o visual traz uma carga emotiva que faz com que a figura de leitor polifônico se alie e ache graça da prática, ou se enfureça e fique com raiva do que está sendo mostrado, elevando os memes políticos a categorias mais altas além de uma simples “brincadeira” com a política. A persuasão, percebida nessas práticas discursivas, faz com que os memes políticos extrapolem o humor e passem a se configurar como elementos aliados aos ciberativistas<sup>36</sup>, como uma espécie de munição para os embates discursivos que circulam nas plataformas digitais do país.

Assim, cabe aos analistas, tanto das publicidades e das propagandas quanto dos memes políticos, perceberem que essas práticas não querem apenas informar, mas, sim, “(...) informar

<sup>36</sup> Falar-se-á sobre ciberativismo no próximo capítulo.

para convencer, um convencimento que se nutre da sedução, assim como esta germina e floresce nos jogos de sugestão” (SANTAELLA, 2012, p. 142).

Além da persuasão, as publicidades e as propagandas também utilizam, como estratégia, a sugestão, assim como os memes políticos. Santaella (2012) vai dizer que as publicidades e as propagandas não querem só atrair o leitor/receptor, eles querem “fisgá-lo”, fazer com que esse leitor seja cúmplice da produção de sentidos que a mensagem está transmitindo. Assim como acontece com essas práticas, que leva em conta o significado das palavras de acordo com a situação de interação, nos memes políticos, após a ressignificação visual através da paródia, a conotação, presente tanto na materialidade verbal como na materialidade visual, se faz marcante. “São camadas subjacentes de significado que atravessam sutilmente as relações entre texto e imagem, camadas essas que são criadas muito mais por vias indiretas, por meio de alusões e sugestões, do que por enunciados explícitos” (SANTAELLA, 2012, p. 139).

Em outras palavras, os memes políticos se fazem sugestivos aos seus interlocutores, tendo em vista que, ao modificar a fotografia de origem, permite a construção de distintos sentidos, e as marcas que se fazem explícitas na materialidade da prática discursiva contribuem para sugerir ou direcionar determinada espécie de diálogo. O tom sugestivo nessas práticas discursivas se dá justamente por meio da relação de *relais* (BARTHES, 1990) que se apresenta nelas. Ainda, a sugestão implica as distintas possibilidades permitidas pela discursivização, ou seja, os sentidos não estão “inteiramente definidos”. Além do mais, propicia situações hipotéticas de significação das quais o interlocutor passa a não ter certeza. “Ora, aquilo que é vago, indeterminado, indefinido e apenas possível desperta qualidades de sentimento, ativa nossa sensibilidade” (SANTAELLA, 2012, p. 140).

Assim como nas peças publicitárias, o amálgama entre o que se tem em primeiro plano (fotografia primeira com suas características próprias – pose, tom, cores, objetos...), a paródia que se faz dessa fotografia (também com suas alocações e modificações) e a materialidade verbal, que, muitas vezes, se constitui de apenas um sintagma, são responsáveis pela “germinação” de sentidos que se apresentam nas entrelinhas discursivas, bem como o sentido obtuso por detrás dos traços que não se revelam tão facilmente. Ou seja, esse “emaranhado” de informações e subentendidos cria “conjecturas imaginativas”, insinuando uma tessitura “(...) com a sedução no terreno do sensório e com a persuasão no território inteligível” (SANTAELLA, 2012, p. 140).

Nos memes políticos, as metáforas e as metonímias visuais tendem a ser consideradas mais sugestivas, já que, como uma espécie de “isca”, captam o interlocutor que se vê preso à

prática e, no momento em que identifica a polifonia enunciativa, é sugestionado pelo visual. Entretanto, o sincretismo que há entre as materialidades é que possibilita a relação interdiscursiva com seu Outro, isto é, a(s) prática(s) à(s) qual(ais) está em relação conflitante.

Como uma última estratégia apresentada por Santaella (2012), para análise de peças publicitárias, que podemos aproveitar também para análise dos memes políticos, é a sedução. Entre a razão e a emoção encontra-se a sedução que, diferente da sugestão, que caminha pela incerteza; e da persuasão, que caminha através de argumentos, “(...) fala por meio da corporeidade, da captura do receptor nas malhas do desejo” (SANTAELLA, 2012, p. 141). Isto é, “a sedução cativa os sentidos”, tal qual o afetar-se permitido ao cartógrafo ao mapear os territórios que coabita.

Diferente do que ocorre em publicidades e em propagandas, em que a sedução tenta convencer seu interlocutor da necessidade de obtenção de um produto, nos memes políticos, a sedução trabalha com o desejo do interlocutor para o efeito de verdade da prática discursiva, já que os memes políticos trabalham com a subversão das práticas discursivas com as quais dialoga. Parece-nos que o compartilhamento de tais informações ocorrem, também, pelo desejo/necessidade/motivação que o usuário das redes sociais tem de denunciar e de interferir em outras práticas. Ao se deparar com uma paródia feita acerca de um presidente, por exemplo, faz com que o interlocutor, que se sente seduzido, persuadido e sugestionado por tal prática discursiva memética, possa repassá-la a outros indivíduos por meio de suas próprias redes sociais. Não que o interlocutor esteja ciente do que está fazendo, mas está mergulhado no mar de informações e precisa rememorar e deslegitimar práticas discursivas que dialogam com a prática compartilhada, já que elas estão nesse mar de subjetividades em que os indivíduos se encontram. Os memes políticos permitem a vivência de problemáticas políticas através das redes: um posicionamento, um debate, uma notícia, uma entrevista está sempre sendo colocada na cena política cibernética pelos usuários através da atualização desses discursos por meio de práticas discursivas meméticas, fazendo com que a grande massa possa procurar os sentidos imbricados nessas práticas discursivas que se materializam verbo-visualmente.

Como a captação do público-alvo das práticas discursivas meméticas se dá, principalmente, pelo visual, podemos relatar como a materialidade visual é significativa nelas. Santaella (2012) nos adverte para elementos que são importantes no momento da leitura e da análise do visual em práticas discursivas como as meméticas, são eles: cores, linhas, volume, dimensão, textura, luminosidade, composição, forma, design etc., tendo em vista que esses elementos são “responsáveis pela primeira impressão que uma mensagem provoca no

receptor”. Desse modo, essas características visíveis suscitam qualidades abstratas, como: leveza, sofisticação, fragilidade, pureza, nobreza, severidade, elegância, delicadeza, força etc.

Além de os elementos visuais suscitarem abstrações, são responsáveis pela “associação de ideias que a primeira impressão desperta” (SANTAELLA, 2012). A relação de associação se dá pela estreita comparação que é possível através dos vínculos de semelhança, pois cores como verde, amarelo, azul e branco remetem à bandeira do Brasil, a representação de fumaça rememora o fogo, entre tantos outros vínculos de semelhança que se pode estabelecer entre as representações e os objetos, como visto na tríade de Peirce.

Sendo assim, percebe-se que, para compreender o funcionamento discursivo das práticas meméticas, é importante um conhecimento prévio acerca do visual, bem como reconhecer os sentidos imbricados por traz das entrelinhas discursivas. Para isso, as postulações que perpassam o universo propagandístico podem contribuir para a forma como o analista percebe os discursos de ódio que são propagados nesse espaço cibernético.

O próximo capítulo apresentará as postulações que perpassam a conceituação do termo “meme”, bem como a distinção de gênero e hipergênero, além de mostrar como os memes políticos funcionam como munição nessa militância virtual em que estamos vivendo e como traduzem sentimentos e sensações que parecem estar impregnadas no subconsciente coletivo. Os memes vieram para coabitar o dia a dia da população e para colaborar com o funcionamento discursivo contemporâneo, já que os acontecimentos on-line e off-line sempre acabam se atualizando e se materializando como meme, produzindo um circuito interdiscursivo dessas práticas discursivas que podem se materializar através do visual, do verbal e do verbo-visual.

## 4 O TERMO MEME E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O QUE SE VÊ NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, pretendemos apresentar a origem do termo meme, calcados nos estudos de Richard Dawkins (1979), bem como compreender o que é um meme da internet e um meme político, revisitando os postulados de Maingueneau (2013) acerca do conceito de hipergênero e de gênero discursivo. Também apresentaremos a noção de meme da internet, aprofundada por Shifman (2013; 2014). Ademais, discutiremos acerca dos memes políticos e do ciberativismo, pautados, principalmente, nos postulados de Shifman (2014) e Chagas (2016; 2018). Ao final, refletiremos acerca do humor (POSSENTI, 2018) que perpassa o universo memético.

### 4.1 Do termo gene de Darwin ao termo meme de Dawkins

Como visto no capítulo 1, a Análise do Discurso trabalha com o primado do (inter)discurso (MAINGUENEAU, 2008), isto é, as subjetividades estão por toda parte e são resgatadas, citadas e retomadas em distintas práticas discursivas à medida que as enunciações se materializam. Dito isso, pensemos acerca dos memes. Os memes da internet são práticas interdiscursivas que se materializam, quase sempre, por meio de elementos visuais e verbais, com o intuito de imitar, de modo ridicularizado, uma situação ou um indivíduo. Eles são propagadores de acepções culturais, que resgatam elementos sócio-históricos, que nos permitem recuperar, num dado espaço-tempo, determinado posicionamento.

Mas de onde surge tal vocábulo? Quais premissas estão por detrás desse lexema? A origem do termo se assemelha ao que chamamos hoje, no Brasil e no mundo, de meme? Acredita-se que, de certo modo, sim. O termo meme foi cunhado pelo biólogo britânico Richard Dawkins (1979) em sua obra *O homem e a ciência: o gene egoísta*. Com o intuito de apresentar a teoria darwiniana sob sua ótica, o teórico passa a apresentar os conceitos básicos acerca da noção de gene - tenta, diz ele -, mostrando os estudos de Darwin de uma maneira “simplista”, com o intuito de atingir não só os pesquisadores da área, mas também os leigos que se interessassem pelo seu estudo.

Como uma espécie de diário, o autor narra as relações genéticas entre os seres vivos, mas, para além disso, explora e enfatiza a importância da teoria darwiniana para distintas áreas do conhecimento. Parafraseando Dawkins (1979), a teoria de Darwin é grande e completa demais para se restringir aos aspectos genéticos dos indivíduos. Sendo assim, baseado nessa premissa, o autor relaciona a teoria darwiniana à cultura e à capacidade que os indivíduos possuem de se relacionarem entre si e de produzirem sapiência através da imitação e da replicação de aspectos sociais, tais como os genes fazem com as cadeias genéticas. Aqui, pode-se dizer que, assim como Dawkins (1979), que percebera a relação horizontal entre os indivíduos através da replicação, a noção de rizoma, apresentada por Deleuze e Guattari (1995) no capítulo 2, detalha as tramas “invisíveis” que unem essas práticas socioculturais.

Para Dawkins (1979), assim como ocorrem os genes, que carregam elementos genéticos (similar/imitado) de sua origem para seus herdeiros, ocorre com a cultura, que é passada, também, por meio de “carga” genética, de indivíduo para indivíduo. O autor afirma que a moda, a música, os hábitos, entre outros, são replicados pelas sociedades e são consagrados a depender da “força” de resistência desse “gene”.

Em contrapartida, argumenta que o termo gene está totalmente relacionado à biologia, à genética, e afirma não poder utilizá-lo para tratar dessa imitação e replicação sociocultural que acontece entre os indivíduos. Para isso, recorre ao termo *mimeme*, de raiz grega, que significa imitação. Entretanto, incomodado com o tamanho do vocabulário, já que gostaria de um termo mais simples que pudesse fazer referência à imitação, como a palavra gene faz ao transporte de material genético, e, desculpando-se com os amigos helenistas, que propuseram a nomenclatura “*mimeme*”, Dawkins (1979) resolve chamar essa espécie de transmissão cultural, por meio da imitação e da replicação, de meme.

Assim, apresenta, em sua obra, a transmissão cultural e, também, linguística através dessa concepção “memética”. Para ele, a cultura é análoga à transmissão genética, e a língua parece evoluir numa velocidade maior que a genética, informações essas que não se pode discordar. Com o intuito de aproximar o postulado de Dawkins (1979) ao que conhecemos hoje como meme da internet, faz-se necessária uma analogia de sua teoria ao que podemos perceber e analisar atualmente.

Assim como os genes, que são replicadores, o conceito de meme, apresentado por Dawkins (1979), se relaciona à imitação e à replicação de cultura, como visto. Os memes da internet também são, de certo modo, replicadores de cultura, já que se replicam, imitam e se multiplicam com o intuito, também, de agregar uma espécie de conhecimento linguístico-visual-discursivo à grande massa.



O autor também defende que a replicação é traço marcante para evolução da vida. Por que não afirmar que a utilização dos memes da internet também são um modelo de evolução da linguagem? Os memes da internet são unidades fragmentadas de práticas discursivas maiores, ou seja, eles se replicam, imitam e se reproduzem a partir de um acontecimento que precisa estar no universo sociodiscursivo da figura do leitor, do contrário, o meme não produzirá os efeitos de sentidos necessários, como visto no capítulo que versa acerca do desdobramento da figura do leitor em memes.

Nessa linha de raciocínio, pode-se pontuar que a replicação dos memes da internet vem mostrando a evolução linguístico-visual-discursiva dessas práticas ao passo em que a sociedade passa a tratar assuntos de tamanha importância, como os políticos, por meio de “enunciações cristalizadas”, que remetem a outras práticas discursivas de modo irônico e jocoso. Entretanto, para isso, é necessário um conhecimento mais refinado por parte da figura do leitor acerca das subjetividades que se materializam nessas práticas meméticas.

Assim, pode-se dizer que os memes só se (co)construem porque estão relacionados às práticas discursivas com as quais dialogam, ou seja, os memes são práticas discursivas segundas que necessariamente precisam traduzir o que encontram na(s) prática(s) discursiva(s) primeira(s) com a(s) qual(is) interage(m). Ademais, por serem materializados por meio de “recortes” visuais e de expressões linguísticas “cristalizadas”, há o carecimento de um armazenamento pela “memória discursiva” (MAINGUENEAU, 2008) do usuário das redes sociais. A relação entre as práticas discursivas não é ligada ao indivíduo, mas ao “rio” de informações pelo qual ele circula.

Ainda, não tão distante do que conhecemos hoje como memes, Dawkins (1979) enfatiza que:

Exemplo de memes são melodias, idéias (sic), “slogans”, modas de vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides (sic) ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 1979, p. 214).

A citação apresentada anteriormente, embora tenha sido escrita em 1979, pode ser associada aos memes da internet, já que a prática discursiva memética é criada por meio da imitação que decorre de outras práticas discursivas, como ora mencionado. Richard Dawkins (1979) trabalha com a ideia de imitação em seu sentido mais literal, sem a produção de ofensas ou ridicularização de outrem. Mas, como já afirmava o autor, a evolução irá acontecer, seja por meio de uma regulação, seja por meio de alguns desvios “genéticos”. A

internet propiciou o surgimento dessa imitação jocosa que permite tratar temas sérios com um humor um tanto quanto ácido.

Assim como a definição estabelecida por Dawkins (1979), os memes da internet são criados por meio do plantio de elucidações que se armazenam nos campos discursivos (MAINGUENEAU, 2008) e que são materializados por meio das práticas discursivas, como um veículo de informações que se vai replicando, imitando e produzindo novas práticas discursivas. Os memes que circulam nas redes sociais são a ponta de um *iceberg*, já que, ao ser explorada toda sua forma de regulamentação em sua criação, encontram-se diálogos com práticas discursivas outras, ressignificações de semas, bem como a “parodiação” de figuras públicas. “Um “meme de idéia (sic)” pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para o outro” (DAWKINS, 1979, p. 217).

De certo, Dawkins (1979) aposta no meme relacionado à memória, à capacidade que o indivíduo possui em armazenar informações e repassá-las a diante, ora imitando a informação armazenada, ora modificando o sentido primeiro de determinada informação. Todavia, não se pode negar que a noção de meme apresentada por ele está muito presente no que a grande massa conhece hoje como meme – os memes da internet. Mesmo que a maior parte das pessoas não possuam conhecimento refinado acerca das teorias linguísticas, sociais ou biológicas, podem perceber que os memes da internet trazem consigo sempre um traço de imitação em sua construção que remete a outro dito.

Desse modo, cabe tentarmos compreender de que forma essas práticas discursivas meméticas, em especial as políticas, são criadas e quais regularidades podem ser encontradas nelas que contribuem para evidenciar a polarização política que vem ocorrendo, principalmente, no Brasil, em que a divergência de opiniões se faz tão presente nas mídias. Ainda, é preciso compreender como os posicionamentos discursivos “direita *versus* esquerda” se fazem marcados nessas práticas a ponto de transparecerem os efeitos de aliança, os efeitos de oposição, os efeitos de mudança social, os efeitos de verdade, os efeitos de estranhamento, os efeitos polêmicos, os efeitos de polarização entre tantos outros efeitos que podem surgir na demarcação do território-meme. Parece-nos que os memes políticos vêm sendo utilizados como uma forma de resistência e munição aos acontecimentos sociopolíticos do país.

Todavia, antes de reformularmos uma conceituação acerca dos memes como práticas ciberativistas para os acontecimentos sociopolíticos do país, é importante mostrar de que

modo pensamos os memes da internet como hipergêneros e os memes políticos como gêneros discursivos<sup>37</sup>.

#### 4.2 O que é um meme da internet? E um meme político?

A base dos estudos linguísticos e discursivos concebem que a linguagem se materializa por meio de gêneros discursivos. Mikhail Bakhtin (2011) já nos mostrava certa regularidade comunicativa ao afirmar que os indivíduos, mesmo sem saber, organizam sua comunicação através de estilo, de tema e de forma composicional, ou seja, os gêneros discursivos. Revisitando os estudos bakhtinianos, Maingueneau (2015) enfatiza a organização enunciativa através dos gêneros discursivos, mas alerta para importância do suporte ao qual a enunciação circula, que contribui para a “rotulação” do gênero.

Para a sociedade atual, que faz uso constante das mídias digitais, os gêneros passaram a ser menos “rotulados” e mais afrouxados em relação a algumas características. Tendo em vista isso, Maingueneau (2013) abre caminhos para a conceituação e evidencia a existência de hipergêneros para a contemporaneidade. Desse modo, os memes da internet, no geral, podem se configurar de distintas formas, assim, nem tudo que é reconhecido como meme da internet pela grande massa pode ser encontrado em sua forma verbo-visual como os memes políticos que estão sendo analisados nesta pesquisa. Isto é, muitas práticas podem ser consideradas meméticas sem ter uma configuração composicional como a dos memes políticos que compõem este estudo.

É por isso, pois, que a noção de hipergênero para a atualidade também é ressaltada. Os gêneros do discurso estão veiculados em determinados critérios situacionais, são elementos de comunicação “socio-historicamente condicionados”, isto é, mesmo que um indivíduo não saiba categorizar ou rotular a composição de cada gênero, pode, facilmente, reconhecê-lo e

---

<sup>37</sup> Importante pontuar que a motivação para esta seção se deu após uma discussão dos orientandos do professor Doutor Bruno Deusdará nas orientações coletivas, em que a noção acerca de quais práticas poderiam ser consideradas como práticas discursivas meméticas estava em jogo. Numa das reuniões, o foco de estudo recaía sobre os memes e, por isso, indiquei um texto aos colegas que trazia concepções acerca do que seria um meme. Entretanto, para minha surpresa, alguns colegas, em especial o Estêvão Freixo, se questionaram sobre o que seria de fato um meme: uma música, um vídeo, uma figurinha do *WhatsApp*, ou o que eu estou trabalhando, um quadrilátero estático materializado por signos linguísticos e visuais? Em resposta a tais questionamentos, aprofundi-me às noções de hipergênero apresentadas por Maingueneau (2013) e cheguei à conclusão de que, tais como os blogs, por exemplo, os memes da internet acabam se restringindo e possibilitando certas categorias a depender do tipo de discurso com o qual se aliam, bem como o suporte em que estejam vinculados.

adequar suas enunciações ao que estipula o contrato comunicativo. Já os hipergêneros apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países” (MAINGUENEAU, 2010, p. 131).

Assim como exemplifica o autor, para a noção de hipergênero, basta que se reconheçam dois interlocutores que já se tem o que se denomina como diálogo, por exemplo. Os hipergêneros dão conta da categoria mais “geral” dos gêneros que circulam nas mídias, seja por meio da televisão, seja por meio da internet. Em outras palavras, os hipergêneros possuem as características mínimas de um gênero. Seria o caso pensar os memes da internet como um hipergêneros? As charges são elementos comunicativos consagrados socialmente como gêneros, os memes possuem função similar, porém nem sempre estão alocados, ou quase nunca, às práticas discursivas que remetem. Dessa forma, pode-se dizer que, assim como os blogs, que são considerados como hipergêneros com “descendência” nos diários de papel, pode-se pensar que os memes da internet, como categorias de imitação e de reprodução em tom jocoso, são hipergêneros com “descendência” nas charges, isso pensando a configuração composicional dos memes políticos em análise neste estudo.

Ou seja, a noção de hipergênero contribui para rotulação da categoria mais geral na qual se inserem os memes, já que as características básicas que os compõem fazem com que sejam reconhecidos, tal como a imitação e a ironia, elementos marcantes dessas práticas. Os memes da internet são compostos de distintas formas, às vezes, por meio do verbal, às vezes, por meio do visual, às vezes, pela simbiose entre as linguagens. Por isso pode-se dizer que alguns vídeos, algumas músicas, as figurinhas de *WhatsApp*, por exemplo, podem ser caracterizadas como hipergêneros meméticos, pois, nesses casos, fala-se de uma categoria mais geral de memes, em que se reconhece a imitação e a sátira de determinada personalidade ou situação política, caso da paródia musical “Micheque” da banda Detonautas<sup>38</sup>; e não de uma composição específica, caso dos memes analisados nesta tese. Ou seja, defenderemos aqui que os gêneros discursivos meméticos precisam ser reconhecidos sob algumas características mais específicas, caso se fale de múltiplas composições meméticas a noção de hipergênero se torna mais adequada.

Desse modo, a noção de gênero discursivo para todos os tipos de memes parece-nos um tanto quanto frágil, melhor falar que os memes da internet, no geral, podem ser caracterizados como hipergêneros, já que possuem alguns elementos estanques capazes de fazer reconhecê-los com um propósito similar, mas não como práticas que possuam as

---

<sup>38</sup> A paródia musical memética pode ser encontrada no no *Youtube*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VoC9YT9H1\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=VoC9YT9H1_Q). Acesso em: 17 jan. 2022.

mesmas características estanques, como as receitas, por exemplo, que seguem a mesma linha em relação à forma, ao estilo, à temática. Em contrapartida, ao restringir o tipo de discurso com o qual o analista deseja trabalhar, em determinado suporte, o hipergênero pode-se configurar como um gênero discursivo, já que apresenta certas categorias que o delimitam, como é o caso dos memes políticos que compõem nosso corpus.

Sendo assim, Maingueneau (2013) apresenta algumas categorias que permitem que um enunciado seja “rotulado” como gênero discursivo, ou seja, o autor elenca alguns aspectos relacionados à configuração dele para que possa ser reconhecido como gênero discursivo memético político, por exemplo. Com isso, Maingueneau (2013) nos informa que, para ser categorizado como determinado gênero, o enunciado precisa de (i) uma finalidade reconhecida; (ii) o estatuto dos parceiros legítimos; (iii) o lugar e o momento legítimos; (iv) um suporte material; (v) uma organização textual; e (vi) recursos linguísticos específicos.

Desse modo, pensando em nosso corpus, os memes políticos que se configuram de modo verbo-visual, estão, de certo modo, idealizados dentro de algumas dessas categorias apontadas por Maingueneau (2013). Em (i), nos memes políticos que pesquisamos, vê-se que a finalidade deles é não só pôr em evidência um acontecimento importante da esfera política, mas também ridicularizar, em tom jocoso, a pessoa política a que se refere ou a parcela da população que acredita “legitimar” tal declaração. Assim, se um meme político ridiculariza a posse do ex-presidente Michel Temer, por exemplo, sua finalidade é a de manter em evidência tal acontecimento histórico, bem como distorcer a legitimidade que essa personalidade acreditava ter.

Em (ii), para os memes políticos, o estatuto dos coenunciadores se faz de maneira mais frágil, tendo em vista que não se sabe, ao certo, quem produziu tal meme e, na maioria das vezes, qual indivíduo irá atingir. Pode-se dizer então que se trata do público virtual, que deve deter um saber político compartilhado, mas que é indefinido, justamente, por não sabermos até que ponto ou até onde o meme político poderá chegar. O aspecto (iii) diz respeito ao lugar e ao momento da enunciação e, assim como postula o autor, “As noções de “momento” e de “lugar” de enunciação exigidas por um gênero de discurso não são evidentes” (MAINGUENEAU, 2013, p. 73), isso também ocorre com os memes políticos. Com o intuito de tentar “cristalizar” esse momento e esse lugar, poderíamos pensar nos dispositivos com acesso à internet em que circulam os memes e nos momentos em que foram criados. No caso dos memes políticos feitos acerca da posse do ex-presidente Michel Temer, há uma restrição do momento, meados de 2016, quando ele assume o poder, e o lugar em que circularam são as plataformas digitais.

Já em (iv), que se refere ao suporte material, no caso dos memes políticos, diz respeito à configuração verbo-visual disposta digitalmente nas plataformas de interação entre os usuários. Embora sejam elaborados através de elementos linguísticos e visuais, só são produzidos de maneira digital, por meio de dispositivos eletrônicos e com acesso a fotografias, notícias e reportagens, entre outros, que se possam aproveitar para sua construção. Em (v), Maingueneau (2013) fala acerca da organização textual. Nos memes políticos que estão sendo analisados neste estudo, a configuração textual é multimodal, já que trabalha com mais de um tipo de linguagem, ou seja, o modo de organização como se dá a prática discursiva memética.

Na categoria (vi), Maingueneau (2013) nos alerta para os recursos linguísticos específicos que os gêneros contemplam, como, por exemplo, a utilização de orações coordenadas, construções passivas, o uso de determinadas conjunções e, até mesmo, o apagamento do agente por meio das construções passivas. No caso dos memes políticos verbo-visuais, pode-se dizer que a regularidade nesses memes é percebida através da paródia – principalmente por meio do visual, já que o que se tem parodiado é materializado por meio dele, quase sempre –, da intertextualidade interna, e da utilização de figuras de linguagens, tais como a metáfora e a metonímia, mais comuns nesses gêneros discursivos.

Para além dessas categorias e frisando a importância das plataformas às quais os gêneros ou hipergêneros circulam, Maingueneau (2013) também aborda a noção de *mídiuim*. Como o próprio autor afirma, “(...) o mídiuim não é um simples “meio” de transmissão do discurso, (...) impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer” (MAINGUENEAU, 2013, p. 81), e continua “O mídiuim não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiuim modifica o conjunto de um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2013, p. 82).

Desse modo, tendo conhecimento acerca do avanço tecnológico e da diversidade de gêneros com a “chegada” dela, é que se faz necessária a valorização do *mídiuim*. Já que, a depender do suporte no qual determinado gênero circula, sua função social será modificada. Logo, a reprodução de um meme político, por exemplo, em páginas pessoais como o *Facebook* não possui a mesma prática que repassar esse mesmo meme a um amigo íntimo via *WhatsApp*, por exemplo. O *mídiuim* faz parte do “conjunto do circuito que organiza a fala”. “O modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso” (MAINGUENEAU, 2013, p. 82).

Juntamente a isso, podemos atrelar a noção de Shifman (2013 *apud* Porto, 2018, p. 109) ao abordar os memes da internet. Limor Shifman é uma pesquisadora israelense que

debruçou seus estudos acerca do fenômeno meme da internet, principalmente, dos memes que são gerados a partir do *Youtube*. Para Shifman (2013), os memes da internet são “unidades de cultura popular, artefatos simbólicos multimodais, que circulam, são imitados e transformados por usuários dos ambientes visuais, criando uma experiência cultural compartilhada” (PORTO, 2018, p. 109).

Desse modo, para análise dos memes da internet, Shifman (2013) propõe três dimensões que precisam ser levadas em conta em seu estudo: *uma dimensão que se refere ao conteúdo específico do texto*, as ideias e as subjetividades presentes nele; *uma dimensão que se refere à forma*, à sua organização enunciativa; e *uma terceira dimensão relacionada ao código linguístico* que permite a relação com outros enunciados, seja ele memético ou não. Importante ressaltar que Shifman (2013) relaciona os memes às noções de gêneros discursivos postuladas por Bakhtin (2011), mas, refletindo sobre a noção proposta por Maingueneau (2010), os memes da internet estão mais “rotulados” como hipergêneros, todavia, ao se alinharem especificamente a determinado tipo de discurso e ao suporte em que circulam, os memes da internet passam a se assumir como gêneros, tendo em vista que acabam sendo produzidos por meio de certa regularidade enunciativa. Porto (2018) afirma a maleabilidade genérica dos memes da internet ao frisar que eles podem ser palavras, imagens, vídeos, *hashtags*, frases, entre outros. Também nos alerta para a importância da imitação, tal como a origem do termo.

O enunciado passa a produzir um teor memético porque foi imitado e reproduzido socialmente, não porque foi “viralizado”. Nada obstante, normalmente, os memes se tornam virais, já que, como afirma Shifman (2013), os memes da internet possuem uma relevância cultural, pois tentam decifrar o significado de elementos triviais para a sociedade por meio de uma argumentação, aparentemente, superficial. A análise dos memes da internet pode enriquecer a compreensão do que é controverso.

Ainda, Shifman (2013) nos apresenta três atributos principais que são relevantes no estudo dos memes. Primeiro, os memes são informações culturais que passam “de pessoa para pessoa”, que começa de maneira micro e se transforma, rapidamente, em macro, tendo em vista a velocidade de compartilhamento. Um meme pode atingir a grande massa em poucas horas. Além do mais, os memes podem moldar as mentalidades, as formas de comportamento e ações sociais em grupos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007). A autora associa essa mentalidade à Web 2.0, que foi marcada pela facilidade de acesso a aplicativos que promovem distintos conteúdos. “More broadly, this decentralized, nonhierarchical, and user-

based model also drives new mindsets and social norms occupying media use”<sup>39</sup> (SHIFMAN, 2013, *apud* BAYM & BURNETT, 2009; BOYD, 2008; JENKINS, 2006; O'REILLY, 2007).

Um segundo atributo do meme da internet, que carrega em sua terminologia, é a agilidade para a imitação, isto é, as informações são imitadas de várias formas. Assim, diferente do que propôs Dawkins (1979) em relação aos memes de memória, os memes da internet não precisam ser “guardados” na memória, eles são “encaminhados, vinculados ou copiados como estão”. Mas também, com a facilidade de acesso a aplicativos, os usuários da internet podem, além de copiar, recriar por meio da cópia. Para Shifman (2013), a imitação entre pessoas ocorre desde sempre, mas, com a era 2.0, a prática memética mudou e atingiu visivelmente a esfera pública. O termo meme “<sup>40</sup>is particularly suitable to describe this glut of re-works, as the concept —deliberately connoting “mimesis”—is flexible enough to capture a wide range of communicative intentions and actions, spanning all the way from naïve copying to scornful imitation” (SHIFMAN, 2013, p. 365).

O terceiro atributo sobre os memes se relaciona à sua capacidade de adaptação sociocultural, isso porque sua difusão ocorre por meio da *competição* e da *seleção*. A percepção desses atributos se dá pela facilidade que a mídia permite aos pesquisadores no encontro de metadados, através dos rastros que são deixados na *Web*, tais como visualização de preferência, de escolhas e de respostas.

Em relação à jocosidade dos memes da internet, Shifman (2013) afirma que são as lacunas percebidas na enunciação que causam a graça, já que é preciso estabelecer uma coesão entre o que se vê e o que se diz por meio das pistas que são deixadas textualmente.

Para Shifman (2013), a criação de memes a partir de um vídeo ou de uma notícia, por exemplo, fala muito sobre quem o criou, já que toma como princípio a interpretação. Embora não seja o foco de nossa pesquisa, é sempre importante pontuar a forma com que outras áreas do conhecimento enxergam tais objetos. Quando se recorta parte de algo maior e se imita a partir de um único fragmento, a prática discursiva tem mais a dizer que toda produção da qual se originou, bem como daqueles que o replicam, tendo em vista que mostra o “acordo” que se tem com determinada informação. Para autora,

---

<sup>39</sup> Tradução livre: “De forma mais ampla, este modelo descentralizado, não hierárquico e baseado no usuário também impulsiona novas mentalidades e normas sociais que ocupam o uso da mídia”.

<sup>40</sup> Tradução livre: “é particularmente adequado para descrever este excesso de retalhos, já que o conceito —deliberadamente conotado “mimese” — é flexível o suficiente para capturar uma ampla gama de intenções e ações, abrangendo todo o caminho desde a cópia ingênua para a imitação desdenhosa”.



<sup>41</sup>[...] the meme is a natural for studying Internet and digital culture. Memetic behavior is not novel, but its scale, scope, and global visibility in contemporary digital environments are unprecedented. In this hyper-memetic era, user-driven circulation of copies and derivatives is a prevalent logic, or as Henry Jenkins (2009) aptly puts it: “if you don’t spread, you are dead.” Copies become, in this sense, more important than the “original”: They are the *raison d’être* of digital communication. It is clear that much more work is needed in excavating the wealth deriving from the coupling of the meme concept and digital communication. The fit between the two displays all the reluctance, enthusiasm, and pragmatic negotiation that one might expect of the marriage of an odd couple. Like it, it may be messy and complicated, but continuously interesting (SHIFMAN, 2013, p. 373-374).

Importante também trazer para nossa discussão, acerca dos memes da internet, a perspectiva de pesquisadores brasileiros. Em relação a eles, pode-se ressaltar a entrevista, para o canal TV Brasil no *Youtube*, datada de 06 de maio de 2019, do professor Doutor Viktor Chagas, da Universidade Federal Fluminense (UFF), um dos idealizadores do museu virtual dos memes, e grande pesquisador da área da Cominação. Para Viktor (2019), assim como afirmam Dawkins (1979) e Shifman (2013), os memes são portadores culturais, mas trazem consigo um humor específico, “respeitando a diversidade cultural”. Chamando o humor brasileiro de “humor peculiar”, isto é, rememorando o dito popular em que diz: “perde-se o amigo, mas não se perde a piada”, o professor abrange a noção de cultura e enfatiza que os memes da internet giram em torno de sua realidade social. Desse modo, um meme estadunidense, por exemplo, pode não ficar “viralizado” no Brasil por questões socioculturais. Logo, os memes da internet acabam por comentar os acontecimentos cotidianos por meio de uma linguagem “que debate a respeito do que está acontecendo” (CHAGAS, 2019) na realidade de uma determinada comunidade.

Outro fator relevante nessas práticas discursivas é a espontaneidade delas, já que elas surgem por meio de algum erro, desvio ou provocação que se faz à grande massa, no caso dos memes políticos. “(...) a nossa conjuntura é, em parte, explicada pelos memes” (CHAGAS, 2019). Atrelado a isso, na entrevista, Viktor Chagas (2019) enfatiza a distinção de memes da internet, assim como suas funções. Para ele, memes publicitários, por exemplo, possuem a função de persuadir seu leitor/cliente/consumidor para a aquisição de um produto, *e os memes políticos parecem ter a função de alertar, informar ou ridicularizar seu outro, mas com um*

---

<sup>41</sup> Tradução livre: “[...] o meme é natural para o estudo da internet e da cultura digital. O comportamento memético não é novidade, mas a sua escala, alcance e visibilidade global nos ambientes digitais contemporâneos são sem precedentes. Nesta era hipermemética, a circulação de cópias e derivadas por parte do utilizador é uma lógica prevalecente, ou como Henry Jenkins (2009) corretamente o coloca: “se não se espalhar, está-se morto”. As cópias tornam-se, neste sentido, mais importantes que o “original”: Elas são a razão de ser da comunicação digital. É evidente que é necessário muito mais trabalho na escavação da riqueza derivada do acoplamento do conceito meme e da comunicação digital. O ajuste entre os dois demonstra toda a relutância, entusiasmo e negociação pragmática que se poderia esperar do casamento de um casal estranho. Tal como ele, pode ser confuso e complicado, mas continuamente interessante”.

*tom persuasivo. Isto é, os memes têm a função de ressignificar determinado conteúdo por meio da paródia, da exploração de sentidos e da adaptação.*

Logo, pode-se concluir que os memes são práticas discursivas que circulam via internet e possuem um teor cultural, assim como a concepção do termo cunhado por Dawkins (1979). É a reprodução e a imitação de algo que está encaminhado, vinculado ou copiado e precisa ser lembrado, mas de forma irônica, já que os memes da internet tendem a ridicularizar determinado indivíduo ou a situação com quem/a qual dialoga. Ainda, acreditamos que os memes da internet, no geral, sejam hipergêneros, e os memes com composições mais específicas, como os políticos que se configuram visual ou verbo-visualmente, como os presentes em nossas análises, sejam gêneros discursivos, já que podem ser reconhecidos facilmente, é como se pertencessem a categoria específica dos memes populares que circulam nas redes sociais<sup>42</sup>. A seguir, enfatizaremos nosso estudo acerca dos memes políticos, compreendendo de que modo o acaloramento da política brasileira constrói a fronteira para o ciberativismo.

#### **4.3 Os memes políticos e suas contribuições para o ciberativismo**

É sabido que a utilização dos memes da internet na contemporaneidade é constante, como visto. Mas, para além da graça trazida às *timelines*, os memes têm cumprido uma função importante na sociedade brasileira, tendo em vista a repercussão dos memes políticos em momentos de tensão no país. Ou seja, a sociedade brasileira, no geral, tende a produzir memes de personalidades e/ou situações políticas com o intuito de reforçar momentos marcantes da cena política brasileira, e isso não é de hoje.

Com o crescimento exacerbado das *fakenews* e certa invisibilidade permitida pelas redes sociais, pode-se pensar que a criação dos memes políticos funciona como uma espécie de munição e aliciamento no meio virtual. Embora não se saiba a origem desses memes, acredita-se que sua criação está para além da população leiga, já que os próprios círculos políticos podem criar e viralizar memes com o intuito de atingir, de ofender e de deslegitimar

---

<sup>42</sup> Importante frisar que a discussão acerca dos hipergêneros e gêneros discursivos colaboram para que nossos leitores possam compreender por que chamamos os memes do nosso corpus de gêneros discursivos se há memes na internet que não se configuram do mesmo modo que eles, mas que também não deixam de ser memes. Isto é, os memes são hipergêneros, mas ao se configurarem especificamente por meio de um tipo de discurso, forma, temática, conteúdo etc. deixam de ser hipergêneros e passam a configurar a categoria dos gêneros discursivos.

a oposição em tom irônico, assim como fazem com a criação de perfis e de notícias falsas nas plataformas virtuais. “Com relação à origem do conteúdo, os memes persuasivos podem ser criados ou encomendados como publicidade patrocinada pelo partido, pelo próprio candidato, por um grupo de interesse, um cidadão em particular, ou por entidades da mídia (Shifman, 2014, p. 125)” (CHAGAS, 2018, p. 11). Entretanto, diferente das notícias e dos perfis que causam grandes estragos à sociedade, que tende a acreditar em tudo que vê nas redes sociais, os memes políticos não possuem esse “poder”, mas podem remeter a tais notícias e perfis, fazendo com que os usuários repliquem determinadas informações inverídicas.

Viktor Chagas (2018) alerta-nos para a produção dos memes políticos que são feitos de forma similar aos anúncios publicitários, já que pendem a persuadir os usuários da internet por meio de slogans e frases de efeito em campanhas políticas. O visual ou a composição dos memes que se fazem através da complementaridade entre verbal e visual são capazes de “(...) sintetizar/personificar um conjunto de referências sobre os políticos ou o cenário da política” (CHAGAS, 2018, p. 7).

Embora Chagas (2018) não seja um pesquisador da área das Línguas, defende que os memes políticos são um novo gênero discursivo midiático, bem como *uma nova forma de letramento político*, já que apresenta traço humorístico e, de certo modo, trazem uma espécie de familiarização dos usuários com a política, haja vista a construção e redes de troca permitidas pelo campo político da conjuntura política atual no Brasil, que engendra a relação de tensão entre as subjetividades que atravessam a contemporaneidade.

Assim, diferente de memes não políticos que se referem a “(...) um evento ou a uma personalidade histórica particular, e geralmente se referem a práticas de memória existentes, satirizando-as, fortalecendo-as ou propagando-as online (sic)” (CHAGAS, 2018, *apud* MAKHORTYKH, 2015, p. 64), os memes políticos são parte “(...) de uma ecologia da mídia e uma esfera pública agonística na internet” (CHAGAS, 2018, p. 8, *apud* Burroughs (2013). Ainda, “(...) os memes podem operar (1) como instrumentos de persuasão ou *advocacy política*; (2) como ação popular; e/ou (3) como modos de expressão e discussão pública” (CHAGAS, 2018, p. 9). *De todo modo, relacionando à teoria de Dawkins (1979) e ao que postulou Shifman (2013), para além do citado anteriormente, e integrando a categoria dos memes políticos como práticas discursivas meméticas, diremos que elas são artefatos culturais, que são replicadas e imitadas de forma parodística, levando em conta práticas discursivas outras, como uma espécie de militância que contribui para a propagação do ciberativismo e da polarização política, produzindo, nas mídias digitais, humor e ironia*

*através da subversão*<sup>43</sup>. Utilizaremos esta última noção, já que nosso intuito é, também, analisar de que modo os memes políticos contribuem para a polarização política brasileira.

Pode-se dizer que os memes políticos circulam em plataformas digitais e em aplicativos de conversa com o intuito de atingir seu Outro (MAINGUENEAU, 2008), seja de modo satirizado, seja em tom jocoso. Através da persuasão e da subversão, o diálogo entre as práticas acaba por enfatizar as divergências presentes no cenário político brasileiro. Assim, diferente de outras práticas comunicacionais ou sugestivas, os memes políticos têm um lugar privilegiado na política do Brasil, pois difundem mensagens persuasivas, com o intuito de incitar a grande massa à cena política. “Com um discurso que realça determinados aspectos de um candidato, um movimento ou uma causa, eles procuram sintetizar pontos positivos ou satirizar pontos negativos, consolidando sua proposta retórica através da metáfora” (CHAGAS, 2018, p. 10).

Dado isso, podemos atrelar os memes políticos ao discurso persuasivo, como já dito no capítulo 3, pois eles tentam convencer ou influenciar o outro. Em vista disso, pensando nas práticas discursivas que compõem o *cópus* deste trabalho, o compartilhamento e a reprodução de memes com subjetividades dicotomizadas em “direita *versus* esquerda” tendem a capturar uma quantidade significativa de aliados nas plataformas, fazendo com que esses campos discursivos cresçam em quantidade de aliados. Assim, “(...) misturar entretenimento com política geralmente torna a discussão mais acessível, mais divertida e aproxima o debate político da categoria “cool” – algo admirável para um tema que durante muito tempo foi considerado entediante na sociedade brasileira” (FREITAS, 2016, s/p.).

Desse modo, é possível observar que os memes políticos trazem entretenimento ao momento político do país, gerando, de certa forma, um interesse maior da população ao assunto. Logo, os memes políticos são capazes de transmitir informações mais sérias por meio de uma linguagem dinâmica que atinge a grande massa, justamente por se constituírem através de léxicos mais simples e da utilização de elementos visuais, propagando, de forma eficiente, diferentes subjetividades. Por esse motivo, tem-se, por meio dos memes políticos, a propagação de uma subjetividade particular para o campo coletivo, já que eles circulam por plataformas “comunitárias”.

Através da paródia, da metáfora e da metonímia, por exemplo, os usuários tendem a transformar políticos em personagens de filmes ou de momentos históricos, já que fazem montagens, juntando os rostos ou os corpos das personalidades públicas a personagens

---

<sup>43</sup> Para Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 94), na subversão, a imitação permite desqualificar a autoridade do texto ou do gênero fonte. Reconhece-se aqui os fenômenos da paródia depreciadora.

cinematográficas e consagradas historicamente. É o caso, por exemplo, do meme<sup>44</sup> da Carlota cloroquina que apresenta o rosto do Jair Messias Bolsonaro no corpo de uma rainha, remetendo à rainha louca Carlota Joaquina ou à rainha presente no filme *Alice no país das maravilhas*, enfatizando sua loucura ao validar a Hidroxocloroquina como um medicamento para a COVID-19, mesmo sem eficácia comprovada por médicos e pesquisadores da área, durante a crise sanitária global. “Pondera-se que a simplicidade e frequente binarismo dos memes políticos – a ideia de que há vilões e heróis que podem ser comparados a personagens de cultura pop reforça isso – contribuem para a polarização” (FREITAS, 2016, s/p).

Portanto, os memes políticos fazem parte do ciberativismo, já que perpetuam posicionamentos e subjetividades por meio dessa prática discursiva não tão simplória, tendo em vista que o ciberativismo “(...) consiste na utilização da internet como uma ferramenta para a difusão de informações, reivindicações e debates políticos” (RESENDE, FREITAS, OLIVEIRA, 2015, s/p.).

Não é novidade que a conjuntura atual viabilizou muitas vezes por meio da internet, é por meio dela que a população interage e acompanha os acontecimentos socioculturais do mundo todo. Destarte, é fácil perceber que o ativismo digital ganha força, já que atinge um grupo enorme de usuários que propagam subjetividades por meio de práticas discursivas digitais, como é o caso dos memes políticos, que são “peça-chave” para críticas, reclamações e apoio frente a personalidades políticas.

Se pensarmos nos acontecimentos sociopolíticos da contemporaneidade, podemos perceber a força que as redes sociais possuem, tanto para o bem – o que é aceito pela comunidade - quanto para o mal – o que é criticado de modo negativo por ela -, levando em conta também a quantidade de notícias falsas que se propagam nesta era, como dito anteriormente.

Tendo em vista isso, os memes políticos acabam por contribuir muito com o ciberativismo, já que, por meio de uma enunciação jocosa, irônica, reflexiva, crítica e satírica, permitem a produção de práticas discursivas sérias, através da produção de subjetividades entre as materialidades verbais e visuais. Pode-se perceber que os memes políticos estão sempre parodiando as personalidades e os acontecimentos cotidianos e isso só foi possível devido ao advento da internet. É por isso que podemos afirmar que o modo de agir da população se altera a depender do social institucional em que ela se insere:

---

<sup>44</sup> O meme da Carlota cloroquina está disponível em: <https://twitter.com/estadao/status/1250066277277851656>. Acesso em: 23 mai. 2021.

É inegável que os nossos modos de interação social foram transformados pelo impacto das novas formas de comunicação e novos dispositivos digitais, o que tem possibilitado mudanças na maneira de atuação dos indivíduos em determinadas questões do corpo social. Certamente, esse processo de midiaticização da sociedade afeta, inclusive, os modos da ação política (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015, s/p.).

A mídia televisiva e impressa perdeu, de certo modo, popularidade e credibilidade, haja vista a tendência que tais instâncias possuem em reorganizar e editar vídeos e imagens que servem como “provas”. Vive-se uma era em que a aliança subjetiva é a que mais conta, mesmo que se diga uma mentira. Isto é, é mais fácil compartilhar uma informação ou meme político que remeta a uma *fakenews* que acreditar numa mídia televisiva que apresente um posicionamento político distinto do seu, principalmente se levarmos em conta o *mídiium* (MAINGUENEAU, 2013) em que tal prática discursiva circulou. Em outras palavras, a veracidade de informações é muito mais validada quando ocorre face a face ou quando se dá entre indivíduos que se aliam às mesmas subjetividades. Por isso, se um meme ou notícia for enviada via *WhatsApp* por um enunciador que possua uma relação íntima com seu receptor, por exemplo, há uma probabilidade muito grande de esse receptor acreditar e compartilhar tal informação sem verificar as fontes de origem.

Acredita-se que, por isso, *o ativismo digital se tornou tão forte*, já que os elementos sócio-históricos, que integram as práticas discursivas midiáticas, são construídos no momento processual das enunciações. Por exemplo, a fala de um representante numa manifestação de rua pode, imediatamente, virar um meme político, devido ao acesso que as pessoas têm aos dispositivos e a interdiscursividade que essa prática mantém com outras práticas discursivas. Normalmente, a produção de memes é instantânea, logo, essas práticas discursivas possuem uma “vida curta”; vivemos a era do acúmulo de informações, há a propagação de informação e o descarte delas na mesma intensidade. Muitas pessoas já não assistem mais aos telejornais ou aos programas sensacionalistas da televisão dita aberta no Brasil como se viu no passado, preferem assinar contratos com empresas que fornecem determinadas quantidades de séries, minisséries, filmes, entre outros. Isto é, a televisão aberta, hoje, passou a ser apenas um “lugar” de entretenimento e diversão, enquanto as páginas da internet, em sua grande maioria, é que cumprem um papel de comunicar, também, assuntos sérios e proporcionar o diálogo entre a massa.

Tendo em vista isso, percebe-se que não é mais por meio da televisão que há um debate político, mas sim por intermédio das páginas pessoais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, ou por meio de aplicativos de mensagens como *WhatsApp*. Ou seja, antes da era da internet, as pessoas acreditavam no que viam na televisão e não tinham força enunciativa

própria, a partir do momento em que a criação e o compartilhamento de informações chegam às mãos da população, tem-se uma participação das classes subalternas. É uma forma de resistência ao paradigma dominante que se perpetuava até então. Assim, “(...) as mídias sociais foram cruciais [...] para disseminar a verdade acerca dos acontecimentos, dado que os jornais e revistas expunham os fatos sob um ponto de vista específico, atendendo a uma determinada ideologia” (RESENDE; FREITAS, OLIVEIRA, 2015, s/p.).

Consequentemente, os memes políticos são um aliado dessas classes menos valorizadas, já que a utilização de gírias ou de sintagmas estanques que fazem referência a um assunto, que seja importante no momento, estão sempre presentes em suas construções enunciativas, incitando outros usuários a compartilhar tal meme ou a produzir novos. Outro fator relevante, nos memes políticos, que contribui para o ativismo digital, é a forma com que retomam práticas discursivas outras, como notícias, entrevistas, manifestações off-line, vídeos, entre outras, através da ridicularização de personalidades, recuperando seus próprios ditos, mas subvertendo-os, alterando a significação dos semas. Ainda, o modo como tais práticas são materializadas também é fator relevante para o ativismo digital, já que a distorção do visual e a ironia presente na complementaridade entre as materialidades é incitante e, de certa forma, persuade para o compartilhamento.

Assim, diferente das discussões políticas apresentadas pela mídia impressa e pela mídia televisiva, que apagavam, completamente, a existência de uma sociedade, o ativismo digital é protagonizado pelo poder soberano do povo que tem tido como aliadas as práticas discursivas meméticas. Aliás, em outros tempos, para ser um ativista, era necessário participar de alguma espécie de “organização” em favor de um posicionamento ou personalidade política. Hoje, “(...) a única exigência para participar de algum ativismo em rede é ter acesso à internet” (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015, s/p.). Logo, participar de atividades político-sociais ficou muito mais fácil com o acesso à *Web*.

Com isso, podemos perceber que as plataformas digitais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* são grandes aliadas da população desde o afastamento da Dilma Rousseff do poder em 2016, e também uma das grandes responsáveis pela polarização política presente na sociedade atual. Através dessas plataformas, pode-se expor pensamentos, opiniões e desejos por meio de argumentações sérias, como blogs, depoimentos, tuítes, mas também argumentar por meio da subjetividade trazida nos memes políticos que, além de produzir graça, permitem que a enunciação ganhe seu próprio espaço e atinja de forma rápida seu Outro (MAINGUENEAU, 2008).

Diferente da criação dos memes que tratam de artistas ou de civis, nos memes políticos parece haver uma espécie de resposta mais explícita às práticas discursivas que circulam nas mídias. Por exemplo, a partir do momento em que Temer assume o poder no Brasil em 2016 e expõe publicamente sua foto oficial como presidente, rapidamente, a grande massa responde essa posição por meio de diferentes paródias meméticas. É como se o povo precisasse dizer: o senhor está aí, mas não deveria.

Dentro desse ciberativismo, os memes políticos funcionam como espécie de “munição” em combate, como ora mencionado. É fácil perceber isso ao observar a produção dessas práticas discursivas numa relação de alteridade. Assim, se um meme<sup>45</sup>, que aparente subjetividade voltada para a direita, faz referência à parcela que se diz esquerda no Brasil, chamando-os de burros por meio de elementos verbo-visuais, logo em seguida, aparecerá, nas mídias, um meme que dialogue com ela, devolvendo-a o mesmo sema ressignificado, ao invés de serem burros, a prática que remete à esquerda chama a direita de jumenta, por exemplo. Os usuários se articulam e criam seus próprios campos de batalhas, lutam entre si, mas também contra as forças superiores.

Nesse ínterim, pode-se dizer que o córpus apresentado faz parte da “munição” dos usuários da internet, pois possibilitou efeitos de aliança, de oposição, de mudança, de estranhamento, de verdade, de polêmica e, consecutivamente, de polarização. Enquanto Temer encontrava-se no poder, a população estava, aparentemente, “unida” para tirá-lo do governo, já que circularam muitos memes que o ridicularizavam e quase não se viu memes políticos que o defendesse. Mas, a partir das eleições presidenciais de 2018, o espaço digital se tornou mais explicitamente um campo de batalha, dividido entre esquerda e direita, ou entre Bolsonaro e Lula. Muito embora tivéssemos outros candidatos concorrendo ao pleito, foi sob essas duas figuras que surgiram a maior parte das práticas discursivas meméticas.

Ou seja, num país “pacato” em que não se vê muitas manifestações na rua, as redes sociais se tornaram lugar de manifestar. É nela que se pode reconhecer, selecionar e perceber com quem deve haver uma aliança ou um afastamento, tendo em vista que, mesmo não querendo participar de uma guerra virtual, os indivíduos acabam por escolher lados. É por meio das práticas discursivas que as subjetividades transparecem, e a polarização se concretiza.

Outro fator que eleva as plataformas digitais como um lugar para o ciberativismo é, justamente, o fato de as pessoas de todas as idades se manifestarem por meio delas. Quando ocorreram as manifestações no Brasil em 2014, em que as pessoas utilizavam as redes sociais

---

<sup>45</sup> Tal meme se encontra no córpus desta pesquisa (figura 22).



para convocar a população para ir às ruas, notou-se um público, nas ruas do país, considerado jovem, já que os mais velhos não estavam dispostos ou saudáveis o suficiente para enfrentarem tal movimento. Mas, com as manifestações virtuais, não só a juventude se apodera das práticas discursivas meméticas para protestar, como também muitos idosos, tendo em vista que grande parte dos idosos fazem uso de aplicativos e compartilham tais práticas em suas páginas pessoais ou compartilham esses memes através de aplicativos de conversa.

É fácil perceber que os memes políticos dão conta de expressar um único assunto sob várias subjetividades. Eles se perpetuaram em nossa sociedade e se replicam em nosso dia a dia como elementos políticos, sociais e culturais. Eles fazem parte da sociedade contemporânea, possibilitaram o afrouxamento dos posicionamentos estanques, bem como ampliam o universo enunciativo. Permitem que os usuários possam interagir, compreender acontecimentos, analisar as situações cotidianas com um pensamento crítico, por meio da graça e da jocosidade, traço característico em sua construção. E é sobre a ideia do humor como elemento de exposição dos efeitos produzidos nos memes políticos que a próxima seção debruçará seus estudos.

#### **4.4 Os memes e o humor**

Nesta seção, explicitaremos o contexto de circulação dos memes políticos, bem como a relação da construção de sua materialidade linguístico-visual-discursiva para a exposição do humor como um dos elementos dos efeitos discursivos que se pode encontrar nas práticas discursivas meméticas.

##### 4.4.1 As práticas discursivas meméticas, o contexto de circulação e a materialidade linguístico-visual-discursiva

As práticas discursivas meméticas, principalmente as políticas, são construídas e renovadas a depender da (re)construção sócio-histórica que se dá no processo cultural-social das comunidades, como visto. Pensando a concepção apresentada por Dawkins (1979), acerca do termo meme, podemos associar a imitação, presente nos memes da internet e, mais

especificamente<sup>46</sup>, nos memes políticos, ao esforço cognitivo necessário para se perceber o humor, às vezes ácido, que se apresenta nos memes políticos. Partimos da hipótese de que o humor não é, necessariamente, o ponto de partida para os efeitos permitidos pelas práticas discursivas meméticas, mas, sim, um ponto de “chegada” ao ser cartografada pelo locutor ou leitor-cartógrafo, já que é pelo contexto de circulação dessas práticas que os efeitos são (co)construídos. Ou seja, os memes políticos que compõem nosso *cópus* surgiram a partir de (re)configuração política que se deu no Brasil após a saída de Dilma da presidência e que, de certo modo, segregou o país ainda mais, há de um “lado” subjetividades que repudiam sua saída, mas há também as subjetividades que a aplaudem, por isso o humor nem sempre leva ao riso (POSSENTI, 2018), uma vez que são as condições de produção das práticas discursivas e as subjetividades que concorrem nos campos discursivos que possibilitam ou não a presença do efeito do riso nas figuras leitoras.

Por isso, é importante ressaltar que a produção de humor, encontrada nas práticas discursivas meméticas, está estritamente ligada às relações interdiscursivas, mas também à relação intertextual que pressupõe essa prática discursiva. No entanto, diferente de outros gêneros, nos memes políticos, a intertextualidade, tanto por meio do visual quanto por meio do verbal, contribui para que se reconheça tais elementos de humor, em razão de essas práticas circularem em plataformas midiáticas que permitem o reconhecimento das práticas discursivas primeiras com as quais o meme dialoga. Isto é, a dinamicidade, possibilitada pelas redes sociais, revelam “com mais clareza” o embate discursivo que se constrói na relação Mesmo *versus* Outro por meio do simulacro dos elementos intertextualizados. Para Possenti (2018), o humor não é uma categoria de análise nas enunciações; o humor é visto como um campo, tal qual Maingueneau (2008) aborda na tríade do interdiscurso ao falar de universo discursivo, campo discursivo e espaço discurso, visto no capítulo 1.

A teoria dos campos põe fim à concepção tradicional que opunha simplesmente indivíduo e sociedade. Na verdade, cada indivíduo pertence a uma sociedade, é claro, mas seu modo de pertencimento passa pelo fato de que ele também pertence a um campo, ou a mais de um, e se submete tanto a regras que afetam todos os indivíduos (como declara a renda), mas também a outras que afetam apenas os membros de um determinado campo (científico, jornalístico, literário, religioso etc.). estes dois conjuntos de regras a que todos se submetem também são constantemente discutidos, problematizados e contestados (POSSENTI, 2018, p. 13).

Assim, as relações interpessoais são mediadas pelos campos com os quais os indivíduos se aliam, uns por escolha própria, outros por determinações “superiores”, há coisas

---

<sup>46</sup> Especificamos os memes políticos, pois são eles nosso objeto de pesquisa, foi por meio deles que houve um afetar-se para a pesquisa.

que todos os indivíduos devem fazer. Possenti (2018), citando Lahire (2017, p. 65), apresenta uma lista de propriedades que circundam os campos, são elas: (a) os campos são microcosmos pertencentes a um macrocosmo; (b) cada campo possui regras e desafios particulares; (c) se dá como um sistema ou espaço que se estrutura por posições; (c) é um lugar de luta, concorrência e, por que não, de resistência; (d) os agentes dos campos necessitam da existência deles; e (e) os campos tem autonomia relativa.

Ainda nessa perspectiva, Possenti (2018) aponta para o surgimento de novos campos a depender da necessidade sociocultural. Os campos delimitam a grade de restrições semânticas dos vocabulários, por exemplo. As palavras “atração” e “ação” possuem sentidos distintos a depender do campo com o qual se aliam. Na física, *ação* e *atração* não correspondem ao mesmo significado que em um campo religioso. Sendo assim, cada campo possui suas regras específicas de constituição. “Tudo o que se faz em um campo resulta do conjunto de regras específicas que os indivíduos e instituições associados seguem” (POSSENTI, 2018, p. 16).

Todavia, como nosso intuito não é o de estudar nem de reforçar a ideia de que o humor é um campo, tal qual postula Possenti (2018), vamos apostar na fundamentação de que *o humor*, para nosso estudo e para as práticas discursivas meméticas de nosso *cópus*, *é um dos elementos que contribuem para a produção de efeitos que se pode extrair da relação verbo-visual em que se materializam essas práticas*, já que percebemos a presença de efeitos de aliança, efeitos de oposição, efeitos de mudança social, efeitos de polarização, efeitos de verdade, efeitos polêmicos, efeitos de estranhamento etc.

A fim de mostrar de que forma o humor funciona como efeito e como elemento de exposição de outros efeitos, a seguir apresentaremos algumas especificidades que perpassam o universo humorístico.

#### 4.4.2 Humor como efeito de sentido e como elemento de exposição para outros efeitos encontrados nas práticas discursivas meméticas

O contexto de circulação das práticas discursivas assenti os elementos humorísticos nas peças meméticas, tendo em vista que tais elementos podem circular em vários campos discursivos e acerca de qualquer temática. Possenti (2018) afirma que o humor pode dissertar em relação a qualquer assunto, foge daquilo que é politicamente correto e entevem os limites permitidos para tratar de assuntos mais polêmicos. Além disso, o humor perpassa por distintos

gêneros discursivos e se faz presente em muitos outros gêneros, mesmo aqueles que tratam exclusivamente do humor, como o caso de comédias, por exemplo. “(...) em todos os espaços pode haver pitada de humor” (POSSENTI, 2018, p. 29). Assim, o humor não se “pretende pragmático”, haja vista o tratamento que os gêneros humorísticos dão aos assuntos políticos, machistas e racistas, por exemplo, fazendo com que a grande massa possa produzir distintas subjetividades acerca de tais temáticas sem se prender ao costumeiro.

O humor também pode ser dividido em popular e refinado. O popular é aquele que se dá para todos os tipos de público, em que, embora haja piadas mais pesadas para determinado público, não será silenciado por forças superiores. Já o humor refinado seria permitido àqueles que pudessem desvendar os segredos trazidos nas entrelinhas discursivas, que é de difícil compreensão para crianças e para o povo em geral. Ou seja, o elemento humorístico precisa ser cuidadoso linguística e visualmente.

Possenti (2018) conecta as coerções para a produção de humor ao *mídiu*m (MAINGUENEAU, 2013), já que o *mídiu*m contribuiu para a função social dos gêneros nos campos discursivos em geral. Também nos informa que o humor não possui, necessariamente, um acordo com a verdade, nem necessidade de eficácia programática ou militante. Talvez, o humor assuma algumas dessas funções porque retrata situações que fazem parte do cotidiano habitual, mas não significa que tais explanações, por meio de gêneros humorísticos, seja um traço fiel da vida de outrem.

Assim sendo, em textos de caráter humorísticos, encontramos graça através do inesperado. Isto é, em memes políticos, por exemplo, pode-se encontrar enunciações que desqualifiquem uma personalidade pública, trazendo humor à prática discursiva. De certo modo, as práticas discursivas meméticas motivam a jocosidade porque são inesperadas, mesmo que possamos imaginar a construção de algumas delas. Todavia, a piada que se cria por meio desse gênero só é possível porque há marcas de tensão.

Com isso, os memes políticos se aproveitam de aspectos que saem da esfera privada e que se tornam públicos para subverter outras práticas discursivas, através da paródia que, por causa da marca de tensão e, também, da quebra de expectativa, podem trazer humor para a prática.

Uma das características presentes nos memes da internet que contribuem para associar esses hipergêneros ao campo humorístico é a criatividade, já que a construção e a elaboração desses enunciados partem de atos criativos. Possenti (2018, p. 62), citando Koestler (1964), expõe que “(...) todos os atos criativos – conscientes e inconscientes – que subjazem às descobertas científicas, à originalidade artística e à inspiração cômica têm características

similares”. *Dizer que os memes políticos são descobertas científicas não cabe em nosso texto, mas afirmar que se trata de originalidade artística e inspiração cômica, sim, tendo em vista que a imitação, que carrega em seu nome, permite esses traços.*

Outro traço característico do humor que se pode ver nos memes políticos por meio dos efeitos que produz é o exagero (POSSENTI, 2018). Normalmente, essas práticas discursivas trazem, através da subversão, um exagero acerca das temáticas que versam, pois sempre enfatizam, negativa ou positivamente, uma personalidade pública ou uma situação política. O exagero pode estar presente por meio do linguístico, através de advérbios e de adjetivos, mas também do visual, através das modificações que se faz do texto-fonte ou com a alocação de novos objetos que trazem subjetividades outras à prática.

Possenti (2018), também, apresenta dois fatores característicos do humor dos provérbios que podem ser recuperados e associados ao estudo dos memes. Para o autor, um fator está relacionado à alteração de parte do provérbio original; e outro fator ligado à sabedoria das nações. Nos memes políticos, pode-se ver o humor por meio da alteração do texto original, mas também vemos assuntos relacionados a um saber maior, como no caso dos memes que são creditados por meio de figuras consagradas como as figuras de Marx e de Einstein, por exemplo.

Ainda, em relação aos traços humorísticos presente nos gêneros discursivos, Possenti (2018) aponta para a necessidade de fazer piada com a própria construção dessa piada. Os memes da internet são uma espécie de piada que só funcionam para um grupo específico de interlocutores, como se fosse uma “piada interna”, e é por isso que acreditamos num “identificador”, como apresentado nas categorias de leitura dos memes da internet propostas neste texto, a julgar pelo fato de determinado indivíduo saber tratar-se de um meme, mas não conseguir lê-lo. Nas palavras de Possenti (2018), “Segundo Freud, o impulso de contar uma piada a alguém está inextricavelmente ligado à própria elaboração da piada. De fato, esse impulso é tão forte que é levado a efeito mesmo que haja problemas para isso – como a censura”.

Isto é, a circulação dos memes políticos não está preocupada em ser censurada, mas, sim, em pôr em evidência um assunto, bem como ridicularizar as personalidades políticas. Como a elaboração de memes da internet causa invisibilidade autoral, não há muitos problemas em compartilhar tal prática, já que não foi o usuário que a compartilhou que “disse” algo, ele apenas passa à frente o já dito.

Em vista disso, o humor aponta para existência da polêmica para a tensão que se constrói no campo político em que as práticas discursivas meméticas circulam. Por isso,

importante revisitarmos o que Possenti (2018) apresenta acerca das postulações de Maingueneau (1984). Primeiro, Possenti (2018) traz à tona a noção de interdiscurso, explicando que o interdiscurso precede um discurso, o que faz com que haja produção de posicionamentos contrários à enunciação, fazendo com que alguns discursos tenham uma “relação polêmica inevitável” entre si. É o que se pode observar nas práticas discursivas meméticas, os memes políticos remetem a outros memes políticos, mas também a práticas discursivas outras, o que gera uma inevitável relação polêmica entre as práticas, como visto.

Dessa maneira, o autor afirma que a relação polêmica efetua uma interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), como visto no capítulo 1, “(...) nenhum discurso lê o outro como tal, mas sempre a partir da própria semântica” (POSSENTI, 2018, p. 105). Melhor dizendo, é através da subjetividade com a qual se alinha tal prática discursiva que a significação dos signos será refinada em sua grade de restrição semântica, trazendo um simulacro acerca da prática discursiva recuperada.

Assim, na polarização política, causada por meio dos memes políticos, a interincompreensão e o simulacro tendem a ocorrer por intermédio do visual, já que a materialidade visual que é, regularmente, ressignificada a depender da grade de restrição semântica que se produz dentro de um determinado campo. Quer dizer, é na escolha da “desconstrução” visual que se tem um simulacro acerca das subjetividades que perpassam o discurso Outro.

Esse jogo de conceitos discursivos é que contribui para a ideia do humor como elemento de exposição dos efeitos que se encontram nos memes políticos. É pela insensibilidade apresentada na superfície textual que os implícitos dialogam e trazem graça aos memes políticos. Dessa forma, para Possenti (2018, p. 115),

Assim como se caracteriza tipicamente a ciência pela objetividade e racionalidade, e a religião pela fé, talvez se possa dizer, nos termos de Bergson (2004: 3), que o humor se caracteriza pela insensibilidade. O que quer dizer que o humor – como fenômeno social – exige que o ser humano suspenda qualquer sentimento que funcione como inibidor do riso.

Atrelado a isso, o autor disserta, de certo modo, sobre até que ponto ou até onde o humor pode chegar. Trazendo como exemplo a doença de Michel Temer, em meados de 2018, e a posição de alguns jornalistas acerca do problema, bem como posicionamentos contrários ao fato de alguns indivíduos terem tratado de forma humorística o ocorrido com o ex-presidente, Possenti (2018, p. 118-119) afirma que, nesses casos, (...) um texto de humor é lido em certas passagens como se fosse “objetivo”, violando dois tipos de normas, uma de ordem moral, como citar palavras proferidas pelo médico, outra de ordem da insensibilidade”.

E, em outra ordem, a defesa para que haja limites “(...) no exercício do humor, especialmente no que se refere a ‘não desrespeitar pessoas que sofrem’, enunciado que resume o argumento”.

Melhor dizendo, os memes políticos que colocam as personalidades políticas em momentos de doença ou morte em cena, sendo alvos de chacota ou de deboche por parte da população, são questionados e abominados pela outra parcela da população que corrobora o pensamento de tal personalidade. Ou seja, pode-se rememorar dois casos marcantes na política brasileira, a morte do neto de Lula e a doença, seguida de morte, de sua esposa; também os problemas de saúde e cirurgias enfrentadas por Bolsonaro - ambas as situações foram zombadas e ironizadas pela grande massa através da criação e da replicação de memes políticos. Mas, ainda assim, Possenti (2018, p. 119) declara: “A polêmica não ocorreria se o próprio humor não fosse objeto de debate, inclusive quanto a sua natureza”

[...] discursos estabilizados implicam ou supõem mundos independentes. Discursos instáveis implicam outro tipo de relação discurso/mundo: não se trata de sustentar que aquele cria este, mas de uma posição ambígua em relação a ele, eventualmente de dúvida entre aceitação e rejeição, ou, pelo menos, de consideração que outros sentidos, isto é, outros posicionamentos, são de certa forma aceitáveis.

Assim, embora Possenti (2018) aponte certa insegurança humorística quanto à vida e à saúde das personalidades políticas públicas, podemos afirmar que fazer humor com esse tipo de situação é, de certa forma, aceitável no que tange aos movimentos ciberativistas no tocante à resistência, já que os políticos, no Brasil, devido à corrupção, são culpados pelo descaso com a saúde e com a educação do país, o que desencadeia diversas mortes e doenças, por exemplo.

Concomitante a isso, Shifman (2007) também alerta para a propagação do humor através da internet, já que, em grande parte, os usuários fazem das plataformas digitais um espaço descontraído em que se permite a propagação desenfreada de piadas. Talvez, por isso, faça-se humor com qualquer situação cotidiana, é como se nesses dispositivos pudesse tudo. Paralelamente a isso, pode-se dizer que a criação de memes políticos causam humor porque buscam uma soberania de ideais de um lado em detrimento do outro (direita *versus* esquerda, por exemplo), mas também porque a criação dessas enunciações busca, de certo modo, aliviar a tensão política que há entre a própria população. Para o momento político atual do país, só o humor “salva”.

Com o intuito de analisar, refletir e criticar o que foi dito até aqui, a próxima seção apresentará o caminho cartográfico de análise e a interrelação entre práticas discursivas

meméticas. Apresentaremos o caminho cartográfico para análise do objeto estudado. Primeiro, apresentaremos os elementos que contribuem para a materialidade dessas práticas discursivas, depois, por meio da relação dos memes com outras práticas discursivas, mostraremos os efeitos polarizadores que se encontram inscritos no campo político que analisamos, ainda, salientaremos os modos de produção das filiações e efeitos de sentidos que favorecem ou não tais relações. Com isso, encontrar-se-á práticas discursivas meméticas que foram investigadas, atreladas a seu contexto de produção, mostrando de que modo os memes políticos podem ser consolidados como práticas polarizadoras do ciberativismo.



### PARTE III – O PROCESSO DE ANÁLISE

Nesta parte do trabalho, por meio do amalgame entre a metodologia e o afetar-se da pesquisadora, além da análise dos 30 memes que se encontram em nosso *cópus*, bem como o contexto social e institucional em que se deram, mostramos o caminho de abalramento com os memes políticos. Além disso, à luz do que postulam Deusdará e Rocha (2021), apresentamos uma síntese metodológica do que pretendemos e do que buscamos por meio da materialidade verbo-visual na qual os memes políticos que analisamos são constituídos. Primeiro, ainda nesta parte, anunciamos uma reflexão sobre a escolha dos momentos que aqui aparecem. Depois, expomos alguns elementos que auxiliarão o leitor na compreensão do que pretendemos, e, ao final, sintetizamos as teorias percorridas através de um mosaico síntese para análise.

Do lance 1 ao lance 14, comentamos os efeitos de sentido que são (co)construídos na relação interdiscursiva dos memes políticos não só com outros memes, mas também com outras práticas discursivas, por meio das postulações que engendram a Análise do Discurso, a Semiótica e o desdobramento da figura de leitor proposta neste estudo. Tal percurso e processo de escrita só foi possível devido à relação “inextricável” que se fez entre pesquisadora e objeto.

Sendo assim, neste primeiro momento, é importante ressaltar o porquê de esse *cópus* pertencer a esta tese<sup>47</sup>. O meu projeto de pesquisa começou a ser escrito em 2017, ano em que já se tinha, na presidência do Brasil, Michel Temer. Devido a isso, o recorte inicial para o estudo fora feito acerca da saída de Dilma do poder e, consecutivamente, da entrada de Michel, haja vista que era seu vice; mas também dei ênfase ao processo que condenou Luiz Inácio Lula da Silva, pois, de certo modo, os acontecimentos me pareciam estar atrelados, isto é, precisei retornar para o ano antecessor, a fim de compreender o que estava acontecendo em 2017. Por isso, iniciei a análise com os acontecimentos que ocorreram em 2016, tendo esses personagens como protagonistas.

Logo assim que Temer assume a presidência do Brasil, muitos memes são produzidos e compartilhados nas plataformas digitais em tom de deboche não só sobre a sua pessoa em si, mas também refutando o lugar que ocupara, compactuando, de certo modo, com o golpe que ocorrera contra Dilma Rousseff. Tais práticas discursivas foram capazes de me afetar de tal modo que não consegui me afastar desse gênero discursivo para minha pesquisa de doutorado, já que muito me intrigava o fato de uma materialidade verbo-visual, composta em formato de

---

<sup>47</sup> Abriremos um “parêntese” para uma narratividade em primeira pessoa do singular.

quadro, com poucos elementos, me fazer lembrar tantos acontecimentos e produzir tantos efeitos de sentido. Além disso, tais práticas discursivas também eram capazes de me fazer rir em muitos momentos, mesmo havendo uma tensão política no país. Ainda, é importante pontuar que venho de um lugar em que a graça e a leveza são fundamentais para encarar a labuta diária, sempre que posso e que cabe, brinco com as pessoas e as situações. Como diz o amigo Estêvão: “a Thati é um meme”. Acredito também que, antes mesmo de saber o que eram os memes, eu já era um meme. Tudo isso me fez perceber que os memes traduzem o que muitas pessoas achavam que não poderia ser traduzido; o meme não fala porque fala, ele fala porque precisa responder a outrem, assim como todas as nossas relações. Ademais, os memes políticos possibilitam a reflexão das situações sociopolíticas, o que me permitiu a percepção do movimento ciberativista que crescia e cresce nas redes.

Sendo assim, para além da posse de Temer, a tensão política no Brasil aumentava e, de acordo com o que estava percebendo, a polarização crescia também com a “ajuda” dos memes políticos, já que eu mesma, ao compartilhar memes políticos em minhas próprias redes sociais, era capaz de perceber distintas subjetividades e de promover embates calorosos nas mídias por meio apenas de uma publicação. Tal afetivação foi tão forte que não houve, de certo modo, uma escolha do *cópus* por minha parte, mas, sim, uma escolha de pesquisadora por parte do próprio *cópus*, já que parecia que eles haviam me escolhido. Como explicita Deusdará e Rocha (2021, p. 119), “(...) o pesquisador busca acesso a uma complexidade de forças em embate no plano da experiência”. Isto é, a experiência em que estava imersa implicou-me de tal modo, que já não mais via nos memes um gênero discursivo que proporcionava entretenimento, mas uma prática discursiva que vinha sendo utilizada como munição, na “guerra” midiática, que possibilita distintas subjetividades, trazendo diferentes efeitos de sentido para além do efeito de humor, que me captara num primeiro momento.

Com o tempo passando e a pesquisa amadurecendo, muitas coisas aconteceram no país, tanto no período em que Michel Temer estava no poder, como após a sua saída, com a vitória de Jair Bolsonaro à presidência do país. De 2016 até 2019, situações como a saída de Dilma da presidência; os processos e as manobras políticas que possibilitaram a prisão do Lula, a Reforma da Previdência, a Reforma do Ensino Médio, a greve dos caminhoneiros, a facada em Bolsonaro, o 2º turno das eleições presidenciais no Brasil em 2018, a vitória de Bolsonaro, o azul e o rosa de Damascos, o caso do Queiroz, a censura do beijo gay na Bienal, a sugestão de Eduardo Bolsonaro para a volta do AI-5, e a soltura de Lula da prisão foram movimentos políticos nos quais eu estava imersa, tanto em minha vida pessoal e íntima, como em minha vida profissional e acadêmica. As Reformas citadas aqui interferem diretamente na

minha vida como docente, que me fazem refletir de que modo subjetividades neoliberais, que promovem escancaradamente o sucateamento das instituições públicas e a restrição dos discentes brasileiros ao acesso a livros e a materiais que possibilitam o crescimento intelectual e subjetivo, continuam a possuir aliados. *Como não está imersa em tudo isso que estava acontecendo?* Outro momento marcante para mim e que posso citar foi a greve dos caminhoneiros que promoveu o distanciamento físico entre mim e meu esposo, já que ele trabalha em outra cidade e precisou ficar próximo ao trabalho no período em que a falta de combustível afetava vários setores do país. Ou seja, a interferência das ações governamentais, com o aumento do combustível, desconfigurou a linearidade familiar de muita gente, inclusive a minha. Muitas famílias precisaram se separar para continuar sobrevivendo num mundo em que a economia nunca pode parar, isso só para citar um pequeno caso.

Sendo assim, a restrição dos momentos políticos que intervinham na minha vida precisava de um ponto-final, haja vista que a tensão política no país parece só aumentar. Com o intuito de encerrar um ciclo, já que não poderia nem conseguiria falar sobre todas as práticas discursivas meméticas que foram feitas e que continuam sendo produzidas, a soltura do Lula me pareceu encerrar não só o ciclo inicial da minha pesquisa, que começou a partir da saída de Dilma do poder, com a cassação dele, mas também da resistência política das forças opositoras às subjetividades neoliberais que nos atravessam.

É imersa no próprio objeto e na relação de afetivação com o *cópus* que os momentos políticos vão-se encontrando comigo no processo-pesquisa-intervenção. Com isso, passei a pesquisar, na materialidade verbo-visual na qual se produzem os memes políticos, como se constroem os posicionamentos discursivos nesses embates políticos, que podem suceder efeitos de aliança e de rivalidade (entre outros), mas também como os saberes construídos são ratificados e refutados por meio da “desconstrução” que o *discurso-agente* traduz em seu *discurso paciente*.

Como apoio para a organização do que busco neste trabalho, apresento alguns dos pontos teóricos e metodológicos traçados por Deusdará e Rocha (2021, p. 115-117) em sua produção acerca da Análise Cartográfica do discurso que acredito se relacionar à minha pesquisa. Em relação à prática científica (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 115-116), tal qual os autores e em suas palavras, pretendi:

- apostar na produtividade do paradigma ético-estético-político;
- [...] incorporar a ideia do embate de forças [...];
- assumir a inseparabilidade entre conhecer e intervir (pesquisa-intervenção);
- sustentar a análise das relações que vinculam o pesquisador ao mundo, às instituições, ao objeto de pesquisa (análise das implicações);

- propor descolar as instituições das formas constituídas, reconhecendo a dinâmica sócio-histórica do embate entre formas (plano do instituído) e força (plano instituinte);
- reafirmar o lugar do analista do discurso como trabalhador das ciências sociais, contribuindo, desse modo, para a construção de uma certa qualidade do social que desejamos promover [...].

Em relação à linguagem-mundo-sujeito (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 116-117), recuperei, das noções trazidas pelos autores, os seguintes postulados:

- assumir e perseguir o primado da interdiscursividade sobre os discursos;
- sustentar o primado da prática, assumindo a inseparabilidade entre discurso e instituição;
- recusar a correspondência entre conteúdo e sentido, assumindo a heterogênesse do sentido, que se efetua no espaço-tempo;
- articular dispositivos de produção de subjetividade com a investigação das práticas discursivas;

E, para o trabalho com a materialidade (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 117), recuperei noções que contribuem para que possamos:

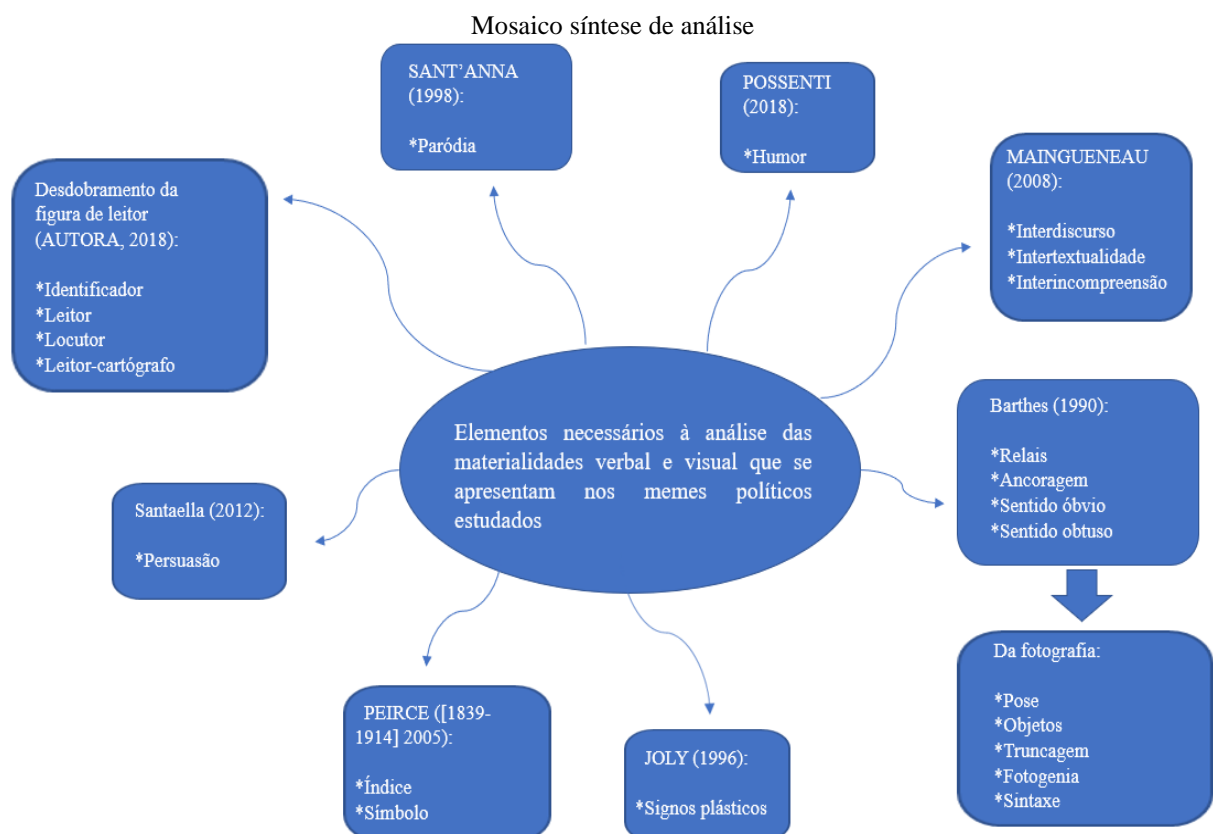
- considerar a materialidade linguística como fator necessário, mas não suficiente, recorrendo então à noção de prática discursiva (Maingueneau 1984[2005]);
- apostar no primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas (Passos, Kastrup, Escóssia 2010; Passos, Kastrup, Tedesco 2014);
- adotar procedimentos metodológicos voltados para o acompanhamento de processos, compatíveis com a proposta de uma cartografia (Passos, Kastrup, Escóssia 2010; Passos, Kastruo, Tedesco, 2014);
- adotar uma abordagem discursiva que acolha diferentes materialidades (verbal, pictórica, cinética etc.) [...].

Espero que tais aspectos apresentados pelos autores possam auxiliar o leitor a perceber que tipo de pesquisa proponho também neste estudo, valorizando a implicação do pesquisador com o objeto, acreditando que o pesquisador está imerso no próprio cópuz, mas também a importância da pesquisa-intervenção no percurso cartográfico de análise. Ao longo das análises, o leitor se deparará com distintas pistas do livro *Pistas do Método da Cartografia*, apresentado no capítulo 2, que contribuíram para que nosso estudo pudesse se alinhar ao que postularam Deusdará e Rocha (2021) acerca de uma Análise Cartográfica do discurso.

Para além do exposto, as noções, trazidas por Maingueneau (2008), nos auxiliaram a compreender de que modo as práticas discursivas meméticas interagem entre si e retomam outras práticas na cena política brasileira, através do interdiscurso e da interincompreensão. As concepções de Sant'Anna (1998), acerca da paródia, foram fundamentais para análise do cópuz, já que a materialidade visual se dá sob uma intertextualidade parodística. Além disso, para análise da materialidade visual, lançamos mão dos postulados de Joly (1996), de Barthes

(1990), de Peirce (1839-1914] 2005) e de Santaella (2012), com o intuito de investigar como essa materialidade constrói os posicionamentos discursivos que entram em embate nas plataformas digitais, seja através da materialização de signos plásticos, seja pela materialização dos símbolos. Ademais, a relação entre o óbvio e o obtuso e os elementos que compõem a “sintaxe” das fotografias nos auxiliaram a “revelar” os efeitos de sentidos outros para além do efeito de humor (POSSENTI, 2018). Ainda, o desdobramento da figura do leitor nos abriu caminho para compreender que o território-meme, a depender dos gestos de leitura, é passível de ser cartografado, já que a figura do leitor, desdobrada em leitor-cartógrafo, é capaz de cartografar cada “canto” do território ao se (des)territorializar das subjetividades que o atravessam e se (re)territorializar para percorrer caminhos outros.

Desse modo, tendo em vista as redes rizomáticas das teorias que traçamos para nossa análise, apresentaremos, a seguir, uma espécie de mosaico que contribui sintetizando os elementos teóricos necessários à pesquisa com as práticas discursivas meméticas que se materializam através do verbo-visual.



Fonte: A autora, 2021.

A seguir, apresentaremos nosso processo de pesquisa e encontro com as práticas discursivas meméticas.

## 5 **RECUPERANDO PROCESSOS: ANÁLISE CARTOGRÁFICA DISCURSIVA DOS MEMES POLÍTICOS QUE MOVIMENTARAM AS PLATAFORMAS DIGITAIS DE 2016 A 2019 NA CENA POLÍTICA BRASILEIRA**

Esta seção apresentará o percurso da pesquisadora em relação à análise de memes políticos na internet, dando ênfase também à narratividade<sup>48</sup>, prevista pela perspectiva cartográfica, do contexto sociopolítico do país. O recorte do *cópus* se restringe à posse do ex-presidente Michel Temer, e, consecutivamente, a saída de Dilma Rousseff do poder, em 2016, até o ano de 2019, em que já se tinha o presidente Jair Bolsonaro na presidência, como visto anteriormente. A escolha desse período se deu pelo próprio ato de pesquisar, já que o projeto de doutorado, que culminou na escrita desta tese, começou a ser escrito no ano de 2017, ano em que os memes políticos passaram a implicar demasiadamente a vida da pesquisadora, que viu neles uma prática discursiva capaz de (des)subjetivar a grande massa e, de certo modo, influenciar as (micro/macro) políticas que circulavam (e circulam) na sociedade brasileira contemporânea. O recorte desse período vai até 2019, em que já se percebia algumas mudanças marcantes na cena política brasileira com o novo pleito.

Esse período, de 2016 até 2019, foi marcado por grandes acontecimentos políticos e pela utilização exacerbada de memes que circunscrevem o “campo político” (MAINGUENEAU, 2008) midiático. O *cópus* consta de 30 memes políticos, mas também de recortes de notícias, de reportagens e de contextualizações social-político-históricas que contribuíram para a criação de tais práticas discursivas.

Assim, levando em conta que a contextualização política em que se enquadram os memes políticos fazem parte, diretamente, do contexto analítico, optamos por não apresentar um capítulo exclusivo acerca da política brasileira, mas, sim, apresentaremos, em primeira instância, os lances que propiciaram a criação e o compartilhamento de memes políticos que contribuíram e contribuem para movimentar a cena política brasileira, bem como para sua polarização.

Tendo em vista isso, o processo de estudo e de análise do *cópus* se dará sob alguns princípios: (i) será apresentada uma contextualização acerca do período político que suscitou, naquele momento, a criação de memes políticos no Brasil, levando em conta que os memes políticos se atualizam a cada novo acontecimento político-social-cultural no espaço-tempo. Logo, não haveria possibilidade de analisar todas as práticas discursivas (MAINGUENEAU,

---

<sup>48</sup> Pista 8 – *Por uma política da narratividade* (PASSOS; BARROS, 2015).

1997) meméticas que se encontram via *Web*; (ii) cada meme político apresentará uma descrição e sua relação com as notícias e com os contextos sociais vinculados para sua criação; (iii) apresentaremos o mapeamento da prática discursiva, levando em consideração os possíveis desdobramentos dos coenunciadores: identificador, leitor, locutor e/ou leitor-cartógrafo; (iv) analisaremos a materialidade verbal, apontando sua relação interdiscursiva e a relação de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) que contribuem, de fato, para a polarização política; e (v) investigamos também a materialidade visual e suas construções de sentido, levando em conta as noções postuladas por Joly (1996), por Peirce (2005) e por Barthes (1990). As postulações de Santaella (2012) também contribuem para a análise do *cópus*, mostrando a relação de proximidade que há entre as publicidades e os memes políticos por meio da persuasão. Além disso, a paródia será apresentada como elemento significativo para a análise da materialidade visual em memes, já que também propicia uma relação de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) entre as práticas.

Dito isso, começaremos a próxima seção apresentando uma breve contextualização do momento político que vivenciou o Brasil após a saída de Dilma em 2016, que culminou na posse do ex-presidente Michel Temer, e, consecutivamente, o início desta pesquisa: a criação de memes políticos a partir da foto oficial de Temer.

### **5.1 Lance 1 - Da saída de Dilma Rousseff à criação de memes com o Michel Temer**

A situação política do Brasil, após a saída de Dilma do poder, parece-nos ter alavancado a utilização de memes políticos como práticas discursivas ativistas nas redes sociais. Tais práticas discursivas ativistas nos convocam a diversas reflexões e a críticas acerca desses acontecimentos. Entretanto, para isso, é necessário compreender de que modo os memes políticos assumem uma frente importante nesse cenário político brasileiro. Logo, investigamos de que modo as subjetividades que perpassam essas práticas discursivas passaram a ser construídas a partir de uma parte da história da política brasileira, produzindo alguns efeitos de sentido.

Importante frisar que, atualmente, o globo sofre grandes influências de subjetividades neoliberais que foram-se construindo ao longo dos anos. O atravessamento de discursos machistas, homofóbicos, xenofóbicos, entre outros, contribuíram para que a polarização política, não só no país, crescesse significativamente. Sendo assim, o atravessamento desses

enunciados no Brasil, materializados em memes políticos, passa a ser mais “concreto”, na percepção da pesquisadora, a partir da saída de Dilma da presidência do país. Em relação ao pensamento liberal, que influenciou as políticas neoliberais, e que, conseqüentemente, contribuíram para a saída da ex-presidenta do poder e para a atual situação política do Brasil, Brow (2020 [2019], p. 09) explica que

Os sentimentos nativistas, racistas, homofóbicos, sexistas, antissemitas, islamofóbicos, bem como sentimentos cristãos antisseculares, adquiriram bases políticas e legitimidade inimagináveis há uma década. Políticos oportunistas surfam nessa onda, enquanto conservadores com mais princípios buscam submergir e esperar que ela passe; as agendas políticas de ambos frequentemente confluem mais para a plutocracia do que para as paixões furiosas de uma base que exige a criminalização de imigrantes, do aborto e da homossexualidade, a preservação de monumentos ao passado escravista e que as nações voltem a se dedicar à branquitude [*whiteness*] e à criatividade.

Após a saída do ex-presidente Lula do poder em 2008<sup>49</sup>, assumiu a presidência do Brasil a candidata, também do Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff, que governou o país de 2009 até 2016 ao lado de seu vice-presidente Michel Temer. A escolha de Temer para a vice-presidência do país se deu, principalmente, pela necessidade, vista pelo, então presidente, Lula, de possuir mais aliados no Congresso, isto é, coligar-se a outros partidos políticos como o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Como afirmou o próprio político: “*Nenhum presidente governa sozinho*”<sup>50</sup>.

Entretanto, na última eleição em que Dilma Rousseff vencera, parece haver uma aliança entre os partidos opositores para que o Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>51</sup>, enfim, pudesse sair do poder. É nesse cenário que a internet ganha uma força enorme e os gêneros discursivos que nela circulavam contribuíram, ativamente, para polarizar, ainda mais, o Brasil. Até aqui, parece-nos que a política neoliberal, que já circulava pelo mundo, contribui ativamente para essa aliança e, consecutivamente, para a “queda” do PT. Em relação a isso,

[...] A globalização neoliberal também é responsável por grande parte do descontentamento das classes brancas trabalhadora e média no Norte global, cujas fortunas e futuros colapsavam à medida que o capital manufatureiro buscava mão de obra barata no Sul global, que o capital financeiro transformou a necessidade humana de moradia e a provisão para a velhice em fonte de megalucros pela especulação e que a ideia da tributação como forma de custeio da civilização desapareceu. (BROW, 2020 [2019], p. 17).

<sup>49</sup> Recorte histórico com base no filme “Democracia em Vertigem”.

<sup>50</sup> Fala recuperada do documentário “Democracia em Vertigem”.

<sup>51</sup> PT = Partido dos Trabalhadores



Até o momento, já se pode perceber de que forma as políticas neoliberais intervinham na política brasileira, levando em conta não só os escândalos de corrupção, como também as manobras políticas que vinham sendo feitas para que a presidenta eleita saísse de seu pleito. De certa forma, a proximidade trazida pela globalização permitiu a consolidação dessas subjetividades que passaram a se legitimar em muitos países, já que as subjetividades se ratificavam.

Todo esse acontecimento começa a movimentar a cena política brasileira porque, no final de 2015<sup>52</sup>, Eduardo Cunha<sup>53</sup> autorizou, na Câmara dos Deputados, a abertura de um processo com pedido para a saída de Dilma do poder, já que a bancada do PT havia anunciado que votaria a favor da cassação dele, que, na época, vale ressaltar, era o presidente da Câmara no Conselho de Ética. Tendo em vista isso, motivado por questões pessoais, Cunha abre caminho para a inflamação da política no país. O processo contra a ex-presidenta foi fundamentado, por ele, pelo crime de responsabilidade fiscal, alegando reprovação de contas no ano de 2014 pelo Tribunal de Contas da União.

Embora o processo contra Dilma tenha tido uma tentativa de barragem por meio de ações enviadas pelo PT e pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB)<sup>54</sup>, a abertura do processo ocorreria. Poucos dias depois do recebimento da notificação oficial da abertura de processo contra ela, o ex-vice Michel Temer mandou uma carta à Dilma “rompendo” relações com a ex-presidenta e, de certo modo, tentando se distanciar do escândalo que estava por vir. A carta enviada por Temer nos remete à passagem do livro de Brow ([2020] 2019, p. 19) em que diz: “Eles teriam ficado horrorizados diante do fenômeno contemporâneo de líderes ao mesmo tempo autoritários e imprudentes surfando nessa maré rumo ao poder”. Embora o “eles”, na citação, faça referência aos neoliberais “originais”, podemos associar o pronome aos indivíduos que resistiram às subjetividades antidemocráticas e contribuíram para politizar movimentos sociais no mundo todo, também a uma parte da própria população que se via horrorizada com tudo o que estava acontecendo.

Nesse ínterim, a abertura do processo ocorre e se dá por uma bancada especial criada por 65 deputados e seus suplentes. Como a chapa vencedora era oposta ao governo atual à época e tinha o maior número de deputados, o processo foi aberto e seguiu para os próximos passos. Os ministros, então, decidiram conferir mais poder ao Senado, abolir o voto secreto e

---

<sup>52</sup> Informações retiradas e disponíveis na íntegra em: <https://www.dw.com/pt-br/os-fatores-que-levaram-%C3%A0-queda-de-dilma/a-19514830>. Acesso em: 04 abr. 2021.

<sup>53</sup> Eduardo Cunha foi deputado federal de 2003 até 2016, no Brasil, quando teve seu cargo cassado.

<sup>54</sup> PCdoB – Partido Comunista do Brasil.

mantiveram Cunha à frente do processo, mas ele não permanecera “lá” por muito tempo, pois fora afastado. Até aquele período, tinha-se como relator da comissão Jovair Arantes, aliado de Eduardo, e o presidente era Rogério Rosso.

Com um parecer favorável à continuidade do decurso para o afastamento de Dilma, o processo seguiu para o plenário da Câmara dos Deputados. Em 17 de abril de 2016, os parlamentares decidiram, com 376 votos a favor e 137 contra, pela continuidade do processo. Há apenas dois dias da votação, o presidente interino da Câmara Waldir Maranhão, que ocupara o cargo após o afastamento de Eduardo Cunha, resolve anular o processo, mas, horas depois, no mesmo dia, recua de sua decisão, provocando algazarra entre os parlamentares.

No dia 12 de maio de 2016, com 55 votos favoráveis, Dilma Rousseff é afastada de seu cargo por 180 dias, enquanto ocorresse o julgamento. É seu vice, Michel Temer, que assume o poder interinamente. Sob a acusação de pedaladas fiscais, ou seja, abertura de créditos suplementares sem autorização, promovido pelo relator e senador Antonio Anastasia, o processo de afastamento de Dilma segue para aprovação no Senado na comissão especial. Com isso, em 10 de agosto do mesmo ano, Dilma é levada a julgamento.

Sob o comando de Ricardo Lewandowski, a fase final do processo é iniciada em 25 de agosto de 2016. Levantando frente em relação às questões antidemocráticas que se via no processo de afastamento da ex-presidenta, Dilma se defendeu argumentando que havia um golpe contra ela e finaliza seu discurso de defesa dizendo: “*Jamais haverá justiça na minha condenação*”. Todavia, independentemente de suas contra argumentações, no dia 31 de agosto de 2016, o Senado decidiu afastar Dilma Rousseff definitivamente da presidência do Brasil.

Dessa forma, após o afastamento da presidenta é que Michel Temer, vice-presidente e presidente interino à época, assume definitivamente a presidência do Brasil até que uma nova eleição pudesse ocorrer. Os dois anos que marcaram a estada de Temer na presidência foi assinalada por uma “estranha” união entre a população que ridicularizou o ex-presidente de muitas formas nas redes sociais, principalmente, através da produção exacerbada de memes políticos com sua foto presidencial.

Ainda no mesmo ano, sob várias acusações, Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil e amigo da ex-presidenta Dilma Rousseff, torna-se réu em vários processos. Sob escândalos envolvendo a Petrobrás, o Ministério Público Federal (MPF) denuncia Lula; quem recebe a denúncia é o, até então, juiz Sérgio Moro. Desse modo, é importante que se possa refletir sobre as ações que perpassavam o Brasil até aquele momento: há a saída de uma presidenta do poder e, logo em seguida, o antecessor dela vira réu. Até que ponto

subjetividades contrárias às que perpassam o etos<sup>55</sup> (DEUSDARÁ; ROCHA; ARANTES, 2019) de Dilma e de Lula interferiram no Brasil que se vê atualmente? Acerca desses posicionamentos direita *versus* esquerda que volta a se marcar claramente no país, pode-se notar que:

[...] as formulações neoliberais da liberdade inspiram e legitimam a extrema direita [...] a direita mobiliza um discurso de liberdade para justificar suas exclusões e violações às vezes violentas e que visam reassegurar a hegemonia branca, masculina e cristã, e não apenas expandir o poder capital. [...] como essa formulação de liberdade pinta a esquerda, incluindo a esquerda moderna ou liberal, como tirânica ou mesmo “fascista” em sua preocupação com justiça social e, ao mesmo tempo, como responsável pelo esgarçamento do tecido moral, pelas fronteiras desprotegidas e por premiar quem não merece (BROW, 2020 [2019], p. 16).

Sendo assim, pode-se observar que essas subjetividades neoliberais foram reforçadas à população através de revistas e de emissoras de TV populares, que começaram a mostrar à grande massa uma versão (de tantas outras) da história da política brasileira, que declarou culpa ao PT nos casos de corrupção que envolveram empresas como a Petrobras e a Transpetro, bem como a Operação Lava Jato, que cassou políticos envolvidos em escândalos, e às pedaladas fiscais, das quais Dilma foi acusada. “Forjado no cadinho do fascismo europeu, o neoliberalismo visou a imunização permanente das ordens de mercado contra o rebrotar de sentimentos fascistas e poderes totalitários” (BROW, [2020] 2019, p. 18).

À vista disso, naquele momento, após a colocação de Sérgio Moro à frente do futuro político do país, já que ele era o juiz responsável pelo julgamento de Lula, percebia-se o início para o escancaramento dos pensamentos neoliberais, fortalecendo práticas opressoras e totalitárias, deixando claro à nação que o poder estava prestes a mudar a partir dos próximos acontecimentos. A posição “supremacista” do ex-juiz e as atitudes tomadas em relação à prisão de Lula naquele momento já demonstravam o desmonte democrático que se estava vivendo, tendo em vista que validações previstas na Constituição foram ignoradas e se fez o que o poder “absolutista” do período desejava.

Mas essa era apenas uma das subjetividades que perpassam o momento, muitos indivíduos no país festejavam a prisão do Lula e declaravam Sérgio Moro como herói nacional, haja vista notícias sobre o envolvimento de Lula com frentes políticas corruptivas e sua postura de inocente diante de tudo que estava acontecendo. Desse modo, o Brasil começa a se dividir e a apresentar subjetividades democráticas e subjetividades neoliberais em relação

---

<sup>55</sup> A grafia de etos é defendida pelos autores que afirmam: Que voz é essa que enuncia um saber sobre ethos em textos redigidos em língua portuguesa, desconhecendo a forma “etos” já atestada em dicionários como o Houaiss e o VOLP? (DEUSDARÁ; ROCHA; ARANTES, 2019, p. 02).

ao poder público do país. Nesse panorama de confusão e manobras políticas, o Brasil se fragmentou claramente entre *impeachment* e golpe, fazendo menção ao afastamento de Dilma. Pode-se perceber que muitos indivíduos que nomearam a saída de Dilma de *impeachment*, através de suas atitudes e reproduções enunciativas, parecem possuir subjetividades que perpassam o universo do que vem sendo chamado de direita. Já aqueles que nomearam tal acontecimento de golpe, parecem possuir subjetividades que perpassam o universo dito esquerda<sup>56</sup>.

Embora a população brasileira estivesse agitada com a situação de Lula no país, Dilma acabara de ser afastada e quem assume seu pleito é o vice-presidente Michel Temer que, vale ressaltar, optou por não permanecer no Palácio da Alvorada, afirmando não conseguir dormir naquele lugar - o que subentende seu desconforto em estar ali. O período presidencial de Temer não foi muito agradável à grande parte da nação brasileira que acreditou que poderia tirá-lo do poder, o que não ocorrera. É com a foto oficial, para marcar sua posição como presidente da República, que Michel cai na “graça” dos brasileiros e vira muitos memes.

É devido a essa insatisfação e a percepção de que não tinham o poder para retirar Michel Temer da presidência que alguns internautas começam a produzir e reproduzir muitos memes sobre o, então, presidente nas redes sociais, debochando de sua foto oficial, produzindo efeitos de oposição à personalidade política. A população afirmou haver uma grande quantidade de *photoshop* no rosto dele, o que garantiu, além de muita reflexão e crítica, boas risadas. Nessas práticas discursivas, a materialidade parodística (SANT’ANNA, 1998) permite a subversão (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) da fotografia do ex-presidente, como se pode ver a seguir.

---

<sup>56</sup> Importante marcar que nossa função não é apresentar os acontecimentos históricos políticos do país, nem levantar frente sob um tipo de subjetividade, mas, para análise cartográfica do corpus apresentado, é de fundamental importância que esses momentos e movimentos políticos estejam claros para nosso leitor.

Figura 1 – Reprodução da foto oficial de Michel Temer



Fonte:<http://g1.globo.com/politica/noticia/temer-define-retrato-oficial-como-presidente-da-republica.ghtml> Acesso em: 22 jun. 2017.

A figura 1, retirada da internet, é a reprodução da foto que caracteriza oficialmente a posse do então vice-presidente e interino Michel Temer ao cargo de presidente da República no lugar da presidenta Dilma Rousseff. É corriqueira a utilização e exploração desses tipos de fotografia com a famosa faixa presidencial, utilizada por presidentes de muitos países, com o intuito de simbolizar o ato de posse na presidência.

A insatisfação da população ao que vem acontecendo com a situação política do Brasil induz muitos indivíduos a ridicularizar políticos brasileiros por meio das plataformas digitais, já que elas são acessíveis e possibilitam a reprodução das vozes populares. Através das redes sociais, os indivíduos se expressam e expõem seus pensamentos e desejos. A criação de paródias feitas com a foto oficial do ex-presidente é uma das formas de manifestação da insatisfação de muitas pessoas. Até esse momento, ainda não se via uma polarização explícita entre a massa nas redes sociais, mas uma união da população através da produção e da reprodução desses enunciados, deslegitimando Temer do cargo que passara a ocupar.

Diferentemente das mídias impressas e televisivas, que são administradas por instâncias privadas, a relação midiática nas redes sociais pode ser feita por qualquer um, e é isso que facilita o crescimento acelerado de gêneros discursivos (MAINGUENEAU, 2013) que passam informações de forma rápida e concisa, humoristicamente, pela comunidade virtual. O meme político apresentado a seguir nos mostra o processo rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que grande parte da nação brasileira estava passando. Isto é, após a oficialização da posse de Temer, muitos brasileiros criaram memes, ridicularizando o político, o que permite uma análise que contraria o cargo que estava sendo ocupado. Como se pode observar a seguir.

Figura 2 – Meme mão Temer



Fonte: <http://www.aratuonline.com.br/noticias/sem-photoshop-temer-e-alvo-de-piadas-e-memes-apos-divulgacao-de-foto-oficial/>. Acesso em: 22 jun. 2017.

O meme anterior é uma sátira verbo-visual do texto-fonte apresentado pela figura 1. Nele, podemos observar a presença do “corpo” do ex-presidente de terno e gravata, com a faixa presidencial, só que no lugar de seu rosto aparece sua mão. Acima do visual, encontramos uma legenda em que diz assim: *A foto oficial do temer ficou ótima.*

Pode-se afirmar que a conexão semântica entre verbal e visual estabelecida é uma relação de *relais* (BARTHES, 1990), do verbal em relação ao visual, tendo em vista que o visual é mais informativo que o verbal. Além disso, há essa relação, justamente, porque o sentido irônico e satirizado só é percebido de forma completa por meio da presença de ambas as materialidades, pois, sem o visual, a prática discursiva não atingiria a produção de sentido necessária. O interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008), recuperado também pela paródia (SANT’ANNA, 1998) visual, é capaz de consagrar a insatisfação da população que evidenciou seu posicionamento por meio de tais manifestações. Muitos indivíduos não têm acesso perceptível às relações subjetivas que perpassam seu dia a dia, mas a criação e a reprodução de práticas como essa faz com que se possa perceber subjetividades estigmatizadas pelos memes: temos a materialização da realidade por meio das construções jocosas, produzindo efeitos de estranhamento e de humor.

Além do mais, sabe-se que a materialidade visual do meme é produzida a partir da fotografia do ex-presidente, tendo em vista isso, os elementos que contribuiram para sua produção colaboram significativamente para o sentido obtuso (BARTHES, 1990) que se percebe na enunciação. Isto é, a truncagem (BARTHES, 1990), que traz credibilidade à fotografia oficial, é o que, de certo modo, descredibiliza a figura de Temer no meme. O

político está com a faixa presidencial e com a bandeira do país atrás de si na foto, o que é (re)aproveitado no meme para descredibilizar a própria figura, isto é, o Brasil não tinha uma figura legítima e íntegra no poder, já que não tem sequer rosto. E essa falta de rosto é o que também descredibiliza a pose (BARTHES, 1990) /o lugar de autoridade do ex-presidente. Ainda, a bandeira e a faixa, que se constituem como objetos (BARTHES, 1990) legítimos para a composição da fotografia oficial, são ridicularizados na criação da prática discursiva. É a fotogenia (BARTHES, 1990), com o auxílio da paródia (SANT'ANNA, 1998), que possibilita o efeito humorístico (POSSENTI, 2018) e contribui para a conotação do meme.

Assim como o processo de escrita é rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995), acredita-se que a construção dos memes políticos também seja. Embora não se saiba quem criou tal prática, pode-se perceber as rupturas e ligamentos subjetivos que se fez na criação desse meme. Até 2015, Temer era pouco notado pela população, que seguia, como numa raiz, uma linha que perpassava o universo discursivo (MAINGUENEAU, 2008) de outros políticos. Mas, como a raiz do tipo rizoma se alastra e se conecta sob outras subjetividades, ao ser posto em cena, Temer passa a se unir a essa rede rizomática e a fazer parte do universo subjetivo da grande massa brasileira. Ou seja, as implicações previstas no plano coletivo de forças<sup>57</sup> (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014) passavam a subjetivar a grande massa com a materialização de uma prática discursiva contrária à personalidade política que se expunha.

Em memes de teor político, que se materializam de modo verbo-visual, como uma espécie de regra, o visual vem, quase sempre, acompanhado por um verbal “simplório”. Ou seja, não há uma construção verbal muito elaborada, mas uma construção de significação que remete a seu Outro (MAINGUENEAU, 2008), por meio de vocábulos capazes de se ressignificar, na grade de restrições semânticas, que perpassa o campo discursivo dessas práticas discursivas com as quais dialoga. Ao apresentar o sintagma *ótima* à construção memética, temos a presença da relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) com a foto oficial do ex-presidente e com a construção social e cultural que carrega o político, já que o sintagma *ótima* não só descredibiliza a figura de Temer em si, remetendo a práticas discursivas outras, como também descredibiliza a figura pública, tendo em vista que a foto ficou ótima justamente por não ter o rosto do ex-presidente no meme, bem como o fato de ele não ter credibilidade para governar o país, o que se pode recuperar por meio da conotação (BARTHES, 1990) que o meme possibilita.

Já a materialidade visual, devido ao efeito de estranhamento causado pelo que se vê, cumpre um papel completamente cômico, tendo em vista que o efeito de humor no meme se

---

<sup>57</sup> Pista 5

dá pela presença dessa mão em um lugar inesperado. Pode-se afirmar que a prática discursiva explora diversos sentidos, inclusive, de que a mão do presidente pode perfeitamente ocupar o lugar de seu rosto. Com isso, ao assumir a posição de locutor, o indivíduo pode reconhecer, na colocação da mão de Temer no lugar de seu rosto, expressões populares como: “*fale com a minha mão*”, construção frasal normalmente utilizada quando alguém não está com vontade de conversar ou questionar algo dito por outrem. Também pode acreditar que a mão poderia estar simbolizando o fato de que o ex-presidente não tinha nada de interessante para dizer. Ainda, em outra produção de subjetividade, poderia ironizar o fato de que o ex-presidente sempre se apresentara ao público gesticulando.

Ainda, percebe-se que o mapeamento desse meme se dá no desdobramento do leitor na função de locutor, como visto no capítulo de leitura, pois, para a pesquisadora, não há como “chegar” a disputas subjetivas nessa prática discursiva num nível que se faça necessário uma desterritorialização (ROLNIK, 2016) das próprias subjetividades, pois as subjetividades que perpassam essa prática estão na esfera de situações negativas que envolvem a figura pública em questão. Mas, para atingir a significação dela, é necessário que se encontre as vozes (DUCROT, 1987) que a perpassam – Temer colaborou com o golpe, Temer não deveria estar na presidência, Temer não é bom para o país, Temer não tem o que falar acerca da população, Temer não saberá gerir o país. E isso é possível, também, através do percurso narrativo<sup>58</sup> que permite a perspectiva cartográfica, pois é a partir do reconhecimento das vozes que negam Temer como presidente legítimo que se propicia o surgimento de memes políticos como esse.

Essa narratividade, que é proporcionada ao locutor, se dá, também, pela interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) que se projeta na própria enunciação. No meme em questão, a relação interincompreensiva se dá com o auxílio da paródia (SANT’ANNA, 1998), já que é através da paródia, presente no visual, que há a possibilidade de posições subjetivas. Na foto oficial, Temer é um homem respeitável que ocupa a posição de presidente; no meme político, Temer é tão imoral que nem rosto precisa ter.

Com isso, percebe-se que a materialização da prática discursiva ocorre através da utilização de signos linguísticos e não linguísticos, mas a produção dos efeitos de sentido só é possível através da relação de alteridade que essa prática mantém com seu Outro (MAINGUENEAU, 2008), no caso desse meme, a reprodução da fotografia oficial de Michel Temer. A relação estabelecida pela materialidade enunciativa apresenta um ponto de vista que faz com que o reconhecimento entre os usuários das redes sociais permita a propagação dessa prática discursiva, ou seja, aqueles que se afetaram da mesma forma repassaram o meme em

<sup>58</sup> Pista 8 – *Por uma política da narratividade* (PASSOS; BARROS, 2015)



suas redes sociais. Em suma, “(...) quando vemos, escutam, farejamos ou tocamos algo, nossa percepção e nossos sentimentos já vêm associados aos códigos e representações de que dispomos, os quais projetamos sobre esse algo, o que nos permite atribuir-lhe um sentido” (ROLNIK, 2018, p. 52).

A seguir, apresenta-se mais um meme político que dialoga diretamente com a foto oficial do ex-presidente Michel Temer.

Figura 3 – Meme Temer 2



Fonte:

<http://www.newsrononia.com.br/noticias/foto+oficial+photoshopada+de+temer+vir+a+piada+na+internet+confira/86296>. Acesso em: 01 jul. 2018.

O meme anterior também é composto pela relação verbo-visual. Logo, percebe-se que é pelo visual que o *objeto discursivo* Temer nos é apresentado. Na materialidade visual, observa-se a imagem da personalidade política também com a faixa presidencial, o que permite o reconhecimento de seu Outro (MAINGUENEAU, 2008), a foto oficial. Seu rosto parece ter passado por um processo de fotogenia (BARTHES, 1990) para a construção da paródia (SANT’ANNA, 1998). Além disso, há na materialidade verbal: “*Algo de errado não está certo na foto oficial do Michel Temer. Decifrem...*”.

A materialidade verbal é capaz de reproduzir “as vozes” da grande massa, produzindo consonância por meio da relação paradoxal que se expõe, isto é, se está errado, realmente, não poderia estar certo. Além desse paradoxo, a relação de *relais* (BARTHES, 1990) produz o efeito de estranhamento no locutor acerca do rosto do ex-presidente, já que percebe uma reconstrução (fotogenia – BARTHES, 1990) de sua expressão facial. Ademais, pode-se notar

que a materialidade verbal: *Algo de errado não está certo*, refere-se também ao fato de, à época, Michel Temer ter passado a ocupar o cargo de presidente, tendo em vista que a população brasileira, por meio do compartilhamento de distintas práticas discursivas nas redes sociais, parecia concordar que Temer não deveria estar no posto que ocupava. Ou seja, além de identificar-se o rosto “deformado” da figura pública, parece haver, também, uma concordância de que ele não deveria estar no comando. A relação intertextual e interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) é consagrada a partir do momento em que o locutor desse meme percebe que a paródia (SANT’ANNA, 1998) visual foi feita acerca da foto oficial, como ocorre também no meme da mão, analisado anteriormente.

Essa paródia também funciona como uma espécie de subversão (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) e possibilita, através da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), construir distintas narrativas por meio da associação da desconfiguração do rosto de Temer a outras personalidades famosas, resgatando, através da interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2008), que se dá com o auxílio do visual, personagens consagradas, bem como o etos (DEUSDARÁ; ROCHA; ARANTES, 2019) que circunscreve tais personagens, como o palhaço *Bozo*, o palhaço *Carequinha*, os palhaços *Patati* e *Patata*. Tais personagens, célebres no universo infantil no Brasil, possibilitam a percepção da “ingenuidade” de Temer, que acreditava ser legítimo e merecia estar na presidência, bem como o papel cômico que estava exercendo, pois, parte da população estava vendo-o como um palhaço. Em outra posição latitudinal (ROLNIK, 2016), ao afastar-se do território memético cartografado, a figura do leitor, já desdobrado em leitor-cartógrafo, pode-se desterritorializar e resgatar outra subjetividade que perpassa o universo discursivo desse meme, trazendo para cena o *Coringa* do longa-metragem *Batman*. Parte da população mundial sabe que o Coringa é o vilão do filme, que faz de tudo para acabar com o protagonista, dada a popularidade do longa. Desse modo, Temer assumiu esse papel de vilão justamente por “perseguir” de tal modo a ex-presidenta que conseguira ocupar seu lugar de poder. Esse gesto de leitura, permitido pelas redes rizomáticas enunciativas, tira de Temer a figura de ingênuo e coloca-o num lugar de pícaro. Em uma produção de subjetividade mais “simplória”, o leitor-cartógrafo ainda poderia perceber a subjetividade do período, retomando o *objeto discursivo* em foco, materializando uma afirmação de que, de fato, o rosto do ex-presidente não estava “no lugar” certo porque ele, o próprio ex-presidente, não possuía legitimidade no lugar em que se encontrava.

Os feitos de sentido produzidos pelo meme apresenta, de forma crítica, irônica e humorística, o fato de que o governo não iria atender, de forma adequada, às necessidades básicas da população brasileira. O humor (POSSENTI, 2018), nos memes políticos, é dado

pelo inesperado, justamente pela marca de tensão possibilitada na temática analisada. Isto é, a prática discursiva se aproveita da jocosidade produzida para tratar de assuntos mais sérios, como a própria política. “É certamente mais sobre as questões ‘externas’ do que as ‘internas’ que se faz humor, sobre o qual seria necessário perguntar também por onde ele circula, porque este traço define seu público implícito, o que importa sobremaneira” (POSSENTI, 2018, p. 81).

A utilização de práticas discursivas como essas, naquele momento político do país, reforçou a importância das redes sociais como aliadas para as manifestações da população em relação ao que, de fato, não se gostava – e o governo de Temer era uma dessas coisas. O ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015), através dos memes políticos, possibilitou a manifestação da população de “modo velado”, o que permite uma segurança a quem posta determinado meme nas plataformas digitais, mas também dá margem para os discursos de ódio que se vê nas *timelines*, bem como a produção exacerbada de *fakenews*. A internet também viabilizou essa “nova” forma de embate, tendo em vista que, através dos memes, fala-se o que pensa, mas nas “entrelinhas” discursivas. Importante ressaltar que esse *mídiun* (MAINGUENEAU, 2013), que permite a circulação das práticas discursivas meméticas, aquiesce o encontro de subjetividades, pois, para além de um suporte, o *mídiun* institui limitações sobre o próprio conteúdo, mas também delimita o uso que se pode fazer dele, como afirmou Maingueneau (2013).

Devido às entrelinhas discursivas presentes nos memes políticos e em tantos outros gêneros discursivos, a produção e os feitos de sentido nas práticas discursivas pode ganhar distintas subjetivações. Com isso, levar em conta o entorno sócio-histórico (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) de tais objetos de análise se faz necessário, principalmente, se a figura do leitor, em seu gesto de leitura, puder se despir de suas subjetividades para encontrar “brechas” discursivas que possibilitem novos efeitos de sentido presentes na enunciação, desdobrando-se ora como locutor ora como leitor-cartógrafo.

A seguir, dedicaremos a próxima seção às notícias e aos memes que foram feitos quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva passou a ser réu em 5 processos.

## **5.2 Lance 2 - Mudança de foco: os memes políticos que circunscreveram o universo da condenação de Lula**

Como visto na seção anterior, em meio à saída de Dilma Rousseff do poder, entra também na cena política brasileira as acusações contra o ex-presidente Lula, que, embora tenham iniciado em 2016, perduraram até o ano seguinte. Lula estava sendo acusado pelo recebimento de propina da empresa Odebrecht, como doação eleitoral; pela compra de um imóvel, através do Instituto Lula, com dinheiro recebido em forma de propina também pela Odebrecht; pelo tráfico de influência em Angola, para beneficiar a Odebrecht; pelo tráfico de influência na concorrência para a compra de caças à FAB (Força Aérea Brasileira); pelo tráfico de influência na edição de uma medida provisória de incentivos fiscais ao setor automotivo; pelo Quadrilhão do PT – organização denominada criminosa envolvendo a cúpula do partido; pelo recebimento de 1 milhão de reais de uma empresa que prestava serviços ao governo da Guiné Equatorial; pelo aceite de reformas ao sítio em Atibaia, que foram feitas pela Odebrecht e pela OAS, com dinheiro de propina vindos de contratos com a Petrobras; pelo recebimento de um triplex no Guarujá, como propina de contratos obtidos com a Petrobrás; e pela compra do silêncio do ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró, delator da Lava-Jato, devido à sua absolvição em outros 6 processos.

Tendo como foco as acusações a respeito da condenação de Luiz Inácio Lula da Silva, muitas notícias e reportagens sobre esses acontecimentos surgiram nas mídias, bem como memes políticos que ridicularizavam a personagem pública que se expunha. A relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) entre os acontecimentos sociais, os memes políticos e as notícias é o que permitem a “cartografiação” dos territórios-memes. Com o intuito de cartografar essas práticas discursivas e “objetivar” suas entrelinhas discursivas, a seguir, apresenta-se o recorte de uma das notícias que saíram nas mídias sobre a situação de Lula que, de certo modo, contribuiu para a de criação diversos memes políticos sobre a personalidade e a sua condenação.

Figura 4 – Notícia sobre a prisão de Lula



Nesta quarta-feira (12), o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi condenado pelo juiz Sérgio Moro a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. A decisão foi tomada por conta do processo envolvendo o caso do apartamento triplex no Guarujá.

Assim que a condenação foi anunciada, a internet virou palco de discussão entre os defensores do ex-presidente e os fãs de Sérgio Moro. Rapidamente a #Lula entrou para o Trending Topics mundial com mais de 68,5 mil tweets.

Fonte: <https://canaltech.com.br/memes/lula-e-condenado-por-sergio-moro-no-caso-do-triplex-e-a-internet-surta-97108/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

A figura 4 apresenta uma das notícias que circularam nas mídias sobre a condenação de Lula comandada pelo ex-juiz Sergio Moro. A manchete da notícia apresentada já explicita a presença marcante de gêneros discursivos virtuais que circularam e comentaram os acontecimentos políticos do país. Através da expressão *a internet surta*, já se pode perceber a interferência da população, por meio do ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015), às situações ocorridas no país. Ademais, a notícia esclarece por quantos anos o ex-presidente fora condenado, bem como sobre qual processo a condenação estava sendo feita, nesse caso, como uma das últimas condenações em que Lula fora acusado, estava o caso do triplex em Guarujá.

Figura 5 – Meme condenação Lula



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/os-melhores-memes-da-condenacao-de-lula-9839686.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Assim como os memes políticos apresentados anteriormente, pode-se afirmar que a figura 5 se trata de um meme, pois, como nos aponta Shifman (2013) e sob as premissas de Dawkins (1979), para ser um meme da internet e, consecutivamente, um meme político, é necessário que haja imitação de algo, tendo em vista que a palavra meme se origina da raiz grega *mimeme*, que significa imitação, como visto no capítulo 4.

Sendo assim, tal qual os outros memes, nesse também há a imitação de “algo”. Nesse caso, há a imitação da foto do ex-presidente que circulara na internet. Esse meme político, como se vê, é composto por uma fotografia de Lula, em que se pode observar uma característica física marcante do político: a falta de um de seus dedos da mão, o dedo mindinho. No verbal, pode-se ler: *Fala aí, Lula! Pegou quantos anos?*

Se a materialidade visual do meme não fosse conjugada aos elementos linguísticos que o compõe, provavelmente, o efeito de sentido desejado extrapolaria a grade de restrição semântica que pretende a prática, já que a interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), nesse jogo discursivo, ocorre justamente pela expressão linguística *quantos anos* e pela quantidade de dedos que se vê através do visual, que dialoga diretamente com o tempo estipulado na notícia acerca da condenação do ex-presidente.

A percepção da relação interdiscursiva dessa prática discursiva é possível através do desdobramento da figura do leitor em locutor, que percebe, na enunciação, a conexão com a notícia e com o próprio julgamento de Lula, que fora televisionado. Ao mapear essa prática discursiva, o locutor logo nota que nove é a quantidade de dedos que Luiz possui, mas também a quantidade de anos que o político deveria passar na prisão para cumprir pena sob a acusação do caso do triplex no Guarujá. É por meio desse reconhecimento que o efeito de humor (POSSENTI, 2018) se faz presente. Importante ressaltar que problemas pessoais, físicos ou psicológicos, embora não devessem se fazer presentes para a produção do efeito de humor, são utilizados, quase sempre, com o intuito de ridicularizar ou destruir a imagem das personagens públicas nos memes, que resgatam, na desgraça alheia, motivos para piadas. Parece-nos que a população brasileira é favorável a esse tipo de piada quando se sente ameaçada por subjetividades opostas às suas.

Ao cartografar cuidadosamente a materialidade visual do meme, pode-se notar que a cenografia (MAINGUENEAU, 2012), que nos é apresentada, mostra Lula com roupa de operário, bem como com as mãos sujas de óleo, reforçando uma imagem de homem trabalhador, que é desmistificada pela materialidade verbal, pois, nas entrelinhas discursivas, ao remeter seu Outro (MAINGUENEAU, 2008), subentende-se que o ex-presidente não seria honesto e poderia ser comparado a ladrões. Se o identificador não se desdobrar em leitor e

tentar produzir relação entre as duas materialidades que lhe é apresentada, cairá na cilada (MAINGUENEAU, 2013) proposta pelo enunciado. Isto é, ao invés de perceber a crítica que se faz de Lula, poderá achar que a enunciação está protegendo a integridade da personalidade.

Com esse meme político, pode-se perceber de que forma as camadas sociais utilizaram e utilizam os gêneros discursivos possibilitados com a chegada da internet para interferirem nas discussões políticas do país. Não é difícil perceber que as implicações, que giram em torno da prática discursiva presente na figura 5, são contrárias às subjetividades que perpassam a personalidade de Lula enquanto político para uma parte da população brasileira. Em contrapartida, tais subjetividades sugerem também discursos a favor do ex-presidente, dialogando não só com o meme presente na figura 5, como também com a manchete dada pelo site que compartilhou a informação da condenação de Lula. É nesse campo minado, que se tornou as redes sociais, que os memes políticos parecem ter assumido forma de munição com posicionamentos marcantes nas mídias digitais.

Figura 6 – O triplex de Lula



Fonte: <https://www.blogdomello.org/2017/04/ex-presidente-da-oas-sobre-triplex-me.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Em oposição às acusações que foram feitas acerca do ex-presidente do Brasil, circulou pelas redes sociais esse outro meme, mostrado na figura 6, que, de certo modo, também entra em embate com a manchete apresentada no início da seção. Para compreender a prática discursiva é necessário que a figura do leitor se desdobre em locutor para (re)encontrar as vozes com as quais interage a prática. Para análise cartográfica desse território-meme<sup>59</sup>, a figura do leitor precisa encontrar o sentido obtuso (BARTHES, 1990) que se camufla no visual, já que se vê a replicação da foto oficial de Lula com a faixa presidencial. No verbal, lê-se: *O verdadeiro triplex de Lula 2002/2006/2018*.

O sintagma que aparece na parte superior do meme traz à tona a relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) que esse meme mantém com o meme da figura 5,

<sup>59</sup> Pista 7 – Cartografar é habitar um território existencial (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

com a notícia representada na figura 4, e com tantas outras práticas discursivas que circularam nas mídias após a condenação do político. O sintagma *verdadeiro* remete não só a verdade que a enunciação apresenta acerca da inocência de Lula no processo, como também o bom governante que fora para o país nos anos em que se manteve no poder. Entretanto, o nexo que se estabelece com o outro meme (figura 5) só é perceptível pela relação de *relais* (BARTHES, 1990) presente na prática discursiva. É na conjugação do verbal com o visual que o meme implica seu Outro (MAINGUENEAU, 2008) e produz interincompreensão por meio da ressignificação do lexema *triplex*. Na notícia (figura 4), o triplex é o objeto que permite a condenação de Lula, no meme da figura 6, é a representação das vezes em que Lula esteve e estará no poder.

A fotogenia e a truncagem (BARTHES, 1990) permitem que o locutor perceba que o morfema *tri*, presente na palavra *triplex*, se refere ao número três, tendo em vista que a fotografia do ex-presidente é triplicada e também se refere à quantidade de vezes que seria presidente do país, haja vista que já esteve no pleito por dois mandatos. O sorriso no rosto do político e a faixa presidencial que utiliza contribuem para o sentido obtuso (BARTHES, 1990), no que tange ao sentimento de grande parte da população brasileira. Isto é, o sorriso de Lula representa o “sorriso” da enunciação e, conseqüentemente, o sorriso daqueles que compartilharam tal meme em suas páginas pessoais da internet. Ademais, as cores que compõem a faixa presidencial contribuem para a construção do sentido conotativo do meme, que mostra ao mundo virtual não só um político legítimo (o que não se percebera nos memes de Michel Temer apresentado na seção anterior, haja vista a modificação em seu rosto), como também o desejo da vitória de Lula para o ano subseqüente de eleição no Brasil.

A leitura que o locutor faz dessa prática discursiva é rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995), tendo em vista as conexões que se pode fazer acerca dos elementos presentes no próprio meme. Ou seja, não há só um mapeamento do território, atrelado aos elementos visíveis do meme, há também pressuposições que o enunciado proporciona ao permitir que o locutor se implique com ele. A partir da latitude (ROLNIK, 2016), o locutor consegue produzir distintas subjetividades e desvendar os “segredos” trazidos por essa enunciação – Lula foi o melhor presidente do Brasil, Lula será reeleito, O triplex de Lula é a sua tripla eleição, Lula não deveria ser condenado no caso do triplex etc.

É claro que essa narratividade (ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2015) é mais pragmática que poética, já que, ao interagir com seu Outro (MAINGUENEAU, 2008), possibilita a construção do percurso para a produção de significação. Há redes de conexões,



através da transversalidade<sup>60</sup> (LOURAU, 2004), que permitem perceber os efeitos polarizadores que essas práticas discursivas vêm causando às *timelines*. Trabalhando a interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), através das paródias (SANT’ANNA, 1998) visuais e dos elementos linguísticos, compreende-se a rede interdiscursiva da qual Maingueneau (2008) disserta. Não há a produção de discursos sem que haja um traço, mesmo que subtendido, de práticas discursivas já manifestadas sócio historicamente.

Como uma espécie de assonância visual, a harmonia por detrás do encadeamento das fotografias de Lula põe em cena a si mesmo, levando o foco à personalidade exposta, bem como os elementos escolhidos para compor o meme, como os objetos (BARTHES, 1990) e a própria pose (BARTHES, 1990), mas também põe em questionamento as atitudes tomadas pelo, até então, juiz Sergio Moro no julgamento de seus processos. Ora, se o verdadeiro triplex é a tríade “poderosa” de Lula, como Moro estava passando por cima da Constituição do país e declarando o político culpado? São essas implicações que o jogo discursivo, através das práticas meméticas, possibilita ao leitor que consegue se desdobrar, pelo menos, em locutor. A seguir, tem-se mais um meme político acerca da prisão e do julgamento de Lula por Sergio Moro.

Figura 7 – Meme presente Lula



Fonte: [www.instagram.com](http://www.instagram.com) Acesso em: 26 jan. 2020.

O meme presente na figura 7 nos apresenta a reprodução de uma fotografia do ex-presidente Lula, com uma camisa em que há a sentença: *MORO na cadeia*, e, acima do visual, há o sintagma: *Camiseta que Dilma deu de presente para o Lula*. Ao observarmos tais

<sup>60</sup> Pista 1 – *A cartografia como método de pesquisa-intervenção* (PASSOS; BARROS, 2015).

elementos, levando em conta a possibilidade dúbia de classificação morfológica do vocabulário “moro”, que tanto poderia ser lido como um verbo como poderia ser lido como um substantivo próprio, já que fora grafado em “caixa-alta”, podem-se revelar distintas vozes, o que faz com que a figura do leitor possa se desdobrar e chegar até o nível de leitor-cartógrafo. Nessa prática discursiva, parece haver a reprodução que ecoa duas marcantes subjetividades que circunscreviam o Brasil naquele período, uma subjetividade que afeta o coenunciador para um percurso voltado mais ao que se propagava por uma parcela da população, que se autodenominava direita; e uma subjetividade voltada para um percurso implicativo que se perpetuava por outra parcela da população, que se autointitulava esquerda.

A entrada para a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) da prática discursiva ocorre, através do que implica a pesquisadora, pela materialidade visual do meme que apresenta a seguinte materialidade verbal: “*MORO na cadeia*”, como visto<sup>61</sup>. As subjetividades, presentes no meme político, dependem, principalmente, do nível de desdobramento cartográfico que o interlocutor poderia alcançar. Ao ser um identificador, a figura do leitor não conseguiria estabelecer uma relação entre as materialidades apresentadas – verbal e visual -, poderia perceber tratar-se de um meme, pela configuração composicional, mas não o leria, podendo, inclusive, não ser considerado leitor, apenas, identificador. É o que, normalmente, acontece quando um usuário das plataformas digitais que não joga nenhum jogo, por exemplo, depara-se com um meme na internet que ironize ou satirize determinado efeito, personagem ou situação que seja corriqueira no jogo. Nessas situações em que o interlocutor está fora do universo discursivo (MAINGUENEAU, 2008) que circunscreve o meme, percebe-se que o identificador, embora seja alfabetizado, coloca-se em posição de não letrado, justamente, por não ser capaz de ler os processos<sup>62</sup> e percursos presentes para os efeitos de sentido produzidos pela prática discursiva. Dessa forma, para perceber as redes de conexão presentes na enunciação seria necessário que esse identificador se transformasse em leitor, para ler as duas materialidades da prática discursiva, produzindo significação por meio do gesto de leitura sobre elas. Isto é, o usuário das redes sociais que se transformasse em leitor poderia produzir subjetividade acerca desse meme, tendo em vista que pode, pelo menos, conectar as materialidades presentes, percebendo a relação de *relais* (BARTHES, 1990) que as conecta. Mas, para encontrar as vozes que perpassam a enunciação, é necessário que o

---

<sup>61</sup> Como se trata de um território passível de ser cartografado, haveria outras possibilidades de entrada para a cartografia do meme, como, por exemplo, o verbal que se encontra acima da fotografia de Lula, mas, como a pesquisadora se sente mais implicada pelo que lê visualmente, começamos a análise falando acerca do visual.

<sup>62</sup> Pista 3 – *Cartografar é acompanhar processos* (BARROS; KASTRUP, 2015).

leitor se transforme em locutor e possa perceber as pistas que foram deixadas na materialidade visual e textual, que contribuem para a conotação que se produz na enunciação, bem como os Outros (MAINGUENEAU, 2008) com os quais o meme está em embate. Em princípio, para perceber essa disputa discursiva, seria necessário que o coenunciador notasse que, acima do visual, há outro sintagma: *Camiseta que Dilma deu de presente para o Lula*, juntamente a um *emoticon* de coração. Ao relacionar essa oração à materialidade visual e ao verbal que compõe o visual, o locutor notaria que o interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008) dessa prática dialoga diretamente com os memes e com as notícias que saíram a respeito do julgamento e da prisão de Lula, como as práticas discursivas (MAINGUENEAU, 1997) presentes nas figuras 4, 5 e 6. Além do mais, o locutor poderia reconhecer o vocábulo (MORO) como um substantivo próprio que se refere ao ex-juiz, que possui o sobrenome Moro. Sendo assim, se Lula está feliz e foi Dilma quem deu a blusa para ele, o desejo imbricado, nas entrelinhas da prática discursiva, é o de que Moro estivesse preso por “burlar” alguns atos constitucionais. Em contrapartida, se o locutor puder se desdobrar em leitor-cartógrafo e continuar a mapear o território-meme, pode-se desterritorializar de suas implicações e reconhecer outros percursos na rede rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Em outras palavras, ao afastar-se do objeto estudado e se deixar subjetivar por outras implicações, o locutor, transformado em leitor-cartógrafo, poderia ler a frase que se encontra na camisa de Lula, classificando o vocábulo (MORO) morfológicamente como um verbo, e compreender que Dilma deu a camiseta de presente para Lula porque ele foi condenado e que, realmente, moraria na cadeia. Ademais, o sorriso no rosto de Lula e sua pose (BARTHES, 1990) poderiam estar escondendo suas frustrações por ser julgado – sentido obtuso (BARTHES, 1990) – ou poderiam, simplesmente, estar deixando escancarado que Lula era um político “malandro” que estava indo para a prisão, mas também que tinha conhecimento de que logo conseguiria deixá-la, dada as falhas do sistema prisional brasileiro. Esse percurso cartográfico é permitido, justamente, porque as palavras utilizadas no meme, na frase que se apresenta colocada na camiseta do Lula, foram escritas todas em maiúscula, produzindo ambiguidade em relação ao sintagma *MORO*.

Tendo em vista os elementos apresentados por Barthes (1990), para falar acerca das fotografias, vista no capítulo 3, o meme presente na figura 7 pode deixar margem para que os usuários da internet acreditem que, além de a prática discursiva ser uma montagem, justamente por se tratar de um meme, a oração que fora alocada na blusa preta do Lula, em cores brancas, teria sido uma adaptação feita pela instância produtora para que o efeito de humor fosse captado.

As possibilidades rizomáticas desse tipo de leitura proporcionam uma retomada da própria leitura e uma nova “cartografia” da prática discursiva. Todavia, para perceber as ambiguidades presentes nos léxicos que compõem os memes, é preciso que essa figura de leitor possa ser capaz de se desvincular de suas subjetividades e passe a perceber na prática discursiva a materialidade das linguagens que a compõe e as “novas” subjetividades que encontrará – a favor ou contra o político.

Dessa forma, é importante perceber que a prática discursiva funciona como um território e é a base para uma leitura cartográfica. Assim, após esse desdobramento e esse exercício crítico-reflexivo, o cartógrafo (ROLNIK, 2016) pode inferir, por meio das subjetividades que atravessam o campo discursivo, os possíveis efeitos de sentido pretendidos pela enunciação, além de constatar que é a própria prática discursiva que o fará reconhecer o território como sendo possível de ser habitado, já que esses territórios psicossociais podem e devem ser cartografados.

Logo, notar-se-á que, para se tornar um leitor-cartógrafo, essa figura de leitor passa por diferentes momentos no reconhecimento do território até perceber as distintas subjetividades presentes na prática. Todavia, para esta pesquisa, nem todo leitor será considerado leitor-cartógrafo de todo meme, já que, na internet, temos aqueles indivíduos que apenas identificam a prática discursiva, aqueles que a leem objetivamente<sup>63</sup>, aqueles que interagem e reconhecem as possíveis vozes presentes nela, e o leitor-cartógrafo, capaz de se deslocar de sua “zona de conforto” e processar uma narrativa diferente para a prática discursiva, reconhecendo outros ideais subjetivos.

Desse modo, pode-se perceber de que forma o modo como a figura do leitor interage com o meme interfere em suas subjetividades acerca dos acontecimentos políticos do país. A seguir, apresentaremos os desdobramentos políticos e as subjetividades que perpassaram as práticas discursivas meméticas acerca da tomada de decisão do, até então, presidente Michel Temer sobre a Reforma da Previdência proposta ao final do ano de 2016<sup>64</sup>.

### 5.3 Lance 3 - A Reforma da Previdência sob o “comando” de Michel Temer

---

<sup>63</sup> Objetivamente atrelado ao sentido óbvio descrito por Barthes (1990).

<sup>64</sup> Importante pontuar que as subjetividades e os efeitos de sentido mostrados neste trabalho não se esgotam, tendo em vista que as forças que atravessam e que afetam a vida da pesquisadora pode ser distinta das forças que atravessam e que afetam a figura leitora desta tese.

Após a oficialização da posse de Michel Temer ao cargo de presidente do Brasil no final de 2016, seu governo teve como uma das primeiras medidas adotadas a Reforma da Previdência. Sob o apelido de PEC 287/2016<sup>65</sup>, a Proposta de Ementa à Constituição defendia algumas alterações à Constituição ante o parecer sobre o equilíbrio das finanças da União. Respaldados acerca da preocupação com o envelhecimento da população que, aparentemente, estava promovendo uma diminuição na taxa de natalidade do país, o governo propôs algumas mudanças em relação à aposentadoria da população, entre elas: (i) Estabelecimento de uma idade mínima para aposentadoria, isto é, a fixação da idade mínima de 65 anos para a população se aposentar, defendendo um mínimo de contribuição durante 25 anos; a única exceção à regra estabelecida seriam as pessoas portadoras de necessidades especiais. (ii) Regras de transição para as pessoas que já estavam próximas de se aposentar, ou seja, homens com 50 anos e mulheres com 45 anos obedeceriam a regras especiais para conseguir a aposentadoria. Assim, as pessoas próximas à aposentadoria deveriam cumprir o tempo que lhes restavam para aposentar mais metade desse mesmo tempo, obedecendo às regras especiais estabelecidas pela PEC. (iii) Em relação ao tempo de contribuição e o valor da aposentadoria, ficaria estabelecido pela Ementa a seguinte equação: se um indivíduo pretendesse receber 100 por cento da aposentadoria, deveria trabalhar por 49 anos, os 25 determinados pela Ementa, que daria o “direito” a receber 76 por cento da aposentadoria mais 24 anos para que pudesse receber referente ao valor total, os 100 por cento. (iv) No que tange aos funcionários públicos, que fazem parte do RPPS (Regime de Previdência dos Servidores Públicos), e possuem um sistema de aposentadoria diferenciado, seriam incluídos ao mesmo sistema validado a toda população: 65 anos de idade com 25 anos de contribuição. (v) Os militares, os policiais e os bombeiros também seguiriam os mesmos requisitos de aposentadoria que o restante da população, salvo os militares das Forças Armadas que seguiriam um regime específico que, vale ressaltar, sequer aparece no documento. Com todas essas mudanças, a Ementa só entraria em vigor depois de passar pela Comissão de Constituição de Justiça. Sendo aprovada, seria encaminhada para uma comissão especial de análise. Depois, o colegiado enviaria um parecer para análise no plenário da Casa. Já no plenário da Câmara, a PEC precisaria ser aprovada em dois turnos, e, no Senado, precisaria passar novamente pelo plenário da Casa, também com aprovação em dois turnos. Se o Senado aprovasse o texto como recebera da Câmara, a Ementa seria promulgada e passaria a ser lei.

---

<sup>65</sup> Informações retiradas do site: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-12/reforma-da-previdencia-saiba-o-que-muda-com-novas-regras-propostas>. Acesso em: 13 abr. 2021.

Naquele momento, embora houvesse divergência de opiniões circulando pelas redes sociais sobre a aprovação da PEC 278, grande parte dos brasileiros, que não são empresários nem milionários, revoltaram-se acerca do que estava sendo proposto pela nova Ementa. Não só a mídia explanou a situação, como também os próprios usuários das redes responderam à criação da PEC, através de gêneros discursivos humorísticos, mas que subvertiam os sentidos propostos no documento. A seguir, apresentaremos uma manchete, retirada de uma notícia do site UOL, que visava a esclarecer à população brasileira o que poderia mudar com a regulamentação e aprovação do texto.

Figura 8 – Manchete Reforma da Previdência

## Reforma da Previdência: entenda o que pode mudar na sua aposentadoria



Imagem: Getty Images



Ricardo Marchesan  
Do UOL, em São Paulo  
06/12/2016 13h53 | Atualizada em 21/05/2017 21h00

Fonte: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2016/12/06/reforma-da-previdencia-entenda-o-que-pode-mudar-na-sua-aposentadoria.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.



Parte da notícia apresentada anteriormente, extraída do site UOL, que circulou em 2016, logo após o anúncio da proposta em relação à Reforma da Previdência, pode ser considerada como um dos gatilhos que contribuíram para a criação exacerbada de memes políticos sobre a situação em que o país se encontrava. Na manchete, lê-se: *Reforma da previdência: entenda o que pode mudar na sua vida*. E, na materialidade visual, pode-se observar a figura de um homem maduro, fazendo cálculos, o que possibilita uma interlocução ao discurso promovido pela Ementa, e possibilita também que a figura do leitor possa subentender que o personagem apresentado está recalculando seu tempo de serviço e de contribuição para saber quando poderá se aposentar. As características da fotografia, como a truncagem, a pose e os objetos (BARTHES, 1990) contribuem com a enunciação do verbal, já antecipa para seus leitores que será preciso reorganizar sua vida para que consiga se aposentar. Outrossim, o visual reforça o dito na manchete, promovendo preocupação à grande massa que precisará passar por adaptações. Com um tom satírico e irônico, o verbal utiliza do imperativo (entenda) para implicar e projetar emoções ao leitor, mas, ao mesmo tempo,

modaliza a enunciação por meio do verbo “pode”, tendo em vista que a Ementa não havia sido aprovada.

Se se parte do postulado de que todo discurso está em relação com outros discursos, já se sabe que a motivação para a criação das notícias girou em torno do que fora proposto pelo governo, isto é, seu Outro (MAINGUENEAU, 2008). A criação de notícias não deixa transparecer a interincompreensão que se pode estabelecer entre as práticas discursivas, dada a “imparcialidade” que as instâncias midiáticas privadas assumem, mas, em gêneros discursivos como os memes políticos, sim, principalmente, através das paródias (SANT’ANNA, 1998) que são feitas no visual, como veremos no meme político que segue.

Figura 9 – Meme criticando a Reforma da Previdência



Fonte: <https://emails.estadao.com.br/galerias/comportamento,confira-os-melhores-memes-da-internet-sobre-a-reforma-da-previdencia,29100>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Levando em conta que, para o que se propõe esta pesquisa, os memes políticos são territórios que podem ser cartografados, tal qual cidades e regiões, como visto. A leitura e a análise desse território-meme, apresentado na figura 9, possibilita o encontro não só com práticas discursivas outras, postulado da interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2008), mas também, através da rede rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995), ao se conectar a outras “raízes”, com os princípios da conexão e da heterogeneidade, tendo em vista que a “cadeia semiótica”, proporcionada pelo território em questão, permite a rede de relações que se estabelece com a notícia presente na figura 8 e com a própria proposta da PEC.

Ainda, pode-se citar o princípio da multiplicidade do rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), já que, à medida que encontra subjetividades implícitas numa prática discursiva, outras práticas discursivas são projetadas de maneira gradual. Desse modo, percebe-se que os memes políticos, em geral, são projetados também através dessa multiplicidade permitida pela relação rizomática, não só porque eles são capazes de se

multiplicar através da imitação, mas também porque eles podem suscitar outras práticas discursivas meméticas, através do linguístico ou do não linguístico, que contribui para a construção da superfície textual. Isto é, a criação e reprodução dos memes, tal qual a noção de cartografia, é processual<sup>66</sup>. Como se pode conceber em relação à criação do meme político apresentado anteriormente.

Entretanto, a análise desse meme requer um distanciamento latitudinal (ROLNIK, 2016) do pesquisador no próprio ato de pesquisar. Pode-se pressupor que a relação entre esse objeto e o pesquisador<sup>67</sup> - ao compartilhar em suas redes sociais ou ser captado por essa prática para um trabalho de pesquisa - tem a ver com a relação de afetivação que o implica e proporciona curiosidade para um olhar mais atencioso ao meme. Ao parar para cartografar essa prática discursiva, sentimo-nos implicados pela forma com que a crítica feita à Ementa foi disposta por meio da materialidade visual e verbal, propiciando um “encontro de forças<sup>68</sup>”.

Sendo assim, nota-se que esse meme (figura 9) apresenta, na materialidade visual, uma caveira, sentada em uma espécie de escritório ou repartição, em frente ao computador, como se estivesse trabalhando. Na materialidade verbal, pode-se ler: *Enquanto isso na nova regra para aposentadoria... Só saio daqui com a aposentadoria integral!* Para a cartografia dessa prática, o pesquisador precisa passar de identificador a locutor, a fim de reconhecer as vozes com as quais dialoga – a Ementa e todos os direitos que seriam tirados do trabalhador. Sendo assim, percebe-se que o visual possibilita, de certo modo, o reconhecimento da paródia feita acerca dos seres humanos, já que o meme representa um homem já sem carne, diferente do que se vê na manchete presente na figura 8, em que se percebe a presença de um homem vivo.

Desse modo, nota-se que há uma resignificação da figura “aposentado”, isto é, uma interincompreensão, (MAINGUENEUAU, 2008) pois, no fragmento retirado da notícia, o homem é maduro/idoso e, até aquele momento no Brasil, poderia se aposentar antes de morrer. Já o meme mostra um homem morto, ou seja, através da crítica visual, que se complementa pela relação de *relais* (BARTHES, 1990), pode-se notar que, para ter direito a 100 % de sua aposentadoria, o brasileiro precisaria trabalhar “após a morte”. Sendo assim, a relação de complementaridade entre verbal e visual possibilita ao discurso-agente (MAINGUENEUAU, 2008) traduzir o que fora deixado nas entrelinhas tanto das notícias que circularam nas redes sociais, quanto da própria Ementa.

---

<sup>66</sup> Pista 3 – *Cartografar é acompanhar processos* (BARROS; KASTRUP, 2015).

<sup>67</sup> Pista 6 – *Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador* (PASSOS; EIRADO, 2015).

<sup>68</sup> Pista 5 – *O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica* (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015).



Diferente das fotografias usadas para compilar o visual nos outros memes presentes nas seções anteriores, a materialidade visual que compõe o meme da Reforma da Previdência é riquíssima para compreendermos as categorias apresentadas e estudadas por Barthes (1990). A truncagem possibilita uma falsa verdade a uma situação que é irreal, tendo em vista que uma caveira não estaria trabalhando. A pose, atribuída ao esqueleto, permite que se perceba seu nível extremo de cansaço, meio de lado e jogada na cadeira, como uma pessoa costuma ficar quando passa horas nessa posição e chega à exaustão. Os objetos dispostos na mesa contribuem para a cenografia (MAINGUENEAU, 2013), já que o usuário das redes cai numa cilada ao acreditar estar vendo uma cena comum de escritório, entretanto há uma caveira no lugar de uma pessoa viva. Na realidade, trata-se de um meme, parodiando o possível futuro do brasileiro. A luminária contribui com o estereótipo de que pessoas mais velhas, nesse caso mortas, têm a visão debilitada e, com isso, demandam auxílio de outros elementos que possam iluminar sua mesa. A garrafa d'água representa o tempo em que o indivíduo passará sentado naquela situação, já que é comum um indivíduo levar água para locais em que precise ficar por muito tempo, não podendo se retirar - ou não devendo - a todo momento para beber água. O fone de ouvido contribui para que se possa perceber que a personagem, além de atender ao público pessoalmente, também trabalha de modo on-line ou pelo telefone. A bagunça que se vê na mesa é uma característica de quem passa muito tempo num mesmo lugar e, por isso, acaba deixando objetos necessários para o fácil acesso. Ainda, há a fotogenia, que possibilitou a construção/criação da fotografia, e também a sintaxe, que, a partir de todas as características presentes na foto, contribui para a produção de subjetivação, bem como para os efeitos de sentido conotativo/obtusos que perpassam essa prática discursiva.

De certo modo, lê-se também uma metonímia, já que se pode associar o sentido produzido pelo meme aos brasileiros que terão que, praticamente, morrer para conseguir se aposentar. Concomitante a isso, a materialidade verbal, através da presença da temporalidade no enunciado, rememora seu Outro, enfatizando que, enquanto o governo aprova leis que acaba por prejudicar a vida do povo, os brasileiros estão trabalhando após a morte para garantir os 100% de sua aposentadoria que, até então, era direito do trabalhador vivo, previsto nas leis que geriam o Brasil.

Tendo em vista o discutido, percebe-se que o simulacro, através da interincompreensão, possibilita que o Outro se reconheça perante a enunciação. Dado isso, infere-se que pôde haver um incômodo dos governantes em relação à chuva de memes políticos que se via e se vê nas redes sociais, pois o meme é capaz de deixar pistas para que seu Outro possa se (re)encontrar. Enquanto a paródia, nesse meme, contribui com o humor, já

que ressignifica a condição do ser humano vivo, a interincompreensão, permitida pela tessitura entre as linguagens, transparece as intenções governamentais com a aprovação da PEC 287.

Além da Reforma da Previdência sugestionada ao final do ano de 2016, em 2017, houve a proposta governamental acerca da Reforma do Ensino Médio no Brasil. Do mesmo modo que vinha ocorrendo manifestações cibernéticas, por meio também do memes políticos acerca das temáticas políticas já citadas, houve também crítica, ironia e produção de subjetividades nas plataformas digitais acerca de tal reforma. É sobre esse período histórico da política brasileira, que também foi circunscrito pela utilização de memes políticos, que a próxima seção apresentará suas reflexões.

#### **5.4 Lance 4 - A Reforma do Ensino Médio e os memes políticos**

Ainda no ano de 2016, com aprovação em 2017, foi decretada, pelo governo federal em vigência na época, a Reforma do Ensino Médio nas escolas públicas e privadas do Brasil. Embora a classe docente do país concordasse que era necessária uma reforma na grade curricular e na práxis docente em todos os seguimentos escolares, a reforma, proposta pelo governo Temer, parece não ter agradado muito a população, que, prontamente, utilizou as redes sociais para se manifestar.

A nova reforma propôs, por meio da lei 13.415/2017<sup>69</sup>, a alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da ampliação do tempo mínimo, que contava 800 horas na escola, para 1000 horas, além de uma reorganização na grade curricular baseada na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), ofertando flexibilização e oportunidade de escolha para os discentes. Dentre as mudanças, algumas disciplinas deixariam de ser obrigatoriedade em todas as séries do Ensino Médio, professores com notório saber poderiam passar a lecionar, tendo em vista que o foco principal passaria a não ser mais o acesso a universidades, mas também o ensino técnico e profissional. O que converge com as subjetividades neoliberais que perpassam este século, já que a produtividade e o capital são conceitos potentes para a sociedade atual, bem como a falsa sensação de liberdade e livre escolha, como se propõe na reforma. De acordo com Brow (2018), “(...) substituindo a

---

<sup>69</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 23 abr. 2021.

sociedade governada democraticamente por uma sociedade organizada pelos mercados e pela moralidade tradicional, sob o signo da liberdade” (BROW, 2018, p. 154).

Tendo em vista que a internet, de certo modo, facilitou o ativismo no Brasil, as redes sociais, atualmente, vêm sendo usadas como grandes aliadas da população que vê nela um meio pelo qual pode expor seus posicionamentos e suas reflexões. Como já discutido no capítulo 4, os memes políticos contribuem para trazer à cena midiática, também à população, acontecimentos importantíssimos do cenário político brasileiro. Todavia, como os memes políticos possuem uma dose boa de efeitos humorísticos, essas peças vêm trazendo, além de discussões sérias, relações com práticas discursivas outras capazes de contribuir para reflexões da população acerca dos acontecimentos sociais e políticos do país. Como se pode ver no meme que segue.

Figura 10 – Meme Ensino Médio e Harry Potter



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/reforma-do-ensino-medio-e-alvo-de-memes-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2021.

Para cartografar o meme apresentado na figura 10, é importante ter conhecimento acerca do filme Harry Potter, uma produção cinematográfica baseada nos livros da escritora britânica J. K. Rowling, que, ao longo de sete longas, conta a história de um bruxo que vivia entre humanos, mas, como era muito poderoso, precisou frequentar uma escola de bruxos, a fim de desenvolver suas habilidades. Ademais, precisa reconhecer as personagens que são apresentadas, não só por seus nomes, que são grafados no meme, mas também a forma com que os dois geriram a escola Hogwarts no período em que foram diretores. Dumbledore, personagem apresentado à esquerda, era um diretor que prezava o desenvolvimento e as habilidades dos alunos a partir da leitura e da reflexão acerca dos feitiços, bem como a

seriedade da utilização de um feitiço de forma errada, por isso, para ele, era importante que os alunos soubessem muito sobre os tipos de feitiço e quando deveriam usá-los. Já a personagem apresentada ao lado direito, Umbrige, comandou a escola sob os princípios da prática, enfatizando a importância da repetição dos movimentos com a varinha e da precisão que os alunos deveriam ter ao utilizar os feitiços, sem necessidade de reflexões e de teorizações acerca dos tipos de feitiços e seus usos. De um lado, um diretor que construía conhecimento, centrado no bem-estar do aluno, e, de outro, uma diretora que precisava de um exército que soubesse manusear as ferramentas e os poderes aos quais tinham acesso.

A partir do que foi posto, já se percebe que o usuário que desconhece tais informações ficaria na esfera de identificador. Já o usuário que conseguiu recuperar tais informações, transformou-se em locutor, pois, além de conseguir estabelecer relação entre as materialidades verbal e visual, desdobrando-se em leitor, reconheceu as vozes que perpassam esse universo memético: a situação política do país e a relação que ela poderia estabelecer com a saga Harry Potter. Desse modo, só o locutor poderia produzir subjetividades a partir da leitura do verbal: *Para quem não entendeu, Ensino Médio vai ficar tipo Hogwarts quando sai o Dumbledore e entra a Umbrige!* Logo, o locutor pôde mapear o território memético apontando relações diretas da saída de Dilma Rousseff com a entrada de Michel Temer no poder. Dilma estaria para Dumbledore, assim como Temer para Umbrige.

Essa prática discursiva mémetica contribui não para responder aos questionamentos que se apresentavam naquele momento, nem para convencer. Nesse caso, a prática política permite a reflexão do locutor acerca do que possivelmente poderia acontecer após a Reforma do Ensino Médio aprovada pelo governo Temer. Isto é, tal qual acontecera em Hogwarts, o estudante brasileiro acreditaria estar desenvolvendo sua prática para entrar no mercado de trabalho, que prevê um funcionário com habilidades manuais, mas esquece que, de nada adianta saber usar as habilidades e não possuir conhecimento acerca de sua utilização (teoria), conceitualização essa utilizada por Dumbledore em sua gestão, como se pode recuperar na cartografia do meme. O meme possibilitou que os discentes, daquele período, pudessem, de certo modo, fazer essas relações, resgatando tais subjetividades, percebendo que a reforma poderia não ser tão boa assim.

Outra mudança prevista na reforma, que deixou muitos brasileiros chateados, foi a desimportância que se atribui às disciplinas de filosofia, de sociologia e de língua espanhola, por exemplo. Para filosofia e para sociologia não haveria, até então, obrigatoriedade “geral”, como era antes, e, para língua espanhola, o curso seria opcional para a grade curricular prevista no Projeto Pedagógico de cada escola. Tendo em vista isso, o ciberativismo

(RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015), movido pelas forças<sup>70</sup> meméticas, fez alertas à sociedade em relação à importância de disciplinas das áreas humanas para a formação discente. Logo, houve uma enxurrada de memes políticos acerca da temática com o intuito de revogação de tais medidas previstas, como veremos no meme político que segue

Figura 11 – Meme Reforma do Ensino Médio e Império



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/reforma-do-ensino-medio-e-alvo-de-memes-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2021.

O meme apresentado anteriormente é construído pela relação de *relais* proposta por Barthes (1990), já que sua produção de significação se dá pela coesão entre as materialidades verbal e visual. No verbal, lê-se: *Professores de Sociologia e Filosofia e pessoal de humanas do ensino médio no momento*. E, no visual, há a figura de uma personagem conhecida no país, o Comendador da novela Império, interpretado pelo ator Alexandre Nero. Inicialmente, a relação de significação que o locutor poderia fazer sobre essa prática discursiva é perceber a cara de desespero que os professores de tais disciplinas poderiam fazer com as postulações previstas na reforma. Isso significava, além da construção de uma sociedade totalmente mecanicista, uma quantidade imensa de professores de sociologia e de filosofia desempregados.

Entretanto, se o usuário se desdobrasse em leitor-cartógrafo e mapeasse o território-meme<sup>71</sup> por entradas analíticas distintas, esse locutor, agora revestido de leitor-cartógrafo, poderia mapear o território-meme e produzir subjetivações distintas. Mais uma vez, é importante que o leitor-cartógrafo perceba a paródia que está sendo possibilitada pelas

<sup>70</sup> Pista 5 – *O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica* (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015).

<sup>71</sup> Pista 7 – *Cartografar é habitar um território existencial* (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

materialidades, pois o Comendador não está caído, apavorado ou desnorteado. Essa fotografia, recortada da cena de uma novela de sucesso no Brasil, trata do dia em que a personagem, que aparece no meme, morrerá, ou seja, os professores dessas disciplinas não estão desesperados, mas a ponto de morrer ou mortos, quase como se estivessem infartando com tais discursos. Com uma subjetividade relacionada ao campo docente, os professores de humanas e, principalmente, os de filosofia e de sociologia, podem ter se identificado com tal situação, pois, se isso realmente acontecesse, muita coisa mudaria não só para eles, como para o futuro do país. Para essa subjetividade, centrada num usuário que pudesse ser professor ou que se colocou no lugar de um professor, o efeito de humor pode não ter provocado riso e, sim, desespero, isto é o efeito de mudança social que tal proposta traria. É importante frisar que, como aponta Possenti (2018), nem sempre o humor estará relacionado ao ato de produzir gargalhadas, mas sim a subversão e a desconstrução que se apresenta em relação ao Outro (MAINGUENEAU, 2008).

Todavia, apostando em uma subjetividade que poderia provocar efeitos de riso, o leitor-cartógrafo conseguiria se colocar no lugar dos alunos do Ensino Médio que estariam achando ótimo limar essas disciplinas do currículo escolar, haja vista a existência de distintas subjetividades no país que consideram, inclusive, tais disciplinas desnecessárias, capazes de “doutrinar” o discente. Logo, pode-se perceber que, ao correlacionar o Comendador aos professores, a metáfora se faz presente, e é ela que contribuirá, através dos sentidos obtusos (BARTHES, 1990) presentes no meme, para que haja certa identificação dos/com os professores, implicando preocupação e desespero dessa classe, mas também com alunos, que poderiam achar graça dessa comparação também por estarem em construção e reconhecimento das subjetividades que perpassam nossa sociedade. Em outras palavras, os adolescentes ainda não sabiam dimensionar os problemas futuros que a reforma traria em longo prazo.

Desse modo, a materialidade visual tem papel primordial na produção dos efeitos de sentido proporcionados pela prática discursiva memética, já que relaciona o querer-dizer com o já dito na novela. Ou melhor, o meme, por um lado, enfatiza que os professores estavam “mortos” (desesperados) com a notícia, e a relação sociocultural, que se recupera com a foto de um homem tão poderoso naquele cenário morto<sup>72</sup>, enfatiza a grande perda que a sociedade teria caso isso, realmente, ocorresse. Importante falar também acerca da cilada (ROCHA, 2013) que a cenografia (MAINGUENEAU, 2013) memética nos impõe, pois, se o usuário se

---

<sup>72</sup> Na novela, o Comendador era um homem riquíssimo e dono de uma empresa que fabricava joias com diamantes.

colocar apenas como identificador e não ler ou reconhecer o materializado no verbal, pode cair na cilada e acreditar que está vendo um recorte em relação à novela, não percebendo que a produção de significação recupera outras práticas, não apenas a situação mostrada na telenovela.

Uma terceira subjetividade que perpassou o sentido obtuso da Reforma do Ensino médio, justamente, por invalidar as disciplinas humanas e sociais, foi o direcionamento reflexivo para o manual. Isto é, o aluno poderia estar pronto para o mercado de trabalho e sair da escola direto para empresas e/ou comércios, tencionando “as portas” que se abririam com um ensino voltado às práticas manuais. Nesse cenário, apareceram também memes como este:

Figura 12 – Meme Reforma e o trabalho infantil



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/reforma-do-ensino-medio-e-alvo-de-memes-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2021.

O mapeamento de tal prática requer um conhecimento histórico acerca de momentos outros. Na materialidade visual, vê-se um menino trabalhando numa espécie de indústria, sendo supervisionado por um homem com experiência na atividade, cenário apresentado por uma fotografia em preto e em branco. Já a materialidade verbal nos apresenta: “*essa mudança no ensino médio vai facilitar a inserção no mercado de trabalho*”. Para um usuário-leitor que não conseguisse recuperar as vozes com as quais dialoga tal prática discursiva, realmente, a reforma abriria portas para o mercado de trabalho e proporcionaria a saída do estudante da escola direto para a lida, como mostra o visual.

Entretanto, as aspas utilizadas no verbal, já “entregam” o sentido conotado por detrás de tal enunciação para o a figura do leitor que é capaz de se desdobrar em locutor. *A reforma estava visando à mão de obra barata, objetivando a pouca experiência e pouca idade de grande parte dos alunos, que terminam o ensino médio antes dos 18 anos, para mover a economia do país, sem preocupação com greves e/ou lutas trabalhistas, posto que esses recém-formados desconheceriam grande parte das leis dispostas na Constituição do Brasil, bem como leituras necessárias a contribuir com o pensamento crítico-reflexivo.*

Outro fator importante que pode se relacionar à fotogenia (BARTHES, 1990) está nas cores presentes no visual desse meme: preto e branco. Tais cores rememoram a Primeira Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, que, com o surgimento das máquinas, possibilitou a saída de famílias inteiras do campo para a cidade, buscando melhores condições de vida. Tal revolução permitiu o surgimento de novas classes sociais e de um novo cenário de trabalho, como o trabalho infantil que, inicialmente, era atribuído a crianças órfãs e perdidas e, depois, estendeu-se aos filhos dos próprios operários, que acarretavam exaustivas horas de trabalho não só para os adultos, mas também para as crianças, prejudicando seu desenvolvimento.

À vista disso, o visual ajuda na recuperação do retrocesso visado pela nova lei, na medida em que coloca o adolescente num lugar já ocupado por ele em um passado distante que fora alterado através de muita luta proletária. Não seria o filho do rico que sairia do Ensino Médio para fazer trabalhos manuais e exaustivos em empresas, em indústrias e em comércios, mas, sim, o filho daqueles que precisavam de ajuda com as despesas ao final de cada mês.

Ampliando as entrelinhas discursivas, percebe-se que o meme político persuade o usuário a perceber de que modo, em longo prazo, essa mudança seria ruim. Os meninos e as meninas que não estudassem e buscassem conhecimento através das universidades e outras instituições de conhecimento, passariam a vida toda trabalhando no mesmo lugar, fazendo a mesma atividade, com a mesma renda, ficando impossibilitado de crescer de forma crítica, política e financeira.

Após essas e outras notícias que consagraram o governo Temer, sua popularidade no país, que já não era grande, cai ainda mais. É sobre os memes feitos acerca da impopularidade de Michel Temer que a próxima seção debruçará suas análises.



### 5.5 Lance 5 - Michel Temer e sua impopularidade

O acesso de Michel Temer ao cargo mais cobiçado pelos políticos brasileiros se deu de forma bem conturbada. Com a saída de Dilma do poder e as acusações sobre o ex-presidente Lula, a população brasileira viveu um enorme momento de polarização política, haja vista a divisão do país com posicionamentos contra e a favor a esses acontecimentos, como visto. Entretanto, essa divisão da população parece não ter sido proveitosa para o atual presidente à época, já que os defensores de Dilma e de Lula e seus opositores concordavam, de certa forma, que Temer não deveria ocupar o cargo em que estava.

De acordo com matéria publicada no *Made for minds*<sup>73</sup>, em 2017, apenas 7% da população brasileira avaliava o governo Temer como ótimo ou bom. Ainda, de acordo com a página, Temer só perdera esse índice para José Sarney, que atingiu número inferior, 5%. A matéria publicada, baseada nas estatísticas do Instituto Datafolha, afirmou que quase 70% da população avaliava o governo como ruim ou péssimo, e pouco mais de 20% como regular. Todavia, o ex-presidente considerou esses dados como um ponto positivo, pois seria lembrado pela população como um presidente que não estava preocupado com seu populismo.

De toda forma, com o acesso às redes sociais e com a impopularidade de Michel, a população brasileira recheou as páginas da internet com memes políticos debochando do então presidente, como se pode ver no meme político que se apresenta a seguir.

Figura 13 – Impopularidade de Temer e grávida de Taubaté



Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/michel-temer-1-ano-no-governo-atraves-dos-memes.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/impopularidade-de-temer-atinge-novo-recorde/a-39402988>. Acesso em: 25 abr. 2021.

O meme político apresentado anteriormente também é produzido por meio da relação de *relais* (BARTHES, 1990). Na materialidade visual, tem-se a figura de uma mulher grávida, num fundo azul, cor que se encontra na bandeira do Brasil, e, no lugar da barriga da mulher, o círculo que se apresenta na bandeira nacional, que, vale ressaltar, remete, grosso modo, à parte do céu que se vê do país e à perfeição. Na materialidade verbal, tem-se os dizeres: *Brasil Governo Federal*; e o sintagma que compõe a bandeira do país: *ordem e progresso*. O efeito de humor desse meme se dá através da relação representativa da mulher que se encontra no visual com a (des)legitimidade ou a “ordem e o progresso” que se perpetuavam no governo Temer. Dificilmente, um internauta que não conhecesse a história da “grávida de Taubaté”, produziria relações significativas acerca dessa enunciação, tornando-se um locutor. Ou seja, a prática – (re)organização do socioinstitucional (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) – é que perpetua os efeitos de verdade e/ou mentira que se poderá encontrar ao cartografarmos o território-meme.

Tendo em vista isso, faz-se necessário um resgate acerca da história da figura da mulher que se encontra no visual. *Uma mulher*<sup>74</sup>, *moradora da cidade de Taubaté, estado de São Paulo, apareceu nas mídias dizendo estar grávida de quadrigêmeas e que passava necessidades, não podendo arcar com todos os custos gerados a partir do nascimento das 4 filhas. Tal situação comoveu o país, o que possibilitou, por parte da mulher, o arrecadamento de doações de pessoas de vários lugares do Brasil. No entanto, no desenrolar da narrativa, a grávida acabou sendo “desmascarada” por seu próprio advogado que, em meio ao caos, confirmou à imprensa que ela não estava grávida e que usava uma barriga falsa de silicone, bem como vários enchimentos para que o tamanho da barriga comovesse e enganasse a população, isto é, a mulher estava dando um “golpe” em todos.* Além de revolta entre os brasileiros, o caso gerou muitos memes que caíram na graça dos internautas, tal qual o presente na figura 13.

Na materialidade verbal, a expressão *Brasil Governo Federal* dialoga diretamente com o presidente em questão, bem como a frase *ordem e progresso*, que é totalmente descredibilizada não só pela situação política do país e pela insatisfação da população para com o ex-presidente, como também deslegitima suas falas e as medidas tomadas por ele enquanto presidente. Nesse caso, a interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) é capaz de transparecer os efeitos de sentido propostos na situação através do simulacro (MAINGUENEAU, 2008). Isto é, o verbal, presente no meme, é referência mundial acerca do

<sup>74</sup> A história completa sobre a grávida de Taubaté pode ser lida em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/enganou-o-brasil-a-saga-da-gravida-de-taubate.phtml>. Acesso em: 25 abr. 2021.

Brasil, bem como a falsa-ilusão de ordem e de progresso que se vive no país, mas poderia convencer um leitor desatento que não percebesse o visual ou que não conhecesse a história da grávida de Taubaté. Logo, encontra-se um simulacro nas estrelinhas do que está sendo produzido. A utilização da mulher no visual, bem como a paródia feita acerca de sua barriga com o círculo que remete à bandeira, revela a relação interincompreensiva que se apresenta, reforça seu Outro (MAINGUENEAU, 2008) por meio da ressignificação de tais lexemas. Ou seja, enquanto Michel Temer estivesse no poder, tudo que propusesse seria inconveniente ou enganação à grande massa, tal qual fez a mulher representada ao se fazer de coitada em muitos programas de auditórios televisionados no país e na internet. Em outras palavras, o efeito de mentira só é recuperado quando o socioinstitucional é reconhecido, isto é, assim como a grávida de Taubaté, o governo de Temer era falso, mentiroso e enganador.

A pose e a truncagem (BARTHES, 1990), no visual, contribuem para o estereótipo estigmatizado nesse meme político: a mulher enganadora pode muito bem representar o Governo Federal, já que, assim como ele, enganara o povo. O círculo que remete à perfeição e ao céu funciona como objeto (BARTHES, 1990), alocado à foto para desmistificar tanto a perfeição/veracidade da gravidez da mulher representada quanto para desmistificar as promessas vindas do governo em relação às melhorias do Brasil. Desse modo, a sintaxe (BARTHES, 1990), que se cria por meio desses elementos, permite que o locutor possa reencontrar as vozes que perpassam o sentido obtuso (BARTHES, 1990) presente na prática discursiva.

Ademais, a intertextualidade (MAINGUENEAU, 2008) que, também, contribui para o encontro do meme com a bandeira do Brasil, reforça a presença do efeito de humor (POSSENTI, 2018) na prática discursiva. É pelo encontro do humor com o campo político também que os memes políticos vêm funcionando como uma espécie de munição para o ciberativismo que vê, nesses gêneros discursivos, a liberdade enunciativa simulada que se tem no compartilhamento de memes: *compartilha-se o meme porque achou graça do que foi dito ou porque concorda com a enunciação, mas não foi o usuário que compartilhou tal prática discursiva que a criou*. Essa tese contribui para que os memes políticos continuem (des) mascarando escândalos e personalidades políticas sem correr o risco de expor o usuário num campo tão minado como o das plataformas digitais.

Outro momento político que reforçou a impopularidade de Michel Temer foi o desfile das escolas de samba do grupo especial no Carnaval do Rio de Janeiro, ocorrido no ano subsequente, na Sapucaí, protagonizado pela escola Paraíso do Tuiuti. Como se pode ver na fotografia que segue.

Figura 14 – Fotografia do desfile da Tuiuti



Fonte: <https://exame.com/brasil/carnaval-do-rio-mostra-o-vampiro-temer/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

A fotografia, recuperada pela figura 14, rememora o desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti na cidade do Rio de Janeiro em 2018, que teve como foco principal discutir a crise política e social do país, que fora muito alarmada pela mídia no ano de 2017. Através de críticas feitas também acerca do ex-prefeito Marcelo Crivella, que cortara verbal do Carnaval daquele ano, a escola trouxe à tona a imagem de Michel Temer, relacionada a um vampiro, como era carinhosamente chamado por grande parte da população brasileira enquanto esteve no poder.

O desfile foi projetado para falar acerca dos 130 anos do fim da escravidão, cuja crítica era enfatizar o fim da escravidão apenas em leis, já que na prática a situação do país mostrava outra realidade. A escola de samba aproveitou o enredo “*Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?*” para criticar o alto nível de desigualdade no país, a exploração do trabalho rural e do trabalho industrial, bem como a valorização do trabalho informal, o que recaiu, conseqüentemente, acerca da Reforma Trabalhista e da Reforma da Previdência aprovada no governo Temer.

O apelido de “vampiro”, reconhecido pela grande massa a Michel Temer, foi dado pelo ex-senador Antônio Carlos Magalhães<sup>75</sup>. Depois disso, o apelido passou a ser utilizado por muitos políticos, contrários às atitudes de Michel, e, conseqüentemente, caiu nas graças dos brasileiros. Além da alvura de sua pele, o apelido dado a Temer pôde provocar distintas subjetividades, como, por exemplo, o fato de vampiros não serem confiáveis, pois, em filmes, os vampiros se passam por mortais e, depois, matam seus “amigos”; pelo fato de vampiros

<sup>75</sup> Informação disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/deputados-do-pt-chamam-temer-de-golpista-vampiro-19292721>. Acesso em: 25 abr. 2021.

tirarem a vitalidade dos humanos; e/ou pelo fato de os vampiros serem, em grande maioria, vilões de inúmeros filmes de terror.

Em nota, embora a Escola de Samba tenha se recusado a afirmar tratar-se do, até então, presidente Michel Temer, gestos como: a faixa presidencial, a associação aos vampiros, o terno preto, bem como a pasta branca colocada no rosto do folião, que se relacionava não só a pele dos vampiros, mas também a do ex-presidente, e a peruca caricatural, que marcara o penteado de seu cabelo, convenceram a população brasileira de que se tratava de Temer. Assim, logo após os usuários da internet terem se deparado com “Temer vampirão”, houve uma enxurrada de memes políticos acerca do presidente com o intuito de ovacionar a Escola de Samba, criticar, negativamente, a postura do ex-presidente e trazer graças às *timelines* em um período do ano amado por muitos brasileiros: o Carnaval. A seguir apresenta-se mais um meme político que contribui com os efeitos de sentido polarizadores naquele momento político do país.

Figura 15 – Meme vampirão da Tuiuti



Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/memes/album/2018/02/19/vampirao-da-paraiso-do-tuiuti-desfila-sem-faixa-presidencial-e-vira-meme.htm?mode=list&foto=1>. Acesso em: 27 abr. 2021.

O meme anterior apresenta, em sua materialidade visual, fotografias da personagem que representou o ex-presidente Michel Temer no carnaval carioca de 2018, sob o comando da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti. Em sua materialidade verbal, lê-se: *Né por nada não, mas sem a faixa ficou mais parecido ainda com o Temer*. Com isso, embora o visual já apresente a crítica feita pela Escola de Samba à situação política vista no país, é pelo verbal que um dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira é recuperado: a (des)legitimidade de Temer ao cargo que ocupara.

Logo, a produção de sentido dessa prática discursiva se dá pelo reconhecimento do posicionamento que a perpassa, bem como de práticas outras que se pode recuperar. Isto é, para quem acompanhou esse momento pelas mídias, soube que, quase na hora de sua entrada na avenida, a Paraíso do Tuiuti fora notificada sobre o impedimento de o folião (Vampirão) desfilar com a faixa presidencial que usara, tendo em vista o sentido óbvio (BARTHES, 1990) que tal elemento representa. Com isso, alguns internautas aproveitaram a situação para promover um embate político com a proibição, afirmando que, sem a faixa, a representação de Temer seria mais legítima ainda, já que, de acordo com toda situação ocorrida até aquele momento, o ex-presidente não deveria permanecer no cargo em que estava.

Desse modo, tal qual a perspectiva cartográfica, o gesto de leitura nos memes políticos se dá por uma rede rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995) de significação. Ou seja, tanto para cartografar uma prática discursiva como para compreendê-la, é necessário relacioná-la a outras práticas discursivas por meio desse encadeamento “invisível<sup>76</sup>” que se reconhece através das forças enunciativas, por meio das materialidades linguística e visual. Ou melhor, o meme do Vampirão da Tuiuti recupera não só o ocorrido no Carnaval e as práticas discursivas que perpassaram aquele momento, como também práticas discursivas do universo político, tendo em vista que o próprio desfile de carnaval pôde funcionar como uma prática discursiva que recuperou outras vozes e outras práticas com o intuito de confrontar seu Outro por meio do simulacro (MAINGUENEAU, 2008), através das paródias e das canções que envolveram o universo carnavalesco.

Ademais, o visual se materializa, também, como uma espécie de metáfora que recupera a postura de Temer em relação à sociedade brasileira, atrelada ao enredo que se ouviu no desfile. Ao aprovar a Reforma da Previdência, por exemplo, o ex-presidente mostra seu lado perverso, como de um vampiro, que estaria sugando a vitalidade da população ao propor uma lei que permitiria que o brasileiro, para ter seus direitos garantidos, trabalhasse até a morte. Também se pode associar a faixa presidencial à metonímia visual que, com ou sem sua utilização, possibilitou o reconhecimento daquele que se queria criticar. Ou seja, a faixa foi um objeto (BARTHES, 1990) importante para a conexão ao ex-presidente, mas sua falta também acabou o representado, tendo em vista as conexões rizomáticas feitas pelos “criadores” dos memes e pelos usuários desdobrados em locutores, que foram capazes de compartilhar tal meme em suas redes sociais e recuperar os ditos outros – o folião, assim como Temer, não tinha legitimidade no uso da faixa, ou seja, os dois representavam de modo

---

<sup>76</sup> Pista 7 – *Cartografar é habitar um território existencial* (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

caricatural o presidente; Temer não era legítimo, por isso poderia facilmente ser confundido com um folião que brinca no Carnaval.

É por meio das implicações que perpassam as práticas, que são percebidas pelos analistas, que se pode perceber como esses gêneros discursivos, aparentemente, inofensivos podem contribuir com o cenário político-histórico do país. A materialidade linguística e a materialidade não linguística, numa relação complementar, recuperam enunciações outras e promovem embates com outras práticas discursivas. No entanto, embora a população brasileira estivesse cansada da figura de Michel Temer, outros acontecimentos políticos marcaram o mandado conturbado do ex-presidente, é o caso da greve dos caminhoneiros, que ocorreu em maio de 2018, que veremos na próxima seção.

## **5.6 Lance 6 – A greve dos caminhoneiros e os memes que marcaram esse acontecimento político**

A greve dos caminhoneiros foi um episódio marcante para população brasileira, haja vista a necessidade de abastecimento, em diversos setores socioeconômicos, possibilitado pelas frotas. Tal fato ocorreu em maio de 2018, em que os caminhoneiros de todo país, devido à alta no preço do diesel (combustível necessário para a locomoção desses veículos), pararam suas atividades por 10 dias. Pode-se dizer que o país viveu um caos sem o abastecimento de alimentos, de combustíveis e de insumos médicos.

Todavia, para compreender o movimento interdiscursivo (MAINGUENEAU, 2008) proporcionado pelos memes políticos que surgiram à época, faz-se necessário um detalhamento dos acontecimentos que marcaram aqueles 10 dias do ano de 2018. Tendo em vista isso, chega ao conhecimento da população, no dia 21 de maio<sup>77</sup>, como forma de protesto ao aumento de mais de 50% do diesel, a paralisação dos caminhoneiros de grande parte do país, visando à redução de impostos sobre o combustível.

O aumento do preço no diesel se deu devido à alta do dólar e do petróleo no mercado internacional, que funcionou como uma espécie de termômetro para que o governo brasileiro, através dos dados disponibilizados pela Petrobras, pudesse aumentar o preço do combustível,

---

<sup>77</sup> Informações disponíveis em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/30/greve-dos-caminhoneiros-a-cronologia-dos-10-dias-que-pararam-o-brasil.htm>. Acesso em: 28 abr. 2021.

o que vinha ocorrendo desde 2017<sup>78</sup>, praticamente, a cada mês. Naquele primeiro dia, 17 estados brasileiros interromperam o trânsito em grandes rodovias.

No dia seguinte, em 22 de maio, mais caminhoneiros, de outros estados, aderiram à greve, contando, até aquele momento, com 24 estados em manifestação. Devido a isso, o prejuízo causado pela paralização já havia começado a ser notado, tendo em vista que os insumos que estavam previstos para chegar aos seus destinos, naquele dia, não chegaram.

Com o caos instaurado e o governo Temer perdendo mais popularidade ainda, a Petrobras resolve anunciar, na quarta-feira, dia 23 de maio, uma baixa temporária no preço do diesel, que constaria com uma redução de 10% nos próximos 15 dias, para que os caminhoneiros pudessem voltar às atividades, reestabelecendo a situação do Brasil. Entretanto, embora o presidente da empresa à época, Pedro Parente, afirmasse que não relacionaria as ações da Petrobras ao governo, perde credibilidade por, aparentemente, não resistir à pressão governamental, não conseguindo cessar a paralização.

Com 3 dias de paralização, no dia 24 de maio, a situação do país já era catastrófica, pois, com os insumos parados, universidades, transporte público, aeroportos e comércios precisaram parar suas atividades, devido à falta de combustível e de alimentos carregados por esses trabalhadores. Com a pauta inicial acerca da questão econômica do país, a greve acaba abrangendo novas pautas, como a corrupção e discursos pedindo intervenção militar.

Sem ter o que fazer, à noite, o governo federal resolve anunciar um acordo com os representantes dos grevistas. A reunião durou 7 horas, e, após uma lista com 12 reivindicações dos caminhoneiros, dentre elas, zerar a Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) sobre o diesel e baixar o preço do combustível em 10% durante 30 dias, os caminhoneiros resolvem continuar sua paralização, já que nem todas as reivindicações seriam atendidas, principalmente, a “isenção do Pis-Cofins sobre o óleo diesel”.

Com a continuação da paralização, no dia 25 de maio, Michel Temer aciona as forças armadas para retirar, das vias, os manifestantes. Sob os comandos da GLO (Garantia da Lei e da Ordem), o político atribuiu, naquele momento, poder de polícia às Forças Armadas que poderiam, inclusive, junto a PRF (Polícia Rodoviária Federal), dirigir os veículos dos grevistas até suas garagens ou destino de origem das cargas, caso os manifestantes continuassem bloqueando as rodovias. Toda essa intervenção se deu sob alegação de que as Forças Armadas garantiriam a distribuição de combustíveis em lugares críticos, fariam a escolta de comboios, protegeriam as infraestruturas críticas e desobstruiriam as vias de acesso

---

<sup>78</sup> O que está acontecendo também, ironicamente, em 2021, com o país sendo gerido por outra figura política.



às refinarias de petróleo e centros de distribuição de combustíveis, que estavam sendo vetadas pelos próprios manifestantes.

Com as Forças Armadas nas ruas, no dia 26 de maio, os ministros, à época, Raul Jungmann, da Segurança Pública, e Sérgio Etchegoyen, do Gabinete de Segurança Institucional, afirmaram às mídias que, ainda naquela noite, a situação do Brasil começaria a se normalizar, tendo em vista que a escolta das Forças começaria a abastecer os transportes públicos e as ambulâncias.

No domingo, dia 27 de maio, a Abcam (Associação Brasileira dos Caminhoneiros) assina um acordo com o governo federal, prevendo o fim da greve e solicitando a retomada dos manifestantes às suas atividades trabalhistas. Entretanto, a paralisação continuou.

Com os postos de gasolina ainda sem combustível, a economia do país não voltara à normalidade, mesmo com o acordo previsto pela Abcam. Desse modo, na segunda-feira, dia 28 de maio, um levantamento da Fecombustíveis mostrou que 90%, ou mais, dos postos de gasolina de muitos estados estavam sem produtos para venda, o que dificultava a locomoção de muitos trabalhadores de diversos setores socioeconômicos, causando mais preocupação aos brasileiros que vivenciavam grande parte dos acontecimentos pela televisão e pelos dispositivos com acesso à internet.

Tendo em vista o acordo e uma reorganização da greve, com a grande maioria das rodovias voltando às atividades, a manifestação começa a perder força, e muitos postos de gasolina passam a ser abastecidos. Entretanto, a alta dos preços da gasolina preocupa ainda mais a população, já que de nada parecia ter adiantado a greve dos caminhoneiros que conseguiu apenas redução de preço no óleo diesel.<sup>79</sup> Para os consumidores,

[...] um dos efeitos atribuídos à paralisação continuava a ser sentido no bolso: eram os preços dos combustíveis, que segundo Procons e a própria Fecombustíveis admitiu, foi elevado "de forma oportunista" por uma parte do setor que se valeu da escassez do produto para aplicar reajustes "abusivos" (BNCC News, 2018).

Assim, 10 dias após o início da greve, no dia 30 de maio, a situação no país começa a se reestabelecer. Alguns postos de gasolina já voltavam a oferecer seu produto e quase todos os manifestantes foram retirados das rodovias pelas Forças Armadas e pela PRF. Diante de tal cenário, o brasileiro recheou as redes sociais com memes políticos que não só contribuía com os efeitos de humor num período tão crítico, mas também alertavam, por meio da polifonia (DUCROT, 1987), quais seriam as bases enunciativas que contribuiriam para que a greve ocorresse naquele momento, produzindo efeitos de polarização. Dessa forma, grande

---

<sup>79</sup> Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/30/greve-dos-caminhoneiros-a-cronologia-dos-10-dias-que-pararam-o-brasil.htm>. Acesso em: 28 abr. 2021.

parte da população percebeu que a alta do combustível fora só o estopim do momento conturbado que vivera o Brasil.

A seguir, apresentaremos alguns memes políticos que criticavam o governo federal e os caminhoneiros por meio da relação da greve dos caminhoneiros com paródias (SANT'ANNA, 1998) que recuperam outros campos discursivos (MAINGUENEAU, 2008).

Figura 16 – Meme Pedro e Bino



Fonte: <https://falauniversidades.com.br/memes-greve-caminhoneiros/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

Com a presença da intertextualidade explícita (MAINGUENEAU, 2008) aos filmes dos super-heróis Batman e Robin, e uma intertextualidade parodística (SANT'ANNA, 1998) acerca das personalidades que compõem o visual do meme anterior, pode-se perceber a ironia, a crítica e a sátira, através do ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015), que se viu nas redes sociais no período da greve dos caminhoneiros em 2018. Além de dois grandes nomes da dramaturgia brasileira, Stênio Garcia e Antônio Fagundes, lê-se, no verbal: *só esses dois heróis podem resolver a greve dos caminhoneiros*.

A produção dos efeitos de sentido dessa prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997) só é plenamente possível se o usuário da internet conseguir desdobrar-se em locutor e recuperar as vozes que perpassam esse universo memético. Primeiro, precisa saber que os atores, representados pelo visual, estrelaram uma série brasileira intitulada *Carga Pesada*, que fora exibida originalmente em 1979 e reavivada entre 2003 e 2007 por uma TV aberta no país. Pedro, personagem vivido por Antônio, e Bino, personagem vivido por Stênio, interpretavam dois caminhoneiros que viviam pelas estradas brasileiras, resolvendo problemas, entregando

suas cargas e (re)vivendo amores. Uma espécie de representação de como é a vida de muitos caminhoneiros do país, que passam dias e noites nas estradas, dirigindo.

Ademais, é importante conhecer também a relação amigável entre os super-heróis Batman e Robin que, juntos, lutavam contra as forças do mal nos filmes e nas animações. Isto é, a relação de amizade entre Pedro e Bino, e todas as situações em que eles ajudaram outros personagens da série, durante as temporadas, possibilitou ao meme uma metáfora visual desses personagens a super-heróis consagrados. É como se Pedro e Bino pudessem resolver todos os problemas vividos naquele período se eles fossem reais.

A metáfora visual, além produzir efeito de humor (POSSENTI, 2018), já que é possível observar os atores com fantasias de super-heróis, poses estereotipadas e os rostos com expressões um tanto quanto duvidosas (talvez nem eles acreditassem que poderiam ajudar naquele momento), contribuem para a crítica explícita que se produz pela restrição do campo discursivo possibilitado pelo verbal do meme. A palavra “só”, acima do visual, restringe a grade de restrição semântica, produzindo um embate interincompreensivo (MAINGUENEAU, 2008) não com o governo federal, mas com a postura de grande parte dos caminhoneiros ao final da paralisação. O ativismo cibernético, através desse meme, parece já desacreditar no governo, como se já esperasse coisas ruins vindas dele, também se decepcionou com os profissionais caminhoneiros, que estavam resistindo bravamente, mas cederam sem resolver grandes problemas sociais.

Ou seja, no verbal, percebe-se a crítica feita aos próprios manifestantes que não contribuíram muito com a população do país, haja vista à alta do preço da gasolina e os transtornos gerados pela greve sem muita contribuição à grande massa. Na série, como já supracitada, Pedro e Bino resolviam muitos problemas e ajudavam demasiadamente as pessoas dos lugares em que passavam. Desse modo, o verbal dialoga diretamente com os caminhoneiros de modo subversivo, tendo em vista que 10 dias e boa vontade não foram suficientes para minimizar o caos vivenciado pelos brasileiros. Além desse, outros memes foram produzidos, contribuindo com o ativismo digital naquele ano, como se pode ver a seguir.

Figura 17 – Meme 300



Fonte: <https://lulacerda.ig.com.br/greve-de-caminhoneiros-alguns-memes-ironizando-a-situacao/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

O meme apresentado anteriormente também movimentou a internet e contribuiu para os efeitos de mudança social naquele momento, ou seja, a greve colaborou com as dificuldades encontradas na locomoção de grande parte do povo brasileiro. No visual, vê-se uma divisão do meme em dois retângulos. Na parte superior, observamos um ponto de ônibus, com pessoas, aparentemente, respeitando a fila para entrar na condução e, no verbal, lemos: *embarque em dia comum*. No retângulo inferior, vê-se uma intertextualidade parodística ao filme 300, que aborda temática das Guerras Persas, representado pelo protagonista Gerard Butler, complementado pelo verbal: *embarque em dia de greve*.

Embora se saiba que, no Brasil, o deslocamento, através de ônibus e de metrô, em muitos estados, já parece, num momento sem greve, uma espécie de guerra, o meme enfatiza de que modo os trabalhadores estavam se submetendo a péssimas condições para que as atividades econômicas básicas do país continuassem funcionando. Ou seja, as frotas de ônibus estavam trabalhando com quantidade reduzida, pois não havia combustível para todos os ônibus e não se sabia até quando a greve duraria. Os donos de empresas e de comércio exigiam a presença de seus funcionários para que suas atividades básicas não parassem. Desse modo, o povo precisou sair às ruas bem mais cedo que de costume e travar uma verdadeira guerra entre si para que conseguisse subir nos ônibus e chegar ao seu local de destino sem prejuízo no salário ao final do mês.

A utilização do filme 300 como metáfora para a situação apresentada é autoexplicativa para o usuário locutor que, rapidamente, produz inferências e nota que, assim como no filme, em que os guerreiros eram massacrados, havia, de certo modo, um massacre nas ruas do país.

Quem caísse poderia ser atropelado pela multidão que tentava transporte para ir para o trabalho e para voltar para suas casas ao final do dia, já que, ao perder um ônibus, não se sabia em que horário haveria outro, justamente, porque a frota estava reduzida.

O meme materializa de que modo a perspectiva rizomática, postulada por Deleuze e Guattari (1995), é passível de transversalidade<sup>80</sup>, justamente por haver múltiplas possibilidades enunciativas e redes de conexão que possibilitam tal narratividade<sup>81</sup> - como a associação da ida ao trabalho em dia de greve com uma guerra representada em um filme. A história política contada através dos memes políticos é a realidade, não tão destorcida, da vida dos brasileiros em meio à obscuridade que parece não ter fim. A cada ano, a cada novo acontecimento, há desdobramentos, até então, impensáveis. A seguir, cartografaremos mais um momento histórico do país que se materializou através dos memes políticos.

### 5.7 Lance 7 - Da facada ao segundo turno: memes sobre o ocorrido com Jair Bolsonaro no período eleitoral

Figura 18 – Manchete facada Bolsonaro



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2021.

A manchete reproduzida se refere ao anúncio, por parte da mídia, acerca de um atentado ocorrido contra o, até então, candidato à presidência do Brasil Jair Bolsonaro. Tudo ocorrera em uma carreato em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, em que o candidato Jair Messias Bolsonaro estava sendo carregado nos ombros por seus apoiadores, junto à população, em um ato de campanha a favor de sua eleição. No meio da confusão e da gritaria, comum em eventos como esse, Bolsonaro teria sido surpreendido por uma facada em meio à

<sup>80</sup> Pista 1 – *A cartografia como método de pesquisa-intervenção* (PASSO; BARROS, 2015).

<sup>81</sup> Pista 8 – *Por uma política da narratividade* (PASSOS; BARROS, 2015).

multidão. De acordo com o G1<sup>82</sup>, a facada perfurou seu abdômen, atingindo os intestinos delgado e grosso, o que o levou a fazer uma cirurgia no hospital Santa Casa de Misericórdia.

Ainda, segundo a reportagem, o suspeito de esfaquear Bolsonaro fora identificado como Adélio Bispo de Oliveira, agredido pelos manifestantes após o ocorrido, segundo a polícia. Em sua defesa, ao assumir a culpa, Adélio afirmou agir por motivações políticas e religiosas, sem intenção de matar o candidato à presidência.

Com a saída de Dilma do poder, e a impopularidade de Michel Temer, o país apresentava, de modo significativo, uma divisão partidária que ganha força, também, através do ciberativismo. Enquanto Michel Temer era o foco do país, a população, embora discordasse entre si veladamente, propagava informações, através das redes sociais, em sua grande maioria, contra o governante. Em um “novo” cenário, com o surgimento de um candidato oposto aos que estavam no poder até então, há, visivelmente, uma polarização política no país: subjetividades que perpassavam a direita *versus* subjetividades que perpassavam a esquerda, principalmente.

A repercussão da facada de Bolsonaro, através dos memes políticos enfatizou, naquele momento, a divisão do país: para alguns, não houve facada e o candidato teria forjado o próprio atentado. Para outros, Bolsonaro era a salvação do país e, por isso, fora atacado pela oposição.

Tal fato deixou a parcela da população, favorável à sua candidatura, desesperada e triste pela vida de Bolsonaro. Tal narrativa fomentava, por meio da internet, a existência de um atentado contra uma pessoa pública, vinda de partidos opositores, já que as mídias divulgaram que Adélio já havia sido filiado ao PSoL<sup>83</sup>. A outra parcela da população, contrária as suas atitudes e temendo ser um autoatentado, critica a posição do candidato e informa que tal acontecimento fora forjado, haja vista que em muitas imagens, recuperadas para a produção dos memes, não havia sangue no local onde fora esfaqueado. Para os opositores, juntou-se o útil ao agradável. Isto é, assim como todos os momentos políticos visto até aqui, a população produziu muitos memes políticos, o que consagra, de certa forma, a polarização no país e contribuiu para a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil. A seguir, apresentaremos dois memes políticos que circularam na internet, um que perpassa o universo de subjetividades voltadas para a direita, e outro com subjetividades que perpassam o universo dito esquerda, causando efeitos de polarização.

---

<sup>82</sup> Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghhtml>. Acesso em: 12 mai. 2021.

<sup>83</sup> Partido Socialismo e Liberdade.

Figura 19 – Meme Jean Wyllys



Fonte: <https://www.direitapolitica.com/jornalista-apresenta-provas-de-que-jean-wyllys-seria-o-mandante-de-facada-em-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

O meme apresentado na figura 19, embora não leve ao riso, fora uma das práticas discursivas vistas nas redes sociais, com o intuito protestar acerca do ocorrido a Jair Bolsonaro, como uma espécie de desagrado de seus eleitores. No visual, vê-se a imagem do deputado brasileiro, filiado ao PSoL, e totalmente contrário às políticas apresentadas pela campanha de Bolsonaro. No verbal, temos: *Radical de Esquerda Jean Wyllys terá sido o mandante de facada em Bolsonaro.*

Para a cartografia do território-meme<sup>84</sup> é fundamental que o usuário das redes sociais tenha consciência de quem é a personalidade presente na fotografia, bem como o partido político ao qual se filia. Do contrário, não sairá da esfera de leitor. O internauta, desdobrado em locutor, poderá produzir inferências e relacionar a personalidade apresentada ao ocorrido a Jair, já que as mídias noticiaram que o acusado Adélio era filiado também ao PSoL. É importante também recuperar as vozes (DUCROT, 1987) que perpassam o visual, já que, em momentos anteriores, Jean e Bolsonaro tiveram muitas desavenças em reuniões na Câmara dos Deputados. Em um dos desentendimentos, Jean chegou a cuspir no, até então, deputado. O político explicou às mídias o porquê da reação: Jair Bolsonaro havia se referido à sexualidade do deputado de forma desonrosa, o que ocasionou toda confusão.

O verbal, nessa prática, fica responsável por noticiar uma informação, tendo em vista que, como se sabe, os memes são criados por qualquer usuário e a veracidade de suas informações são completamente duvidosas. Desse modo, ao trazer tal informação, sobreposta ao rosto de Jean, a prática discursiva precisa atribuir culpa a alguém importante no cenário político brasileiro. Adélio seria apenas um “pião”.

<sup>84</sup> Pista 7 – *Cartografar é habitar um território existencial* (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

A interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) é percebida por meio da relação de *relais* (BARTHES, 1990) possibilitada por esse gênero discursivo, já que, ao relacionar uma imagem de Jean Wyllys feliz no fundo do meme, há a recuperação dos encontros conturbados entre as personalidades supracitadas, permitindo uma leitura verídica de tal enunciação, a de que Jean poderia ter sido o mandante do atentado. Fato esse nunca comprovado, justamente, porque o próprio Bolsonaro resolveu “arquivar” as acusações e não dar continuidade ao processo contra Adélio.

Além de memes como esse, que persuadiram o usuário da internet a acreditar na veracidade do atentado a Jair Bolsonaro, e da culpa de Jean Wyllys pelo ocorrido, houve também uma enxurrada de práticas discursivas meméticas entrando em embate com tais informações, mantendo relação tanto com a manchete quanto com o próprio meme da figura 19.

Figura 20 – Meme simulação



Fonte: <https://www.romanews.com.br/entretenimento/veja-os-comentarios-a-respeito-do-atentado-contra-bolsonaro/12133/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

Para a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) desse território-meme<sup>85</sup>, é preciso observar o enlaçamento (BARTHES, 1990) entre as duas materialidades que se apresentam. Na materialidade visual, temos uma espécie de mosaico com duas enunciações: na parte superior, há o momento em que Bolsonaro fora levado ao hospital, após a facada em sua campanha eleitoral e, na parte inferior, há o jogador Neymar, caído no chão, no que parece ser um campo de futebol, como se estivesse lesionado. Importante pontuar que tanto Bolsonaro quanto Neymar foram utilizados no meme em momentos em que estavam com a camisa do Brasil. Ademais, os dois estão com feições de sofrimento. Na materialidade verbal, lê-se:

<sup>85</sup> Pista 7 – Cartografar é habitar um território existencial (ALVAREZ; PASSOS, 2015).



*Brasil, campeão mundial em simulação.* O vocabulário *simulação* já desponta subjetividades que se recuperam com a leitura do visual. Isto é, ambas as personagens estão com feição de dor e sofrimento, mas o verbal afirma serem falsas tais feições.

Tal qual os memes analisados até o momento, o meme da figura 20 recupera muitas práticas discursivas para que haja efeitos de sentido e de graça, postulado interdiscursivo (MAINGUENEAU, 2008). Nesse cenário, é muito importante que o locutor saiba quem é o jogador de futebol Neymar, também suas atitudes em campo com a camisa da seleção brasileira e sobre a Copa de 2014 no Brasil. Rememorando essa última situação, na Copa de 2014, no jogo contra a Alemanha, em que o Brasil perdera de 7 a 1, Neymar, num momento decisivo do jogo, parece se jogar ao chão e sai de campo. A torcida brasileira parecia não acreditar no que estava vendo, haja vista que, àquela altura do jogo, o Brasil já perdia feio, e o jogador era a “estrela” do time, fazendo a população brasileira pensar que com ele em campo, poderia levar o título de pentacampeão para casa. Entretanto, o jogador sai de campo com o auxílio da equipe médica e deixa a partida. O que mais se via nas redes sociais, naquele momento, era, justamente, o fato de Neymar viver caindo em campo e sendo tirado de jogos. Como o homem que era coroado como melhor jogador do Brasil não jogava e somente caía? A partir desse episódio e de muitos outros, a “estrela” ficou conhecida como “cai-cai”, perdendo credibilidade de seus conterrâneos. Isto é, a atitude de Neymar fora agitada nas redes sociais como inverídica, como se o jogador tivesse saído do jogo para que a derrota não manchasse sua carreira de craque. Desse modo, grande parte da população abordou tal comportamento do jogador como falso.

De modo análogo à situação narrada acerca do Neymar, a falta de sangue na camisa, também do Brasil, que Bolsonaro utilizara, fora gatilho para que grande parte dos brasileiros descreditassem no ocorrido. Como assim, um homem é esfaqueado e não aparece nenhuma gota de sangue em sua blusa? Essa fora a indagação de muitos brasileiros que viram no ocorrido um belo exemplo de como ganhar uma eleição sem muito esforço. Ou seja, já circulavam notícias afirmando que Bolsonaro<sup>86</sup> tinha um câncer que precisava ser operado e não seria interessante enfatizar isso à população, haja vista que poderia perder os eleitores. Assim, para resolver tal impasse e “levar” a presidência do país, resolve mascarar um atentado.

---

<sup>86</sup> Informações acerca da facada e de conspirações sobre o político ter um câncer podem ser lidas em reportagem do dia 03 de janeiro de 2020, pelo jornal on-line GGN, sob a produção de Luís Nassif. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/analise/62437/xadrez-da-facada-em-bolsonaro-enigma-politico-da-decada-permanece-sem-solucao>. Acesso em: 24 de mai. 2021.

Logo, ao associar a camisa do Brasil ao uniforme utilizado pelos jogadores de futebol em partidas, uma parte da população associou tal atitude de Bolsonaro a atitude de Neymar, a de inventar um problema menor que poderia lhe retirar de um problema bem maior. Do mesmo modo que Neymar não gostaria de ser visto como o jogador que perdeu para Alemanha, sendo um jogador de alto escalão, Bolsonaro não quis ser o presidente que perdera o pleito ou que precisara desistir por motivos envolvendo sua saúde. Outrossim, o vocativo “Brasil”, presente no meme, conversa diretamente com a parte da população brasileira que votaria no presidente. Em outras palavras, o país, certamente, elegeria Bolsonaro por viver em constantes simulações.

Ainda, importante pontuar de que modo essas duas situações apresentadas no meme contribuíram para descredibilizar a camisa da seleção brasileira para uma parte da população. Através de Neymar, o Brasil deixou de ser reconhecido mundialmente por ter jogadores sérios e fortes, o que não se viu nos últimos jogos em que o jogador esteve presente. Através da campanha de Bolsonaro, a bandeira do país bem como sua camisa passaram a representar a subjetividade de direita no país. Isso significa que esse elemento visual fora ressignificado pela grade de restrição semântica de muitos brasileiros, tal qual ocorre com o fenômeno da interincompreensão proposto por Maingueneau (2008).

A seguir, trazemos para a cena mais um momento político histórico no Brasil que fora marcado pelo ciberativismo através dos memes políticos.

### **5.8 Lance 8 - 2º turno: Bolsonaro *versus* Haddad na campanha eleitoral de 2018**

Diante de tantos contratempos e da polarização política vista através das práticas discursivas meméticas até aqui, pode-se imaginar que na eleição para a presidência do país em 2018 não tenha sido diferente. Isto é, com o país visivelmente dividido, projetando distintas subjetividades, através dos gêneros discursivos via plataformas digitais, a polarização política, através dos memes políticos, parece ganhar ainda mais destaque.

O ano de 2018 foi marcado, principalmente, pela eleição de Bolsonaro à presidência do Brasil, mas, antes que isso acontecesse, a disputa pelo pleito se deu entre distintos candidatos. Além do candidato eleito, pode-se citar Cabo Daciolo, Ciro Gomes, Marina Silva, Guilherme Boulos, Alvaro Dias, Eymael, Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles, João Amoêdo, João Goulart Filho e Fernando Haddad.

Visivelmente dividida, a população brasileira distribuiu votos no primeiro turno da eleição. Diferente da comunidade que se declarava direita no país, que aparenta ter votado majoritariamente em Jair Messias Bolsonaro, a comunidade declarada esquerda parece ter dividido seus votos entre os candidatos com subjetividades voltadas à esquerda, o que, de certa forma, contribuiu para a eleição do atual presidente. Todavia, com uma frente muito forte, principalmente, no Nordeste, fora o candidato do PT, Fernando Haddad, que disputou o segundo turno contra Bolsonaro.

Entretanto, é fundamental pontuar que, embora Haddad seja outro indivíduo, a sociedade brasileira via nele uma espécie de representatividade do ex-presidente Lula, pois muitos indivíduos projetaram, nas redes sociais, que votar em Fernando Haddad era o mesmo que votar em Lula. Por isso, os memes que foram feitos acerca da população que corrobora o posicionamento do PT no país, representou os eleitores do partido, colocando em foco o ex-presidente Lula e não o candidato do PT Haddad.

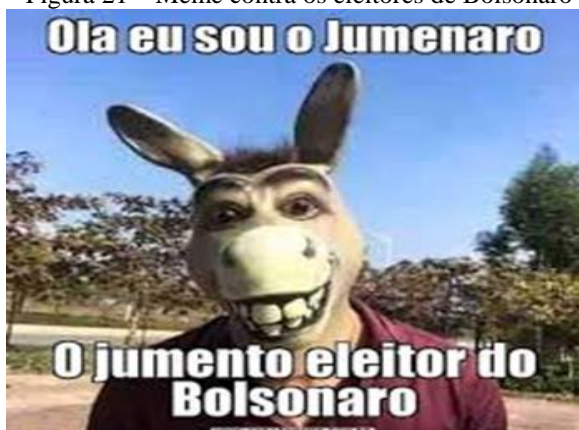
Cartografando esse período e implicando-se com os processos<sup>87</sup>, pode-se perceber que, nas eleições de 2018, a polarização política no Brasil chega em seu auge através dos gêneros discursivos que circularam nas mídias digitais, principalmente, com o uso exacerbado dos memes. Como forma de expressão de sua sentimentalidade (ROLNIK, 2016) e manifestação em relação as duas frentes políticas que disputavam o poder no país, a população brasileira passa a manifestar-se uns contra os outros através dessas práticas discursivas não só por sua jocosidade discursiva, como também pelo interdiscurso e embate discursivo que essas práticas promovem com Outros (MAINGUENEAU, 2008).

Nesse jogo de poder político e poder enunciativo, a comunidade brasileira passou a usar as redes sociais para se manifestar em favor de sua subjetividade. Entretanto, com o país polarizado, os memes políticos que surgiram nas plataformas digitais pareciam estar funcionando como uma espécie de munição de guerra para as comunidades ao defender suas frentes políticas. Embora possamos dizer que há mais de duas subjetividades perpassando o globo, é a esfera direita *versus* esquerda que ganha maior credibilidade nas redes sociais no Brasil, como se pode ver nos memes a seguir.

---

<sup>87</sup> Pista 3 – *Cartografar é acompanhar processos* (BARROS; KASTRUP, 2015).

Figura 21 – Meme contra os eleitores de Bolsonaro



Fonte: <https://www.facebook.com/mr.tretas/photos/jumenaro-n%C3%A3o-vai-voltar-no-alkmin-pelo-menosassim-n%C3%A3o-temos-nada-contra-os-jume/503947243352056/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

Figura 22 – Meme contra os eleitores de Lula



Fonte: <https://twitter.com/brasil247/status/1093104222504128513>. Acesso em: 22 jan. 2020.

O meme da figura 21 é composto pelo sincretismo que há entre materialidade verbal e materialidade visual. Na materialidade verbal, lê-se: *Ola eu sou o Jumenaro / O jumento eleitor do Bolsonaro*; e, na materialidade visual, podemos observar a cabeça de um jumento, com expressões humanas, no corpo de um indivíduo. Aqui, pode-se dizer que o visual funciona como uma espécie de reforço em que se ancora o verbal, capaz de retomar, ou reforçar, o dito pelo verbal, de acordo com o postulado por Barthes (1990), trata-se da *ancoragem*. Embora o visual possa captar o leitor de forma mais eficaz, é pelas escolhas lexicais que os efeitos de sentido são produzidos pela figura do leitor.

O meme da figura 22 também é composto por uma materialidade verbal e uma materialidade visual. Entretanto, notar-se-á que o visual fora utilizado com função de

complementaridade, *relais* (BARTHES, 1990). Isto é, a materialidade visual complementa o efeito de sentido desejado pela enunciação ao apresentar visualmente quem seriam os eleitores de Lula. Na materialidade verbal, lê-se: *lula livre*; e, na materialidade visual, pode-se observar a cabeça de um burro no lugar do rosto do indivíduo que compõe o meme.

A partir do momento em que a sociedade se dividiu, as agressões midiáticas passaram a ser mais corriqueiras no *Facebook* e no *Twitter*, por exemplo. Essa polarização ocorre na produção da enunciação, gerando uma interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) e dialogando com seu Outro (MAINGUENEAU, 2008). No meme da figura 22, pode-se perceber o embate com o Outro (MAINGUENEAU, 2008), que retoma o Mesmo (MAINGUENEAU, 2008), utilizando um discurso através de elementos muito similares, mas, ao invés de jumenta, a esquerda seria burra.

Para a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) dos territórios apresentados anteriormente, é preciso que o leitor possa ultrapassar os desdobramentos de identificador e de leitor e atinja, pelo menos, o nível de locutor, pois é imprescindível que possa perceber de que modo o verbo-visual é dialógico (BAKHTIN, 2011). Em outras palavras, os memes presentes nas figuras 21 e 22, através do óbvio (BARTHES, 1990), mostram sua indiferença com as enunciações opostas, mas é por meio do obtuso (BARTHES, 1990) que o sintagma *jumenaro*, criado a partir da junção da palavra *jumento* ao nome *Bolsonaro*, passa a ressignificar as pessoas que se aliam às subjetividades que circunscrevem o universo do político, ou seja, quem gosta de Bolsonaro é um jumento. Já o sintagma *lula livre*, passa pela grade de restrição que prevê a interincompreensão (2008) e é ressignificado pelo visual, que apresenta, em seu sentido obtuso (BARTHES, 1990), que todo aquele que profere *lula livre* se trata de um burro.

As paródias (SANT'ANNA, 1998) feitas no visual, de certo modo, contribuem com o simulacro previsto para a ocorrência da interincompreensão (MAINGUENEUA, 2008), pois os “humanos” são apresentados como animais e auxiliam na projeção desses sentidos. O visual restringe o que o verbal abrange. Isto é, tanto o jumento como o burro são animais, mas, no glossário da população brasileira, tais lexemas correspondem a pessoas desprovidas de inteligência. Ambas as práticas discursivas, de certo modo, utilizam o mesmo campo semântico para ofender o Outro. Logo, tem-se, no visual, quase o “mesmo elemento significativo” que devolve a outra prática discursiva o que fora dito pelo Outro (MAINGUENEAU, 2008).

Sendo assim, tais memes representam bem o momento político em que o Brasil se encontrava, já que os léxicos selecionados para nomear uma determinada parcela da

população implicava o embate com o qual tal discurso dialogava, *jumenaro e Bolsonaro*, que fazem referências a Bolsonaro, e *lula livre!!!!!!* que remete, obviamente, a Lula. A relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) proposta pela prática discursiva da figura 21 está atrelada não só às eleições presidenciais ocorridas em 2018, como também ao fato de a parcela da população que se diz esquerda no Brasil não aceitar a eleição de uma personalidade tão singular para a presidência da República. A polifonia (DUCROT, 1987), presente nesse enunciado, representa tais vozes, já que, por meio da utilização da figura de um jumento, acredita estar representando a parcela da população que elegeu o atual presidente.

Essa produção enunciativa é possibilitada pelas fotografias parodiadas, que contribuem com a materialização dos memes. Isto é, a cenografia (MAINGUENEAU, 2013), presente nas práticas discursivas, provoca o surgimento da conotação. A truncagem (BARTHES, 1990), por exemplo, diz respeito aos truques que foram feitos por meio de *photoshop* ou aplicativos de edição, ao substituir, nos dois memes, o rosto de seres humanos por animais. A pose (BARTHES, 1990) está ligada ao modo como tais práticas discursivas constroem-se. Tanto na figura 21 como na figura 22, os personagens se apresentam como indivíduos desprovidos de inteligência, também, pelo sorriso no rosto do jumento e pela expressão boquiaberta do burro na figura 22. A fotogenia (BARTHES, 1990) se apresenta juntamente com a truncagem, tendo em vista que há utilização de *photoshop*, como mencionado. Já a sintaxe (BARTHES, 1990), principalmente, na figura 21, contribui com a produção de sentidos, é como se organizasse, de modo coerente e coeso, tal prática, já que o jumento se encontra em meio ao ar livre, com uma paisagem verde atrás, representando o lugar onde os animais como esses costumam ficar.

Outro ponto relevante na cartografia desses territórios (ROLNIK, 2016) são os efeitos persuasivos (SANTAELLA, 2012) que os memes políticos costumam projetar. Já que se trata de um universo “público”, há, nos memes políticos, a “comercialização” de um produto muito caro à sociedade, a informação. Ao tentar convencer o outro, através das marcas linguísticas e visuais, os memes políticos acabam cumprindo uma importante função social no que tange à conquista de aliados no ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015). Isto é, o *mídiium* (MAINGUENEAU, 2013) de tais práticas discursivas possibilita “a organização do circuito de fala”: quem fala, o que se fala e para quem se fala.

Em outras palavras, os memes, no geral, são “artefatos culturais” (SHIFMAN, 2013) que possibilitam o compartilhamento de informações e de subjetividades por meio da imitação subversiva (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) do Outro. Na disputa enunciativa proposta pelas figuras 21 e 22, há o que Shifman (2013) chamou de competição,

já que a disputa entre tais subjetividades (direita *versus* esquerda) acontecera com o intuito de agregar, nas plataformas digitais, o maior número de aliados possíveis para a defesa de uma frente política.

Assim, pode-se dizer que tais práticas meméticas funcionam muito bem para a população brasileira, justamente, porque ela é reconhecida mundialmente por seu jeito de ser. O brasileiro é visto como um povo feliz, caloroso e que, de certa forma, ri da própria desgraça. É por isso que levar em conta o efeito de humor nessas práticas é importante, visto que trata de assuntos mais sérios por meio de uma linguagem acessível, que pode ferir o outro ou fazê-lo refletir.

Por meio de discursos como esses, que se materializam através do linguístico e do não linguístico, para enfatizar seu posicionamento subjetivo, é que vem se dando a situação política do país e, por que não, do mundo. Parece-nos, até o momento, que as discussões físicas (face a face) passaram a ser substituídas por essas práticas discursivas verbo-visuais propostas por esse gênero e, mais uma vez, ecoando vozes por meio não só do que se lê verbalmente, mas também do que se lê visualmente.

Logo, é importante acompanhar mais um pouco do processo do crescimento memético no país relacionado aos assuntos políticos. A seguir, apresentaremos os memes políticos feitos acerca da eleição de Bolsonaro no final do ano de 2018 no país, concretizando ideais de extrema direita chegando ao poder.

### **5.9 Lance 9 - Do desespero ao retrocesso: a posse de Jair Messias Bolsonaro na presidência do Brasil**

Com a chegada do segundo turno da eleição presidencial no Brasil, sai vitorioso o candidato do, até então Partido Social Liberal (PSL), Jair Messias Bolsonaro. A vitória de Bolsonaro, para além do que se poderia imaginar, não representou só a queda do Partido dos Trabalhadores no país, mas também a ascensão<sup>88</sup> de uma espécie de monarquia contemporânea, marcando o retrocesso de ideais democráticos conquistados através de muita

---

<sup>88</sup> Importante pontuar o caos em que o Brasil se encontra hoje, em 2021, atravessando uma pandemia que está sendo gerida por um governo antidemocrático e genocida, mas, como esse assunto não cabe nesta pesquisa, nos ateremos apenas a esse comentário.

luta até aquele ano. Devido a isso, inúmeros foram os memes políticos favoráveis<sup>89</sup> e desfavoráveis a tal personalidade.

Como de praxe, em 1 de janeiro de 2019, tomou posse em seu cargo de presidente da república o atual presidente do país. Sempre tentando mostrar certa humildade e proximidade à população carente do Brasil, o atual presidente assina o documento de sua posse com uma caneta muito conhecida da população brasileira, a caneta Bic<sup>90</sup>. Até aquele momento, em janeiro de 2019, grande parte dos brasileiros ovacionavam tal político, e assinar a posse com uma caneta dita comum, fez com que, mais uma vez, parte da população se manifestasse nas redes sociais levantando frente aos seus ideais políticos. O gesto do atual presidente faz-nos rememorar um trecho de Rolnik (2018) em que ela afirma a importância de certa inovação para algo, assim como fez Bolsonaro ao midiatizar a caneta com que assinara o documento da posse. Ou seja, “(...) o que importa é traduzir o afeto ou a emoção vital, com suas respectivas qualidades intensivas, em uma experiência sensível – seja pela via do gesto, da palavra etc. -, e que esta se inscreva na superfície do mundo, gerando desvios em sua arquitetura atual” (ROLNIK, 2018, p. 61). Isto é, de certo modo, Jair traz à cena política um “renascer” político, tentando mostrar sua face mais caridosa por meio da relação afetiva com parte da população brasileira.

A seguir, apresentamos um dos memes que foram feitos a favor de Bolsonaro, parodiando a foto oficial de sua posse em contraponto à posse de Lula em seu último mandato.

---

<sup>89</sup> Importante frisar que os memes políticos que foram feitos a favor de Bolsonaro está, quase sempre, em embate à figura de Lula.

<sup>90</sup> Oficialmente, a caneta que Bolsonaro utilizou para assinatura do documento oficial foi a da marca Compactor, priorizando os objetos produzidos no Brasil. Entretanto, embora francesa, a Bic é muito popular no país, por isso, muitos indivíduos acreditaram que tal caneta fosse da marca Bic e não da marca Compactor. Pelo fato de estar escrito Bic no meme, vamos reproduzir o léxico conforme aparece na prática discursiva.



Figura 23 – Meme caneta



Fonte: [www.facebook.com](http://www.facebook.com) Acesso em: 26 jan. 2020.

A figura 23 apresenta mais um meme político que marcou a cena política polarizada no país, contribuindo não só com a história desse período, como também com o ciberativismo (FREITAS; RESENDE, OLIVEIRA, 2015). Nesse meme, há uma relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) entre as subjetividades de direita e de esquerda que circunscrevem o país. Vejamos, o meme é materializado por meio de dois conjuntos enunciativos, apresentase, do lado esquerdo, a figura do ex-presidente Lula, e os dizeres: *Socialismo*, e, abaixo do visual, *Caneta de ouro de R\$ 25000,00*. Já ao lado direito, tem-se a presença de uma mão, que já possibilita inferências de reconhecimento da personalidade por meio da metonímia, e, no verbal: *Capitalismo*, e, abaixo do visual, *Caneta Bic R\$ 0,99*<sup>91</sup>.

A cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) desse território é possibilitada pela relação rizomática que desencadeia sentidos múltiplos. Primeiro, o socialismo está sendo representado pela personalidade pública que vem sendo odiada por grande parte da população brasileira, a cor escolhida para realçar o verbal é a cor que remete não só a esquerda, como também ao Partido dos Trabalhadores, do qual o Lula faz parte. Ainda há menção ao valor usado na caneta escolhida pelo político para a assinatura em sua posse presidencial. Do lado direito, como já dito, temos uma metonímia, já que, mesmo não aparecendo o rosto da personalidade política que assina, grande parte da população é capaz de saber tratar-se do atual presidente. Ademais, a cor escolhida foi o azul, que não só representa o partido do qual Bolsonaro fazia parte, mas também rememora uma das cores presentes na bandeira do Brasil.

<sup>91</sup> Embora o meme e grande parte da população tenha acreditado que a caneta usada por Bolsonaro fosse a Bic, a empresa Compactor agradeceu ao presidente por ter utilizado a caneta de sua marca em sua posse, tendo em vista que a Bic é francesa e a Compactor é brasileira. Informação disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-adota-caneta-compactor-para-atos-do-governo-bic-francesa-1-23916593>. Acesso em 06 jun. 2021.

Recuperando os sentidos produzidos pelos sintagmas “socialismo” e “capitalismo”, pode-se perceber a ironia que tal prática discursiva proporciona, já que a teoria socialista prega o fim da desigualdade social e o capitalismo visa ao lucro. Desse modo, tais lexemas, relacionados aos objetos utilizados para a assinatura dos documentos, proporciona a interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), pois, se o socialismo prega o fim da desigualdade, uma caneta de ouro não representaria seus ideais. Do mesmo modo que, visando ao lucro, o capitalismo deveria pregar o uso de uma caneta de ouro em detrimento de uma caneta comum. Assim, as escolhas vocabulares “ouro” e “Bic” contribuem para produzir os efeitos de polarização e de mudança necessários à análise da prática discursiva, pois é de conhecimento o preço do grama do ouro, bem como o valor de uma caneta Bic em papelarias comuns no Brasil.

Nesse meme, já se vê uma disputa de poder por meio da interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008). Embora os elementos utilizados sejam nomeados da mesma forma, o Mesmo (a representação da caneta Bic) tenta denunciar não só esquemas de corrupção, mas também um distanciamento entre o ex-presidente e a população, já que não representa aquilo em que acredita. Já a caneta Bic contribui para aproximar o atual presidente da população, e tenta mostrar que os ideais capitalistas pregam a igualdade social da comunidade. De certa forma, vê-se, também, uma tentativa de manipulação da grande massa que corrobora as ações de Bolsonaro, enfatizando uma espécie de não corrupção, como se, a partir do momento da assinatura da posse com uma caneta comum, a corrupção no Brasil já começara a acabar.

As cores presentes nas materialidades verbais trabalham com o sentido obtuso (BARTHES, 1990) da prática discursiva, já que o vermelho é a representatividade do símbolo comunista e socialista, juntamente à foice e ao martelo, que representam a luta do proletariado. Mas, para o leitor que não se desdobra em locutor, tal cor representa o Partido dos Trabalhadores e rememora os dizeres dos opositores a tal partido: “*Querem transformar nossa bandeira em vermelha*”, quando, na verdade, o vermelho representa o sangue dos trabalhadores mortos por sistemas políticos desiguais, e a foice e o martelo a união entre os camponeses e os operários na luta por melhorias trabalhistas e igualdade de direitos.

Já o azul pode ser lido pelo locutor como uma tentativa de tal partido em ressignificar as cores da bandeira do Brasil, fazendo com que a parcela da população que se identificava com os ideais pregados pelo PT deixasse de utilizar qualquer peça que fizesse referência à bandeira nacional, para que não fosse confundido com apoiadores do atual governo. O campo discursivo, (MAINGUENEAU, 2008) em que passaram a circular tais representações, passou

pela grade de restrição semântica, levando signos plásticos (JOLY, 1996) inofensivos a símbolos perigosos, capazes de representar seus ideais políticos.

A truncagem e a fotogenia (BARTHES, 1990) é que permitem a construção de tal cenografia (MAINGUENEAU, 2013), tendo em vista que faz o identificar ou o leitor caírem na cilada de estarem vendo o momento exato da assinatura de posse que ocorrera em distintos momentos diacrônicos. Ademais, os signos visuais apresentam paradoxos, pois, expõe a figura de uma personalidade política e resguarda a outra. Enquanto Lula é o principal elemento de sua posse, na posse de Bolsonaro o que mais importa é a caneta. Tal como apontou Santaella (2012), Chagas (2018) e Shifman (2013; 2014), a persuasão possibilitada pelas fotografias e, conseqüentemente, pelos memes políticos induzem as comunidades mais desatentas a apoiar um “lado” dessa polarização e a esquentar a cena política nas plataformas digitais. “Nessa micropolítica, as ações do desejo consistem, portanto, em atos de criação que se inscrevem nos territórios existenciais estabelecidos e suas respectivas cartografias, rompendo a cena pacata do instituído” (ROLNIK, 2018, p. 61). A seguir, veremos de que modo a parcela contrária à posse de Jair reagiu nas plataformas digitais.

Figura 24 – Meme Chico Buarque



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/diogo-ramalho/ontem-e-hoje/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

O meme apresentado na figura 24 também circunscreve o universo político referente à posse do atual presidente. Representando a população brasileira em desagrado à posse, tem-se, no visual, duas fotos de Chico Buarque, e, no verbal, os dizeres: *Curtindo o Réveillon/Bolsonaro presidente*. O mapeamento de tal território também prevê um locutor, haja vista que um identificador apenas reconhece tal prática discursiva como um meme, e o leitor compreende, minimamente, o óbvio (BARTHES, 1990) enunciativo. Isto é, ao curtir o Réveillon, Chico estava feliz; com a posse de Bolsonaro, que ocorreria no primeiro dia de janeiro de 2019, Chico estava triste.

No entanto, o locutor recupera outras situações enunciativas que perpassam tal prática e pode chegar ao riso (POSSENTI, 2018), pois, quem “navega” nas redes sociais conhece a sequência desses memes, sobre qualquer tipo de assunto, com essas duas fotografias de Chico Buarque, uma feliz e outra triste/irritada, alterando-se apenas os dizeres abaixo dos signos visuais. Outro ponto que o locutor pode recuperar são os discursos proferidos pelo artista e as subjetividades que perpassam seus ideais, tendo em vista que Chico Buarque<sup>92</sup>, em suas redes sociais, costuma deixar clara a sua oposição ao governo Bolsonaro. Ademais, o Réveillon é uma festa anual que encerra um ciclo, comemorada no Brasil como se fosse um único dia de Carnaval, em que grande parte da população está alegre e comemorativa.

Logo, a fotogenia (BARTHES, 1990) traz à cena memética o modo como o brasileiro, desfavorável ao governo, estava se sentindo com essa mudança de ciclo: num momento, comemorava o fim de mais um ano e a chegada de um novo, trazendo inúmeras possibilidades; no outro, lembrava que, assim que o dia amanhecesse, as mídias só falariam sobre a posse de Bolsonaro, o que, de certo modo, rememorava todos os medos e os receios que estavam por vir. O que causa o riso (POSSENTI, 2018) é a antítese presente no visual (alegre *versus* triste) com o verbal. Esse riso pode ser considerado um riso de desespero, já que quem compartilhou ou riu de tal prática discursiva, certamente, não concordava com o pensamento “bolsonarista”.

Assim como essas duas práticas discursivas, muitas outras rechearam as *timelines* naquele primeiro de janeiro de 2019, mostrando não só a alegria e a tristeza da nação, mas também a polarização que marcava o momento político no país. Os memes políticos têm o intuito de atingir o Outro (MAINGUENEAU, 2008), por meio da subversão, com a finalidade de polarizar, ainda mais, o cenário político do Brasil. Ou seja, os memes políticos são capazes de “convidar” os internautas para o ativismo no ciberespaço, “ênfatizando pontos positivos de determinada personalidade pública ou subjetividade política e/ou satirizando pontos negativos, por meio das figuras de linguagem” (CHAGAS, 2019), de tais personalidades ou subjetividade. Ainda,

[...] ou a subjetividade introjeta a causa de sua desestabilização como uma suposta deficiência de si mesma, o que impregna sua angústia de sentimentos de inferioridade e vergonha; ou ela a projeta numa suposta maldade que lhe estaria sendo endereçada de fora, o que impregna sua angústia de sensações paranoides, ódio e ressentimento (ROLNIK, 2018, p. 91).

---

<sup>92</sup> Um de seus manifestos contra o presidente pode ser lido em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/chico-buarque-leonardo-boff-outras-personalidades-fazem-manifesto-contra-bolsonaro-24913809>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Com o início de mais um momento histórico no país, os memes sobre os acontecimentos que giraram em torno dos ministros, da família de Bolsonaro e de personalidades políticas como o Lula tornaram-se constantes, causando mais algazarra às redes sociais. Do azul e rosa de Damares à saída de Lula da prisão que as próximas seções debruçarão seus estudos.

### **5.10 Lance 10 - Meninos vestem azul e meninas vestem rosa: os signos plásticos se tornando símbolos na fala de Damares**

Em janeiro de 2019, logo após a posse do atual presidente, seus ministros começaram a se autopromover nas mídias, com o intuito de enfatizar as “bandeiras” subjetivas levantadas por Bolsonaro. Dentre elas estava a ideia da família tradicional brasileira, composta por homens e mulheres héteros, por que não brancos?, e com filhos e filhas também heterossexuais. Tais subjetividades mostram que esse ideal familiar perpassa essa tradicionalidade pregada no século passado, que desconsidera qualquer outro tipo de construção familiar como família de fato.

Dado isso, a ministra, advogada e pastora evangélica Damares Alves, que havia acabado de assumir o cargo de ministra da família, da mulher e dos direitos humanos, foi às mídias enfatizar que, naquele ano, dava-se o início a uma nova era, em que meninos usariam azul e as meninas usariam rosa. Tal afirmação soou um tanto quanto patriarcal à população, tendo em vista que tais cores não possuem gênero e que foram, de certo modo, subjetivadas pelas sociedades antigas, dando ênfase ao estereótipo de que o rosa seria cor de meninas e o azul seria cor de meninos. Em outras palavras, a ministra queria enfatizar que ela não apoia relações entre homens e homens, mulheres e mulheres e/ou qualquer outra manifestação de amor e de afeto que fuja aos padrões estabelecidos por ela e pelas comunidades que se aliam com esse pensamento.

Assim, embora grande parte da população não corroborasse tal pensamento, muitos apoiadores do governo e da própria ministra aplaudiram sua fala<sup>93</sup> após o acompanhamento, em silêncio, de suas palavras. Ademais, Damares afirmou, em seu pronunciamento, que o Estado era laico, mas que a ministra (ela) era terrivelmente cristã, enfatizando que iria de

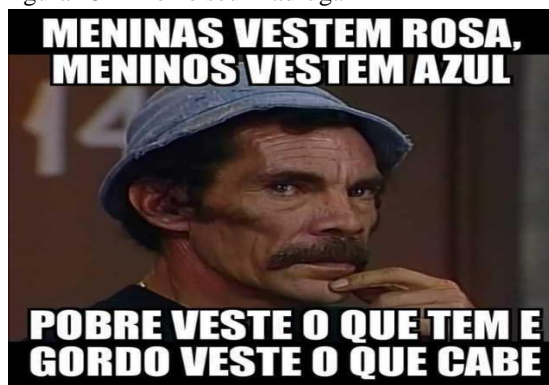
---

<sup>93</sup> O vídeo pode ser visto em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2021.

encontro a qualquer manifestação amorosa/familiar que fosse contra ao que prega a maior parte das comunidades evangélicas do país. Isto é, Damares estava claramente travando uma guerra às comunidades LGBTQI+<sup>94</sup> brasileiras, pois possibilitou, através de suas palavras, o aparecimento de sua posição em relação a essas comunidades, ou seja, ela não era favorável a todas as formas de amor.

Diante de tal pronunciamento e manifestação fervorosa acerca da tradicional família brasileira e sobre qual cor meninos e meninas poderiam usar, a população, que se diz contrária à família Bolsonaro e a seus aliados, rechearam, naquele momento, as plataformas digitais com distintos memes políticos, com o intuito de criticar, fazer-refletir e ironizar tais palavras. A seguir, pode-se observar de que modo a população se expressou acerca de tal pronunciamento, produzindo efeitos polêmicos.

Figura 25 – Meme seu Madruga



Fonte: <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/meninas-vestem-rosa-meninos-vestem-azul-pobre-veste-o-que-tem-e-gordo-veste-o-que-cabe/525757>. Acesso em: 12 jun. 2021.

A cartografia do território-meme apresentado na figura 25 mostra distintas problemáticas presentes na sociedade brasileira, dialogando diretamente com práticas discursivas outras que permeiam o imaginário da população, principalmente, no que tange aos mais pobres. Para o identificador, há a presença de uma personagem mexicano no visual, seu Madruga, e os dizeres *Meninas vestem rosa, meninos vestem azul, pobre veste o que tem e gordo veste o que cabe*. Tal materialidade, para esses usuários, não representa nada, haja vista sua não integração às problemáticas presentes na sociedade.

Já para o leitor, tais materialidades, tanto a visual quando as verbais, podem produzir o riso, tendo em vista que os sintagmas presentes na parte inferior do meme ironizam os sintagmas que se apresentam na parte superior. Ou seja, o leitor relaciona as linguagens e

<sup>94</sup> Sigla que representa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, queer e outros tipos de gêneros e sexualidade. Informação disponível em: <https://pceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtq-e-suas-abrangencias/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

pode até rir de tal prática. Entretanto, o locutor se atém à construção de tal território e é capaz de lê-lo e analisá-lo ao se distanciar de modo latitudinal (ROLNIK, 2016). Isto é, ele encontra as vozes com as quais a prática discursiva interage para ironizar a fala de Damares e, quem sabe, provocar o riso.

A fotografia de seu Madruga, que compõe o visual desse território, foi selecionada levando em conta a pose (BARTHES, 1990) da personagem, haja vista que está com a mão no queixo e com um olhar distante, como se estivesse refletindo acerca dos sintagmas que se apresentam na parte inferior da prática discursiva. Outro ponto relevante acerca do visual é o conhecimento sobre seu Madruga, personagem importante do seriado Chaves: um pai solteiro, desempregado, que nunca tinha dinheiro para pagar o aluguel e que vivia recebendo agrados de sua vizinha, dona Clotilde. Ademais, seu Madruga era uma personagem extremamente ranzinza e satírica que, em muitos momentos, extrapolava seu direito ao criticar o outro.

A frase “pobre veste o que tem” faz menção direta à situação em que se encontra seu Madruga, já que ele é uma personagem pobre, que depende de doações e que não pode se dar ao luxo de escolher a cor da roupa que irá vestir, já que elas vêm sob forma de doação. Tal qual acontece com grande parte da população brasileira que herda roupas não só de seus familiares como também de desconhecidos. No Brasil, a prática da doação de roupa é muito comum, principalmente as roupas de crianças, já que elas crescem e, quase sempre, suas roupas estão conservadas e novas e, por isso, são doadas.

Já a frase “gordo veste o que cabe” reflete o humor ácido que tal personagem possuía, além de mostrar, nas entrelinhas discursivas, a realidade de pessoas obesas no país, tendo em vista que grande parte das lojas de roupas não oferecem tamanhos grandes de todas as opções que apresentam, o que faz com que muitos clientes comprem o que caibam neles. Ademais, essa enunciação também projeta um sentido obtuso (BARTHES, 1990) acerca da gordofobia no Brasil, pois, justamente, pelo fato de não haver muitas opções de roupas nas lojas, e existir um padrão estereotipado pela sociedade de uma forma de corpo ideal, há um enorme preconceito para com pessoas que não se encaixem nesse padrão.

Ainda, permeando o sentido obtuso (BARTHES, 1990) presente na relação de *relais* (BARTHES, 1990) que se perpetua entre as materialidades, pode-se dizer que o meme político “manda” uma espécie de recado para Damares e para a população que corrobora seu pensamento: o rosa ou o azul é o menor dos problemas da sociedade brasileira, as mulheres, os gordos, os homossexuais, os pobres, os pretos têm muito mais problemas com que se preocupar que com a cor da roupa que eles ou seus filhos deveriam usar.

Além do mais, a persuasão (SANTAELLA, 2012), presente no meme, tenta captar aliados políticos em relação às subjetividades que perpassam tal governo. O meme político tenta fazer com que a população no geral possa perceber que as preocupações de Damares não são fundamentadas, haja vista os problemas macros que a sociedade brasileira atravessa. Assim, tal meme funciona como um elemento polarizador que perpetua tais subjetividades no ciberespaço. Aqui, já se pode perceber de que forma os memes políticos vêm agindo socialmente, pois “Essa é a esfera macropolítica da vida humana; habitá-la é essencial para a existência em sociedade” (ROLNIK, 2018, p. 110).

Ainda, levando em conta a fala da ministra, ao afirmar ser terrivelmente cristã, os memes do universo azul e rosa circunscreveram os ideais cristãos através da figura estereotipada de Jesus, juntamente, com uma marca de refrigerante conhecida no Nordeste do Brasil, que leva seu nome e tais cores.

Figura 26 – Meme Jesus



Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/artistas-e-memes-reagem-a-ministra-que-disse-menino-de-azul-e-menina-de-rosa/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

O meme político presente na figura 26 é materializado pela relação de *relais* (BARTHES, 1990), já que os efeitos de sentido dessa prática discursiva se dão pela complementaridade que há entre as linguagens, verbal e visual. No verbal, lê-se: *Jesus veste os dois*, e, no visual, encontra-se uma lata de refrigerante da marca Jesus, que possui originalmente as cores rosa e azul, bem como uma figura caricaturada da representação de quem seria Jesus, mostrada pelas religiões cristãs que seguem os postulados europeus, acreditando que Jesus era branco. Também podemos notar que as cores da materialidade verbal estão funcionando como signo plástico (JOLY, 1996), o que Joly chama de imagem das palavras, tendo em vista que está escrito com as cores citadas pela ministra que se encontram na lata do refrigerante.



Cartografando os processos de subjetivação possibilitado aos locutores, pode-se notar que tal prática é circunscrita tanto pelo tipo de discurso (MAINGUENEAU, 2013) religioso quanto pelo político, haja vista a caricatura de Jesus, bem como seu nome que especifica o substantivo refrigerante apresentado pelo visual. Tal presença dialoga diretamente às práticas sociopolíticas pregadas e defendidas por Cristo, que parecem terem sido ressignificadas pelas religiões e por líderes religiosos, como apontou Damares em sua fala.

À princípio, a narratividade<sup>95</sup>, possibilitada pela materialidade visual, de certo modo, persuade (SANTAELLA, 2012) a comunidade cristã a rememorar os ideais de Cristo: igualdade, fraternidade, caridade e amor, independentemente da cor que se use ou de sua opção sexual. Isto é, a questão da ideologia de gênero, levantada pela ministra, é refutada pelos ideais pregados por Jesus, tal qual as cores que representam a marca do refrigerante, justamente, porque as cores não possuem gênero.

A materialidade verbal que compõe a prática discursiva explícita, por meio do sintagma *veste*, a interincompreensão e o embate de forças (MAINGUENEAU, 2008) com a fala da ministra, mostrando que Jesus não pregava nenhuma ideologia de gênero, enfatizando que as cores rosa e azul não são rotuladas para determinados gêneros (masculino e/ou feminino), embora tenham sido transformadas em símbolos (PEIRCE, [1839-1914] 2005) diacronicamente pelas práticas discursivas estigmatizadas socialmente. Ainda, na oração *Jesus veste os dois*, pode-se notar o cuidado que teve a prática discursiva ao produzir efeitos de igualdade entre os gêneros e o não pertencimento de determinada cor a uma classe, ao dividir a oração ao meio com as cores em questão e pintar 8 letras de cada lado com o azul e o rosa.

Ademais, observa-se que o “joinha” com o polegar que Jesus faz e sua piscada de olho, explicitam o sentido obtuso (BARTHES, 1990) da prática discursiva: assim como as cores, Jesus não pregava a divisão da humanidade, muito menos a utilização do nome de Deus para politizar questões tão caras à sociedade, como se pode ver constantemente na comunidade brasileira.

A análise de memes políticos como esse, que envolve outros tipos de discurso, convoca à cena analítica a sensibilidade e a afetividade do cartógrafo, tal qual apontou Rolnik (2016) em seu texto, já que o analista, que se coloca em lugar de desbravador territorial dos memes, vai-se desdobrando nos níveis de leitura e pode fazer relações impensáveis caso não tivesse se envolvido com a produção através também do emocional. A cartografia analítica

---

<sup>95</sup> Pista 8 – *Por uma política da narratividade* (PASSOS; EIRADO, 2014).

possibilita múltiplas entradas de análise e o reconhecimento de sentidos conotativos, à medida que esse pesquisador-cartógrafo<sup>96</sup> volta à prática discursiva e reflete acerca de mais um signo.

A fala de Damares, no início do mandato de Bolsonaro, provocou mais alvoroço ainda nas redes sociais, trazendo para as plataformas digitais discussões importantes para o crescimento do povo brasileiro enquanto sociedade. Entretanto, assuntos como esses e posicionamentos como o dela, em um país em que metade da população se denomina conservadora, faz com que a polarização política aumente ainda mais, também que os usuários da internet explicitem ou escolham um “lado” da história.

Para além dos acontecimentos envolvendo o incentivo de subjetividades preconceituosas, o ano de 2019 também foi marcado por escândalos envolvendo a família Bolsonaro. Em sua campanha eleitoral, o atual presidente e seus filhos afirmavam ser totalmente contra a corrupção e o desvio de dinheiro, atitudes, infelizmente, muito comuns na política do país. Todavia, logo após assumirem o pleito, os escândalos envolvendo “os Bolsonaros” começaram a surgir, aquecendo ainda mais os embates virtuais, como será visto na seção que segue.

### 5.11 Lance 11 - Laranja? Eu? O caso de Fabrício Queiroz

Figura 27 – Capa Veja



Fonte: <https://paraibaja.com.br/revista-veja-revela-onde-esta-o-ex-assessor-do-filho-zero-um-de-bolsonaro/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

<sup>96</sup> Pista 1 – *A cartografia como método de pesquisa-intervenção* (PASSOS; BARROS, 2015).

A capa da revista, reproduzida na figura 27, representa um dos escândalos envolvendo a família presidencial brasileira. Fabrício Queiroz, o homem que compõe a capa da revista *Veja*, foi procurando, por muitos meses, por estar envolvido em casos de corrupção, junto a um dos filhos do atual presidente. Esse sumiço e os acontecimentos envolvendo Queiroz foram gatilho para o surgimento de inúmeros memes políticos na internet contra a família de Bolsonaro.

Fabrício Queiroz era assessor e motorista de Eduardo Bolsonaro, além de amigo íntimo do presidente. De acordo com matéria do G1<sup>97</sup>, pouco antes de Bolsonaro tomar posse em 2018, um documento do COAF (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) identificou várias transações atípicas, envolvendo o nome de alguns parlamentares, entre esses nomes estava o do deputado estadual e senador recém-eleito Flávio Bolsonaro, filho de Jair. Dentre os valores das transições, tal documento identificou uma transação no valor de 24 mil reais destinados à Michelle Bolsonaro, madrasta de Flávio. Além do mais, tal documento revelou vários depósitos em espécie para a conta pessoal de Fabrício, nos dias de pagamento da Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), como, por exemplo, um pagamento em folha no valor de 8.517 reais, com o acúmulo de 12, 6 mil reais recebidos da Polícia Militar.

A investigação contra o filho de Bolsonaro começara em maio de 2018, mas, em virtude das eleições presidenciais, ficara estagnada. Entretanto, essa operação, denominada Operação Forna da Onça, desdobramento da Operação Lava-Jato no Rio de Janeiro, fora retomada após as eleições. Com a retomada da investigação, houve o encontro de depósitos envolvendo o nome de Fabrício Queiroz e de sua filha Nathália Queiroz, que estava lotada na Câmara dos Deputados<sup>98</sup>, o que desencadeou o afastamento de ambos de seus cargos em 15 de outubro de 2018. A volta da operação e o nome de Flávio Bolsonaro na mira da polícia fizeram com que houvesse um câmbio no comando da Polícia Federal do Rio de Janeiro, para que tal operação voltasse a ficar estagnada. Em meio a essa confusão, houve o sumiço de Fabrício Queiroz que, pouco depois, ficara conhecido como uma espécie de laranja<sup>99</sup> de

---

<sup>97</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/18/entenda-o-caso-queiroz-e-as-denuncias-dos-crimes-que-envolvem-a-familia-bolsonaro>. Acesso em: 16 jun. 2021.

<sup>98</sup> Informação disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/em-liberdade-fabricio-queiroz-tenta-nomear-filha-no-governo-do-rio/>. Acesso em 12 jul. 2021.

<sup>99</sup> Tem-se visto recorrentemente no telejornalismo brasileiro matérias que se referem aos denominados “laranjas”, que, na grande maioria das vezes, estão vinculados a nomes de pessoas que compõem o cenário político brasileiro e que praticam os denominados “crimes de colarinho branco”. De maneira geral, os tão famosos “laranjas” são pessoas físicas ou jurídicas (empresas) que atuam como um meio para a prática,

Flávio. A divulgação em massa da situação, que envolvia Flávio, ficou conhecida pela sociedade brasileira como “rachadinha”, prática ilegal de repasse de parte dos salários de servidores ao parlamentar que os contratou.

No dia 18 de junho de 2020, em uma casa em Atibaia, o ex-assessor e ex-motorista do senador Flávio Bolsonaro fora encontrado e preso. O imóvel em que Fabrício Queiroz estava escondido pertencera a um advogado da família Bolsonaro. O ex-motorista e ex-assessor foi preso em operação da Polícia Civil e do Ministério Público de São Paulo. Tal escândalo possibilitou o aparecimento de distintas práticas discursivas nas redes sociais sobre o assunto, principalmente, com o intuito de refutar uma das bandeiras defendidas por Jair e seus filhos em sua campanha eleitoral, a de que era contra a corrupção e de que não interviria junto à polícia caso os filhos estivessem envolvidos em escândalos corruptivos.

Grande parte das práticas discursivas que circularam nas redes sociais refutavam os discursos de Flávio e de Jair em relação ao Fabrício Queiroz, à amizade deles, e ao envolvimento do senador nas “rachadinhas”. Em vídeo do Jornal da Tarde Cultura<sup>100</sup>, há informações de que o próprio presidente Jair Bolsonaro, enquanto deputado, participava do esquema de desvio de dinheiro dos funcionários. Haja vista tais acusações e apontamentos, os memes políticos que surgiram nas mídias digitais contribuíram para reforçar a relação da família Bolsonaro em tal escândalo, polarizando ainda mais o cenário político brasileiro.

Figura 28 – Meme rachadinha



Fonte: <https://www.contraovento.com.br/2019/05/>. Acesso em 17 jun. 2021.

---

principalmente, dos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, ao passo que emprestam seus nomes e demais dados pessoais a outras pessoas (muitas vezes políticos), com o fim de simular a propriedade de bens e outros patrimônios. Em outras palavras, o laranja é, aparentemente, o proprietário de algum bem, quando, na verdade, o dono é uma pessoa que tem o intuito de ocultar sua real propriedade pelo fato dessa ser provida de uma origem ilícita, incerta, indevida. Informação retirada de: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-sao-laranjas-e-o-que-eles-tem-a-ver-com-a-corrupcao.htm>. Acesso em: 16 jun. 2021.

<sup>100</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eXYXwBeVP5I>. Acesso em 6 jun. 2021.

O meme presente na figura 28 apresenta Fabrício Queiroz, sentado em vários caixotes lotados de laranjas e cortando uma laranja. No verbal, dentro de um balão de fala, tal qual as histórias em quadrinhos, lê-se: *Laranja? Eu? Por quê a ilação?* Assim como a análise cartográfica das outras práticas discursivas meméticas vistas até aqui, para a produção de subjetivação e do reconhecimento obtuso (BARTHES, 1990) presente nesse meme, é necessário que o internauta seja capaz de se desdobrar em locutor.

Esse desdobramento em locutor se faz necessário porque um identificador e um leitor não seriam capazes de relacionar a ideia das laranjas ao que estava acontecendo naquele período, pois as laranjas representam, de certo modo, a quantidade de “falcatruas” que Fabrício fez para Flávio. Isto é, em todos os documentos não era o nome de Flávio que aparecia, sim de o de Fabrício. A fotogenia (BARTHES, 1990) possibilita o efeito de humor na enunciação, haja vista a quantidade de laranjas ao redor de Fabrício. Para além disso, a pose (BARTHES, 1990) em que se encontra Fabrício contribui para a polissemia presente na prática. É a relação de comparação entre Fabrício e as laranjas que projeta as práticas discursivas Outras (MAINGUENEAU, 2008) com os quais a figura 28 dialoga. Isto é, Flávio Bolsonaro é corrupto, Fabrício fazia muita coisa errada para Flávio, a família Bolsonaro tem muitas tramoias escondidas, Bolsonaro não é tão (in)corruptível quanto disse, entre tantos outros discursos que se pode ler e ouvir através das mídias.

Ademais, o meme trabalha com a função persuasiva (SANTAELLA, 2012). Por meio da paródia visual, tenta convencer seu interlocutor de que tal escândalo, que se liga à família Bolsonaro, não seria o único. Como uma forma de disseminar subjetividades contra o atual governo, tal prática discursiva memética contribui para o ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015), já que, como pontua Chagas (2019), traz à cena midiática assuntos importantíssimos ligados às práticas discursivas políticas. Logo, as plataformas digitais são muito mais que um meio de disseminar informações, elas são o *mídiium* (MAINGUENEAU, 2013) que permite revelar o (des)contentamento sociopolítico dos usuários com as situações históricas e políticas que o Brasil atravessa diariamente. Para Rolnik (2018, p. 75-76),

Sejam quais forem os pontos escolhidos para o corte em ambos os casos de interpretação fantasmagórica da causa do mal-estar provocado pela desestabilização – introjeção ou projeção -, as ações do desejo regidas por uma micropolítica reativa têm por efeito a diminuição da potência da condição de vivente, produzindo uma espécie de anemia viral, mas nem por isso menos presente e poderosa em seus efeitos.

Ainda, apresentando uma análise mais representativa do visual, de acordo com o postulado por Peirce ([1839-1914] 2005), as laranjas, nessa prática discursiva, funcionam como uma espécie de índice, pois fazem lembrar uma situação ou acontecimento. Nesse caso, as laranjas retomam a corrupção que se projeta sobre o mandado do ex-deputado e atual senador Flávio Bolsonaro, tendo em vista que Fabrício, como ora mencionado, funcionava como seu principal “representante”. Assim, podemos perceber que nomear escancaradamente Fabrício como “testa de ferro” no enunciado implica uma escolha por parte da própria enunciação, mas a utilização do signo visual possibilita “a relação com aspectos culturais do mundo”, possibilitando a cartografia do território analisado.

Além do mais, a fisionomia de Fabrício na prática discursiva dialoga com o que fora mostrado nas mídias a respeito dele, que afirmava nada ter a ver com Flávio Bolsonaro. O visual recupera, através da interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), o modo como o próprio Fabrício conduziu tal situação. Aqui, pode-se perceber que o visual projeta esse simulacro, recuperando as entrelinhas da atitude do ex-motorista ao desaparecer após o “estouro” midiático da situação. Ou seja, para não falar o que não devia, o ex-assessor foge da “cena do crime”, deixando margem para distintas conclusões, inclusive, a de que ele tinha envolvimento com Flávio e com as rachadinhas, tal qual foi visto meses após sua prisão.

Para além dessa prática discursiva, outros memes acerca da contratação de laranjas sob o comando do atual governo circularam nas redes sociais alguns meses depois. Assim como Fabrício Queiroz, outros funcionários e parlamentares do governo Bolsonaro poderiam funcionar como laranjas para esconder escândalos de corrupção que envolvessem o nome do presidente, de sua esposa e de seus filhos. A seguir, apresenta-se mais uma peça, retirada das plataformas digitais, que rememora o caso do Queiroz, bem como os elos feitos pela cúpula governamental para abafar os escândalos políticos.

Figura 29 – Meme Regina Duarte



Fonte: <https://www.facebook.com/mr.tretas/photos/jumenaro-n%C3%A3o-vai-voltar-no-alcmin-pelo-menosassim-n%C3%A3o-temos-nada-contra-os-jume/503947243352056/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

O meme da figura 29 nos apresenta, em sua materialidade visual, a figura de uma atriz brasileira conhecida nacionalmente, Regina Duarte, e a imagem de três laranjas inteiras e meia laranja cortada. No verbal, também configurado de forma pictórica (SANTAELLA, 2012), lê-se: *Rainha da Sukita* e *mais laranja*. Pelo visual e pelo verbal pictórico – *Sukita* – já é possível relacionar o enunciado a um refrigerante de laranja bem conhecido no Brasil, a própria Sukita, refrigerante feito à base de laranjas.

Sendo assim, esse enunciado faz referência a esquemas de corrupção feitos no atual governo, tal qual o caso do Queiroz, mas também ao convite para o ministério da cultura feito a Regina Duarte pelo próprio presidente. O convite foi feito após um discurso que corroborava o regime fascista pronunciado pelo ex-ministro da cultura em rede nacional, o que culminou em sua demissão. A atriz em questão já era associada ao governo desde o período eleitoral, em que fez inúmeras campanhas a favor da atual presidência em suas mídias digitais. Devido a isso e sua enorme experiência na área cultural, houve o convite. Numa primeira análise, pode-se pensar que a atriz poderia ajudar a esconder tais esquemas de corrupção, o que se relaciona ao sintagma: *mais laranja*, já que ela seria mais uma espécie de “testa de ferro” para o presidente e para os seus filhos.

Cartografando a prática discursiva e remembering o passado histórico da atriz presente na enunciação, pode-se lembrar que Regina Duarte participou de inúmeras novelas brasileiras, o que a fez conhecida nacionalmente, compondo grande parte da história da arte nacional. No meme, a expressão “Rainha da Sukita” é uma intertextualidade externa (MAINGUENEAU, 2008) à novela protagonizada por ela, *Rainha da Sucata*, conhecida

nacionalmente, principalmente, pelos mais velhos. Já o sintagma Sukita se refere a uma marca de refrigerante de laranja, como visto anteriormente.

É de conhecimento de todos a relação da família do presidente atrelada a alguns escândalos políticos. Sendo assim, os internautas passaram a associar à família às laranjas, já que, como visto, no Brasil, o vocabulário laranja também é utilizado por muitas pessoas para esconder grandes transações financeiras, para isso, utiliza-se um indivíduo sem parentesco, pois, se houver algum problema, o escândalo não será ligado a tal pessoa “conhecida” ou “empresária”. Dessa forma, ao revelarem-se alguns escândalos de corrupção para com a família do presidente, a população passou a associá-los às laranjas, já que eles indicaram nomes de terceiros em escândalos que envolviam seus próprios nomes. A prática discursiva projeta a relação interincompreensiva (MAINGUENEAU, 2008) da enunciação através da paródia (SANT’ANNA, 1998) feita verbo-visualmente.

O meme pode provocar efeitos de humor (POSSENTI, 2018) não só pela intertextualidade explícita, mas também pela presença do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008) que remete aos casos anteriores de corrupção que foram, possivelmente, atrelados à família presidencial. Ademais, a presença da imagem de uma quantidade a mais de laranja com o dito “mais laranja” deixa subentendido, também, que haverá mais corrupção com a presença da atriz que poderá ajudar a abafar escândalos relacionados a eles. Outrossim, a laranja cortada ao meio rememora a divisão do salário dos funcionários no escândalo das rachadinhas, meia laranja significa metade do salário que Flávio e outros parlamentares recebiam por participarem de tal esquema.

Assim, é sabido que, estando na mídia, os indivíduos tendem a virar alvo de críticas e piadas, de investigações e da criação de diversos gêneros discursivos que possam ridicularizá-los. Logo, não há como escapar das midiatizações da população virtual. Os efeitos de sentido produzidos por esse meme (figura 29) são capazes de trazer jocosidade à parcela da população que se denomina esquerda no Brasil, pois não compactua com o atual governo e condena quase todas as suas manifestações; além de ira à população que se diz direita, que parece, cada vez mais, idolatrar o presidente e apoiar todas as decisões tomadas por ele.

Ainda em 2019, pode-se observar outras situações sociais que refletiram na cena política e cultural do país, foi o caso de censura na última Bienal do Rio de Janeiro, envolvendo a venda de livros ilustrados com a presença de um beijo entre pessoas do mesmo sexo. Tal situação também mobilizou os internautas, que produziram distintas práticas discursivas meméticas, repudiando a proibição da venda de tal livro. Esse momento histórico será recuperado na seção que segue.



### 5.12 Lance 12 - Um problema não-problema: o beijo gay na Bienal

A Bienal do livro é um evento que ocorre a cada dois anos com o intuito de aproximar a população à leitura, aos livros e aos autores. No Rio de Janeiro, a Bienal costuma ocorrer no Riocentro, localizado na zona Oeste do estado. Tal evento recebe inúmeras personalidades, artísticas ou não, bem como alunos e professores das redes públicas e privadas de todo o estado.

No ano de 2019, durante a Bienal, houve uma situação que culminou no ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015) em repúdio à atitude do ex-prefeito do Rio, Marcelo Crivella, que tentou vetar a venda de um exemplar literário, baseado na premissa de que o conteúdo era impróprio para o evento. A situação possibilitou o surgimento de vários memes políticos contrários à censura imposta por ele.

No dia 5<sup>101</sup> de setembro de 2019, Marcelo Crivella solicitou a apreensão de exemplares de um livro de romance gráfico, baseado na premissa de haver um conteúdo impróprio. Fiscais fardados entraram no evento, buscando retirar todos esses livros de seu estande de vendas. Algumas pessoas, que se encontravam no evento, lamentaram a situação e narraram tal ato como pretensão, autoritarismo e arrogância, indo de encontro à liberdade de expressão prevista na Carta Magna.

De acordo com o ex-prefeito, o livro trazia relação homoafetiva que ia de encontro ao que prevê o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), pois, para ele, a relação afetiva entre dois indivíduos do mesmo sexo seria um desrespeito à população. No entanto, não há no documento nenhuma informação acerca da temática e, além do mais, a própria Constituição Federal, em seu artigo 5<sup>o102</sup>, afirma que a manifestação do pensamento é livre. Isto é, compra o livro quem quer ler o conteúdo, mas não se pode proibir a venda. A situação tomou conta das mídias televisivas e das plataformas digitais, já que homofobia é crime, e o casamento homoafetivo é aceito na sociedade democrática brasileira. Como forma de manifestação, via internet, a população compartilhou muitos memes sobre o ocorrido. Como se pode ver nas peças seguintes.

---

<sup>101</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/07/pedido-de-crivella-para-recolher-livro-dos-vingadores-que-mostra-beijo-gay-e-repudiado-na-bienal.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2021.

<sup>102</sup> Artigo disponível para leitura em: [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_15.12.2016/art\\_5\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp). Acesso em: 24. jun. 2021.

Figura 30 – Meme Avenida Niemeyer



Fonte: <https://fanoticias.com.br/memes-criticam-tentativa-de-crivella-de-censurar-hq-na-bienal-do-rio/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Figura 31 – Meme superlotação nos ônibus



Fonte: <https://fanoticias.com.br/memes-criticam-tentativa-de-crivella-de-censurar-hq-na-bienal-do-rio/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Figura 32 – Meme mazelas reais do Rio



Fonte: <https://fanoticias.com.br/memes-criticam-tentativa-de-crivella-de-censurar-hq-na-bienal-do-rio/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Os três memes políticos, mostrados anteriormente, apresentam os efeitos de humor para refutar a atitude de Marcelo Crivella durante a Bienal do livro em 2019. Na figura 30, os internautas utilizaram a imagem presente no livro que Crivella tentou censurar, em que há a presença de dois homens se beijando, alocada na Avenida Niemeyer, lugar onde havia de fato um problema: um buraco em meio à via de tráfego. O meme político, presente na figura 31, também apresenta as mesmas personagens do livro “censurado”, simulando a presença das personagens dentro do coletivo. Enquanto estão se beijando, mais passageiros adentram o ônibus. Na figura 32 também há a presença das personagens, mas, dessa vez, estão vivenciando outra problemática presente no cotidiano carioca em período de chuvas no Rio de Janeiro. No plano de fundo, enquanto tais personagens se beijam, os moradores do município precisam se equilibrar no muro de um imóvel para que não se molhem ou peguem alguma doença na água suja.

A leitura cartográfica desses enunciados é circunscrita a uma população específica: os civis que vivem no município do Rio de Janeiro. Entretanto, assim como grande parte dos memes políticos, a demarcação desses territórios precisa ser feita por um locutor, para que possa dialogar não só com as vozes que circularam no universo da Bienal, atrelados à situação de censura, como também estar a par dos problemas municipais enfrentados pelo Rio e pelos cariocas: o descaso dos políticos para com os eleitores e com a cidade.

Diferente de todos os outros memes políticos apresentados até aqui, com exceção do apresentado na figura 31, os memes referentes à censura da Bienal são compostos apenas pelo visual, o que enfatiza a relevância da materialidade visual para o ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015). O meme presente na figura 31 se compõe verbo-visualmente por apresentar a localidade para onde o ônibus estaria indo (*Barata Ribeiro*), deixando que os próprios signos visuais “comandem” as subjetividades presentes. Nessas práticas discursivas, a relação interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2008) é permeada pela interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008) que traz à cena memética o criticado por Crivella: o beijo gay. Tal manifestação refuta os deslizes de Marcelo para com os cidadãos cariocas, já que a interincompreensão, com o auxílio da paródia (SANT’ANNA, 1998), reforça todo o caos vivenciado no Rio, mostrando, no plano de fundo, alguns dos problemas reais da cidade. Isto é, a imagem das duas personagens se beijando fora resgatada e parodiada para devolver a Crivella em que situações haveria, de fato, problemas.

Nesses memes políticos, a fotogenia e a pose (BARTHES, 1990) das personagens e dos civis recuperam e repercutem os reais problemas vivenciados pelo município,

denunciando casos de corrupção e de desleixo na administração da cidade. Ao alocar tais personagens do romance “Vingadores, a cruzada das crianças” em primeiro plano, os internautas querem chamar a atenção da mídia e do próprio político para os verdadeiros problemas presentes no Rio de Janeiro. Ou seja, Marcelo declarou nas mídias que a fotografia de dois homens se beijando era uma situação muito séria e, prontamente, quis interferir, tentou resolver o “problema” de modo efetivo. Entretanto, os reais problemas da cidade não só não estavam sendo resolvidos em sua gestão, como pareciam ser ignorados pelo político. Desse modo, através do humor (POSSENTI, 2018), a população repudiou veemente a atitude de Crivella, pondo em foco quem deveria ser censurado: o próprio prefeito.

Outro gesto de leitura que o locutor poderia percorrer, ao cartografar tal prática, é o de tentar mostrar àqueles que compactuavam com o pensamento do ex-prefeito o que realmente deveria ser considerado como impróprio. Ou seja, o que choca mais? Um buraco numa avenida, que pode causar muitos acidentes, ônibus lotados com outras inúmeras pessoas tentando entrar porque o transporte público no Rio é caótico, o alagamento das ruas em qualquer época do ano, impedindo que os cidadãos se locomovam com dignidade ou o fato de que duas pessoas que se gostam ou que se desejam estivessem se beijando? Tais manifestações, em relação à atitude de Marcelo também serviu, de certo modo, para rememorar as falas da ministra Damares, por exemplo, que repudiam a homossexualidade como se tal questão comprometesse os reais problemas do estado e do país.

O que se vê em tais práticas discursivas é uma espécie de cilada (MAINGUENEAU, 2013), pois, num primeiro momento, com a imagem das personagens em primeiro plano, é possível que um leitor-identificador, por exemplo, que não trace conexões entre a linguagem, caia na cilada de estar se deparando com uma enunciação que refute a presença de livros com conteúdos como esse na Bienal do Rio. Todavia, ao analisar atentamente, a figura do leitor desdobrada perceberá a crítica subversiva que se faz com o auxílio do *mídiun* (MAINGUENEAU, 2013) em que tais práticas circulam. O que se quis repudiar nos memes políticos presentes nas figuras 30, 31 e 32 foi, justamente, o escândalo desnecessário promovido por Crivella acerca de uma situação não-problema, quando, na verdade, ele teria outras mil situações-problema para se preocupar.

Até o momento, pode-se notar de que modo os memes permearam a sociedade brasileira, movimentando as *timelines*, com o intuito de manifestações contra ou a favor de políticos e situações políticas que têm marcado a história do país. A seguir, ainda sobre os acontecimentos que permearam o ano de 2019, falaremos acerca da sugestão do político

Eduardo Bolsonaro acerca da criação de um “novo AI-5”, ato institucional que rememora um período de militarismo e censura no Brasil.

### 5.13 Lance 13 - Não acredito: Ato em favor do AI-5

É de conhecimento da população brasileira o período militar que permeou o país por mais de 20 anos, com início na década de 60. Tal momento ficou conhecido, nos livros didáticos de história, como Ditadura Militar do Brasil, haja vista os casos de censura, as agressões psicológicas e físicas e as imposições governamentais para a população, através da criação de atos institucionais, que mais pregavam um modelo dominador e ditatorial. Desse modo, todos aqueles que não vivessem do modo como o governo acreditava ser o correto, sofria com as punições perversas do militarismo, chegando, muitas vezes, à morte.

De modo análogo a esse período, em 2019, logo após a posse do atual presidente do Brasil, um de seus filhos, Eduardo Bolsonaro, sugere a volta de um dos atos institucionais que permearam a Ditadura no Brasil, o AI-5. Importante lembrar que o AI-5 pregava uma espécie de imperialismo, em que havia a concentração de apenas um dos poderes estatais. Hoje, o país, que vive uma democracia, tem seus poderes governamentais divididos entre o executivo, incumbido de executar, de gerir e de fiscalizar as leis; o legislativo, composto pela Câmara dos deputados, Assembleias, Senado, Parlamentos, está destinado à criação de leis; e o judiciário, atuante no cumprimento de tais leis, isto é, de julgar, de aplicar e de interpretá-las.

Figura 33 – Capa de jornal



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/31/entenda-o-que-foi-o-ai-5-ato-ditatorial-defendido-por-eduardo-bolsonaro>. Acesso em 30 jun. 2021.

A capa do jornal<sup>103</sup>, apresentada na figura 33, mostrou à sociedade da década de 60 quais mudanças iriam ocorrer com a implementação daquele novo ato institucional. Além do fechamento do Congresso Nacional e das Assembleias Legislativas, houve a cassação de mais de 170 mandatos legislativos, instituição da censura da imprensa e de produções artísticas e “super” poder ao presidente de intervenção em estados e em municípios.

Desse modo, com a recuperação de tal ato institucional na contemporaneidade, algumas medidas seriam tomadas, o que desencadearia a queda da democracia. Isto é, o AI-5<sup>104</sup>, no período ditatorial, fora considerado um dos atos institucionais mais duros do período, pois centrava seu poder sob o viés da censura e da repressão. Ademais, concentrava o poder estatal apenas ao poder executivo, gerido pelo presidente da República. Logo, ao sugerir a volta de tal ato, Eduardo Bolsonaro estava claramente sugerindo o fim da democracia e a concentração dos poderes do país, praticamente, para a posse de seu pai. Tal “sugestão” chegou a ter alguns adeptos que militaram em favor dessa volta. Entretanto, a marcha virtual, através do ciberativismo (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015), repudiou veemente o retorno de um ato tão triste e antidemocrático para o Brasil. Tendo em vista isso, assim como os outros momentos políticos do país, houve, nas plataformas digitais, uma espécie de chamada persuasiva (SANTAELLA, 2012; CHAGAS, 2019; SHIFMAN, 2013; 2014) a partir dos memes políticos, para que a sociedade pudesse se atentar ao que estaria sendo sugerido, como será visto nas práticas discursivas que seguem.

Figura 34 – Meme cachorro incrédulo



Fonte: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/04/19/internet-reage-com- incredulidade-a-ato-pro-ai-5-que-pede-liberdade-de-expressao/>. Acesso em 29 jun. 2021.

<sup>103</sup> Informações disponíveis em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/31/entenda-o-que-foi-o-ai-5-ato-ditatorial-defendido-por-eduardo-bolsonaro>. Acesso em: 30 jun. 2021.

<sup>104</sup> Maiores informações acerca do AI-5 é possível ser encontrada em: <https://www.politize.com.br/ato-institucional-5/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

A prática discursiva memética, presente na figura 34, apresenta, em sua materialidade visual, a figura de um cachorro, com chapéu mexicano e lenço no pescoço. No verbal, pode-se ler: *Não acredito*. Na sociedade brasileira, a presença de gatos e de cachorros como animais de estimação é constante, tendo em vista a representatividade dos animais atrelada à saúde e ao bem-estar dos indivíduos. Devido a essa forte presença nos lares brasileiros, é muito comum encontrarmos memes na internet com tais figuras presentes na materialidade visual.

Essa prática discursiva traz, em seu sentido obtuso (BARTHES, 1990), a incredulidade de grande parte da população brasileira acerca do que estaria sendo visto nas mídias: a sugestão do AI-5. A figura do cachorro leva-nos a pensar que até os animais estariam incrédulos com o que se via. Entretanto, tal afirmação só pode ser feita, devido à relação de *relais* (BARTHES, 1990) que se estabelece na prática discursiva. Em outras palavras, ao lermos a materialidade linguística, podemos recuperar os acontecimentos sócio-históricos, projetando a interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2008) que se prevê em toda prática discursiva.

Outro gesto de leitura possível, a partir da relação de *relais* (BARTHES, 1990), é a associação de cachorros da raça pinscher à agressividade, já que tais cães são considerados impacientes e brigões pela sociedade brasileira, projetando uma subjetividade que representa o próprio ser humano que já estaria sem paciência com algumas falas do presidente e de seus filhos, tal qual a sugestão do AI-5 como forma de minimizar a “rebeldia” dos brasileiros não adeptos ao bolsonarismo<sup>105</sup>. Em sua fala<sup>106</sup>, Eduardo Bolsonaro afirmou que a implementação desse ato seria uma resposta à esquerda, caso ela se radicalizasse.

Em relação aos objetos (BARTHES, 1990) que compõem o visual, lenço e chapéu mexicano, há ainda a recuperação de subjetividades que permearam a ditadura militar. Ou seja, nesse período histórico do Brasil<sup>107</sup>, política e futebol andavam de mãos dadas. Com a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, no México, o então presidente do país, o general Médici, enviou Édson Arantes do Nascimento (Pelé) à inauguração do Plaza Brasil, em Guadalajara, quatro meses após o recebimento do título. Pelé é considerado o nome mais importante do futebol brasileiro no que diz respeito a habilidades em campo, porém,

---

<sup>105</sup> Baseados na relação linguística que cristaliza momentos históricos mundialmente, acreditamos que tal momento brasileiro, “comandado” por Jair Bolsonaro e seus filhos, possa vir a ser reconhecido como *bolsonarismo*.

<sup>106</sup> Informação disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/31/entenda-o-que-foi-o-ai-5-ato-ditatorial-defendido-por-eduardo-bolsonaro>. Acesso em: 30 jun. 2021.

<sup>107</sup> Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/435393\\_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri](http://www.espn.com.br/noticia/435393_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri). Acesso em: 01 jul. 2021.

com algumas atitudes como essa, reforçou à população brasileira, contrária ao militarismo, que apoiava a tortura e a censura.

Logo, a figura do pinscher, junto a tais elementos, configura mais uma incredulidade da população brasileira, rememorando a escolha de Pelé ao apoiar tal governo. Além dessa prática, outras circularam pelas plataformas digitais repudiando tal sugestão, como a que segue.

Figura 35 – Meme ditadura



Fonte: <https://pbs.twimg.com/media/DuT2X24XQAAz1Gt.jpg>. Acesso em: 01 jul. 2021.

O meme político presente na figura 35 é materializado, no visual, pela mão de um indivíduo, apertada com elástico, e pelos signos linguísticos *Não é ditadura, tem congresso e eleições*, *AI-5* e *Militares*. Tal qual a grande maioria dos memes políticos, as subjetividades projetadas por essa enunciação dependem da presença de um locutor, que possa recuperar as subjetividades com as quais o meme dialoga. Isto é, a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) do território-meme<sup>108</sup> só será possível se a figura do leitor recuperar os discursos referentes à ditadura, ao AI-5 e à fala do Eduardo Bolsonaro.

Embora os memes políticos sejam práticas discursivas que visem aos efeitos humorísticos, é sempre importante enfatizar que nem sempre o humor leva ao riso, como já mencionado. Em muitos momentos, o humor está ligado à quebra de expectativas e a produção de subjetividades a partir dessa quebra. A fotografia que compõe o visual dessa prática sugere um aprisionamento dos indivíduos por meio da adoção do ato institucional 5, trazendo à cena práticas discursivas que permearam o período ditatorial do Brasil que fora gerido por militares.

Quem está a par da vida do atual presidente do Brasil, sabe que tal figura fazia parte do exército brasileiro e que tem, como vice-presidente, o general Antônio Hamilton Martins

<sup>108</sup> Pista 7 – Cartografar é habitar um território existencial (ALVAREZ; PASSOS, 2015).



Mourão, general da reserva do exército. Isto é, as práticas sociais e gestoras da ditadura são apoiadas por ele e por seu vice. Tendo em vista isso, ao sugerir a volta do AI-5, de certa forma, Eduardo estaria sugerindo também o aprisionamento de grande parte da população brasileira, pois, mesmo com o “Congresso” e com as “eleições”, como sugerido no verbal do meme, as decisões e a última palavra, para qualquer situação do país, viriam do presidente. Isto é, o visual refuta o que se carrega no verbal, produzindo ironia através da materialidade da metáfora visual. A materialização metonímica também está presente na prática discursiva, já que a mão representa a própria população.

Em outras palavras, através do que se pode ler, conclui-se que a prática discursiva busca persuadir (SANTAELLA, 2012) os usuários das plataformas digitais acerca do absurdo que seria se, por acaso, houvesse a volta do AI-5. Como visto no capítulo 3, os memes políticos são peças que funcionam como elementos persuasivos sem a intenção da venda de um produto, mas do convencimento, por meio da relação de *relais* (BARTHES, 1990), que se estabelece nessas práticas discursivas.

Caminhando para o desfecho de nosso processo cartográfico analítico, a seguir veremos como se encerra a vida de Luiz Inácio Lula da Silva após alguns anos de seu julgamento e de sua prisão.

#### **5.14 Lance 14 - De condenado à inocente: Lula sai da prisão**

Como visto no início de nosso percurso cartográfico, concomitante ao afastamento de Dilma Rousseff, houve o julgamento e, conseqüentemente, a prisão de Luís Inácio Lula da Silva. Com Lula preso e inelegível, Jair Bolsonaro chega à presidência, o que desencadeou a propagação de divergências culturais, sociais e políticas entre a população brasileira, como fora visto. Todavia, mesmo com a cúpula governamental contrária à sua soltura, no dia 8 de novembro de 2019, o juiz federal Danilo Pereira Jr., da 12ª Vara Federal de Curitiba, determinou a soltura de Lula, como se pode observar na manchete que segue.

Figura 36 – Manchete soltura de Lula



Fonte: <https://veja.abril.com.br/politica/lula-deixa-cadeia-apos-580-dias-veja-como-foi/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

A manchete, reproduzida na figura 36, da revista digital Veja, representa o dia em que Lula fora solto após 580 dias preso sem que houvesse provas contra ele. Isto é, após a decisão do STF<sup>109</sup> (Supremo Tribunal Federal), que proibia a prisão de indivíduos condenados em segunda instância, caso de ex-presidente do Brasil, os advogados de Lula entraram, no dia seguinte, com um pedido de liberdade para o petista, tendo em vista não haver decisão condenatória definitiva contra ele. Assim como muitos de seus aliados, grande parte da população brasileira festejou o acontecimento e propagou, nas redes sociais, memes políticos refutando a prisão do Lula e comemorando o ato como justo, como o que será visto a seguir.

Figura 37 – Meme Lula livre



Fonte: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-nacional/internautas-soltam-criatividade-com-sada-de-lula-da-cadeia/597674>. Acesso em: 04 jul. 2021.

<sup>109</sup> Detalhes do caso disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/08/defesa-lula-pedido-soltura-juiza-decisao-stf.htm>. Acesso em: 04 jul. 2021.

A figura 37 representa um dos memes políticos que circulou nas redes sociais logo após Lula deixar a prisão em Curitiba. A prática discursiva, assim como a grande maioria das que compõem este texto, é composta pela relação de *relais* (BARTHES, 1990). Em sua materialidade visual, vê-se duas figuras de uma cantora popular no Brasil, a Joelma. Em uma das figuras, a cantora aparece com um ar sério e, “numa espécie de plano de fundo”, como se fosse a representação de suas subjetividades, aparece sorrindo. No verbal, lê-se: *não me envolvo com política e Lula livre*.

A cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) de tal prática prevê também a presença de um locutor que possa relacionar tais expressões visuais e linguísticas a outros discursos presentes na sociedade brasileira. Embora a leitura de memes políticos verbo-visuais ocorra pela complementaridade que há entre as materialidades, o analista-locutor pode fazer entradas rizomáticas (DELEUZE; GUATTARI, 1995) por uma delas.

A paródia (SANT’ANNA, 1998), presente no visual, permite a interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2008) a discursos que circunscrevem o universo do Nordeste do Brasil. A cantora representada no meme é natural de Natal, um estado dessa região. Isto é, a região Nordeste do país é a região que mais apoia o Partido dos Trabalhadores, tendo votado em grande escala no candidato apoiado pelo PT na última eleição presidencial em 2018. De todo modo, pode-se notar a expressividade do povo nordestino presente nessa prática. Ademais, a fotografia presente do lado esquerdo, apresenta uma pose (BARTHES, 1990) da cantora como se pudesse representar seu distanciamento para com assuntos políticos. Em contrapartida, a fotografia do lado direito, apresenta uma pose que resgata um deboche e ironia em relação àqueles que gostariam que Lula ficasse eternamente preso.

No entanto, tais subjetividades só são cartografadas pelo locutor se associadas ao linguístico. Ou seja, a figura da esquerda apresenta uma legenda que remete a grande parte de discursos de indivíduos brasileiros, que dizem não se envolver, não discutir ou não gostar de política, o que é refutado pelo linguístico que acompanha a fotografia presente do lado direito, em que o sintagma “Lula livre” representa a satisfação daqueles que possuem subjetividades voltadas ao apoio ao ex-presidente.

A prática discursiva memética apresenta o desejo subentendido de muitos brasileiros. Em outras palavras, a soltura de Lula não simbolizava apenas a defesa de sua liberdade, mas, teoricamente, a do próprio país, pois, com Lula solto e elegível, o governo atual poderá desmoronar, haja vista a insatisfação de grande parte da população brasileira com o atual governo.

Para além dessa prática, outras surgiram em tom comemorativo à liberdade de Lula.

Figura 38 – Meme sextou



Fonte:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573243603\\_302199.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573243603_302199.html).

Acesso em: 04 jul. 2021.

O meme político apresentado anteriormente é composto pela figura do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, com blusa e óculos vermelhos, e pelo linguístico *Sextouuu*. Tal composição remete não só ao dia em que Lula fora solto, mas também a força que a cor vermelha passou a representar no país.

A expressão “sextouuu” é utilizada, atualmente, pelos brasileiros para enfatizar a felicidade de ter chegado o final de semana, já que, teoricamente, sexta-feira é o último dia útil dela. Paralelamente a isso, o meme recupera interdiscursivamente (MAINGUENEAU, 2008) o dia em que Lula fora solto, uma sexta-feira. Isto é, o sextouuu representa a chegada do final de semana “em grande estilo”, pois, além de ser sexta-feira, o Lula estaria em liberdade. Outra entrada rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995) possível para essa prática discursiva é a ressignificação da cor vermelha. O vermelho representa o sangue perdido em lutas proletárias antigas, escolhida como cor marcante do Partido dos Trabalhadores. É muito comum ver pessoas se manifestando no on-line e no off-line através da utilização dessa cor. Dado a isso, tal coloração engendrou muitas práticas discursivas ao longo de todos esses anos.

A pose (BARTHES, 1990) e a fotogenia (BARTHES, 1990) presentes no meme também configuram a expressividade dele, já que apresentam o grau de satisfação do próprio ex-presidente em estar livre e, de certo modo, de estar certo, pois fora condenado injustamente pelo, até então juiz, Sergio Moro, como fora visto no início desse percurso analítico cartográfico. Ao colocar os óculos, Lula transparece, no visual, um ar de superioridade e de representatividade para aqueles que compactuam com suas subjetividades.

A soltura de Lula encerra nossa jornada ao contar uma parte da história política do país por meio dos memes políticos que se fazem presentes na sociedade contemporânea. De certo modo, os memes políticos são mais ativistas que a própria prática off-line de ir às ruas, já que a ida às ruas acaba por promover o surgimento de inúmeros memes políticos. Tal qual a língua, que é viva, as práticas discursivas se renovam a cada novo momento, e os memes são prova disso. Não analisar e reconhecer que tais materialidades “bagunçam” a linearidade histórica do país, é não perceber a capacidade interventiva da população para com os assuntos políticos.

Reconhecer as possíveis vozes que ecoam na leitura de práticas discursivas meméticas, por meio do desdobramento cartográfico, contribui ativamente para o gesto da leitura cartográfica que se propõe nesta pesquisa. Compreender que há mais no subentendido que no dito e que, às vezes, é preciso se desterritorializar para ver o mundo com o olhar do outro também é importante não só para tentar entender esse outro, mas também para poder entender a si mesmo.

Sendo assim, é possível perceber que as mídias privadas parecem querer colocar uma venda sobre os olhos da massa populacional. A perspectiva cartográfica pretende contribuir para auxiliar a população a percorrer os caminhos capazes de “desvendar” os olhos dos indivíduos por caminhos ainda desconhecidos; que é possível “tentar” percorrer as práticas discursivas através das marcas deixadas no território-meme, que produz distintos efeitos, seja de humor, de verdade, de mentira, de estranhamento, de mudança social, polêmicos, seja de polarização. Nem todo indivíduo percebe tudo o que o implica, e essas implicações podem ser modalizadas pelas práticas discursivas midiáticas, com o intuito de “vendar”, mais uma vez, essa massa populacional.

Para além de posicionamentos inofensivos, os memes são parte da história nacional, eles têm agido constantemente na sociedade atual. É muito comum ler práticas discursivas online em que muitos indivíduos afirmam que só os memes “salvam”. Tal indagação reforça a imprescindível postura dos memes na atual conjuntura brasileira, pois, além de aliviar as tensões políticas, principalmente, na pandemia, em que o passeio de “todos” foi/é virtual, consegue trazer reflexões de modo objetivo e subjetivo ao mesmo tempo. Na superficialidade de sua materialidade, traz signos objetivos que provocam relaxamento e momentos jocosos à população, no entanto, em suas entrelinhas discursivas são capazes de trazer subjetividades “preciosas” ao povo. Os memes dizem sem dizer, mostram sem mostrar, fazem ri sem rir, são sem ser.

A prática discursiva memética possibilita análise sob distintas teorias. Neste estudo, pudemos mostrar de que maneira a Análise Cartográfica dos discursos, atrelada aos gestos de leitura e ao desdobramento leitor do usuário das redes sociais, pode auxiliar no caminho e na análise desses gêneros tão singulares, possibilitando distintas entradas analíticas por meio das redes rizomáticas que possibilitam essas práticas. A Análise Cartográfica do discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) permite o (re)encontro com teorizações diversas. Assim, da Análise do Discurso estudada por Maingueneau, mostramos os efeitos de sentido possibilitados pelo simulacro que provocam os discursos agente e paciente, além da produção de inferências através do interdiscurso e da intertextualidade. Além disso, aproveitamos dos estudos semióticos, que contribuíram com a análise da materialidade visual das práticas analisadas neste estudo, um aprofundamento no *quere-dizer* e no *quere-criticar-refletir* que trazem os memes políticos, pois, embora saibamos que, quase sempre, é na relação de *relais* que o todo “se concretiza”, são os elementos visuais que mais deixam abertas as portas da “cartografia”, tendo em vista que a premissa básica do meme, originada lá nos estudos de Dawkins (1979), advém da cópia e da imitação que, quase sempre, é marcada pelo visual.

Nossa análise traz apenas alguns vieses que marcam esse gênero discursivo tão relevante para contemporaneidade. Que nossas análises possam contribuir para a percepção de que o que faz rir quase sempre faz refletir.

## (IN)CONCLUSÕES: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA

No jogo de poder político (pelo) Brasil, quem perde é sempre a população, que passa a pagar impostos mais caros, que veem seus direitos trabalhistas e educacionais sendo tirados, que escutam absurdos e despropósitos e que são geridos por sujeitos que visam ao lucro e ao bem-estar de suas próprias famílias. Tudo isso reforça a presença marcante das políticas neoliberais quem vêm perpassando o globo há anos, que prioriza um sistema capitalista que não investe em saúde, em segurança e em educação de qualidade, principalmente.

É nesse jogo de poder que as subjetividades circulam e transpassam os corpos “(in)visíveis” que compõem a sociedade, os indivíduos são levados por essas forças superiores a escolher lados e se colocarem contra ou a favor dessa máquina destrutiva que luta pelo controle. Controlar o nosso sistema político e os nossos corpos reforça o movimento antidemocrático que vem se perpetuando no ocidente.

Ainda, nessa perspectiva, com o advento da internet e das plataformas digitais, a presença dessa política e de uma divisão sociopolítica se fazem cada vez mais marcantes. Temos, de um lado, corpos que não conseguem embater tais subjetividades e surfam na “onda” dessa “liberdade”, mas há também aqueles que tentam, a todo custo, quebrar essa “onda” para conseguirem encontrar, talvez, o horizonte. Em outras palavras, com a queda do monopólio das tecnologias midiáticas e consecutivamente da internet, que hoje é acessível a quase todas as pessoas, *a rede* se tornou um lugar de poderosos donos de suas verdades, pois todos possuem esse tal “lugar de fala” e utilizam das (novas) práticas discursivas para se colocarem “no mundo” e projetarem as subjetividades com as quais se aliam, não que isso seja exatamente ruim. Por isso, vemos, nas plataformas como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*, por exemplo, lugares que possibilitam muitos embates discursivos.

No Brasil, a percepção dessa “divisão” política se dá, principalmente, com a queda do Partido dos Trabalhadores da presidência e com a ascensão de políticos cujas subjetividades recaem sobre a família tradicional – estereotipada -, a supremacia de raças, bem como a soberania de um tipo de discurso religioso, o cristão; isso na concepção da pesquisadora. Desse modo, as subjetividades opostas a esses posicionamentos passaram a concorrer de modo mais explícito nas plataformas digitais, através de tirinhas, *posts*, *stories*, tuítes, notícias, reportagens, entre outros, mas também por meio de muitos memes políticos.

Esta pesquisa nasceu da necessidade que a pesquisadora viu de compreender de que modo os memes políticos estavam contribuindo com esse embate de forças, através de

subjetividades distintas, por meio da materialidade verbo-visual que se encontram nessas práticas discursivas meméticas, contribuindo para efeitos de polarização na cena política brasileira. Para isso, precisamos lançar mão de algumas teorias do discurso e da semiótica para mapear esses memes políticos, que passamos a consideramos um território psicossocial. Entretanto, para que isso acontecesse, houve diferentes desdobramentos na pesquisa e, consecutivamente, na pesquisadora, que passou a viver o *cópus* de seu trabalho a todo instante.

Com isso, cabe, neste (final), rememorarmos algumas rupturas e ligamentos que foram-se construindo nessa cartografia que produzimos. Inicialmente, o que nos afetava era, apenas, o efeito de humor que se construía nessas práticas discursivas por meio das paródias (SANT'ANNA, 1998) que foram feitas acerca do ex-presidente Michel Temer em 2017. O objetivo inicial era, realmente, encontrar elementos discursivos que, materializados por meio da paródia, podiam resgatar as subjetividades que perpassavam aquela esfera política. No entanto, assim como o texto, a pesquisadora amadureceu e percebeu, em diferentes debates no grupo de estudos do qual fazia parte que (1) o humor não era um princípio para o meme, mas, sim, um efeito que se pretendia nele e (2) que o gesto de leitura dos memes poderia passar por alguns desdobramentos para que se conseguisse produzir distintas subjetividades, tendo em vista que, em meio a calorosas discussões políticas em suas próprias plataformas digitais, foi possível perceber que, ao se despir de suas territorialidades (ROLNIK, 2016), poderia mergulhar por territórios desconhecidos.

Assim, para além das paródias, a produção de subjetividade, por meio da cartografia do território-meme, passou a ser um desejo e, juntamente a isso, a percepção de que, para além do riso que poderiam trazer, os memes políticos carregavam consigo a produção de efeitos de sentido que se desdobravam a cada novo gesto de leitura e a cada nova relação que fazia a outras práticas discursivas, fosse ela memética ou não. Ou seja, os memes políticos estavam constantemente em relação com práticas discursivas outras, produzindo efeitos de estranhamento, efeitos de verdade, efeitos de mentira, efeitos de aliança, efeitos de disputa, efeitos polêmicos (...) e efeitos de humor. Tudo isso possibilitou o questionamento acerca da polarização política que os memes políticos ajudavam a travar.

Pensando acerca desse caminho analítico que se construiu no processo-pesquisa-intervenção, foi necessário reorganizar a metodologia adotada para este estudo, já que ela não se deu de um início fictício, ela nasceu dos acontecimentos reais e afetivos da pesquisadora com o *cópus*, que era tão presente em sua vida que não cabia uma análise distanciada do objeto, pois a pesquisadora estava mergulhada nele. Com isso, os conceitos de cartografia e de



rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) puderam reorganizar a raiz que ia se construindo por meio das rupturas e dos ligamentos que se davam no percurso de pesquisa, juntamente à compreensão de que o pesquisador é um cartógrafo (ROLNIK, 2016) que precisa ora mergulhar no/com o objeto, ora precisa se afastar dele para compreendê-lo afetivamente. Logo, as pistas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015; 2015), que se apresentavam na cartografia do território-meme, foram fundamentais para que se pensasse na figura de um leitor que poderia se desdobrar em um leitor-cartógrafo, capaz de mapear cada canto desses territórios-memes, acreditando que eles eram passíveis de serem cartografados.

Desse modo, este texto ganha novo direcionamento. Com o intuito de entendermos esses efeitos produzidos pelos memes foi necessário debruçarmo-nos acerca da noção de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997), que entende que a materialidade discursiva possui uma face textual, a que podemos cartografar de modo mais explícito; e uma face social, a que necessita do encontro interdiscursivo (MAINGUENEAU, 2008) com subjetividades outras, recuperando, no espaço-tempo, posicionamentos sócio-histórico-institucionais. Ou seja, a prática discursiva é “(...) o encontro de uma produção textual e de uma (re)organização socioinstitucional” (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 83). Desse modo, compreendendo a relação inextricável da prática discursiva com o interdiscurso, visitamos as postulações de Maingueneau (2008) acerca dessa noção, mas também percebemos os efeitos polarizadores que os memes políticos suscitam, por isso, nós investimos no conceito de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), haja vista a tradução que os memes fazem das práticas discursivas com as quais dialogam. Assim, construímos nosso primeiro capítulo teórico centrados nesses elementos fundamentais da Análise do Discurso que nos auxiliaram tanto na análise do textual quanto na análise do social.

Paralelamente a isso, precisávamos ainda de teorias que nos auxiliassem na análise da materialidade visual que se apresenta nos memes políticos do nosso *corp*us, para isso, revisitamos as postulações de Joly (1996), de Peirce ([1839-1914] 2005), de Barthes (1990) e de Santaella (2012), que nos auxiliaram a compreender como se dá a produção de subjetividades nessa materialidade por meio dos sentidos óbvio e obtuso que perpassam os signos visuais, bem como a relação e a transformação de signos plásticos e indiciais em símbolos, que estereotipam e marcam a contemporaneidade, como visto na análise dos memes que refutam as falas da ministra Damares em relação às cores azul e rosa. Também pudemos reconhecer que, nos memes políticos do nosso *corp*us, as relações de *relais* e de ancoragem sustentam tais efeitos de sentido, pois possibilitam a construção de posicionamentos através

de materialidades distintas que, quase sempre, se complementam na produção de significação, mas também que podem se sustentar, assim como no meme “contra os leitores de Lula”.

Ainda, as teorizações acerca do vocábulo meme, cunhado por Dawkins (1979), ajudou-nos a perceber que os memes são artefatos que, através da imitação, podem replicar subjetividades relacionadas à cultura, à história, à política, ou seja, às situações sociais que compõe uma das faces da prática discursiva. Não menos importante, visitar as concepções contemporâneas acerca dos memes da internet e dos memes políticos nos fizeram refletir sobre a divisão teórica dessas práticas a depender de seu tipo de discurso, bem como do suporte em que circulam, ora funcionando como hipergêneros (MAINGUENEAU, 2013), ora como gêneros discursivos (MAINGUENEAU, 2013). Ademais, tais postulações contribuíram para que pudéssemos perceber de que modo essa polarização política se dá atualmente, devido à crescente manifestação ciberativista (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015).

Assim, com o objetivo de analisar como se constroem os posicionamentos por meio das materialidades verbal e visual nos memes políticos, afetamo-nos por 30 memes políticos, cujos momentos em que foram compartilhados nas redes sociais interferiram efetivamente na vida da pesquisadora. Para cada uma dessas peças, recuperamos o contexto socioinstitucional e histórico dessas práticas, tentando mostrar aos nossos leitores quais forças exteriores contribuíram para a construção daquele posicionamento que se encontrava materializado em determinadas práticas discursivas meméticas. No lance 1, pudemos perceber os efeitos de mentira que recaíam sobre a posse do ex-presidente Michel Temer. Embora a saída de Dilma Rousseff já nos mostrasse certa polarização política no Brasil, haja vista a divisão nacional entre golpe e *impeachment*, foi perceptível, através das materialidades presentes nos memes apresentados, a insatisfação da população brasileira com a figura que ocupava a presidência. Isto é, a figura de Temer para a população era incompatível com o cargo que ocupava, já que suas ações, vistas na mídia, não compactuavam com a verdade política que os brasileiros desejavam.

No lance 2, recuperamos o contexto sócio-histórico da condenação de Lula, já que a saída de Dilma do poder e, conseqüentemente, a posse de Temer, estava relacionada a tais condenações. Logo, os memes, que compuseram a construção desse lance, já nos mostram efeitos polarizadores, polêmicos e humorísticos, seja pela analogia que se fez com os anos em que Lula fora condenado, pela incredulidade de sua condenação, seja pela materialização gráfica em que o vocábulo “MORO” foi escrito. No lance 3, tivemos um (re)encontro com a Reforma da Previdência proposta no governo Temer em 2017, o meme que compõe nosso *cópus* também produziu efeitos de humor, já que a população brasileira tende a ri de sua

própria desgraça, mas também efeitos de mudança social, trazendo certa insegurança à população que não sabia o que esperar dos anos subsequentes.

No lance 4, recuperamos outra reforma proposta em 2017, dessa vez, a Reforma do Ensino Médio. As práticas discursivas meméticas que trouxemos apresentam posicionamentos contrários à ementa da proposta, já que tal reforma prejudicaria, em diversos níveis, a sociedade brasileira. Por isso, há tensão nas práticas provocadas pelos efeitos de polarização que recuperam, por meio das materialidades verbal e visual, elementos que traduzem o sentido pretendido na ementa da reforma. Ou seja, a proposta não visava à melhoria da vida dos estudantes que poderiam ingressar no mercado de trabalho logo após concluírem o Ensino Médio, ela estava camuflando seu discurso, com o intuito de promover jovens a trabalhadores braçais que passariam os anos subsequentes das suas vidas sem pretensão de crescimento pessoal e profissional, rememorando momentos históricos como a Revolução Industrial em outro século.

O lance 5 traz efeitos de insatisfação e de humor que podem provocar o riso, já que ironiza a figura de Michel Temer e o ridiculariza por meio de práticas discursivas que recuperam suas atitudes através da “(des)ordem e do (des)progresso”, no caso do meme da grávida de Taubaté, mas também por meio da recuperação das subjetividades apresentadas no carnaval carioca no ano de 2018, que trouxeram, na figura de Temer, um vampiro que estava sugando a vitalidade do povo brasileiro. Ou seja, a rede de relações interdiscursivas, nas práticas discursivas meméticas, rememoram não só o lado ruim do ex-presidente para com a população, mas também o lado patético de sua figura ao afirmar que não ser popular entre as camadas da sociedade o fazia um bom político, que estava ali para governar e não para ser “estrela” do povo.

O lance 6 nos mostra efeitos de mudança social, polêmicos e de estranhamento ao momento histórico pelo qual atravessava o país, já que a greve dos caminhoneiros previa uma baixa no preço do combustível, mas não foi o que de fato ocorrera. Isto é, o Brasil parou por 10 dias e o preço da gasolina só aumenta desde então. Nesse panorama, os memes políticos ironizaram a figura dos caminhoneiros, que acabaram cedendo, mas também mostravam de que modo tal situação interferia na vida da população que precisava, a qualquer custo, sair de casa. Em outras palavras, no meme que faz alusão ao filme 300, há a mudança na rotina, para pior, de parte da população que precisou enfrentar ônibus mais cheios ainda para se locomover enquanto a greve acontecia.

Já o lance 7 nos mostra claramente o efeito polarizador que os memes trazem, pois, as práticas discursivas meméticas que os compõem apresentam posicionamentos contrários e

favoráveis às subjetividades que perpassam a figura de Bolsonaro. Isto é, uma parte da população repudiou o acontecimento a Jair, fomentando ódio aos partidos de esquerda dos quais faziam parte alguns candidatos que com ele concorria. Em contrapartida, o meme que associa Bolsonaro a Neymar duvida do acontecido, afirmando a falácia por detrás do atentando, traduzindo, por meio da paródia, posicionamentos que refutavam a facada que o político recebera.

No lance 8, encontramos os efeitos de disputa e, consecutivamente, de polarização no período das eleições presidenciais no ano de 2018, já que, embora haja outras subjetividades que perpassem o campo político no Brasil, foram sob as subjetividades de direita (com ênfase em Bolsonaro) e de esquerda (com ênfase em Lula) que os embates ciberativistas aconteceram. De um lado, quem votasse em Bolsonaro era tratado como jumento; do outro, quem votasse em Lula era burro, ou no candidato que ele apoiava, já que, naquele período, não poderia se candidatar. Ou seja, a conotação que circunscreve os dois vocábulos traduz os indivíduos como seres desprovidos de inteligência. Ou seja, na guerra digital, memes como esses aquiesceram o campo político virtual que traduziam seus Outros com conotações similares. Tais elementos estavam funcionando como munição de guerra.

O lance 9 traz os posicionamentos que perpassaram o Brasil após a vitória de Bolsonaro para a presidência do país. Enquanto alguns memes se materializavam com o intuito de provar que Lula era corrupto e Bolsonaro incorruptível, caso do meme da caneta; outros memes satirizavam tal acontecimento, haja vista que, em muitos momentos de seu dia a dia, os indivíduos conseguiam se sentir felizes, mas, ao se lembrarem de que Jair seria presidente do Brasil no ano subsequente, a felicidade, rapidamente, acabava, como se viu no meme de Chico Buarque. Tais memes trazem efeitos polêmicos, pois mostraram claramente a divisão do país: de um lado, havia pessoas plenamente felizes e satisfeitas porque, finalmente, o Brasil seria um país “sem corrupção”; e, do outro, havia indivíduos desacreditados nessa vitória.

O lance 10 traz um dos primeiros momentos conturbados da posse de Bolsonaro. Com os ministros nomeados, houve a explanação, através das mídias, de suas figuras, caso da ministra Damares que, em um momento daquele início de 2019, propagou, num discurso que circulou em vídeos na internet, que meninos iriam usar azul e que meninas iriam usar rosa a partir daquele tempo. Tal declaração remetia diretamente ao posicionamento dos grupos que se nomeiam como esquerda no Brasil, que respeitam a ideologia de gênero e que acreditam que a família perfeita é aquela plenamente feliz. Logo, memes refutando as posições religiosas da ministra e memes pondo em foco problemas sérios da nossa sociedade trouxeram

efeitos de discordância ao que estava sendo discursado. Desse modo, a complementaridade entre as materialidades nessas práticas discursivas meméticas puderam indagar o posicionamento defendido pela política sobre o que seria mais importante, as mazelas sociais do país ou impor uma construção social calcada em subjetividades patriarcais de séculos outros?

O lance 11 apresenta o período político que refuta o momento visto nos memes da posse de Jair, pois mostra casos de corrupção promovidos pela família Bolsonaro. De outro modo, a população favorável aos “Bolsonaros” acreditava veemente – ou transparecia acreditar – que a família que ocupava distintos cargos políticos no país era incorruptível. Todavia, a explanação, nas mídias, das rachadinhas das quais participava um dos filhos do presidente, proporcionou o aparecimento de práticas discursivas meméticas que refutavam tal crença. Os memes que estão em nosso cópuz produzem efeitos de humor e de mudança social, já que dialogam não só com as notícias que circulavam da mídia sobre a Operação Fuma da Onça, mas também recuperavam os discursos anticorrupção da família presidencial. Ou seja, a sociedade brasileira que acreditava estar caminhando em direção a um país sem corrupção sofre uma mudança brusca ao ver que Flávio Bolsonaro cometera crime contra os cofres públicos.

O lance 12 quebra, de certo modo, a linearidade de momentos políticos nacionais e traz à tona uma situação específica ocorrida no Rio de Janeiro: o beijo gay na Bienal em 2019. Tal lance é de suma importância, haja vista os efeitos de denúncia que os memes políticos, presentes nessa seção, possibilitam. À vista disso, a materialidade visual, que se faz soberana nesses memes, devolve ao ato do ex-prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella as mazelas sociais enfrentadas pela população. Por meio da materialidade das personagens que se beijam no livro, os memes mostram, sob plano de fundo, os problemas com os quais o, até então, prefeito deveria se preocupar.

No lance 11, temos memes que denunciam o pronunciamento de Eduardo Bolsonaro em relação à volta do Ato Institucional AI-5, que foi um dos piores atos presente na Ditadura Militar do Brasil. Os sentidos obtusos que carregam a materialidade do meme recuperam uma personalidade pública brasileira (Pelé) que fora favorável à ditadura e que, ainda assim, fora ovacionada por uma parte da população, devido ao seu desempenho no futebol. Ademais, os memes traduzem os sentidos implícitos que carregam os vocábulos “congresso” e “eleições”, tal qual se viu através da tradução dos efeitos produzidos no visual de um dos memes: a presença de uma mão cuja circulação sanguínea está presa.

Caminhando para o fechamento de nosso recorte espaço-temporal, os memes acerca da soltura de Lula trazem efeitos de humor e de verdade acerca da personagem política que os compõem, pois, de certa forma, tentam traduzir as injustiças e as falácias que circunscreveram a prisão do ex-presidente. A expressão “sextouuu”, em um dos memes, reforça os efeitos de felicidade e de liberdade possibilitadas pela materialidade visual representada na figura de Lula.

Tais caminhos, traçados até aqui, foram possíveis por meio dos encontros afetivos que implicaram a vida pessoal, profissional e política da pesquisadora. A perspectiva cartográfica abre caminhos para a produção de novas metodologias, já que permitiu um *hódas-meta* neste processo de pesquisa. A associação das postulações em Análise do Discurso com as concepções e pistas permitidas pela cartografia abrem caminhos para um pesquisar em Análise Cartográfica do discurso, lindamente fundamentada e explicitada na obra intitulada Análise Cartográfica do discurso: temas em construções (2021), da autoria de Bruno Deusdará e Décio Rocha<sup>110</sup>, professores-pesquisadores que possibilitaram a criação desta tese com o compartilhamento de tantas experiências e conhecimento com seus discentes.

---

<sup>110</sup> Professores que tive o prazer e o privilégio de trocar e de conviver no doutorado. Muito obrigada aos dois por tudo e por tanto, nunca me cansarei de agradecer.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*: Notas para uma investigação. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editora Presença, [20--].

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habituar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução: Celene M. Cruz; João Wanderley Geraldi. *Cad. Est. Ling.* Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Gêneros do Discurso: Estética da Criação Verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 448 p.

BARBISAN, Leci Borges; TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. s/d. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29792/18411>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BARTHES, Roland. A escritura do visível. In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 11-61.

BECHARA, Evanildo. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009, 957 p.

BROW, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*: a ascensão política antidemocrática no Ocidente. Tradução: Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020, 254 p.

CAIAFA, Janice. Comunicação da Diferença. In.: SOPCOM, 3.; LUSOCOM, 6.; IBÉRICO, 2., 2005, Covilhã. *Actas...* Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005. v. 2. Disponível em: <https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/06/Teorias-e-estrat%C3%A9gias-discursivas-vol.-2.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAGAS, Viktor, et. al. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2016. *INTEXTO*, Porto Alegre, n. 38, p. 173-196, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/63892>. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201738.173-196>. Acesso em: 17 jan. 2021.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. *Revista FAMECO*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 01-26, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27025>. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27025>. Acesso em: 15 jan. 2021.

CHAGAS, Viktor. *Como surgem os memes? Viralizando investiga*. [S.l.]: TV Brasil, 2019. 1 vídeo (24 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IXzLBsvpyow>. Acesso em: 15 jan. 2021.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Tradução: Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. 230 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 94 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: ed. 34, 1997.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *O que entendemos por trabalhar em análise do discurso*. [S.l.: s.n., 20--].

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio; ARANTES, Poliana. Do ethos ao etos: um conceito sem H e sem determinantes. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 61, p. 01-17, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i0.8655079. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655079/20931>. Acesso em: 16 fev. 2021.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise cartográfica do discurso: temas em construção*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021, 395 p.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218.

DUCROT, Oswald. Énonciation et polyphonie chez Carles Bally. In: DUCROT, Oswald. *Logique, structure, énonciation: lectures sur le langage*. Paris: Minuit, 1989. p. 165- 191.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-108.

FREITAS, Ana. Qual o papel dos memes na discussão política. *Nexo Jornal*, On-line, 14 maio 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/55219/Downloads/Qual%20o%20papel%20dos%20memes%20na%20discuss%C3%A3o%20pol%C3%ADtica%20-%20Nexo%20Jornal%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/55219/Downloads/Qual%20o%20papel%20dos%20memes%20na%20discuss%C3%A3o%20pol%C3%ADtica%20-%20Nexo%20Jornal%20(2).pdf). Acesso em: 30 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: [https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia\\_ato\\_ler.pdf](https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf). Acesso em: 07 out. 2021.

GOMES, NEIVA M. T. Argumentação linguística, enunciação e polifonia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 51, n.1, p. 65-72, jan./mar. 2016. Disponível em:



<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21557>. Acesso em: 03 fev. 2019.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 11. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996, 152 p.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. *A new literacies sampler*. New York, NY: Peter Lang, 2007.

LAHIRE, B. Campo. In: *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 64-66.

LOURAU, René. Campo socioanalítico. In: LOURAU, René. *Analista institucional em tempo integral*. Campinas, SP: Hucitec, 2004. p. 224-245.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 1984, 184, p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997. 198 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 184, p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 207, p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 304 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frase sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 200 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015. 192 p.

MONNERAT, Rosane Mauro. *A publicidade pelo avesso: propaganda e publicidade, ideologias mitos e a expressão de ideais – o processo de críticas da palavra publicitária*. Niterói: EdUFF, 2003. 88 p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.).

*Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 109-130.

PEIRCE, Charles Sanders. *Écrits sur le Signe.* Paris, Seuil, 1978.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica.* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

POSSENTI, Sérgio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso.* 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. 174 p.

PORTO, Lilian Mara Dal Cin. O processo de construção de sentidos dos memes. In: CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo (org.). *Gêneros humorísticos em análise.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

RESENDE, T.; FREITAS, Y., OLIVEIRA, P. Ciberativismo nas redes sociais: compartilhando mudanças. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 8., 2015; CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 17., 2015, Campo Grande, MS. *Anais ...* Disponível em: [file:///C:/Users/55219/Downloads/Ciberativismo%20Nas%20Redes%20Sociais%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55219/Downloads/Ciberativismo%20Nas%20Redes%20Sociais%20(1).pdf). Acesso em: 30 nov. 2020.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 22, n. 1, 2006.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso*, Santa Catarina, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140310-451>. Acesso em: 04 fev. 2020.

ROCHA, Décio. Cartografias em análise do discurso: rearticulando noções de gênero e cenografia. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 29, n.1, p. 135-159, 2013. DOI 10.1590/S0102-44502013000100007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502013000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502013000100007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 01 jun. 2020.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental.* Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016, 248 p.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.* São Paulo: n-1 edições, 2018. 208 p.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens – como eu ensino.* São Paulo: Melhoramentos, 2012, 184 p.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia.* São Paulo: Editora Ática, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral.* Lausanne-Paris: Payot, 1974.

SHIFMAN, Limor. Humor in the age of digital reproduction: continuity and change in internet-based comic texts. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 1, p. 187-209, 2007. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/11>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 18, n. 3, p. 362-377, 2013. Disponível em: doi:10.1111/jcc4.12013. Acesso em: 04 jan. 2021.

SHIFMAN, L. *Memes in a digital culture*. Cambridge: MIT, 2014.

SHIFMAN, L.; LEVY, H.; THELWALL, M. Internet Jokes: the secret agents of globalization? *Journal of computer-mediated communication*, [S.l.], v. 19, n. 4, 2014.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. *Memes (?) do Facebook: reflexões sobre esse fenômeno da comunicação da cultura ciber*. Ano 10, n. 7, jul., 2014. NAMID/UFBP. p. 156-174. Disponível: file:///D:/Doutorado/11memes\_facebook\_comunicacao.pdf. Acesso em: 25 jun. 2017.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Por que ler gênese dos discursos? *ReVEL.*, v. 7, n. 13, 2009.

**ANEXO**

Com vistas a não prejudicar a leitura do texto nem desorganizar a estruturação dele, seguem as reproduções das notícias, fotografias e memes políticos apresentados no capítulo 5.

**Lance 1**

Figura 1 – Reprodução da foto oficial de Michel Temer



Figura 2 – Meme mão Temer



Figura 3 – Meme Temer 2



Manequim de R\$1,99 ♡

@manequimdoído

Algo de errado não está certo na foto oficial de Michel Temer .  
Decifrem..



## Lance 2

Figura 4 – Notícia sobre a prisão de Lula



Nesta quarta-feira (12), o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi condenado pelo juiz Sérgio Moro a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. A decisão foi tomada por conta do processo envolvendo o caso do apartamento triplex no Guarujá.

Assim que a condenação foi anunciada, a internet virou palco de discussão entre os defensores do ex-presidente e os fãs de Sérgio Moro. Rapidamente a #Lula entrou para o Trending Topics mundial com mais de 68,5 mil tweets.

Figura 5 – Meme condenação Lula



Figura 6 – O triplex de Lula



Figura 7 – Meme presente Lula





### Lance 3

Figura 8 – Manchete Reforma da Previdência

Reforma da Previdência: entenda o que pode mudar na sua aposentadoria



Figura 9 – Meme criticando a Reforma da Previdência



**Lance 4**

Figura 10 – Meme Ensino Médio e Harry Potter



Figura 11 – Meme Reforma do Ensino Médio e Império



Figura 12 – Meme Reforma e o trabalho infantil

**Paulololol**

@paulololol



Seguir

"essa mudança no ensino médio vai facilitar a inserção no mercado de trabalho"



GIF

RETWEETS

82

CURTIDAS

28



**Lance 5**

Figura 13 – Impopularidade de Temer e grávida de Taubaté



Figura 14 – Fotografia do desfile da Tuiuti



Figura 15 – Meme vampirão da Tuiuti



**Lance 6**

Figura 16 – Meme Pedro e Bino



**dimitri peralta**  
@boudelaires



só esses dois heróis podem  
resolver a greve dos caminhoneiros



Figura 17 – Meme 300





**Lance 7**

Figura 18 – Manchete facada Bolsonaro



**G1** ZONA DA MATA

## Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora

Candidato era carregado nos ombros por apoiadores quando homem se aproximou e o feriu na barriga. Bolsonaro foi levado para a Santa Casa da cidade, passou por uma cirurgia no intestino e ficará internado na UTI. Suspeito foi preso.

Por G1 — Juiz de Fora  
06/09/2018 16h13 - Atualizado há 2 anos

Figura 19 – Meme Jean Wyllys



Figura 20 – Meme simulação



## Lance 8

Figura 21 – Meme contra os eleitores de Bolsonaro

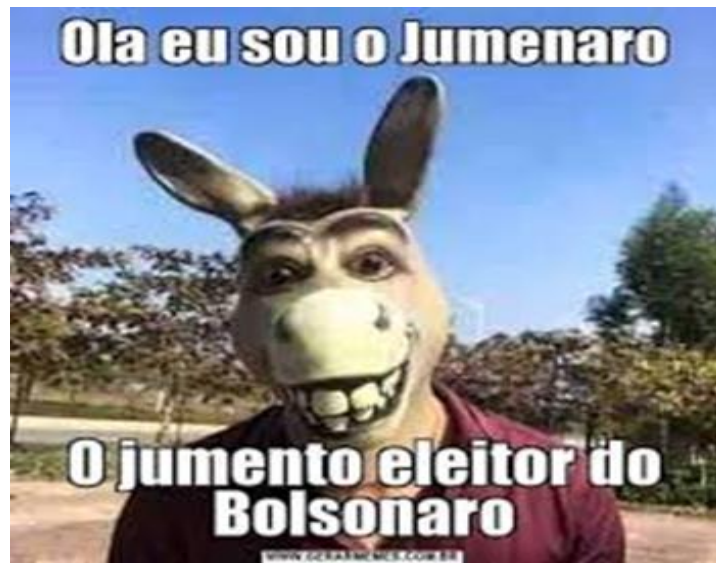


Figura 22 – Meme contra os eleitores de Lula



**Lance 9**

Figura 23 – Meme caneta

**Socialismo**



**Capitalismo**



**Caneta de ouro  
R\$ 25000,00**

**Caneta Bic  
R\$ 0,99**

Figura 24 – Meme Chico Buarque



## Lance 10

Figura 25 – Meme seu Madruga

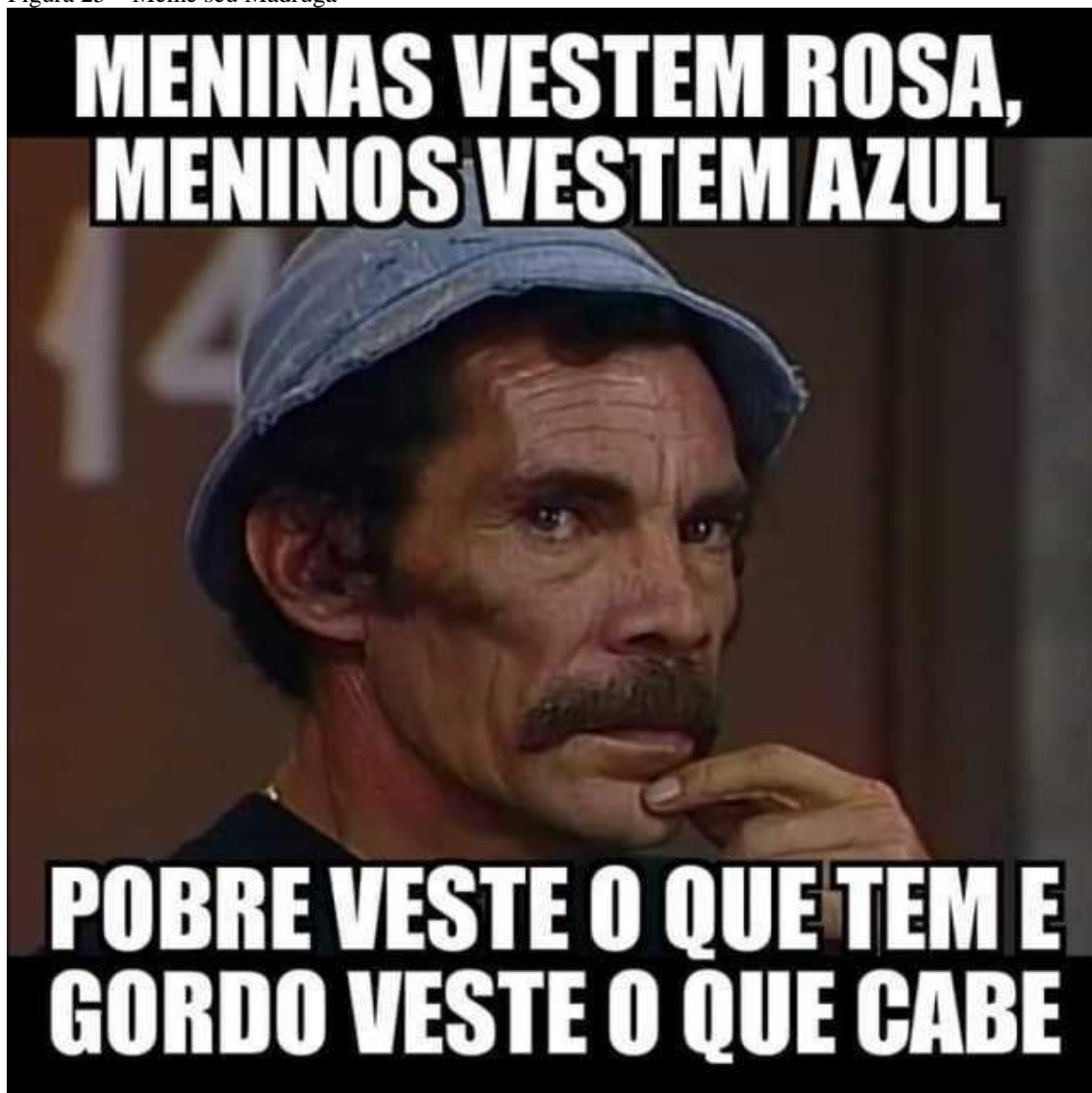


Figura 26 – Meme Jesus





Lance 11

Figura 27 – Capa Veja



Figura 28 – Meme rachadinha



Figura 29 – Meme Regina Duarte



## Lance 12

Figura 30 – Meme Avenida Niemeyer

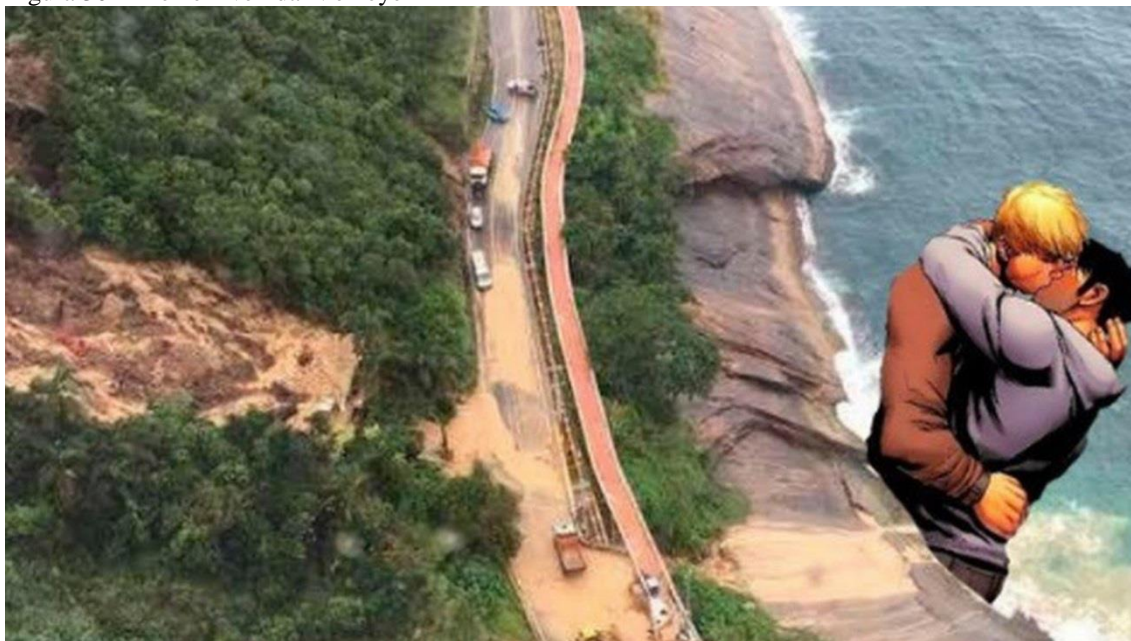


Figura 31 – Meme superlotação nos ônibus



Figura 32 – Meme mazelas reais do Rio



## Lance 13

Figura 33 – Capa de jornal

1. CONGRESSO EM RECESSO POR TEMPO INDETERMINADO  
 2. HABEAS-CORPUS SUSPENSO PARA DELITOS POLÍTICOS  
 3. PODER PARA CASSAR, DEMITIR, APOSENTAR E REMOVER

# ATO-5: OBJETIVO É MANTER REVOLUÇÃO

Ordem-do-dia na Escola Naval: – Aqui aprendemos lições de bom servir à Pátria



O Ministro Gama e Silva, da Justiça, anuncia as últimas horas da ordem, a Atto Institucional n.º 5, assinada pelo Presidente da República, assinada por todo o Ministério após reunião do Conselho de Segurança Nacional. São as seguintes as principais decisões contidas no documento, cujo objetivo anunciado é salvar a Revolução de Março de 64:

1. São mantidas as Constituições Federal e estadual;
2. Abaixo de ato complementar, o Presidente da República tem o poder de decretar o recesso do Congresso, que só voltará a funcionar quando con-

**Ultima Hora**  
 Ano XVIII — Rio de Janeiro, Sábado, 16/12/1964 — Nº 5.649 — R\$3,00

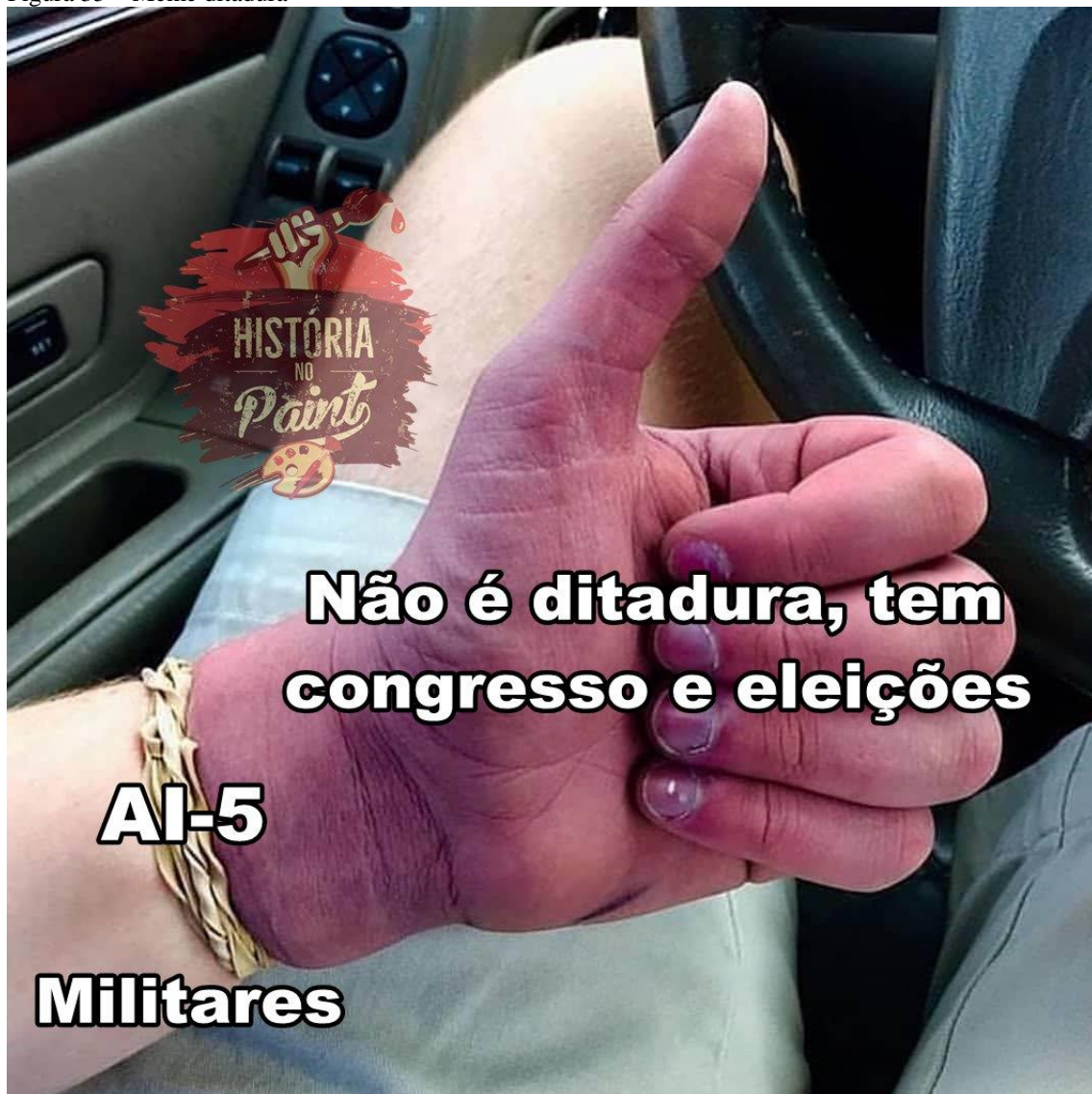
**REI NÃO FOI DEPOSTO: PELÉ VAI À FORRA COM VICE-CAMPEÃO MUNDIAL**

O Presidente Costa e Silva passou em revista os novos Guardas-Marinhas da Escola Naval. (Leia na quarta página)

Figura 34 – Meme cachorro incrédulo



Figura 35 – Meme ditadura



## Lance 14

Figura 36 – Manchete soltura de Lula

RADAR RADAR ECONÔMICO POLÍTICA ECONOMIA SAÚDE MUNDO CULTURA PLACAR ACERVO

Política

## Lula deixa cadeia após 580 dias; veja como foi

Petista estava preso desde 7 de abril de 2018, cumprindo pena no processo da Operação Lava Jato referente ao triplex do Guarujá

Por Da Redação Atualizado em 8 nov 2019, 19h32 - Publicado em 8 nov 2019, 17h50



Figura 37 – Meme Lula livre



Figura 38 – Meme sextou

